

**As Necrópoles da I Idade do Ferro do
Baixo Alentejo – Contributo para o seu
melhor conhecimento**

Pedro Miguel Correia da Silva

**Dissertação de Mestrado em
Arqueologia**

Novembro, 2015

Declaro que esta Dissertação de Mestrado é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Pedro Silva

Lisboa, 24 de Novembro de 2015

Declaro que esta Dissertação de Mestrado se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O orientador,

Mário Varela Gomes

Lisboa, 24 de Novembro de 2015

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica do Professor
Doutor Mário Varela Gomes

Aos meus pais,
às minhas avós,
à memória dos meus avôs.

Agradecimentos

Penso que os agradecimentos são um pouco ingratos, passe o paradoxo. Existe sempre um medo inerente de deixar de “fora” algumas pessoas. Nesse sentido escrevo os agradecimentos com esse receio, pedindo antecipadamente desculpa às pessoas que me possa esquecer.

Em primeiro lugar quero agradecer aos meus pais. Sem eles, literalmente, isto não teria sido possível, e a sua ajuda existiu em muitos sentidos. Por isso, um muito obrigado.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer ao Professor Doutor Mário Varela Gomes, que me despertou o interesse pelas necrópoles da I Idade do Ferro, e que com isso me ofereceu valiosos ensinamentos sobre as mesmas, ao mesmo tempo que me acompanhava neste caminho sinuoso.

Não querendo escalonar importâncias, gostaria de agradecer particularmente ao Fábio Silva pela ajuda que me prestou na elaboração de vários aspetos da presente dissertação, e também pelo amigo que é.

À arqueóloga Joana Lima, que me providenciou conhecimentos, e muita bibliografia, na fase mais precoce da dissertação.

Ao Pedro Brum, pelas conversas de utopias dialéticas compartilhadas por inteiro, além do constante apoio que me providenciou nas várias etapas deste trabalho.

À Olímpia Meirinho e à Sofia Pereira, um bem hajam pelo companheirismo desde os tempos da licenciatura, e pelas conversas e momentos partilhados.

À Liza, que mesmo longe está sempre perto.

Ao professor Rodrigo Banha da Silva, que muito me ajudou numa fase incipiente e confusa com os seus ensinamentos e conselhos.

À prof. Ana Margarida Arruda, e arqueólogos Rui Mataloto e Filipe João Santos, por terem partilhado os seus artigos que se encontravam no prelo. Sem eles, parte da dissertação teria uma cara muito diferente.

Quero agradecer a todas as pessoas que, de certa forma, contribuíram para a dissertação, e pela sua amizade. Em especial, a todas as pessoas que entraram na minha vida, professores e colegas, aquando do meu ingresso na Licenciatura.

Por fim, um agradecimento especial à avó Ludovina por me ter permitido escrever grande parte deste trabalho no meu “quarto” da sua casa, criando o ambiente de clausura e paz que procurava, além dos seus maravilhosos almoços.

A todos, um muito obrigado.

Resumo

As Necrópoles da I Idade do Ferro do Baixo Alentejo – Contributo para o seu melhor conhecimento

Pedro Miguel Correia da Silva

Palavras-Chave: I milénio a.C.; Sudoeste Peninsular; Arqueologia; Arquitetura Funerária; Arqueologia da Morte

Com o presente trabalho pretende-se constituir contributo para o melhor conhecimento das necrópoles da I Idade do Ferro (séculos VIII-V a.C.) da região do Baixo Alentejo, incluindo a sub-região Alentejo Litoral. Elabora-se *corpus* documental atualizado dessas necrópoles, seguindo critério criados para a sua caracterização.

O foco principal do presente estudo reside na arquitetura funerária, analisando-se as suas fases e a sua evolução crono-morfológica, além de se ter procedido à análise das ligações existentes entre necrópoles e as paisagens que as circundam. Apresentam-se dois grandes núcleos de necrópoles, uma em Ourique e outra em Beja, seguindo-se análise das semelhanças e dissemelhanças. As necrópoles da primeira região têm como características a arquitetura positiva, enquanto as pertencentes à segunda região obedecem a arquitetura negativa. Os rituais diferem nas regiões, sendo para Beja a inumação quase exclusiva, no caso de Ourique o ritual é misto (inumação-incineração).

Também abordamos visão teórica da Arqueologia da Morte, adaptando-a à realidade daquelas regiões.

Abstract

The Necropolises of the I Iron Age of Baixo Alentejo – A contribution to their knowledge

Pedro Miguel Correia da Silva

Key words: I Millennium B.C.; Peninsular Southwest; Archaeology; Funerary Architecture; Archaeology of Death

This paper discusses the sideric necropolises of the Iron Age (VIII-V A.D.) of the Baixo (Lower) Alentejo region, including the sub-region of Alentejo Litoral (Coast). An update inventory on these necropolises is also presented, following the relevant criteria for its specification.

The main focus of this study is the necropolises architecture, including their phases and chrono-morphologic evolution, together with the analysis of the existing connections between the necropolises and the surrounding environment. Two large nucleuses of necropolises are also presented, one in Beja and the other one in Ourique, followed by the analysis of their similarities and dissimilarities. The necropolises from Ourique are characterized by its positive architecture while the one's from Beja follows a negative architecture. The rituals differ in both regions; while in Beja the inhumation is almost exclusive, in the case of Ourique, the ritual is mixed (inhumation-incineration).

A theoretical view on the Archeology of Death is also presented.

Índice

I. Introdução	1
II. Objetivos	3
III. Considerações Metodológicas	5
III.1 - Definição do Objeto de Estudo	5
III. 2 - Definição do Espaço e Tempo	5
III. 3 - Trabalho de Gabinete e Campo	6
III. 4 - <i>Corpus</i> Documental	7
III. 5 - Registo Gráfico e Fotográfico	11
IV. Ambiente Natural.....	13
IV. 1 - Divisão Administrativa	13
IV. 2 - Descrição Física - Geomorfologia; Litologia e Evolução Paleogeológica	14
IV. 3 - Hidrografia	18
IV. 4 - Clima, Fitogeografia e Fauna.....	20
V. Estado da Arte.....	25
V. 1 - O Tempo dos Pioneiros.....	25
V. 2 - O Século XX	27
V. 3 - O Estado Atual.....	33
VI. Caracterização da I Idade do Ferro do Baixo Alentejo.....	37
VII. Quadro Etnogeográfico do Sudoeste Peninsular	43
VII. 1 - Mesmas Fontes, diferentes interpretações - onde se situam os <i>populi</i> da I Idade do Ferro?	45
VIII. Análise dos Dados Recolhidos.....	49
VIII. 1- Problemas de Caracterização	49
VIII. 2 - Exposição dos dados	54
IX. Manifestação Arquitetónica: Arquiteturas e outras manifestações.....	63
IX. 1 - Arquitetura Funerária dos “Barros de Beja”	63
IX. 2 - Arquitetura Funerária do “Ferro de Ourique”	79
IX. 3 - Semelhanças e Dissemelhanças entre o “Ferro de Ourique” e os “Barros de Beja”	95
X. Arqueologia da Morte aplicada às necrópoles sidéricas baixo alentejanas	99
X. 1 - Epistemologia da Arqueologia da Morte	99
X. 2 -Rituais.....	102

X. 3 -Morte, o Espelho da Vida?	108
X. 4 -Ritualização Funerária e Espólio	110
XI. Conclusões	115
Bibliografia	119
Anexo	
Primeiro Grau	1
Segundo Grau	115
Terceiro Grau	133

I. Introdução

A ideia de abordarmos o estudo das necrópoles da I Idade do Ferro, surgiu no âmbito de aula de seminário do Mestrado de Arqueologia, em que se discutiu a situação, de forma geral, do povoamento do Sul do território atualmente português, durante esse período. Chegando ao mundo funerário as questões multiplicaram-se em relação a vários aspetos da arquitetura, rituais e espólios associados às sepulturas. Assim, iniciámos estudo sobre tal tema, como trabalho para o seminário desse semestre. A presente dissertação é a continuação do estudo que então foi elaborado. A génese da ideia inicial deve-se ainda à lacuna de informação sistematizada sobre as necrópoles da Idade mencionada.

As necrópoles da I Idade do Ferro da região baixo alentejana, objeto da presente dissertação, foram alvo de trabalhos arqueológicos diversos, realizados ao longo do último século e com um maior desenvolvimento no seu último quartel. Contudo, apenas documentaram, com maior incidência, as necrópoles da região de Ourique, trabalho que se ficou sobretudo a dever à ação de Caetano de Mello Beirão.

Depois da presente introdução, os capítulos dois e três, abordaremos os objetivos a que nos propomos e quais as metodologias mais convenientes para nos ajudar a atingi-los. No quarto capítulo referimos o ambiente natural. No capítulo cinco apresentamos o estado da investigação sobre as necrópoles da I Idade do Ferro, as suas estela e quais as problemáticas atuais.

Ao capítulo seis damos atenção pormenorizada à definição da I Idade do Ferro do Sudoeste e, logo a seguir (capítulo sete), os povos que terão habitado o Baixo Alentejo dentro daquele espectro cronológico.

No capítulo oito, explanamos os dados obtidos na nossa inventariação, e tentamos encontrar varias correlações entre as necrópoles e as paisagens em que se inserem, além de analisarmos paralelos entre as mesmas. No capítulo nove introduzimos estudo das diferentes arquiteturas e como elas evoluíram, conforme a região onde foram erigidas. Com o “surto” de novas necrópoles postas a descoberto na Região de Beja, maioritariamente em escavações de emergência, surge arquitetura funerária de sobremaneira diferente da encontrada anteriormente. Pensamos que é tema não esgotado

nas publicações anteriores, e que existem questões por levantar e resolver. O décimo capítulo é dedicado aos fenómenos funerários sob a perspetiva da Arqueologia da Morte. É área na qual os investigadores não se têm debruçado. O simbólico tem sido amiúde esquecido, embora se entenda o porquê, dado que investigadores que têm realizado intervenções arqueológicas nas necrópoles sidéricas, preocuparam-se sobretudo em fazer uma arqueologia do mensurável e do sólido, que se enquadra na Arqueologia Processual, deixando os fenómenos da conceptualidade e do mundo cognitivo de lado.

Por fim, consideraremos todos os dados expostos, e analisaremos de forma holística os seus significados, tentando, de alguma forma, poder contribuir com possíveis linhas de futura investigação do tema.

Ainda menção aos Anexo, onde se encontra o *Corpus* documental. Ali estão inseridas as fichas individuais de cada necrópole do Baixo Alentejo, que corresponde, provavelmente, a perto de metade do trabalho efetuado para a presente dissertação.

II. Objetivos

Pretende-se estudar o mundo funerário da I Idade do Ferro do Baixo Alentejo e Alentejo Litoral. Para atingir aquele objetivo iniciámos o nosso trabalho com a elaboração de inventário das necrópoles daquele período, situado entre os séculos VIII e V a.C., abrangendo áreas melhor conhecidas, como Ourique, Castro Verde ou Almodôvar e menos conhecidas, como a Região de Beja. Esta vem conhecendo grande incremento com as descobertas arqueológicas decorridas nos últimos anos. O inventário será formado pelas necrópoles de que se possui mais informação, às quase desconhecidas e até questionáveis, mas merecedoras de menção, dadas as particularidades que apresentam no terreno.

No mundo funerário sidérico da I Idade do Ferro existem três grandes temas de estudo que podem ser alvo de análise: a arquitetura, o espólio e as estelas epigrafadas. Trata-se de universo muito vasto que não se torna acessível, ou aconselhável, abordar na presente prova académica. Quanto às questões relacionadas com as estelas e a escrita do Sudoeste, já vária bibliografia foi produzida (Beirão, Gomes e Monteiro, 1979; Beirão e Gomes, 1980; Beirão, 1990a; Correia, 1996a; 1996c; 2009; 2014; Guerra, 2009) e não nos parece que tenhamos a experiência ou o tempo necessário para produzir algum acréscimo ao tema. Em relação ao espólio, existe alguma bibliografia, seja artigos ou sínteses (Dias e Coelho, 1983; Silva e Gomes, 1992).

O tema escolhido e que constitui o presente estudo foi o da arquitetura funerária. Importa proceder à revisão crítica dos faseamentos propostos preteritamente (Beirão, 1986; Gomes, 1992, pp. 148-151; Correia, 1993, pp. 351-375) e tentar delinear nova perspectiva, mais abrangente em termos geográficos, tentando perceber a sua evolução crono-morfológica. Os materiais arqueológicos provenientes das escavações, assim como os recolhidos de decapagens, não sendo aqui alvo de estudo pormenorizado, serão mencionados de forma oportuna, assim como as estelas, como suporte a discurso coerente na elaboração de tipologias arquitetónicas.

Tentar-se-á entender a interligação das necrópoles com as paisagens onde se inserem, num ensejo de compreender as razões para a sua implantação em determinada topografia. Espaços de *habitat*, cursos de água, fixação em vales ou locais de altura serão analisados, tentando perceber modelos de implantação e divergências de região para região. Também procuraremos entender os recintos funerários e a variação em

relação ao número de sepulturas por necrópole e se estas se encontram, de alguma, maneira ligadas às características geográficas circundantes ou a *habitats*.

Pretende-se, por fim, uma abordar a designada Arqueologia da Morte. A análise do mundo funerário sofreu vários estágios de definição dentro da Arqueologia. Assim, para uns (Ucko, 1969; Pigott, 1973) constituía tema quase intangível, entrando no mundo religioso e etéreo, no qual só poderiam ser criadas suposições, além da dúvida duma existência real de relação direta entre práticas funerárias e o mundo dos vivos. Do âmago do debate epistemológico da "Nova Arqueologia", surge então a denominada para a posterioridade "Arqueologia da Morte". Este debate incidia nas componentes funerárias serem, senão, um reflexo da vida, uma maneira de analisar toda a complexidade da vida social. Assim, tentaremos enveredar por esta área adaptando-a às realidades encontradas no mundo funerário do Baixo Alentejo, para o período histórico em apreço, apostando aproximarmo-nos da conceção escatológica das sociedades sidéricas.

III. Considerações Metodológicas

III.1 - Definição do Objeto de Estudo

O objeto de estudo são as necrópoles do Baixo Alentejo. Elas são muito heterogêneas; podendo possuir vários tipos de recinto “funerário”, organizam-se de diversas maneiras e os próprios sepulcros têm particularidades muito próprias, dado até, acentuarem-se mais essas divergências devido a alternância no ritual, de inumação para a incineração. Dessa forma, o conceito de necrópole na presente dissertação, terá conotação com largos horizontes. Assim, desde logo, não existe um padrão que relacione ao número de sepulcros e o conceito de necrópole. Optámos por seguir a tradição dos investigadores anteriores ao, por exemplo, identificarem apenas um monumento funerário isolado com a terminologia necrópole, como por exemplo ocorreu nos casos do Casarão ou do Pêgo da Sobreira (ambos em Ourique). Conclui-se que uma necrópole tanto pode possuir dez ou mais sepulcros como apenas um.

Ainda em relação às necrópoles, deteta-se acentuada multiplicidade de expressões, tais como necrópoles monumentais, com *tumuli* de configuração quadrangular, retangular ou circular, em cistas, covachos ou fossa, urnas e larnakes.

III. 2 - Definição do Espaço e Tempo

A vasta área geográfica, palco do presente estudo, restringir-se-á às delimitações administrativas atuais do Baixo Alentejo e da sub-região do Alentejo Litoral, sem esquecer que esta restrição é meramente virtual e em nada relacionada com os povos sidéricos, que teriam seguramente os seus territórios divididos de outras maneiras. Excluir-se-á apenas um concelho: Alcácer do Sal. Este tem particularidades históricas dentro do mundo funerário da I Idade do Ferro, e toda a própria historiografia inerente à investigação arqueológica no que refere à necrópole do Olival do Senhor dos Mártires.

Considera-se, mais ou menos unânime entre os investigadores que se debruçam sobre este período Proto-Histórico, que a I Idade do Ferro se insere no espectro temporal do século VIII ao século V a.C. Consideramos esta linha de tempo, com os

seus limites bem traçados, a barra cronológica do nosso estudo. Claro que, conforme a necrópole poderemos flexibilizar um pouco o balizamento para trás ou adiante na cronometria supra mencionada, até porque as necrópoles mais antigas podem possuir as suas origens em tradições da Idade do Bronze Final¹.

III. 3 - Trabalho de Gabinete e Campo

O primeiro passo de qualquer investigação que se revista de cientificidade assenta na pesquisa bibliográfica relativa ao tema em estudo. Seguindo esse classicismo, a pesquisa bibliográfica incidiu, em primeiro lugar, sobre toda a informação relativa às necrópoles da I Idade do Ferro, depois de *a priori* se ter delimitado a área geográfica onde aquelas se inseriam. Se para a região meridional do Baixo Alentejo (Ourique e zonas circundantes), a documentação publicada é, de certa forma, já vasta e conhecida pela maioria dos investigadores, as intervenções de emergência mais a norte, na região de Beja e arredores, têm vindo a produzir amiúde nova bibliografia, e muita desta ainda no prelo. Reuniu-se, portanto, acervo bibliográfico, que é, de facto, bastante considerável, embora contendo poucas informações sólidas.

O segundo passo na acumulação de informações relativas ao tema em estudo, incidiu na pesquisa digital, nomeadamente na documentação informatizada da base de dados *Endovélico* acedida pelo *Portal do Arqueólogo*². Nesta base de dados digital, muito suscetível ao erro e à imprecisão científica, seja em aspetos cronológicos ou classificatórios, efetuámos localização de possíveis necrópoles não mencionadas na bibliografia anteriormente consultada. Digitalmente, para encontrar notícias recentes sobre as necrópoles, também consultámos amiúde o *Projecto Estela*³.

O último passo na recolha de informações sobre as necrópoles, para posteriormente serem inseridas nas fichas de inventário relativas a cada uma delas, passou por consultar exaustivamente todos os processos na Biblioteca da Ajuda, referidos pela base de dados *Endovélico*, procedimento fastidioso e muito demorado que no final colmatou falhas informativas noutros documentos.

¹ Abordaremos melhor a problemática da cronologia e caracterização da I Idade do Ferro no Capítulo VI.

² <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/>

³ <http://projectoestela.blogspot.pt/>

No que concerne à análise dos dados, numa tentativa de simplificar o processo de absorção das informações escritas, decidimos criar em tabelas e gráficos as informações obtidas. Dessa forma, a ligação das necrópoles com cursos de água, ou se está implantada em vale ou em sítio de altura, ou perto de *habitat* é melhor entendida, tal como outros aspetos.

O critério utilizado no que concerne à prospeção foi o do modelo seletivo, focalizado apenas para sítios considerados chave. Perante a gigantesca massa terrestre que é o Baixo Alentejo, ficou logo de fora a possibilidade de se fazer prospeção mais abrangente, e também pelo pouco tempo que tínhamos disponível. Dessa forma, a prospeção incidiu no nosso deslocamento às necrópoles que foram alvo de escavações arqueológicas e, que *a fortiori*, possuem mais informações. Assim, ao adotarmos esta prospeção seletiva, tentámos focalizar atenções para os elementos que nos pareciam mais fiáveis de suscitar dados interessantes, e que faltavam na documentação por nós consultada. Nesta senda, mas em segundo plano, numa ocasião ou outra, entrámos no terreno em zonas onde foram encontradas lápides epigrafadas, seguindo os conselhos dos residentes de algumas povoações.

III. 4 - *Corpus Documental*

Para um registo sintético e sistemático das informações recolhidas referente às necrópoles, criámos para esse fim *Fichas de Inventário*. Devido ao elevado número de necrópoles remetemos as *Fichas* para Anexo, caso contrário, não existiria espaço suficiente no corpo da presente dissertação para o conteúdo das mesmas. Nestas fichas individuais, registam-se informações gerais do local onde se encontram, a sua implantação no terreno, breve contexto, descrição de cada sepulcro, bibliografia a ela referente e imagens, caso necessário. Ainda dentro das fichas, preencheremos com dados mais específicos os materiais de construção usados, orientação e medidas dos sepulcros, cronologias propostas, ritual funerário e inserção na tipologia sepulcral no faseamento de Correia (1993), caso seja compatível; aspeto que não teremos em conta para as necrópoles da Região de Beja. Os campos que compõem a *Ficha de Inventário* não serão sempre os mesmos para cada necrópole. Conforme a informação recolhida, existem necrópoles com poucos dados e para estas não utilizaremos alguns campos.

O Inventário está dividido em quatro partes. A divisão deveu-se a critérios pré-estabelecidos de exclusão, que passaremos a explicar. Depois do Inventário ter sido completado, deparámo-nos com diferentes graus de conhecimento sobre as necrópoles. Havia necrópoles muito bem conhecidas e documentadas, e outras que nem sequer se tinha a certeza de serem efetivamente necrópoles, apenas possuindo informação em alguma bibliografia ou na base de dados do *Endovélico*. Como é óbvio, não negligenciámos nenhum sítio, mas imperava-se fazer uma divisão. Anteriormente, Virgílio Hipólito Correia (1993, p. 352) já enumerara os três seguintes graus diferentes desse conhecimento:

Primeiro Grau: “Necrópoles completamente escavadas de que se publicou a documentação (com diversos graus de rigor e exaustividade) ”.

Segundo Grau: “Necrópoles decapadas de que se conhece uma planta, sem que exista documentação sobre eventuais escavações”.

Terceiro Grau: “Necrópoles de que é conhecida a existência e localização (mais ou menos precisa) por referência ou recolha de material, sem outra informação”.

Dessa maneira, decidimos aproveitar os três graus já estabelecidos e fazer algumas alterações. Destes três graus propostos, decidimos fundir os dois primeiros, criando então o "primeiro grau" do Inventário. Este "grau" consiste nas necrópoles alvo de qualquer intervenção arqueológica, seja escavação ou decapagem. Por outras palavras, é o "grau" relativo às jazidas em que temos a certeza de que se tratam, de facto, de necrópoles da I Idade do Ferro.

O segundo "grau" que inserimos na divisão do Inventário, e pertencendo ao terceiro de Correia, é "grau" criado para um tipo de jazidas com o qual nos deparamos e tivemos dificuldades entre distinguir como necrópole, ou possível necrópole. Poderemos descrever esse segundo "grau", além do que já escrito por Correia, como: - Necrópoles caracterizadas da I Idade do Ferro, apenas com base em "montículos artificiais", testemunhos fugazes de estruturas ou algum espólio. Ou seja, "necrópoles" que apesar dos indícios físicos, não se tenha a certeza absoluta de pertencerem ao mundo funerário da I Idade do Ferro, podendo ser eventualmente de outra Idade ou, quiçá, corresponderem a jazidas com outra funcionalidade que não a fúnebre.

Por fim, acrescentamos um outro "grau". Caracterizamos este "grau" como: Necrópoles que, sem existir alguma outra informação, surgem em base de dados ou artigos, apenas mencionando a sua existência como pertencentes à I Idade do Ferro.

Desta maneira, o Inventário está dividido em três "graus" de conhecimento. Apenas o primeiro conterà as necrópoles que analisamos ao longo deste trabalho acadêmico, pois são as que temos algumas garantias quanto à cronologia e sua respectiva classificação como necrópole.

Ficha de Inventário

- Topónimo:
- Localização:
- Coordenadas: - *utilizaremos indiscriminadamente todo o tipo de coordenadas que nos oferecem a bibliografia.*
- Implantação do Sítio:
- Descrição Geral:

- Inventário
 - Número de Sepulturas:
 - Área ocupada:

- Sepulturas Individuais:
 - Identificação:
 - Orientação:
 - Medidas:
 - Tipologia e Materiais Construtivos:
 - Ritual Funerário:
 - Espólio: - *inclui a cultura material e restos osteológicos.*

- Dados Suplementares:
- Cronologia: - *é apresentada a cronologia proposta relativa e absoluta, quando esta existir.*
- Bibliografia:
- Imagens:

III. 5 - Registo Gráfico e Fotográfico

Nas prospeções, ao mencionarmos a procura de informação em falta na documentação que consultámos, referíamos-nos, sobretudo, a algumas medições que não existiam, ou outras que quisemos confirmar. Algumas necrópoles, devido a estarem apenas decapadas, ao crescimento de vegetação rasteira e a condições de preservação deficitárias, não nos possibilitaram medições, pelo facto de não conseguirmos discernir com fiabilidade a maioria dos sepulcros, como exemplifica a necrópole de Fernão Vaz (Ourique). As medições que retirámos foram sobretudo das câmaras pétreas (comprimento e largura), sepulcros escavados na rocha (comprimento, largura e profundidade, valores sempre médios) e, no caso dos túmulos circulares, o seu diâmetro. O registo fotográfico foi efetuado com máquina *Canon 1100D*, recorrendo-se a escala com o comprimento de 0,50 m.

A documentação cartográfica agora apresentada foi efetuada através do *software* informático de desenho vetorial *CorelDraw Graphic Suite*. As coordenadas, para a elaboração do mapa com as necrópoles, foram obtidas através da documentação publicada sobre cada um dos sítios.

IV. Ambiente Natural

IV. 1 - Divisão Administrativa

A região denominada Baixo Alentejo, insere nos seus limites administrativos todo o distrito de Beja e três concelhos pertencentes a Setúbal. Perfaz conjunto de dezoito concelhos: Odemira, Ourique, Almodôvar, Mértola, Castro Verde, Sines, Santiago do Cacém, Aljustrel, Beja, Serpa, Grândola, Ferreira do Alentejo, Alvito, Cuba, Vidigueira, Moura, Barrancos, Alcácer do Sal. Dentro da região existe uma sub-região, denominada Alentejo Litoral, que engloba os concelhos de Odemira, Sines, Santiago do Cacém, Grândola e Alcácer do Sal.

É limitada a norte pelo Alentejo Central e Estremadura, a este faz fronteira com Espanha pelos limites administrativos de Mértola, Serpa, Moura e Barrancos, a oeste é banhado pelo Oceano Atlântico, e a sul é delimitado pela Região do Algarve, onde a geomorfologia separa o Alentejo do Algarve através da faixa montanhosa de Monchique até ao Caldeirão.



Mapa I: Sinalização do Baixo-Alentejo na Península Ibéria (*Google Earth*).



Mapa II: Limites administrativos da região do Baixo Alentejo e Alentejo Litoral (disponível em: alvitrandoblogs.sapo.pt-arquivo).

IV. 2 - Descrição Física - Geomorfologia; Litologia e Evolução Paleogeológica

A peneplanície é o elemento que melhor descreve o espaço físico do Baixo Alentejo. Contudo, esta não é uma região homogénea, e pode ser dividida em várias unidades de paisagem. Sendo verdade que a peneplanície ocupa a maior parte deste território, não é menos verdade que a orografia se vai metamorfoseando à medida que se aproxima do litoral, das bacias hidrográficas e relevos mais acentuados. Esta peneplanície, que tem em torno dos 200-250 metros de altitude, terá sido originada na transição entre o Pliocénico e o Quaternário, quando a superfície sofreu um aplanamento, exceto alguns acidentes tectónicos que originaram alguns relevos mais proeminentes na paisagem (Ferreira e Ferreira, 2004, p. 15). Em alguns casos, devido a certa homogeneidade como nas zonas a oeste e sudoeste de Beja, podemos utilizar o termo planície (Feio, 1952, p. 31).

A Serra de Ficalho⁴ (518 m), distando cerca de 50 Km a este de Beja, e a Serra da Alacaria Ruiva⁵ (317 m), perto de Mértola, enquadram-se nos relevos residuais de rocha

⁴ Conjunto de relevos constituídos na sua maioria por diferentes tipos de xisto, tendo também quartzitos e calcários.

dura (Ferreira e Ferreira, 2004, p. 21). Os relevos de origem tectónica materializados em serras são seis: a Serra de Portel⁶ (421 m), situada na Vidigueira e que separa o Alto do Baixo Alentejo; os relevos de Barrancos⁷ (621 m), situados entre os rios Chança e Ardila; a Serra da Vigia⁸ (403 m), separada da Serra de Monchique por uma larga depressão por onde flui o rio Mira; os relevos de Cercal⁹ (373 m) e de Grândola (325 m), que separam a plataforma litoral ocidental da bacia sedimentar do Sado; por fim, a Serra do Caldeirão¹⁰ (589 m), vasto empolamento que se situa entre a peneplanície do Baixo Alentejo e a Orla Algarvia (Ferreira e Ferreira, 2004, p. 26).

A partir de Castro Verde (240 m) dá-se a subida do terreno, primeiro de maneira não muito perceptível até Almodôvar (310 m), depois de forma progressiva num contínuo acelerado até Mu (578 m) (Ferreira e Ferreira, 2004, p. 26).

O mapa petrográfico do Baixo Alentejo (Mapa III) exhibe grande homogeneidade de superfície xistosa desde Aljustrel até ao Algarve. Contudo, a zona a norte de Aljustrel, é composta por rochas eruptivas ácidas e depósitos terciários de peneplanície. Os quartzitos e mármore encontram-se mais raramente e, nas zonas de Mértola, Beja, Moura e no sopé de Monchique. Já a zona litoral, desde a Bacia do Sado até ao concelho de Aljezur, é formado maioritariamente por areias pliocénicas e quaternárias (Feio, 1952, p. 20). As fraturas são um continuado por toda a região. As mais evidentes estão subpostas aos cursos de água.

O Baixo Alentejo é também constituído por turbiditos pouco metamorfoseados: grauvaques, siltitos e pelitos do chamado grupo *Flysch* (Oliveira *et alii*, 1984, p. 300).

Existem três complexos terciários no Baixo Alentejo: complexo *Plio-Pontiano*; complexo *Miocénico* e complexo *Paleogénico* (Zbyszewski, Feio e D'Almeida, 1950, pp. 509, 510).

Na Bacia do Sado, o complexo *paleogénico*, uma formação detrítica de grés argilosos rosados e cascalheiras, encontra-se em toda a região a leste de Alcácer do Sal, um pouco mais a sul em Grândola, Ferreira do Alentejo, Ervidel, Aljustrel e Panóias,

⁵ Esta Serra é o resultado do alinhamento de três relevos residuais, o qual se deve a uma bancada de quartzito.

⁶ Maioritariamente formada por xistos, mas também por rochas calcárias.

⁷ Constituída por xistos argilosos quase na sua totalidade.

⁸ Constituída por xistos.

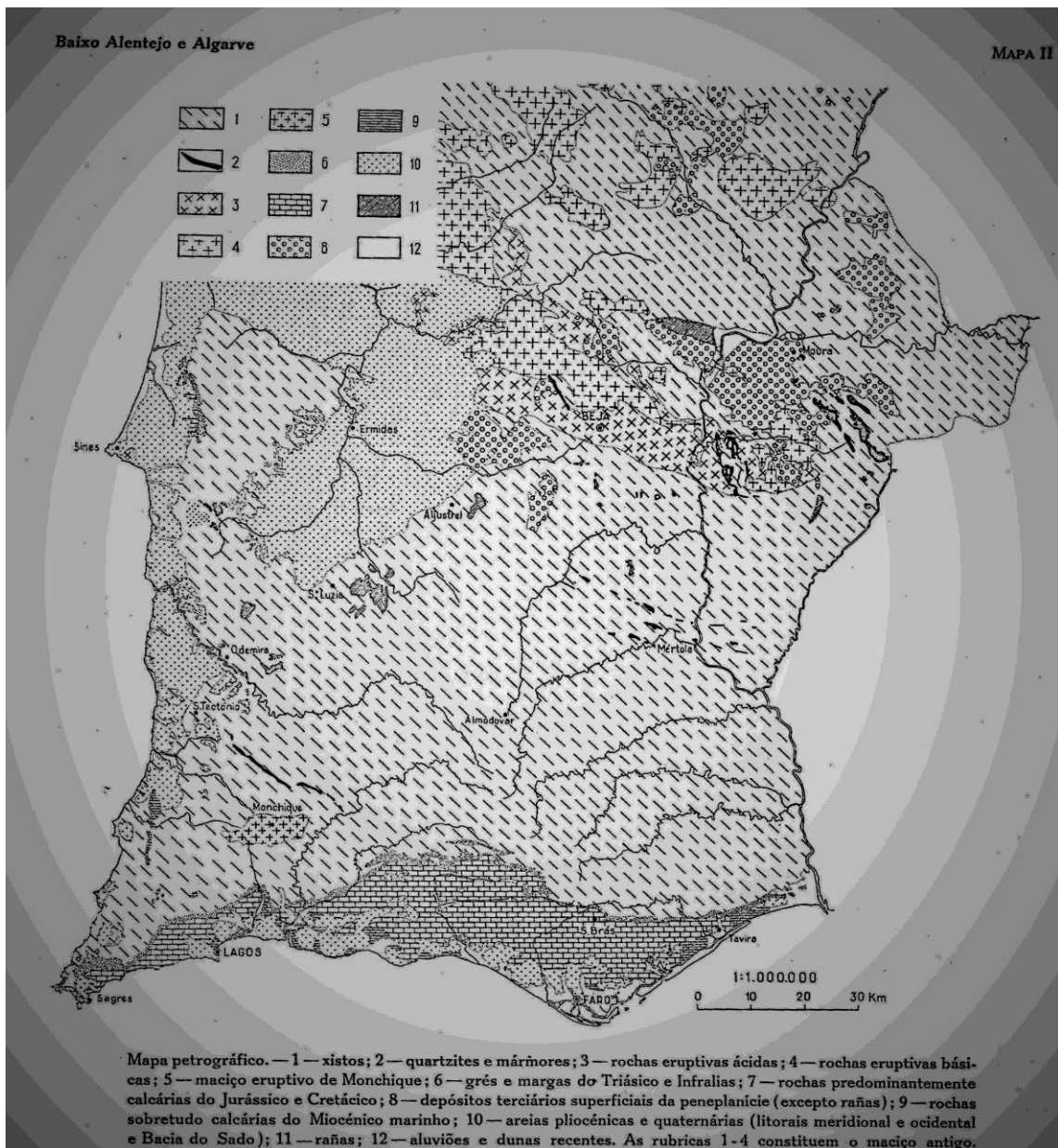
⁹ Assim como a Serra de Grândola, constituinte de um alinhamento dissimétrico de colunas de xisto.

¹⁰ Litologicamente constitui-se por xistos e grauvaques.

onde nestes casos apresentam superfícies de fricção caulíferas brancas (Zbyszewski, Feio e D’Almeida, 1950, p. 511). A largura do afloramento começa então a diminuir até perto de Messejana. Em relação à topografia regular que a Bacia do Sado apresenta, esta pode ter vindo desde os tempos *Paleogénicos*, os depósitos detríticos preenchendo as negativas existentes na paisagem dando-lhe uma orografia parecida à atual (Zbyszewski, Feio e D’Almeida, 1950, p. 511). Durante o período *Miocénico*, na etapa do *Burdigaliano*, deu-se uma transgressão marinha até à região do Baixo Sado. Durante o *Vindobodiano*, a transgressão aumentou a sua área de intrusão continental até Ferreira do Alentejo e Alvalade (Zbyszewski, Feio e D’Almeida, 1950, p. 517). Por fim, no *Plio-Pontiano*, as novas formações cobrem as antigas do *Miocénico* marinho.

Na planície de Beja, os depósitos melhor definidos encontram-se nas zonas de: Alvito, Cuba, Vila de Frades, Vidigueira e Marmelar, onde se agregam em redor de um ponto central da paisagem, a Serra de Portel (Zbyszewski, Feio e D’Almeida, 1950, p.512). A representação do *Miocénico* continental na planície de Beja encontra-se bem definida apenas em dois locais: Beringel e Alvito. São formações de calcários compactos ou semi-compactos, quando se apresentam com uma segunda cobertura de calcário (Zbyszewski, Feio e D’Almeida, 1950, p. 517). O terreno nesta região tem bom aproveitamento agrícola. Os solos são designados de "Barros de Beja", enquadrando-se geologicamente nos gabros argilosos de Beja.

Mais a este do Guadiana, os depósitos *paleogénicos* são comparáveis aos da Bacia do Sado e da região de Beja. Está documentada em Serpa, Moura e Amareleja. Contudo, é na região de Moura que o complexo se apresenta mais nítido. Se na região de planície de Beja, o *Miocénico* não era assim tão pronunciado na paisagem, o mesmo não se pode dizer da região além Guadiana. A formação é tão preenchida por grés com cimento calcário, que motivou a ser-lhe atribuído termo próprio, por autores como Mariano Feio e Georges Zbyszewski (1950, p. 518) o “Grés de Moura”.



Mapa III: Mapa petrográfico do Baixo Alentejo, segundo Feio (1952, p. 20, mapa II)

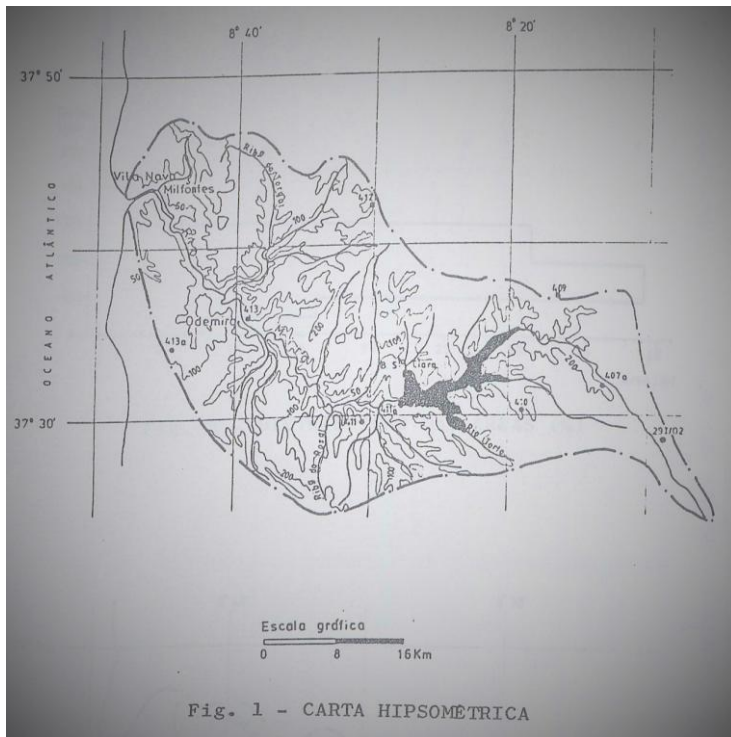
IV. 3 - Hidrografia

A rede hidrográfica do Baixo Alentejo é composta por três rios principais e respetivas bacias. São eles o Sado, Mira e Guadiana (Medeiros, 2005, p. 396). As suas bacias hidrográficas são polos aglutinadores de populações desde as idades mais remotas, como geradores de recursos naturais variados. Além destas artérias principais da região, os terrenos são regados por várias ribeiras e afluentes daqueles.

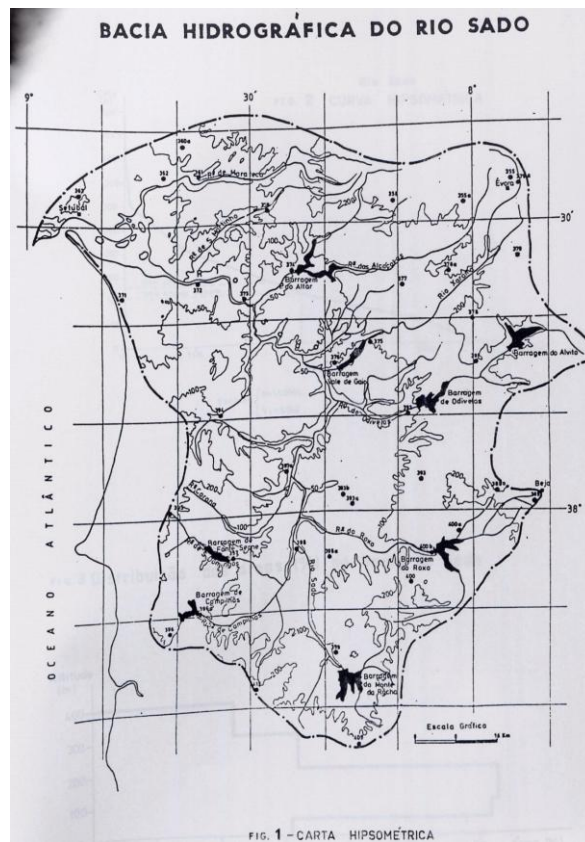
O Rio Mira nasce na Serra do Caldeirão, à altitude de 470 metros aproximadamente, correndo de sudeste-noroeste, percorre apenas 100 Km. A sua bacia hidrográfica (Mapa IV) cobre área com 1576 Km², sendo delimitada a sul pelas bacias das ribeiras do Algarve, a norte pela bacia do Sado, a este pela bacia do Guadiana e a oeste pela faixa costeira (Loureiro, Nunes e Botelho, 1984, p. 1). Este curso de água desagua no mar em Mil Fontes e os seus principais afluentes são as ribeiras de Torgal (238 Km²), Telhares (143 Km²), Luzianes (118 Km²), Perna Seca (106 Km²), Macheira (93 Km²) e Guilherme (93 Km²) (Loureiro, Nunes e Botelho, 1984, p. 2).

A bacia hidrográfica do Sado (Mapa V) cobre uma área de 7 640 Km² e é limitada a norte pela bacia do Tejo, a sul pela do Mira, a este pela do Guadiana e a oeste pela faixa costeira (Loureiro, Nunes e Botelho, 1982, p.1). O rio nasce na Serra da Vigia à altitude de 230 metros, corre na direção sul-norte e desagua na foz junto a Setúbal, percorrendo no total 180 Km (Loureiro, Nunes e Botelho, 1982, p.2). Os seus principais afluentes são as ribeiras da Marateca (421 Km²), S. Martinho (256 Km²), Alcáçovas (890 Km²) Xarrama (538 Km²), Odivelas (731 Km²), Roxo (689 Km²), Grândola (259 Km²), Corona (219 Km²) e Campilhas (713 Km²) (Loureiro, Nunes e Botelho, 1982, p.1).

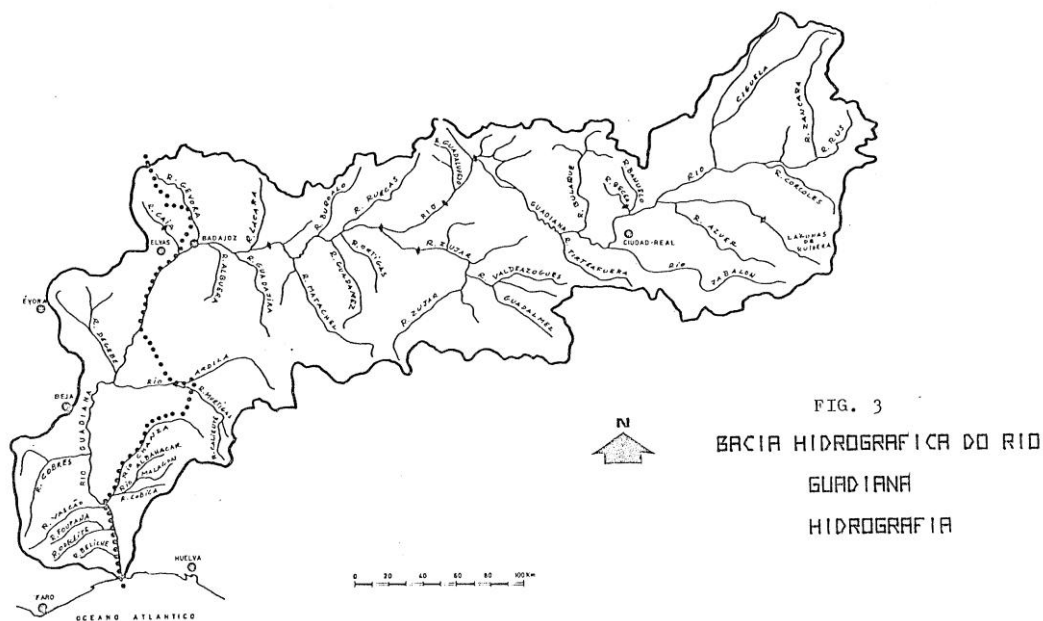
Nascendo em Espanha, a 1700 metros de altitude em Campo Montiel, o Guadiana viaja 810 Km até à sua foz, entre V.R. de Santo António e Ayamonte. Apenas 110 Km do seu percurso se situa em Portugal. A sua bacia hidrográfica (Mapa VI) cobre área medindo 66 960 Km², embora apenas 17% se encontre em Portugal (Loureiro, 1982, p. 1). As suas delimitações, dentro do território português, fazem-se a norte pela bacia do Tejo, a este pelas bacias do Jucar e Odiel, a sul pela bacia do Guadalquivir e a oeste pelas bacias de Sado, Mira e Arade. Os seus principais afluentes, em Portugal, são a Ardila (3 624 Km²), Degebe (1 527 Km²), Chança (1 480 Km²), Cobres (1 151 Km²), Caia (813 Km²), Odeleite (773 Km²) e Vascão (462 Km²) (Loureiro, 1982, p. 2).



Mapa IV: Bacia hidrográfica do rio Mira (Loureiro, Nunes e Botelho, 1984, p. 32, Fig. 1).



Mapa V: Bacia Hidrográfica do rio Sado (Loureiro, Nunes e Botelho, 1982, p. 35, Fig. 1).



Mapa VI: Bacia hidrográfica do rio Guadiana (Loureiro, 1982, p. 46, Fig. 3).

IV. 4 - Clima, Fitogeografia e Fauna

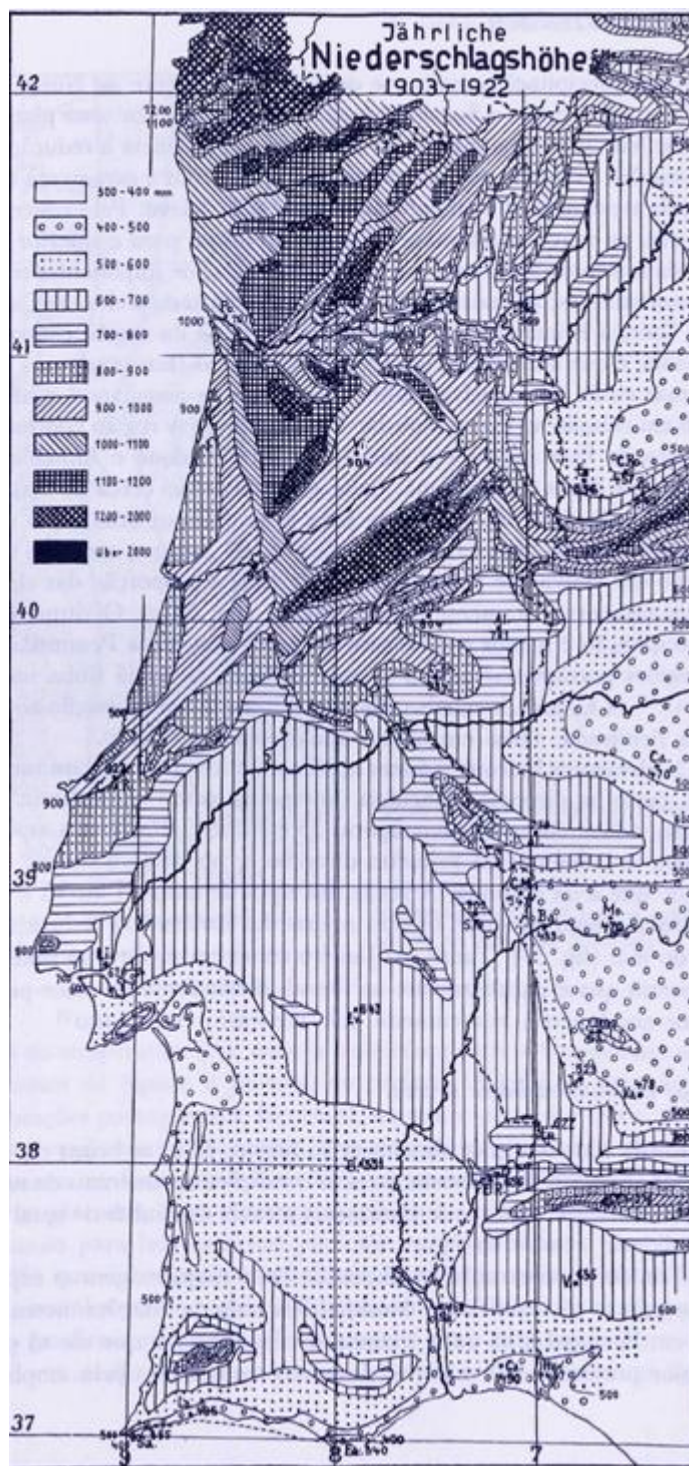
O clima não é homogéneo para todas as micro-regiões que constituem o Baixo Alentejo, mas também não é tão diferente que não se possa abordar o território de uma maneira abrangente. De forma geral, aquele espaço pode ser incorporado no clima mediterrânico de Orlando Ribeiro (1986, p. 4): "*(...) temperatura média elevada, de verão quente e sem chuva, de Inverno moderado, com um total de precipitações atmosféricas relativamente baixo.*".

O Verão no Baixo Alentejo é rigoroso, onde as condições climáticas do Mediterrâneo dominam quase por inteiro: "*(...) temperatura elevada, luminosidade forte, grande insolação, carência de chuvas.*" (Ribeiro, 1986, p. 45). O Outono seguido do Inverno e Primavera, é um tempo chuvoso e muito instável, variando de ano para ano. No Inverno a região conhece pluviosidade moderada, com maior acentuação perto do Algarve.

Herman Lautensach (1988, p. 364-366), sistematizou as informações climáticas recolhidas pelos seus estudos e de outros autores, criando subdivisões para melhor diferenciar os microclimas de Portugal. Nas suas "províncias climáticas", o Baixo

Alentejo insere-se na *Província Atlântica do Sudoeste*, em relação à faixa litoral, e na *Província Continental Sul*, que abarca a região central do Baixo Alentejo, assim como parte do Algarve.

A precipitação média anual no Baixo Alentejo (Mapa VI) ronda os 700 mm, baixando um pouco com o aproximar da costa, onde se registam valores entre os 400-500 mm. A humidade regista-se entre os 50-30 % (Lautensach, 1988, p. 358).



Mapa VII: Mapa da precipitação em Portugal, segundo Lautensach (Ribeiro e Lautensach, p. 358, figura 58.)

Sendo a região baixo-alentejana extensa, a biodiversidade é proporcional a esse nível de grandeza. Dessa forma, não se exporá aqui, com exaustão, todos os tipos de flora, ou, mais adiante, faunísticos, escolhendo-se pela ressalva dos espécimes com maior impacto na região e interesse económico.

Existem dois tipos de florestas tipicamente mediterrânicas, os sobreirais e os azinhais, grandes núcleos de *querci*, ambos de folha perene. Na sub-região do Alentejo Litoral o predomínio é dos sobreirais (Medeiros *et alii*, 2005, p. 426), já em relação a terrenos mais interiores, os sobreiros (*Quercus suber* L.) são progressivamente substituídos pelas azinheiras, pelo facto daquelas serem árvores que procuram zonas mais húmidas perto do Oceano, e de serem pouco tolerantes à secura do Verão do interior alentejano (Medeiros *et alii*, 2005, p. 427). Contudo, existem zonas interiores onde o sobreiro consegue sobreviver. A azinheira (*Quercus rotundifolia* L.) aguenta bem as condições climáticas continentais. Habita transversalmente o território português, tendo maior densidade no Baixo Alentejo, criando assim grandes zonas de montado (Medeiros *et alii*, 2005, p. 428). Estes montados podem ser aproveitados para a produção de carvão e criação de suínos. Em relação às florestas coníferas, pinheiro-bravo (*Pinus pinaster* L.) e pinheiro-manso (*Pinus pinea* L.), terão existido de maneira geral no território português, contudo, nos dias atuais não existem pinhais naturais, sendo estes plantados (Medeiros *et alii*, 2005, pp. 437, 438).

O coberto vegetal rasteiro, em áreas mais secas, é composto por diferentes tipos de giestas (*Genista polyanthos*; *Cytisus arboreus* e *Genista lusitanica* L.). Em zonas temperadas surgem frequentemente os tomilhais (*Thymus vulgaris* L.), tojais (*Ulex europaeus*) e sargaçais (*Cistus salvifolius* L.). Além destas espécies, são também comuns, em diversos *habitats*, o tojo-molar (*Ulex minor*), queiroga (*Erica arborea*) e carqueja (*Baccharis trimera*) (Medeiros *et alii*, 2005, pp. 444, 445). Ainda outras espécies que têm presença bem marcada no território são a esteva (*Cistus ladanifer* L.) e o rosmaninho-de-luisier (*Lavandula stoechas* L.). Junto às ribeiras abundam o bunho (*Scirpus lacustris* L.) e o loendro (*Nerium oleander* L.) (Bingre *et alii*, 2007).

Assim como a flora, a região apresenta diversidade faunística. Os recursos cinegéticos são abundantes desde os tempos mais remotos. Destacam-se, em larga escala, o javali (*Sus scrofa*), os cervídeos (*Cervus elaphus* e *Dama dama*), coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*) e lebre (*Lepus granatensis*). No que às aves diz respeito, as mais comuns são a perdiz (*Alectoris rufa* L.), a rola-comum (*Streptopelia turtur* L.), o

pombo-torcaz e bravo (*Columba palumbus* L. e *Columba oenas* L.) e o melro (*Turdus merula* L.).

Existe também grande fauna predatória, o lobo (*Canis lupus* L.), a raposa (*Vulpes vulpes* L.), gato-bravo (*Felis catus*) e o lince-ibérico (*Linx pardinus*) hoje em dias em vias de extinção, outrora enchia *habitats* nas regiões de Alcácer do Sal e de Grândola, sobretudo. Em relação às aves predadoras temos a águia-real (*Aquila chrysaetus*), o falcão-peregrino (*Falco peregrinus*), o mocho-galego (*Glaucidium passerinum*) e a coruja-das-torres (*Tyto alba*) (Bingre *et alii*, 2007).

V. Estado da Arte

V. 1 - O Tempo dos Pioneiros

O estudo das necrópoles sidéricas do Baixo-Alentejo, dentro do panorama da investigação arqueológica portuguesa, pode ser referido como sendo relativamente antigo, embora de forma descontinuada no tempo. Não se iniciou também pelas próprias necrópoles, mas antes pelas estelas decoradas com caracteres desconhecidos até então (e ainda hoje o são), que surgiam em contextos pouco específicos.

A primeira pessoa que se debruçou sobre o assunto, embora pela via das estelas epigrafadas, foi Dom Frei Manoel do Cenáculo Villas-Boas (1726-1814). Decorria o século das luzes, período do antiquarismo e diletantes, transversal a toda a Europa. Apesar de Villas-Boas ser clérigo, estava inserido na maneira iluminista de fazer ciência. Foi já no final do século XVIII e na zona onde se situa o Castro da Cola, Ourique, que Cenáculo encontrou as primeiras lápides epigrafadas que apelidou de “(...) *phenicios ou turdetanos*” (Villas-Boas, 1791, p. 385). O total de estelas que viria a encontrar cifrou-se em nove: sete no concelho de Ourique e duas em Almodôvar, associadas a necrópoles não muito precisas no espaço. Estas estelas foram inseridas no álbum “*Lápides do Museo Sessinando Cenaculano Pacence*” (1800). Relata ainda, nesse ano, que algumas lápides provinham efetivamente de algumas escavações por ele efetuadas em sepulturas.

Idos cem anos desde os trabalhos de Cenáculo, coube a Estácio da Veiga continuar a revelar informações da Proto-História do Baixo Alentejo, embora, por vezes, atribuindo-lhe cronologia errónea. À época de Estácio da Veiga ainda não se tinham descoberto necrópoles que se pudessem inserir numa I Idade do Ferro (termo cunhado pelo próprio autor), conhecendo-se somente necrópoles a que os eruditos da altura atribuíam idades pretéritas. Estácio da Veiga diz-nos sobre esse facto, referindo-se à necrópole da Fonte Velha de Bensafrim: “*Devo pois desde já advertir, que a necrópole da Fonte Velha de Bensafrim não se pode confundir com as da região alentejana, que somente se devem inscrever na idade do bronze ao passo que a do Algarve ninguém a póde excluir da primeira idade do ferro*” (Veiga, 1891, p. 206). No seu entender, em relação às estranhas estelas que surgiam com uma ainda mais estranha escrita, escreveu “*A identidade das inscrições nas duas regiões (Algarve e Alentejo)*”

não basta para que se julgem pertencentes a uma só epocha; o que essa identidade genuinamente significa, é que na primeira idade do ferro continuou a usar-se n'este territorio a mesma escriptura paleographica que era usada na idade do bronze, revelando assim uma antiguidade que se enreda, mas não se perde de vista, nas idades precedentes, porque esta escriptura já existia na peninsula em a ultima idade da pedra, como adiante comprovarei com documento authenticico, que não soffre duvidas, nem admitte astuciosos subterfugios" (Veiga, 1891, p. 206). Para este arqueólogo, não só as necrópoles eram da Idade do Bronze como o eram também as estelas epigrafadas, remontando a aptidão da escrita a estes tempos nesta região específica. Ainda assim, não temos bem a certeza a que necrópoles, ou melhor, sepulturas, se referia no que à região alentejana se refere¹¹. Sabemos sim, que aproximou a escrita das estelas à rúnica da Europa Setentrional. De notar ainda, o surgimento do termo "I Idade do Ferro", precisamente com Estácio da Veiga, no IV volume das suas "Antiguidades". Todavia, Estácio da Veiga não explica bem o que consiste esta idade utilizando, como muleta, as descobertas que se faziam na Europa.

Estácio da Veiga parece não ter lido na primeira pessoa as obras de Cenáculo, baseando-se nos escritos de Gabriel Pereira (1847-1911)¹². Por este último, que leu os escritos originais de Cenáculo, Estácio da Veiga dá a conhecer dois sítios onde se descobriram antiguidades “notáveis”: um na ribeira do Roxo e outro na Herdade de Raco, freguesia do Cercal (Odemira). Apareceram, neste último sítio, muitas sepulturas do tipo cistoide, e em alguns encontraram-se objetos de ouro, vidro e barro lavrado (Veiga, 1891, p. 200). Ainda menciona a existência de várias sepulturas perto de Almodôvar, no local chamado S. Miguel do Pinheiro, em que terão surgido a proteger as sepulturas, várias lajes toscas, de xisto, e algumas com inscrições. Infelizmente, já no seu tempo essa suposta necrópole estaria destruída. Por fim, existe notícia de ter

¹¹ Sabemos que na altura de Villas-Boas já existia notícia de sepulturas que este terá escavado perto da Cola, e que supostamente seriam da Idade do Ferro. Não se sabe se eram a estas improváveis necrópoles que Veiga se referia, ou se a outras, quando escreve “(...) *entre Almodôvar e Beja, acompanhando a já indicada zona cuprífera, viveu um povo que usava sepultar os seus mortos em jazigos construídos com lages toscas em que ficaram gravadas umas inscrições de caracteres turdetanos, como lhes chamou o seu primeiro explorador, e que em alguns d'esses jazigos somente foram encontrados os estoques de bronze,(...) sem que haja noticia de ter aparecido algum artefacto de ferro, e que essas armas de ferir pela ponta constituem um typo local, não se achando em nenhum outro paiz; o que obriga a inscrever essas necrópoles na idade do bronze, e a reconhecer que n'essa idade já era tão antiga a linguagem escripta n'esta parte da peninsula, que se empregava com a forma epigráfica nos jazigos dos mortos*” (Veiga, 1981, pp. 204-205).

¹² Homem apaixonado pela História, foi entre 1888 e 1902 conservador e diretor da Biblioteca Nacional; traduziu também autores clássicos como Estrabão e Plínio.

escavado na vila de Mértola duas urnas do tipo Cruz del Negro (Veiga, 1880, p. 23.), que segundo as características apresentadas poderiam datar do século VI a.C., e uma delas quiçá recuar até ao século VII a.C. (Arruda, 2008, p. 315).

José Leite de Vasconcellos (1858-1941), figura quase ubíqua em qualquer tema de arqueologia, não ficou de fora destes estudos, mesmo que não tivesse contribuído para o conhecimento das necrópoles no sentido literal, contribuiu com alguns estudos sobre as estelas epigrafadas do Baixo Alentejo, duas de Panóias, uma do Tavilhão (Ourique), e outra do Ameixial (Vasconcellos, 1929, pp. 205-207), onde propõe leitura e tradução do etnónimo KONNI (Cónio).

Nesta primeira fase dos estudos, outros autores debruçaram-se sobre as estelas, como é o caso de João Bonança (1887), Émile Cartailhac (1886, p. 262) e Emil Hübner (1893, p. 191).

V. 2 - O Século XX

Foi com a descoberta de várias lápides epigrafadas, que o conhecimento sobre a Proto-História do Baixo Alentejo foi gradualmente evoluindo, embora a informação proveniente destas estelas encerrasse mais problemáticas que certezas.

Com a chegada da década de 50 a conjuntura dos conhecimentos arqueológicos, sobre o Baixo Alentejo, era descrita nos seguintes termos por A. Viana, O. da Veiga Ferreira e A. Serralheiro: "*Exceptuando Beja e Mértola, de que existem mais desenvolvidas informações arqueológica, e algumas notas respeitantes a Alvito, Santiago do Cacém, Moura, Alcácer, Grândola, Odemira e Ferreira do Alentejo (...)* quase nada se tem registado quanto aos restantes concelhos do Baixo Alentejo" (1957, p. 5). Apesar de conscientes sobre os abundantes achados de espectro cronológico distinto, aqueles arqueólogos também reconheciam que muito se tinha perdido. Desta forma, a investigação nas regiões de Ourique e circundantes quase estagnou, evoluindo num ritmo linear muito baixo, com algumas intervenções focalizadas em sítios mais particulares, como é o caso do Castro da Cola ou da próxima necrópole da Atalaia, mas sem haver um conhecimento eficiente do povoamento em larga escala. O Algarve constituiu então região com conhecimentos mais profundos devido à herança de Estácio

da Veiga, às intervenções de António Santos Rocha, Abel Viana, Mário Lyster Franco ou de O. da Veiga Ferreira, entre outros.

Em meados dos anos 60, faz-se uma grande descoberta em Sines: um incrível tesouro, presumivelmente proveniente de necrópole da Idade do Ferro que é apelidado de fenício ou cartaginês, pelo seu achador J. M da Costa (1967; 1972). Ao que parece, algumas estruturas ali existentes estavam danificadas, devido às lavras, e pouca informação se consegue retirar daquelas. Todavia o seu espólio revela grandes influências orientalizantes, sendo constituído por contas de ouro, prata, vidro ou cornalina, escaravelho de marfim, restos de dois recipientes de vidro, duas arrecadas e gargantilha de ouro e pingente do mesmo material em forma de lótus, etc. (Costa, 1967).

Era, então, este o estado da questão sobre a Proto-História, quando chegou a Ourique o Doutor Caetano de Mello Beirão e seus colaboradores, em fins dos anos 60. É com total justeza que podemos apelidar Caetano de Mello Beirão como o obreiro principal do conhecimento proto-histórico do Baixo Alentejo. Escavou e estudou povoados, necrópoles e estelas epigrafadas da I Idade do Ferro, estas últimas o seu principal foco de atenção. Logo em 1970 apresenta um relatório à então Junta Nacional da Educação, onde anuncia a descoberta de setenta estações arqueológicas subdivididas entre os concelhos de Ourique, Castro Verde, Almodôvar, Mértola, Alcoutim e Loulé (Beirão, 1972a, p. 193). Efetivamente, o seu maior interesse de estudo são as lápides epigrafadas, onde cria vasta obra bibliográfica no decorrer dos anos (1979; 1980; 1986; 1990a; 1990b), embora, nas suas próprias palavras, admita que tudo tenha começado como um *hobby* (Beirão, 1986, p. 45). Para o estudo das estelas, seguiu duas diretrizes: a reprodução rigorosa dos textos epigrafados e a preocupação do contexto exato das mesmas (Beirão, Gomes e Monteiro, 1979, p. 6). Para o levantamento rigoroso dos textos epigrafados, contou com Mário Varela Gomes, que fez o decalque das lápides com novas técnicas que permitiram uma maior legibilidade e certezas (Beirão, 1986, p. 125).

Aquando da comunicação de Beirão (1972), nas II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, o número de necrópoles que identificara nas suas prospeções resumia-se a vinte e oito. Devido às escavações das necrópoles da Herdade do Pêgo e A-do-Mealha-Nova (Dias, Beirão e Coelho, 1970), juntando as decapagens efetuadas em algumas delas, uma seria Fernão Vaz, tornaram-se visíveis

algumas similitudes entre elas; não existiam restos ósseos, havia violações (melhor compreendidas com estudos posteriores), e a arquitetura tinha certa homogeneidade. Para Beirão, estas necrópoles revelavam elementos do Bronze que se preservaram na Idade do Ferro, como as de planta circular, cujos diâmetros se aproximavam muito dos monumentos circulares da Atalaia e da Alcaria (Beirão, 1972c, p. 201). Estes exemplos remetem-nos para uma tradição continuada da Idade do Bronze aos inícios da I Idade do Ferro. O mesmo arqueólogo classificou como monumentos de Tipo I, as necrópoles que apresentam túmulos de forma circular, a que por vezes são associados outros quadrangulares (Beirão, 1972c, p. 201). Naquela época, conheciam-se alguns monumentos circulares em Fernão Vaz, Monte do Coito, Monte Novo da Misericórdia, Cruzes e Carapetal I.

As prospeções continuaram até 1979, altura em que se contavam trinta e nove necrópoles e dezasseis povoados (Beirão, Gomes e Monteiro, 1979). Caetano Beirão fez um verdadeiro trabalho de equipa, sendo capaz de reunir vários colaboradores durante as diversas fases das suas pesquisas, tendo publicado em conjunto com Maria Alves Dias e Luís Coelho (1970), Mário Varela Gomes e J. Pinto Monteiro (1979), M. Varela Gomes (1980; 1983; 1984; 1986; 1988) e Virgílio Hipólito Correia (1991a; 1991b; 1994).

Momento importante dos seus estudos dá-se em 1986, aquando da sua tese de doutoramento intitulada “*Une Civilisation ProtoHistorique du sud du Portugal – 1^{er} Âge du Fer*”, onde publica vasto *corpus* de informação obtido no Baixo Alentejo e Algarve, relativa à I Idade do Ferro. Ali descreve os resultados das escavações nas necrópoles de Fonte Santa, Chada e Fernão Vaz, apesar de neste último caso incidir no seu *habitat*. Observa então, que esta "civilização", tem um modelo mais ou menos homogéneo na sua cultura e cronologia, inserindo-se esta entre os séculos VIII e V a.C., terminando devido a profundas transformações socioculturais operadas com a presença de povos de génese continental, chamados célticos pelos autores clássicos.

Na década de 80, na área do couto mineiro de Neves-Corvo, em trabalhos arqueológicos promovidos pela SOMINCOR (Sociedade Mineira de Neves-Corvo), foram postas a descoberto várias estruturas. Maria e Manuel Maia, ficaram encarregues dessa investigação que culminou na descoberta de duas supostas necrópoles da I Idade do Ferro, de um conjunto de vários sítios com inegável interesse arqueológico. Todos os sítios foram alvo de intervenções arqueológicas. O sítio de Neves I foi interpretado

como necrópole além de se tratar também de *habitat*, daí os seus investigadores o terem apelidado de “(...) *necrópole de incineração muito sui generis* (...)” (Maia e Maia, 1986, p. 8). Nesse local encontraram dois *larnakes* cerâmicos (Anexo - Primeiro Grau: Castro Verde). Até este ponto na investigação, as necrópoles anteriormente encontradas na Região de Ourique, não se assemelhavam em nada com este particular achado. Anteriormente já surgira *larnax* em Mértola, inicialmente publicada por L. de Vasconcellos (1897), e posteriormente alvo de estudo por Mário V. Gomes (1986). Em Neves II, sítio interpretado como povoado aberto, surgiram fragmentos de lápide epigrafa com escrita do Sudoeste (Maia e Maia, 1986, p. 8). Em relação a Neves IV a documentação publicada é pouca, mas parece ser mais aproximada, em termos arquiteturais, das encontradas na Região de Ourique.

Com a publicação do livro “*Proto-História de Portugal*” da autoria de Armando Ferreira Coelho da Silva e de Mário Varela Gomes, este último autor elaborou síntese do conhecimento acerca das necrópoles da I Idade do Ferro do Sul de Portugal. Com isto, avança também periodização cronológica e evolução arquitetónica melhor estruturada que a proposta por Beirão.

O seu faseamento compreende a quatro momentos (Gomes, 1992, pp. 151, 152). No primeiro momento surgem as sepulturas com plantas de grande dimensão, que guardavam “(...) *fossas ou cistas para deposição de inumações, na tradição da Idade do Bronze Final daquela região* (...)”, atribuindo depois uma datação entre os séculos VIII a VII a.C., inserindo-as no “Período Orientalizante Pleno”. O segundo momento situa-se entre os séculos VII a VI a.C., com construções de grandes túmulos de planta sub-quadrangular ou retangular, “(...) *com degraus envolventes, por vezes precedidas por recintos (themenos)*” (Gomes, 1992, p. 151). O terceiro momento, corresponde aos séculos VI-V a.C., ao “*Período Orientalizante Evoluído*”. Ao edificarem-se grandes necrópoles, começaram-se a adossar sepulcros de plantas retangulares de pequenas dimensões e *tumuli* baixos. Detetam-se neste período os primeiros restos de incinerações. Por último, o quarto momento, com cronologia semelhante ao terceiro, mas num período posterior (século V a.C.) surgem as urnas de cerâmica onde se depositaram cinzas e objetos (Gomes, 1992, p. 152).

Virgílio Hipólito Correia iniciou o seu interesse pela Proto-História do Sul, como colaborador de Caetano de Mello Beirão, em meados dos anos 80 do século passado. Como autor de vários artigos, V. Hipólito Correia tem mostrado interesse

transversal em relação aos vários tópicos que constituem a investigação sobre a Idade do Ferro do Sul do atual território português. O seu objeto de estudo vai dos povoados (1989; 1991; 1996b; 1999; 2000 e 2001), a modelos teóricos de interpretação (1997 e 1999) às próprias necrópoles (1990 e 1993) e à escrita do Sudoeste (1996a; 1996c; 2009 e 2014).

V. Hipólito Correia junta-se a Caetano Beirão através do Serviço Regional de Arqueologia do Sul. Criam três projetos de inventariação de sítios para cobrir a Região de Ourique e áreas limítrofes. O primeiro projeto seria a elaboração da Carta Arqueológica de Ourique, freguesias de Garvão e S. Salvador. O segundo respeita à cartografia e caracterização de sítios arqueológicos em Ourique, Odemira e Almodôvar. O projeto final foi a criação do Parque Arqueológica da Cola (Correia, 1993, p. 353). Este último deu origem posteriormente à publicação do “*Roteiro Arqueológico da Senhora da Cola*” (Correia e Parreira, 2002).

Interessa-nos aqui os seus estudos relativos às necrópoles da I Idade do Ferro. Correia é o segundo investigador a elaborar síntese sobre aqueles testemunhos do Baixo Alentejo (Correia, 1993). Importa, talvez, voltar a referir que até agora a investigação baixo alentejana se tinha restringido basicamente às regiões de Ourique, de Almodôvar e das suas áreas envolventes, como por exemplo o concelho de Odemira. V. Hipólito Correia não foge ao caminho espacial da investigação e faz também o estudo das necrópoles destas regiões, que a bem da verdade, são também as que inserem os "melhores" dados disponíveis em comparação com outras regiões. A sua síntese, mais extensa e crítica, engloba a arquitetura e os rituais mortuários. Em relação à evolução arquitetónica, ponto central a destacar de um seu artigo, como já houvera feito Mário Varela Gomes, a periodização recaiu em quatro momentos, ou como o autor lhes chamou: Fases. Resumem-se então as quatro fases:

Fase I – “*Monumentos circulares: pleno séc. VIII.*”

Fase II – “*Monumentos rectangulares de câmara sepulcral destacada: fins do séc. VIII a meados do VII.*”

Fase III – “*Tumuli rectangulares cobrindo fossas sepulcrais: alguns antigos, mas dominantes da segunda metade do séc. VII ao fim do séc. VI; alguns de pequena dimensão podem sem dúvida ser posteriores*”

Fase IV - “*Monumentos em π , coexistindo com incinerações em urna: desde início do séc. V estas últimas, os monumentos parecem centrar-se em meados desse século.*” (Correia, 1993, p. 360).

Parece de facto haver uma coesão teórica em relação ao faseamento. Contudo, por não haver espólio diretamente relacionado com as sepulturas da necrópole de Fernão Faz¹³ que lhe atribuem uma cronologia precisa, difícil pelas violações que esta sofreu (Beirão, 1986, p.105), a certeza de que este modelo é o correto, em termos generalistas para todas as necrópoles baixo alentejanas, peca por fiabilidade.

Os espólios encontrados ao longo dos anos nestas necrópoles era homogéneo, e balizado entre os séculos VIII a V a.C.. Os conjuntos oferecidos: objetos de adorno, nomeadamente contas de colar de várias matérias-primas, como cerâmica, pasta vítrea, âmbar e cornalina; facas afalcatadas e pontas de lança de ferro, assim como os respetivos contos; coroplastia; escaravelhos; objetos vários em ouro e prata; e por fim recipientes cerâmicos.

A última vaga de descoberta de necrópoles da I Idade do Ferro, deu-se já nos anos 90, com o surgimento da necrópole da Nora Velha 2, em Ourique (Arnaud, 1993) e Pardieiro, no concelho de Odemira (Beirão, 1990a; 1990b).

Também a investigação espanhola se virou para o mundo funerário do Sudoeste português, como o caso de Torres Ortiz, em que compilou as necrópoles da Idade do Ferro na sua tese de doutoramento "*Sociedad y Mundo Funerario en Tartessos*" (1999).

¹³ Utilizada como modelo padrão para a elaboração das Fases, mas apenas decapada.

V. 3 - O Estado Atual

Com o início do novo milénio, já as teorias estavam assentes e um problema que todos observavam era a da considerada pouca documentação publicada, referente a mais de 30 anos de investigação na área de Ourique e concelhos limítrofes. Todavia, aquele juízo deve-se ao desconhecimento da realidade, pois nenhum outro concelho do Sul de Portugal foi objeto de tantos estudos monográficos, de artigos e até de sínteses, abrangendo larga diacronia desde a Pré-História ao período Romano.

Ana Margarida Arruda foi das investigadoras que no alvoreço do novo milénio se debruçou mais sobre as necrópoles da I Idade do Ferro do Baixo Alentejo, em estudos sempre de conotação transversal. Compilou e se publicou informação das necrópoles, tanto da I como também, de algumas, da II Idade do Ferro, incidentemente na Região de Ourique (Arruda, 2001). É nesse artigo que revê para baixo as datações apresentada anteriormente, balizando-as por volta dos inícios do século VI a.C.. Argumenta que esta região poderia ser apelidada de "pós-orientalizante", pois essas influências sentiram-se primeiro no litoral, entrando no *hinterland* bastante mais tarde (Arruda, 2001, pp. 282, 283).

Por volta desta altura, outro investigador espanhol decide também ele dar um contributo ao tema. Javier J. Ávila, publica um arguto estudo sobre esta temática, tentando abordar o assunto de vértices que ainda não tinham sido tocados anteriormente.

Num período seguinte às publicações de Arruda, Jorge Vilhena (2006; 2008) voltou a pegar no assunto, mas para abordar de uma forma mais teórica, desta vez, a problemática das estelas epigrafadas. Em termos geográficos, foi o concelho de Ourique, uma vez mais, que recebeu maior atenção. Fez uma abordagem da problemática do contexto real das estelas epigrafadas e a sua relação com as necrópoles onde foram encontradas.

Novas escavações arqueológicas surgiram sobre necrópoles da Idade do Ferro desde as últimas nos anos 90. Desta vez, nenhuma na Região de Ourique, mas sim uma em Almodôvar e várias na região de Beja. Existe um contexto catalisador para o surgimento desta vaga de necrópoles da I Idade do Ferro. Esse catalisador foram as obras empreendidas em âmbitos de vários projetos, como o Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva (Bloco de Rega do Pisão) ou os trabalhos de minimização de

impactes sobre o Património Cultural dentro do âmbito da construção do Troço de Ligação Pisão-Beja, desse mesmo "Empreendimento".

Estas necrópoles, das quais destacamos pela sua documentação publicada, Palhais (Santos *et alii*, 2009) e Carlota (Salvador e Pereira, 2012), diferenciam-se das necrópoles do "Ferro de Ourique", pela sua peculiar arquitetura de recintos funerários delimitados por fossos e escavadas apenas no substrato, sem enquadramento tumular. Os espólios são similares aos da região de Ourique e foram datados, de forma genérica, entre os séculos VII-V a.C. (Salvador e Pereira, 2010, p. 232). Em Palhais surgiu novo artefacto ainda inexistente no reportório nacional¹⁴: conjunto de toucador em bronze (Santos *et alii*, 2009, p. 762), o que não será de admirar, pois estas necrópoles têm a particularidade de conservar os ossos dos inumados. Em Palhais, todas as sepulturas continham restos de indivíduos do sexo feminino (Santos *et alii*, 2009, p.780).

Apesar do sítio arqueológico de Corte Margarida (Aljustrel) ser conhecido desde 1999, só foi efetivamente escavado mais tarde, oferecendo necrópole da I Idade do Ferro, com duas sepulturas cistóides (Deus e Correia, 2005).

Na comemoração dos 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses, em 2013, foram apresentadas novas interpretações assim como alguns dados inéditos da necrópole da Nora Velha 2 (Soares e Martins, 2013), que promoveu o incremento do conhecimento da mesma, visto que desde 1994, altura do primeiro artigo, este ter sido apenas uma apresentação preliminar dos trabalhos. Com essa publicação, os seus autores propuseram cronologia entre o século VII e V a.C., baseados nas datações de radiocarbono, efetuadas sobre carvões.

Por fim, o Projeto Estela decidiu empreender escavação arqueológica no local do achamento da estela de Abóbada, para tentar entender o contexto daquela. Como resultado, exumou-se necrópole da I Idade do Ferro, com vários covachos, e dois túmulos pétreos (Melro, Barros e Gonçalves, 2014). Ambos os rituais de inumação e incineração estavam presentes e, pela primeira vez, foram recolhidos restos ósseos de várias sepulturas.

Possuímos ainda pouca informação detalhada sobre várias necrópoles da Região de Beja, como por exemplo Vinha das Caliças 4, Monte do Marquês 7, Poço da Gontinha 1 ou Monte do Bolor 1, cujos estudos se encontram ainda no prelo.

¹⁴ Posteriormente descobriram-se novos artefactos deste tipo em Vinha das Caliças 4.

Todavia, além de todos estes trabalhos, salta à vista a maior preocupação dos autores com as estelas epigrafadas do que propriamente com as necrópoles. Efetivamente, deu-se maior relevo às necrópoles quando as prospeções de Beirão as descobriram. Se excluirmos os trabalhos publicados sobre as escavações das necrópoles, e os trabalhos que contribuíram, de facto, com algum novo conhecimento, não existem novidades sobre as necrópoles durante mais de quarenta anos, ou seja, desde os trabalhos de Beirão a esta parte. Apenas agora, com a descoberta de contextos fúnebres na Região de Beja, esta temática tem ressurgido, com novos dados e interpretações.

VI. Caracterização da I Idade do Ferro do Baixo Alentejo

"Da acumulação dos séculos, sabemos todos por experiência que, quanto mais procuramos recordações de um passado distante, mais temos tendência para "amalgamar" momentos muito afastados uns dos outros "

Michel Gras

O Autor de *"O Mediterrâneo Arcaico"* inicia assim um capítulo onde discorre sobre a acumulação de séculos e a modernização dos conceitos. Refere, de seguida "(...) ninguém pensaria hoje assimilar o século XIX ao século XX, mas durante muito tempo os melhores livros tinham o costume de citar os séculos VII-VI (a.C.) de maneira global como se, durante estes dois séculos arcaicos, as sociedades e as mentalidades não tivessem evoluído" (Gras, 1995, p. 12). Serve esta referência para lembrar o perigo de incorporar dois ou mais séculos numa "amalgama" cronológica esquecendo-nos como as sociedades que viveram na época não se modificavam. A caracterização de uma época pela entrada de certa tecnologia, apenas serve de meio virtual para os investigadores das ciências históricas circunscreverem um espaço temporal, separando-o de outro, tendo desta maneira um meio epistemológico de "conhecer". Este método é desfasado da realidade mais pura, visto que na nossa ânsia de conceptualizarmos o tempo numa forma cognoscível à nossa mente, talhamos em fatias temporais algo que é ininterrupto e *continuum*. Desta forma, falar de uma I Idade do Ferro, é falar de uma construção temporal moderna, um conceito. Não obstante, é a melhor ferramenta que temos para, ao parcializar, entendermos o mundo antigo.

A Idade do Ferro não se inicia em todo o lado no mesmo momento. Desta forma, existiu um foco central de expansão na qual foi descoberta a redução do ferro, que depressa se alastrou aos quatro cantos do mundo conhecido de então. Podemos assim balizar duas cronologias: a inicial, que sucedeu presumivelmente na Anatólia em redor do século XIV a.C., e na Península Ibérica, região do presente estudo, por volta do século VIII a.C., devido aos contactos dos povos do Próximo-Oriente.

No entanto, consta-se que os primeiros artefactos de ferro datam de aproximadamente 5000 a.C., e foram descobertos a Norte do Iraque. No Egipto também se encontraram objetos deste metal, mas datados em redor de finais do IV milénio a.C..

Contudo, além destes casos esporádicos de artefactos sidéricos, que também se encontram noutras latitudes com cronologias recuadas, confere-se, de forma recorrente, aos Hititas a criação de forma contínua e o *know-how* necessário à fabricação em larga escala de peças de ferro, na data supra mencionada ou, quiçá, até algo pretérita. Dali, com o comércio e movimentos populacionais chegaram à Península Ibérica.

Na Península Ibérica atesta-se a um período recuado, ainda na Idade do Bronze, a presença de artefactos de ferro (Almagro-Gorbea, 1993, p. 81). Todavia, é em período posterior, que se introduziu a técnica da siderurgia, com a vinda dos Fenícios no século VIII a.C., conforme referimos. Certos autores recuam um pouco tal data, para o século IX a.C., com os presumíveis contactos pré-coloniais. O certo é que para o século VIII a.C. possuímos exemplos no registo arqueológico, podendo dar-se como exemplo o forno de Toscanos (Málaga), perto de feitoria fenícia, onde se efetuaría a redução do ferro (Silva e Gomes, 1992, p. 135).

A definição de Idades históricas assenta em vários preceitos, desde socioeconómicos, literários (introdução da escrita), tecnológicos e ideológicos. Terá sido pela presença daquele metal que Estácio da Veiga formulou o termo "*Primeira Idade do Ferro*", na abertura do seu VI capítulo da obra "*Antiguidades Monumentaes do Algarve*" (1891). Contudo, o arqueólogo pioneiro não se alonga em explicações, utilizando como provas as descobertas da altura no espaço Europeu para justificar a escolha do termo (Veiga, 1891, pp. 239-250).

Mais tarde, com a chegada de Caetano de Mello Beirão a Ourique, e as suas prospeções sistemáticas, é que o estudo da Proto-História do Sul, nomeadamente do Baixo Alentejo, despoletou em pleno. Deste crescimento surgiu a questão cronológica e a nomenclatura dos tempos sidéricos, algo que os investigadores espanhóis há muito debatiam para as suas regiões. A escavação de vários contextos – A-do-Melha Nova e Herdade do Pêgo foram as primeiras - onde se inseriam estelas epigrafadas com escrita do Sudoeste (como ficou conhecida mais tarde), proporcionou uma primeira abordagem cronológica, em que se fixou em inícios da I Idade do Ferro nos séculos VIII-VI a.C. Posteriormente, Beirão, na sua tese de doutoramento e em vários artigos, individualmente (1972c; 1986; 1990a; 1990b) ou em co-autoria com M. V. Gomes (1980; 1984; 1986; 1988); Gomes e Monteiro (1979) e Correia (1990a; 1991; 1994), exporia o seu modelo cronológico-cultural para esse surto civilizacional do Baixo Alentejo e Algarve, definindo o que seria a I e a II Idades do Ferro. Tal modelo admite a

existência de um período marcadamente orientalizante, mais sofisticado, com escrita, e um segundo momento em que se assiste a possíveis migrações de povos continentais, à perda da literacia, além de fratura observável nas práticas funerárias. Em relação a esse segundo momento, a chamada II Idade do Ferro, Beirão e Correia definem-na em artigo de 1991, em que a balizam cronologicamente entre os séculos V a I a.C. (Beirão e Correia, 1991, p. 916). Também chamam a atenção para o facto da II Idade do Ferro não possuir escrita, embora concordem que a escrita na forma de lápides desapareceu mas que poderá ter sido mantida em outros materiais, perecíveis e, portanto, não se conservando no registo arqueológico. O grafito do vaso de Garvão que remonta ao século III a.C. (Beirão *et alii*, 1985) é disso exemplo.

Mas regressando à I Idade do Ferro, são várias as inovações que surgem no território baixo alentejano (segundo M. V. Gomes, 1992, pp. 129 e 141)

1. Fenómeno epigráfico;
2. Metalurgia do ferro;
3. Cerâmica fabricada com recurso a roda de oleiro (a torno rápido);
4. Primórdios do planeamento urbanístico.

Vários investigadores publicaram bibliografia em que concordam, de maneira geral, que a I Idade do Ferro (fora a discussão do próprio termo) é marcada por: pequenos povoados abertos ou seja, sem estruturas defensivas, que estariam, supostamente, em associação com grandes centros urbanos; necrópoles com ritos primordialmente de inumação, com monumentos de arquitetura variável, inicialmente de configuração circular e ulteriormente ortogonal, e posteriormente de incineração, sendo guardadas as cinzas dos defuntos em urnas que eram depositadas em covachos (Silva e Gomes, 1992; Correia, 1993; 1995a; 1995b; 1997), ou com a cronologia (Alarcão, 1996, p.19).

Para Mário V. Gomes (1992, p. 130), a I Idade do Ferro pode ser subdividida em duas fases distintas, denominadas por "Orientalizante Pleno" e "Evoluído". Estas subdivisões configuram-se na primeira fase por barra cronológica cifrada entre 800-750 a 600 a.C., onde se operam as primeiras instalações fenícias no território atualmente português, e onde puderam implementar as principais inovações já referidas, salvo a escrita, que não é sua responsabilidade. A segunda fase decorre entre 600 a 450 a.C., e é

quando o comércio alógeno se consolida, passando-se a fabricar regionalmente muitos dos produtos exógenos (Silva e Gomes, 1992, p. 130). Termina pois em meados, ou finais, do século V a.C. a dita I Idade do Ferro e principia a II, que se caracteriza pela chegada de povos com génese continental ditos célticos (*Celtici*), a entrada em cena de Cartago, o "abandono da escrita", a prática exclusiva do ritual funerário de incineração e inicialmente um reduzido contacto com o Mediterrâneo Oriental, depois com influências púnicas e itálicas (Silva e Gomes, 1992, p. 167).

Não obstante, estas inovações introduzidas no território, que marcam a distinção entre a Idade do Bronze Final e a I Idade do Ferro, existem diferentes modelos interpretativos para o período em questão no Baixo Alentejo.

O modelo anteriormente apresentado não obteve a concordância de todos os arqueólogos. Vozes discordantes, quer do modelo quer da cronologia, ou mesmo da terminologia proposta, surgiram com outra opinião. Propunha-se antes uma continuidade cultural apenas marcada por heterogeneidades regionais, e sem nenhuma ruptura cultural significativa no Sul (Fabião, 1992, p.138). Num artigo de 1995, Ana Margarida Arruda, Amílcar Guerra e Carlos Fabião, apontavam uma excessiva linearidade no modelo e fraca fundamentação nos dados arqueológicos. O termo "I Idade do Ferro" também é escrutinado.

Segundo Arruda: "*(...) o Sul de Portugal não correspondeu, durante a Proto-História, a uma unidade homogénea, nem em termos culturais nem sociais, independentemente de, na Idade do Ferro, parecer clara a existência de uma "entidade mediterrânea" comum.*" (2000, p. 107). Os autores defensores deste modelo, sustentam ainda que o reino de Tartesso, politicamente poderoso, inibiu o desenvolvimento de comunidades ocidentais (Fabião, 1992, p. 138), em que a região baixo alentejana, na asserção de Arruda, empregue primeiro por Sherrat, se situava como "Margem" (Arruda, 2001, p. 283)

Sobre a transição da I Idade do Ferro para a II Idade do Ferro, Carlos Fabião considera que é por inércia que esta terminologia se mantém, e se manterá, até que conheçamos melhor as realidades regionais (1992, p. 161). Este autor considera que, apesar de ser na região litoral e sul que esta distinção faz sentido, se verifica "*(...) a existência de perenes nexos de continuidade, em relação ao período anterior, resultantes de uma permanência das influências culturais de âmbito mediterrâneo.*" (Fabião, 1992, p. 167).

A questão cronológica é outro ponto em debate nos distintos modelos e, provavelmente, a mais importante, dependendo da perspectiva.

Ana M. Arruda, depois de uma análise detalhada sobre os *habitats* e necrópoles da região de Ourique e Castro Verde, verifica que a presença orientalizante nas duas regiões se sentiu num momento tardio (Arruda, 2001, p. 282). Inicialmente defendeu que a Idade do Ferro da região de Ourique se tivesse iniciado apenas no século VI a.C. (Arruda, 2001, p. 283; 2004, p.472), dizendo ainda que "(...) *não existindo nenhum elemento na cultura material que possa sugerir datas centradas no século VII a.C., como sempre se pretendeu.*" (Arruda, 2001, p. 283). Mais tarde, depois de reanálise e consubstanciação nos dados que estudou, admite que a Idade do Ferro da região citada começaria por volta de finais do século VII a.C. (Arruda, 2008a, p. 15), ou seja, ainda assim num momento muito mais tardio que o proposto por Beirão e os investigadores que se lhe seguiram. Um dos métodos que utiliza para corroborar a sua cronologia são as datas radiométricas obtidas das necrópoles de Favela Nova e Herdade do Pêgo, apresentadas por Teresa Júdice Gamito (1991). Contudo, não podemos deixar de frisar a incoerência neste aspeto, é que a autora, no seu artigo "*A Idade do Ferro Pós-Orientalizante no Baixo-Alentejo*" (2001, p. 260), critica a maneira como as datas foram obtidas, e apresentadas, pelo que não lhes confere grande valor científico, entrando em contradição. Mais adiante, no respetivo artigo, para defender esta sua visão em relação à cronologia mais recente, utiliza estas mesmas datas (Arruda, 2001, p. 282), mas agora, atribuindo-lhe respeitabilidade científica. Ainda assim, não é só com datas radiométricas que se apoia na conceção cronológica que faz. Fáz-lo com maior sustento no estudo dos espólios, e estes sim, parecem de facto dar suporte à autora, visto que outros estudos que têm sido efetuados reforçam essa ideia (Ávila, 2002-2003). Arruda também não considera que os monumentos funerários circulares, inseridos na Fase I de Beirão, Gomes e Correia, datem do século VIII a.C., e sejam "taxativamente" sucessores imediatos aos da Idade do Bronze Final (Arruda, 2001, p. 283)¹⁵.

Um dos defensores deste modelo, Jiménez Ávila, concorda que a cronologia relativa se pode basear, de facto, na estratigrafia horizontal para os monumentos datados do século VIII a.C. (os de planta circular), mas que peca pela escassez de dados arqueológicos que suportem essa data antiga (2002-2003, p. 89). Um desses dados que não suporta uma cronologia tão antiga são as armas de ferro. Segundo este investigador,

¹⁵ Abordaremos este aspeto em maior detalhe no capítulo referente à arquitetura funerária.

não obstante a cronologia apontar para o século VIII a.C., como a data da introdução da metalurgia do ferro por parte dos Fenícios na Península, resulta dificilmente, na conceção de Ávila, crer em armas de ferro nestes túmulos circulares quando no resto das sepulturas peninsulares estas só surgem no século VII a.C., e primeira metade do século seguinte, advindo a sua generalização apenas no séc. V a.C. (Jiménez Ávila, 2002-2003, p. 89).

Alguns autores consideram que a escassez de dados é um obstáculo muito impertinente para conclusões mais sérias (Fabião, 2001, p. 228) o que leva a não surgir um debate com mais autores.

Ainda assim, o termo cunhado no longínquo século XIX por Estácio da Veiga, para a fase mais antiga da Idade do Ferro no Sul de Portugal, e reanimada posteriormente por Beirão, não obstante algumas críticas, continua ainda hoje atual.

Não é nossa intenção entrar no debate que atrás abordámos, apenas registá-lo de forma a possuímos todos os pontos de vista teóricos e, trabalharmos sobre eles sem qualquer preconceito. Contudo, ainda falta uma variável à equação, que tem a ver com os povos que habitaram a região, questão que, no capítulo seguinte, examinaremos.

VII. Quadro Etnogeográfico do Sudoeste Peninsular

Resulta difícil ensaiar-se visão sobre os povos que habitaram outrora a região que é atualmente o Baixo Alentejo, durante a Idade do Ferro, devido à escassa literatura que se produziu no I milénio a.C. e sobretudo à fraca produção documental sobre as entidades étnico-culturais que então a ocupavam.

Vários autores greco-latinos escreveram sobre a dispersão geográfica dos povos no Sudoeste Peninsular, embora o seu objetivo principal fosse a descrição geográfica. Entre eles, decidimos compilar lista dos que mais se destacam na bibliografia quando se estuda esta Idade (Rangel, 1992, pp. 30-42; Gorbea e Zapatero, 1989) que apresentamos por ordem cronológica:

- Heródoto - século V a.C.: Geógrafo e historiador grego, escreve sobre o território do Sudoeste Peninsular nas suas "*Histórias*".
- Herodoro - século IV a.C.: Geógrafo e mitógrafo grego. Escreveu texto sobre a Península Ibérica, que nos chegou bastante fragmentado.
- Políbio - séculos III-II a.C.: Historiador e geógrafo grego. Escreveu a grande obra "*Histórias*", dividida em 40 volumes. O texto referente à Península Ibérica advém da sua estada nesta durante as chamadas "Guerras Celtibéricas".
- Estrabão - séculos I a.C. - I d.C.: Historiador, geógrafo e filósofo grego. Encontra-se na sua monumental obra "*Geografia*", descritos detalhes sobre os povos e geografias da Hispânia (III volume).
- Pompónio Mela - século I d.C.: Geógrafo romano. Escreveu sobre a Hispânia no seu III volume da obra "*De Chorographia*".
- Plínio, o Velho - século I d.C.: Naturalista romano. Na sua hercúlea obra "*Naturalis Historia*" também aborda a Península Ibérica.
- Ptolomeu - séculos I-II d.C.: Matemático, geógrafo, astrónomo e cartógrafo grego. Também se refere à Península Ibérica nos seus vastos textos.
- Rufo F. Avieno- século IV d.C.: Escritor romano, redigiu *Ora Marítima* em poesia. Descreveu o litoral da Hispânia e também algo do seu interior, com base em documentação mais antiga, do século VI a.C., principalmente através de um périplo que se pensa massaliota.

Para se tentar perceber quais os povos que habitaram a região em estudo durante a Idade do Ferro, teremos de ter bem presente no espírito que muita desta literatura está ainda hoje em debate acerca de múltiplos aspetos. Um desses aspetos remonta à origem da fonte principal em que Avieno se baseou para criar a *Ora Marítima*, obra primária para muitos no que toca à etnogeografia do Sudoeste Peninsular. Outra particularidade é a entrega de demasiado crédito, por parte dos investigadores, a alguns etnónimos que aquele autor atribuiu aos povos que habitaram a região. Ora, como muito bem sublinhou V. H. Correia, com algum humor à mistura, "(...) Avieno, no séc. IV d.C. embora, não inventaria etnónimos como quem faz batota ao Scrabble" (1997, p. 54), assim como nos parece, nenhum dos outros autores o faria. Outro problema, subjacente ao primeiro dir-se-ia, prende-se com a cronologia tardia dos autores em questão. Alguns escrevem apenas sobre os povos coetâneos, enquanto outros, de povos pretéritos, mas com certas divergências.

Na região da nossa análise, e periferias, Avieno (200-225, 302) refere os *Cempsi*, *Saefes* (*Sefes*), *Cymnetes* (*Cynetes*) e *Ileates*; Heródoto (II, 33 e IV, 49) refere os *Kynetes*, *Kynesioi*, *Keltoi* e *Kunetes*; Herodoro (frag. 20) menciona *Cunesoi* e *Glêtes*; Políbio (X, 7, 5), *Kónioi*; Ptolomeu refere, no período conseqüente à conquista romana, os grupos dos aglomerados urbanos, Célticos e Turdetanos; Estrabão (III, 3, 5, III, 4, 19) os *Celtici*, *Turduli* e *Iglêtas*; Plínio menciona os *Celtici*.¹⁶ Destes autores, apenas fica de fora Pomponio Mela que se focou mais na toponímia da região do que na etnonímia.

Na terminologia atual, *Cempsos* significa *Cempsi*; *Cinetes* - *Cynetes*, *Cymnetes*, *Kynetes* ou *Kynesioi*; Célticos - *Celtici*; Cónios - *Conii* ou *Kónioi*. Impõe-se a nota devido à maior recorrência que daremos a estes povos em particular mais adiante no texto.

¹⁶ Autores, e etnónimos retirados de vários investigadores, principalmente de Silva e Gomes, 1992; Alarcão, 1992; 2001 e Correia, 1996.

VII. 1 - Mesmas Fontes, diferentes interpretações - onde se situam os *populi* da I Idade do Ferro?

Os *Cemps* têm uma localização inexata em relação à extensão do seu território que varia consoante a interpretação dos textos por parte dos investigadores. Para Mário Varela Gomes, interpretando através da *Ora Marítima*, o seu território compreender-se-ia entre o Cabo Espichel (*Cempsico*) até ao Guadiana, nas zonas mais interiores, onde faria fronteira com Cinetes e Tartéssicos (Silva e Gomes, 1992, p. 131). Também analisa, a partir de Heródoto (2, 33; 4, 49), que Sefes e Cempsos seriam vizinhos dos povos Célticos, no século V a.C., apesar de Avieno não os referir. Para o Autor, Cinetes e Cónios seriam povos distintos e não um mesmo etnónimo escrito de forma diferente consoante a fonte. Para o primeiro, coloca-lo na faixa litoral Alentejana, mas sem nos oferecer um *terminus* desse território, o segundo instala-o no interior, onde a capital seria Conistorgis (Silva e Gomes, 1992, p. 131). M. V. Gomes liga os Cónios aos Célticos, segundo segue o que Apiano (57, 58) escreve sobre essa cidade, incluindo-a nas cidades célticas e enaltecendo-a como a mais célebre.

O território dos Cinetes, segundo pensa J. Alarcão (1992, p. 339), seria a partir do cabo *Cyneticum* (Cabo de S. Vicente, a *finis terra* da Europa) até ao rio Anas (Guadiana). Seria, então, a região atualmente algarvia podendo alastrar-se até às zonas meridionais baixo alentejanas. Para este autor, Kynésoi e Kynetes (Heródoto) ou Cunesoi (Herodoro) poderiam corresponder aos Cynetes de Avieno. Os quatro termos seriam designações alternativas do mesmo povo, os Cinetes. No século II a.C., Políbio refere os *Kónioi*. Nesta passagem Alarcão questiona se este último termo não é apenas um etnónimo mais moderno para os Cinetes. Outros autores, como A. M. Arruda também simpatizam com a ideia da diferença entre Cinetes e Cónios se dever meramente a uma questão cronológica (Arruda, 2002, p. 60; 2005, pp. 84, 85). Mas Alarcão não se convence com a ideia de uns e outros serem o mesmo *populus*, como já M. V. Gomes o dissera. Permite-se perguntar se entre os séculos VI-II a.C. os Cinetes não teriam sido substituídos pelos Cónios. Se a resposta é afirmativa, pergunta, então de onde viriam os Cónios? (Alarcão, *op. cit., loc. cit.*). Ora, se há uma substituição, seja ela física ou apenas de etnonímia, os Cónios passariam a habitar a região que se atribuiu anteriormente aos Cinetes.

A verdade é que a variedade e "barbarismo" dos nomes étnicos indígenas perturbavam os autores greco-latinos. Daí, alguns renunciavam a sua completa reprodução em documentação, escolhendo um nome que incluísse uma grande coletividade de povos (Alarcão, 1992, p. 340). Devido a tudo isto, pode ser admitido para o sul de Portugal " (...) a existência, entre os séculos VI e II a.C., de vários povos, cada um deles com a sua designação própria: haveria os *Cynetes*, os *Conni* e possivelmente muitos outros de que não ficou memória." (Alarcão, 1992, p. 340), desta maneira, aquando do périplo seguido pela *Ora Marítima*, os *Cynetes* seriam os mais importantes, daí a recolha desse nome. Mais tarde, entre os séculos III a II a.C., os *Conni* ganharam preponderância política naquela geografia e foi esse o nome que se fixou para mencionar os povos dessa zona. Agora, se o predomínio dos *Conni* se passa a exhibir de uma maneira mais forte apenas em cronologia mais tardia, e se a escrita do Sudoeste associada à I Idade do Ferro (VIII-V a.C.) se lhe refere¹⁷, partindo do princípio que *Konni* indica o anterior etnónimo, que implicações terá a associação? A verdade é que poderá não ter nenhuma, pois é de forma mais ou menos amigável que, *Konni*, poderá muito bem significar apenas "Povo" ou uma fórmula ritual de encomendação do morto, como já vários autores referiram (Correia, 1996, *passim*; Correia, 1997, p. 54; Alarcão, 2001, p. 336).

Em relação aos *Cempsos*, também Alarcão os insere na zona da Península de Setúbal, mas não se alonga na extensão do seu território. Mais tarde, os Célticos chegariam à região baixo alentejana por volta do século V a.C. Alarcão manteve a mesma opinião em artigos posteriores com as pequenas alterações inevitáveis a uma mente sempre a labutar¹⁸. Quase dez anos volvidos após os seus primeiros pensamentos sobre esta região, e os seus antigos povos, publicou arguto estudo sobre os Lusitanos, onde também apresentou nova análise aos *Cónios*. Nesta sua nova perspectiva, sita os *Cónios* na região confinada entre o curso médio do Guadiana até ao Tejo (Alarcão, 2001, p. 335). Esta proposta vai contra o que se pode apelidar de teoria vigente de uns (*Cinetes*) serem outros (*Cónios*), apenas com um espaço temporal diferente, como Schulten já havia escrito e outros autores posteriormente reafirmado (Schulten, 1952,

¹⁷ No estado atual do deciframento, são várias as propostas de leitura, por exemplo: *K(e).e.n.n.i.i*, ou *K(e).e.n.t.i*, ou ainda *K(e).e.n.p(i).i* (Correia, 1996, pp. 158-159), ou *KONNN* ou *KONON* (Silva e Gomes, 1992, p. 131), além de outras leituras.

¹⁸ Alarcão, J. (1996) - O primeiro milénio a.C. In Alarcão, J. (Coord.). *De Ulisses a Viriato*. Lisboa: Instituto Português de Museus. p. 15-30. Neste artigo, defende que os *Cónios* se situariam no Baixo Alentejo, na zona de Garvão, onde questiona se não seria aí que se encontrava *Conistorgis*, capital dos *Cónios* e mais tarde centro de operações militares romano muito importante.

126-128; Tovar, 1961, 1976; Coelho 1971; Guerra, 1998; Arruda, 2005, p. 85). E como chegou Alarcão a esta conclusão? A resposta está na perscrutação de documentos pouco habituais para esta problemática em específico, ou seja, na análise dos textos que referem a conquista romana do território peninsular e os da II Guerra Púnica.

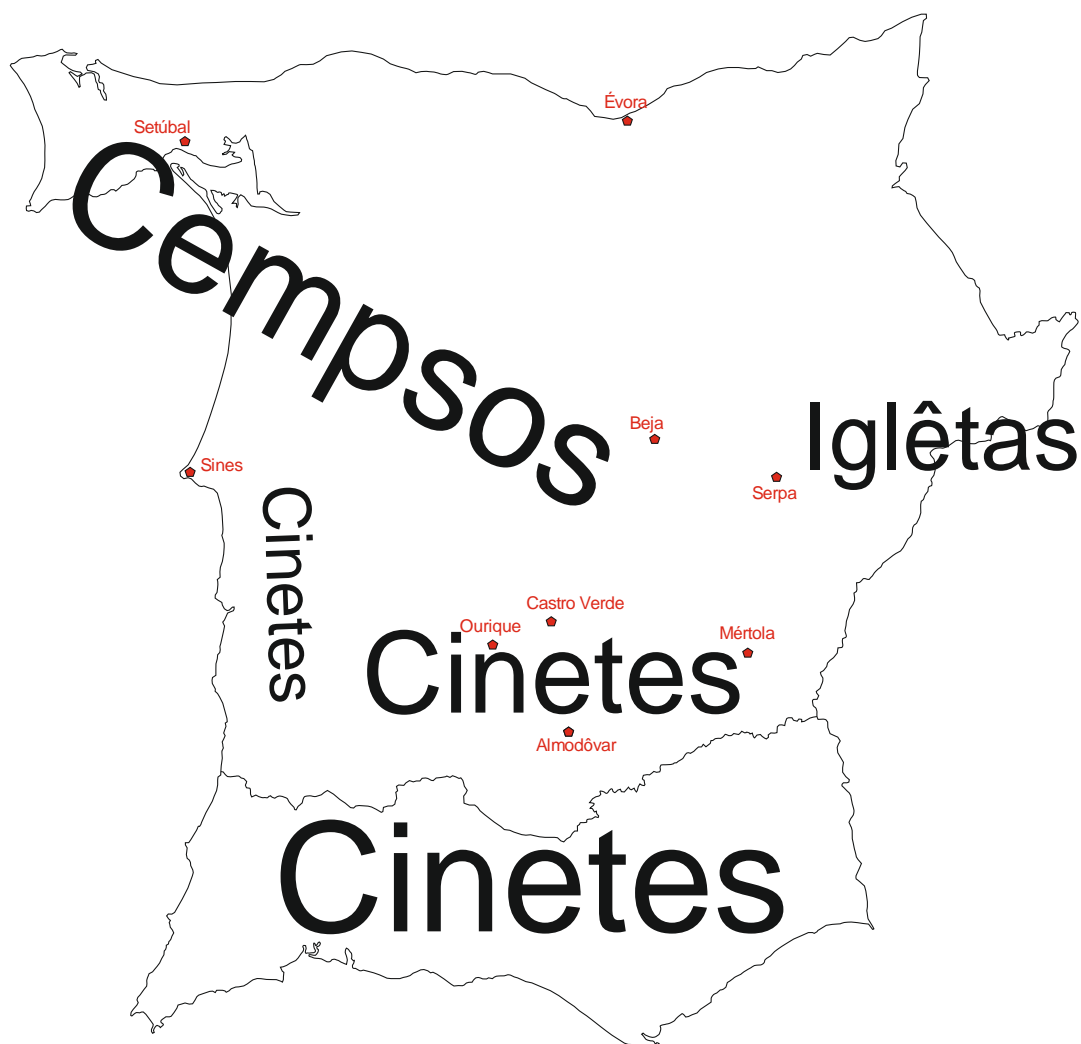
Aliás, para V. H. Correia, indo contra as propostas de Alarcão, analisando a *Ora Marítima*, situa os *Saefes* na Costa Alentejana, na parte mais sul do Sado, os *Cempsii* no estuário do Sado, no Alto Alentejo e em parte da Extremadura e Alta Andaluzia (parte ocidental), e por fim os *Cynetes* (aqui em concordância com Alarcão) no Algarve e no baixo vale do Guadiana (Correia, 1996, p. 23; 1997, p.56). O périplo em que se baseou Avieno revelava algum conhecimento da realidade do interior, mas esse conhecimento não deixa espaço a surgirem, à época em que foi escrito, os *Konni* e os *Keltikoi*, ou ainda, para os presumíveis habitantes anónimos mirtilenses (Correia, 1997, p. 56).

É de Alarcão a proposta que confina estes antigos povos a zonas mais concretas (2001, p. 338). O confinamento da sua proposta permite-nos elaborar o seguinte mapa (Mapa VIII), para os *populi* que eventualmente povoariam o Baixo Alentejo.

Nunca poderemos esquecer, como V. H. Correia bem alertou, que ao tentar adaptar uma descrição antiga a um mapa atual, com toda a perfeição que nos podem oferecer as imagens obtidas por satélite, esquecendo certas transformações geográficas que possam ter ocorrido entretanto " (...) *equivale ao grave anacronismo de atribuir aos geógrafos de então uma precisão de conhecimentos topográficos que não tinham (...)* " (Correia, 1996, p. 23), e, aliás, notou isso mesmo Alarcão de forma indireta quando observa que "*A passagem de Heródoto II, 33.3, situando os Kunêsioi para além das colunas de Hércules, cria-nos uma dificuldade que não podemos resolver se não admitindo que era confusa a representação geográfica do historiador grego.*" (2001, p. 336). Além disto, existe um outro problema, alertado novamente por Correia, e que nos parece ter passado um tanto ao lado em estudos posteriores. É aliás de suma importância: não existe manuscrito da *Ora Marítima* que possamos confiar integralmente para que se proceda a uma crítica filológica e paleográfica com o rigor científico das ciências históricas (Correia, 1997, p. 54). O mais próximo do original é uma edição de Veneza que data de 1488: "*edito princeps*" de Victor Pisanus. Este é um dos problemas comuns de qualquer historiador, quando a fonte em que se debruça não é a original e fica suscetível a diversas corruptelas, por mais ínfimas que sejam, minam a interpretação do investigador e fá-lo cair em erro de interpretação. Para a *Ora Marítima*,

ainda assim, J. Cardim Ribeiro (1996) volta à fonte original erradicando a correção filológica e fazendo-lhe sentido.

Gostaríamos de ter mais certezas do que incertezas no que toca aos *populi* que habitariam a região atualmente baixo alentejana no período sidérico. Contudo, aos problemas documentais anteriormente referidos, e a grande esgrima de argumentos e volatilidades de posição por parte dos investigadores, existe um grande questionamento sobre este imbróglcio de incertezas. Assim, esta questão terá de ser fechada, se é que algum dia o será, numa outra conjuntura com maior quantidade de dados arqueológicos ou com nova leitura dos textos que, com novas perspetivas, lance alguma luz sobre a escuridão que algumas passagens apresentam, além das informações divergentes por parte de alguns autores clássicos.



Mapa VIII: Possível etnogeografia do Baixo Alentejo e Algarve, anterior ao século V a.C., elaborado pelo autor com base em proposta de Alarcão (2001, p. 338).

VIII. Análise dos Dados Recolhidos

VIII. 1- Problemas de Caracterização

Em Arqueologia, o investigador tem um grande ímpeto de caracterizar tudo o que encontra. Raramente um arqueólogo não compreende um objeto arqueológico, ou um conjunto destes. Contudo, enquanto ciência, temos de tentar entender o funcionamento dos materiais e das estruturas. Para isso temos pois de escapar a dois excessos: o hipercriticismo, que nos leva a recusar todo o valor de um documento ou artefacto, com o pretexto de não se enquadrar nas teorias já expostas, e, no outro extremo, a sobreinterpretação, que nos faz conceber ao mesmo documento ou artefacto excesso de importância, que, diga-se, não possuem, como a título de exemplo: a existência de uma rota comercial, num determinado local, por ter surgido um fragmento cerâmico de artefacto dado à exportação (Gras, 1995, p. 15).

Aquando da elaboração do inventário com as necrópoles da I Idade do Ferro, deparamo-nos com um grande número das mesmas. Maior que o inicialmente suposto. Assim, tentámos filtrar as mesmas, fazendo uma separação, como já anteriormente explicado no capítulo referente à Metodologia. Tentámos, então, perceber porque razão este número era tão superior e chegámos a algumas conclusões, que a seguir se explicitam.

Que critérios se utilizaram para que os sítios encontrados em prospeções sejam de facto necrópoles? Que indícios se têm disso? De forma geral, estes sítios, quando perscrutados, são marcados no mapa quer pelos indícios físicos do solo ou pela sinalização/recuperação de objetos no terreno. Estes indícios são na maioria algumas protuberâncias "artificiais" no solo, alguns fragmentos cerâmicos ou ainda o surgimento de estelas com escrita do Sudoeste. Falta-lhes depois uma comprovação efetiva no terreno, de um olhar mais crítico e ponderado. Óbvio que na maioria dos locais não se poderá retirar ilações empíricas sem, como é ditado pela seriedade científica, se ter uma base de dados fiáveis, a qual irá requerer uma sondagem intrusiva, ou outros métodos de sondagem não intrusivos. Não parece, quanto a nós, fidedigno de se atribuir a caracterização de "necrópole", e logo da I Idade do Ferro, tendo como suporte dados de tão frágil natureza, os sítios achados nestas circunstâncias.

Com as prospeções generalizadas do concelho de Ourique e dos concelhos vizinhos a encontrarem inúmeros sítios arqueológicos da Idade do Ferro, e dos batimentos de terreno conseguintes, iniciaram um caminho linear em relação à expectativa do que iria ser achado, isto é, necrópoles e *habitats* da Idade do Ferro (especificamente, da I Idade) maioritariamente. Assim, numa lógica falaciosa, as prospeções posteriores, mesmo que inconscientemente, estavam já minadas. A mente do arqueólogo regista os dados arqueológicos das prospeções, quando não são claras, no catálogo dos sítios que mais comumente surgem para determinada região, ou baseado na expectativa do que vai encontrar. "*Um aspecto importantíssimo no trabalho de prospecção é a tomada de consciência de que o trabalho está permanentemente incompleto e que um qualquer individuo nunca consegue fazer o levantamento completo, pois tem determinadas predisposições que lhe não permitem ver, ou que lhes truncam, a realidade observável.*", esta passagem de Nuno F. Bicho (2006, pp. 90, 91), sublinha bem o que tentámos expor, explicando que qualquer indivíduo não registará os indícios arqueológicos de todas as cronologias. Este "truncamento" da realidade observável, ou viciação do que se irá encontrar, é uma das explicações para o grande número de necrópoles com esta cronologia atribuída. A lista de incertezas é substancialmente maior que as certezas, assim, entramos num limbo de indecisão, qual indeterminismo quântico, em relação a dezenas de supostas necrópoles que esperam intervenção arqueológica para que se lance alguma luz sobre a neblina que as oculta, e perceber dessa maneira, se se trata realmente de necrópoles da I Idade do Ferro, ou não.

Mas passemos agora a dados concretos em relação a esta incerteza que rodeia as necrópoles. Para primeiro exemplo, a necrópole de Corte Azinheira 1 (Almodôvar). Esta suposta necrópole é-o por que razão? Pelo facto de ter sido descoberta estela epigrafada (Beirão e Gomes, 1980, nº 206) com caracteres da escrita do Sudoeste? Existem muitos casos em que apenas se reconhece a existência de estela epigrafada com escrita do Sudoeste, mas não a necrópole de uma forma empírica e fiável. Em abono a uma possível necrópole, também se encontraram estruturas (Vilhena, 2006, p.52). Contudo, hoje só se avistam xistos de cor azul e pedras soltas. A conectividade entre estelas e necrópoles é antiga, segue a teoria de que as estelas têm uma função maioritariamente funerária e que o seu local de repouso é em necrópoles, logo, de um ponto de vista lógico *a fortiori*, onde se encontram as estelas são também os locais de necrópoles. Podemos dar como estampa as diferentes posições da investigação sobre o tema, em que

inicialmente se poderia "(...) tomar como bastante seguro que os locais de achados de lápides epigrafadas do Sudoeste correspondem a necrópoles, mesmo sem termos identificado as estruturas sepulcrais." (Correia, 1997, p. 266) e posteriormente "(...) estamos profundamente equivocados quanto à limitação da esfera de uso da escrita, por termos sido induzidos em erro por um conjunto de fenómenos post-deposicionais" (Correia, 2002). Um dos vários exemplos que se podem apresentar é o da estela de Mesa dos Castelinhos, em Almodôvar em que o sítio de proveniência da dita foi o pavimento de uma rua da época romana republicana (Fabião e Guerra, 2008, p. 99; Guerra, 2009, p. 325). Outro exemplo pode ser Neves II, sítio de povoado aberto, surgiu com lápide epigrafa. (Maia e Maia, 1986, p. 9). A lápide figurava numa parede de compartimento, que pertenceria à segunda fase de ocupação, já da II Idade do Ferro.

Normalmente, refere-se o sítio onde surgiu a estela, ou onde poderá ter surgido, sendo que muitas não possuem localização exata de proveniência.

Admitimos que a esmagadora maioria das estelas poderá advir de necrópoles, e especialmente das do primeiro período da Idade do Ferro. Contudo, servem os exemplos atrás referidos apenas para mencionar o facto de que nem todos os sítios que têm estela são necrópoles da I Idade do Ferro. Há que se ter muita cautela na caracterização de sítios apenas com um dado disponível para análise.

Um outro exemplo, não relacionado com estelas mas sim com artefactos, estruturas ou protuberâncias no solo: o sítio de Esteveira. Situado em Sabóia (Odemira), foi local intervencionado por José Morais Arnaud em 1991. Este sítio, que inicialmente aflorava à superfície na forma de várias pedras de xisto aparelhadas e montículos artificiais, foi descrito nas prospeções como de possível inserção na cronologia da Idade do Ferro e pertencente a necrópole. Citando diretamente das informações da Base de Dados do Endovélico: "*Local, com cerca de 40x25 m, onde se verifica uma grande concentração de pedras, notando-se uma estrutura que aflora à superfície, que poderá ser a parte visível de uma necrópole da Idade do Ferro.*"¹⁹. O que o levou a supor isso? Como poderiam esses montículos, passíveis de pertencer a qualquer monumento, serem invariavelmente associados a necrópole, e logo da Idade do Ferro? Pensamos, talvez, pela geografia do conhecimento; a tal filtragem inconsciente que se faz baseada no que se conhece arqueologicamente do território. Com a conseqüente escavação, pôs-se a

¹⁹ <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=52906>

descoberto estrutura retangular, provavelmente habitat, com ausência de telhas, presumindo uma cobertura perecível (Arnaud, 1991)²⁰.

Outro exemplo tem a ver com as estruturas circulares. Normalmente, nas prospeções, os prospetores deparam-se com elementos pétreos no solo que se configuram circularmente, e faz lembrar aos seus achadores os túmulos circulares da I Idade do Ferro, e assim caracterizam-nos dessa forma. Por ser verdade que essas estruturas por vezes pertencem a túmulos da I Idade do Ferro, ou da Idade do Bronze, não é igualmente verdade que também existe uma estrutura circular no *habitat* de Porto das Lages e outra em Canafixal 3.



Foto I - Aspeto do sítio antes de intervencionado, e caracterizado como necrópole da Idade do Ferro. Imagem retirada da base de dados *Endovélico*.

²⁰ Relatório da Intervenção Arqueológica Realizada no Âmbito do Protocolo Estabelecido entre o IPPC e a Portucel em Vale Esteveira (Sabóia/Odemira - 1991). José Morais Arnaud (coordenador), Carlos Ramos e Artur Martins. Processo (89/1(028)-C), Relatório inédito.



Foto II - Aspeto do sítio "Esteveira" após a intervenção arqueológica. Posto a descoberto estrutura retangular. Imagem retirada da base de dados *Endovélico*.

Para terminar podemos ainda mencionar sítio que eventualmente pode não ser necrópole, se bem que a bibliografia a tem como certo, aspeto para o qual fomos alertados por M. V. Gomes. Trata-se da possível necrópole do Gaio que possui no seu espólio elemento deveras curioso. Falamos do molde, de cerâmica, para a produção de braceletes (Costa, 1972, p. 104). O tesouro sabemos que existe, há dados, das supostas cistas, de que se conservariam restos, não existe tanta certeza²¹. Há que questionar o que faria essa peça em espólio funerário. Será que podemos estar perante local de ocultação de espólio pertença de santuário, onde se cultuava divindade feminina?

²¹ Segundo nos transmitiu o doutor Mário Varela Gomes, J. Miguel da Costa juntamente com Farinha dos Santos, deslocando-se ao local dos achados, posteriormente aos seus artigos, não encontraram nenhum vestígios das tais cistas.

VIII. 2 - Exposição dos dados

O número total de "necrópoles" a que a nossa investigação chegou, foi de 118 (Anexo). Um número considerável das necrópoles alvo de escavação arqueológica, ou de qualquer tipo de intervenção que tenha oferecidos dados fiáveis são, de facto, poucos. Tendo em consciência os pressupostos que plasmamos anteriormente, tentámos criar uma malha apertada na hora de escolher as necrópoles para análise, deixando fora dessa análise aquelas que não apresentam dados fiáveis quanto à sua caracterização.

Antes de mais, temos consciência que devemos oferecer explicação sobre os critérios adotados na decisão da escolha entre o que consideramos necrópole, e o que não consideramos. Como já tivemos oportunidade de escrever, o sítio que apresente estela não quer dizer, necessariamente, que seja necrópole, ou, que a necrópole não esteja precisamente no local do achamento da estela. Neste caso, utilizaremos cautela e não utilizaremos na análise e no estudo consequente os locais que mencionem necrópole mas que apenas contenham estela epigrafada com escrita do Sudoeste. Também não utilizaremos os locais de que existam notícias vagas, ou o clássico "diz que disse", de surgimento de estruturas funerárias ou que nos terrenos se tenham encontrado cerâmica, ou outro tipo de espólio que porventura pudesse figurar em espólio fúnebre. Desta maneira, utilizaremos apenas na análise global as necrópoles das quais se tenha cem por cento de certeza em relação ao seu contexto. Para isso, incluiremos as necrópoles alvo de escavações arqueológicas integrais, parciais e, as alvo de decapagem que nos oferecem planta e espólio. Assim, utilizaremos as necrópoles que se inserem no "Primeiro Grau" de conhecimento elaborado no capítulo referente à Metodologia.

De forma global, e ainda sem o escrutínio dos nossos critérios, dos dezassete concelhos analisados, onze possuem necrópoles no seu território administrativo (Aljustrel, Almodôvar, Beja, Castro Verde, Cuba, Ferreira do Alentejo, Mértola, Odemira, Ourique, Sines e Vidigueira). Sendo desprovidos de necrópoles os restantes cinco concelhos (Alvito, Barrancos, Moura, Grândola, Santiago do Cacém e Serpa). Em relação a Serpa, importa fazer comentário particular. Trata-se de região comumente conhecida como zona de possuindo bibliografia em termos de sítios da Idade do Bronze e mesmo da Idade do Ferro. Como exemplo podemos referir-nos a sítios como Passo Alto (Soares, 2009) S. Brás I, Salsa 3 e Santa Margarida (Vilaça, 2014, p. 105). Todavia, a inexistência de necrópoles da I Idade do Ferro é um facto. O sítio que

potencialmente estaria mais perto de o poder ser, é o de Torre Velha 3. Este possui vasta diacronia, abrangendo espaço temporal que vai do Calcolítico até à Antiguidade Tardia. Da Idade do Ferro ofereceu *pithos* e fíbula de dupla mola, objetos que perfilam em contextos fúnebres. Contudo, os arqueólogos que intervieram no local apontam que os "(...) resultados da escavação afastam a hipótese de estarmos perante um contexto funerário, mesmo que destruído." (Estrela et alii, 2011, p. 240). Corroborando esta afirmação atesta-se a falta de estruturas funerárias, ou contextos que pudessem indiciar necrópole.



Mapa IX: A cinzento-escuro os concelhos com necrópoles; cinzento claro, concelhos sem necrópoles.

Ao passarem pelo crivo atrás descrito, das 118 necrópoles iniciais, apenas permaneceram 45 (incluindo Neves I e o Gaio, que já explicadas as dúvidas em relação à segunda, adiante exporemos algumas reservas sobre a primeira, contudo decidimos incorporá-las na lista devido à longa tradição bibliográfica). Apesar das necrópoles consideradas neste estudo terem todas a norma de possuírem intervenção arqueológica, - o que provou o seu contexto e cronologia -, a prudência e cautela talvez pudessem ter

sido mais rigorosas. Existem algumas necrópoles que, apesar de terem sido intervencionadas, delas subsiste pouquíssima informação publicada em detalhe. Por exemplo Pisões, Herdade das Carretas e Carapetal II. A ausência de informação sobre estas necrópoles explica-se pelo facto de algumas ainda encontrarem a respetiva publicação no prelo, e delas só existirem informações preliminares.

Do conjunto total em análise, salta à vista a esmagadora maioria das necrópoles que não possuem qualquer tipo de intervenção arqueológica. Ainda assim, se considerarmos as necrópoles parcialmente escavadas com as integralmente escavadas, o número resultante é trinta e sete, o que num conjunto arqueológico de sítios da mesma funcionalidade, e bastante razoável. Já a questão do conjunto de dados que esses mesmos sítios oferecem é diferente. Num registo arqueológico paralelo, possuímos oito necrópoles decapadas, o que se torna importante no sentido do conhecimento das suas plantas - por exemplo Fernão Vaz, a partir da qual se elaborou o faseamento arquitetónico -, mas que peca gravemente por não terem sido escavados os contextos dos seus sepulcros. O número total de intervenções arqueológicas, quer seja escavação ou decapagem, por concelho é o seguinte: Ourique, dezoito; Beja, dez; Almodôvar, cinco; Vidigueira e Ferreira do Alentejo, três cada; Castro Verde, duas; Aljustrel, Cuba, Odemira e Sines, apenas uma.

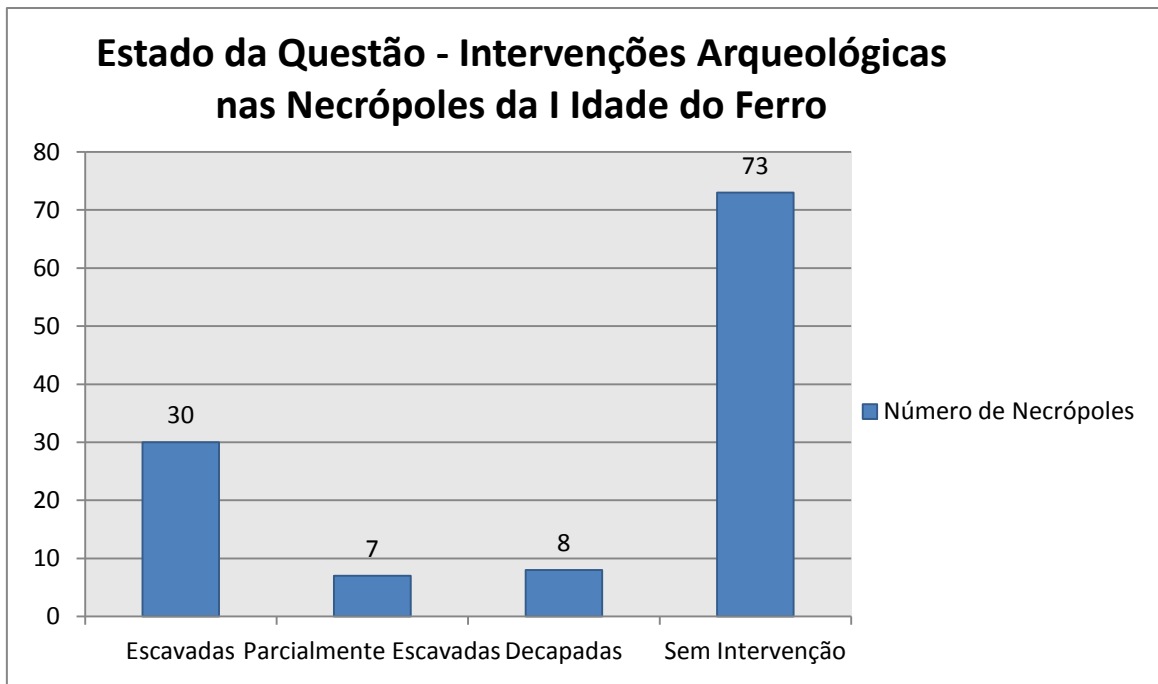


Gráfico I - Situação Global das necrópoles referenciadas como pertencentes à I Idade do Ferro.

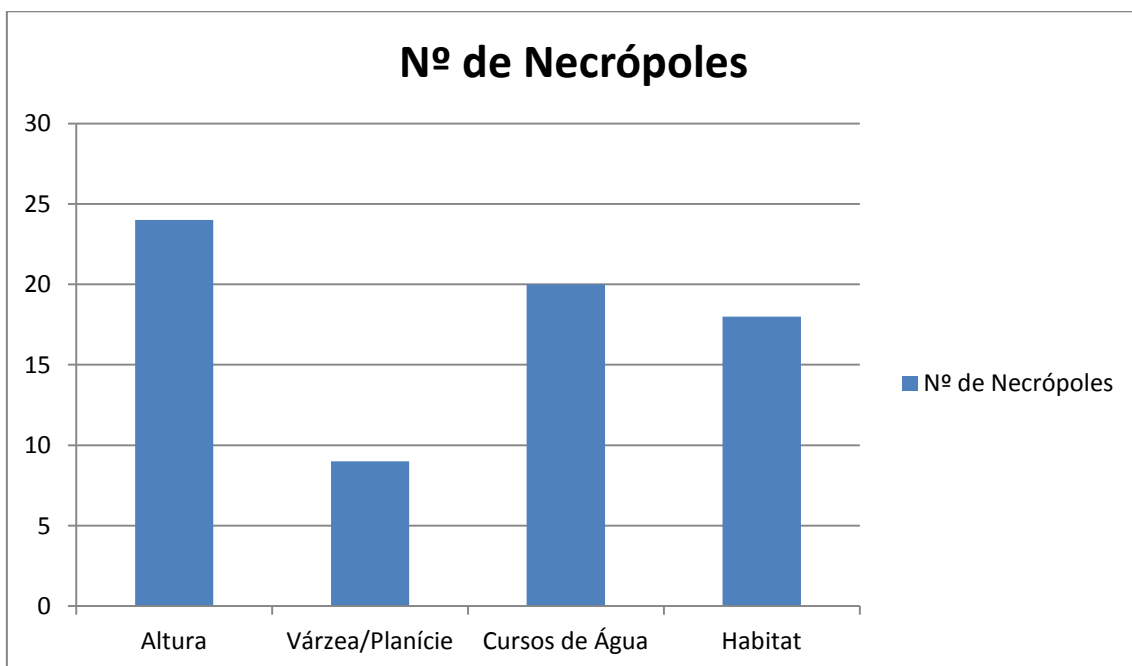


Gráfico II: Relação das necrópoles com as variáveis em estudo

Altura	Várzea	Curso de Água	Habitat
Abóbada	Cinco Reis 8	Abóbada	Biscoitinhos
Carapetal I	Chada	Carlota	Carapetal I
Carlota	Corte Margarida	Cinco Reis 8	Casarão
Cerro do Ouro	Monte Novo da Misericórdia	Chada	Cruzes
Favela Nova	Monte do Arcediogo 1	Corte Margarida	Fernão Vaz
Fernão Vaz	Monte do Bolor 1	Fernão Vaz	Fonte Santa
Fonte Santa	Monte do Marquês 7	Fonte Santa	Guerreiros 1
Guerreiros 1	Palhais	Herdade do Pêgo	Herdade do Pêgo
Herdade do Pêgo	Hortinha	Monte Novo da Misericórdia	Mealha-Nova
Mealha-Nova	-	Monte do Bolor 1	Monte do Coito
Monte do Pombal 1	-	Monte do Pombal 1	Monte do Bolor 1
Monte São Luís	-	Nora Velha 2	Monte do Pombal 1
Mouriços/ Antas de Cima	-	Palhais	Neves IV
Neves IV	-	Pardieiro (F.A.)	Nora Velha 2
Nora Velha 2	-	Pêgo da Sobreira	Pêgo da Sobreira
Pardieiro (Odm)	-	Penedo	Penedo
Pardieiro (F.A)	-	Poço da Gontinha 1	Vaga da Cascalheira
Pêgo da Sobreira	-	Vaga da Cascalheira	-
Poço Novo 1	-	Vinha das Calças 4	-
Poço da Gontinha 1	-	Xancra II	-
Vaga da Cascalheira	-	-	-
Vinha das Calças 4	-	-	-
Xancra II	-	-	-

Tabela I: Conexão entre necrópoles e os dados analisados

Das quarenta e cinco necrópoles analisadas, como é observável no Gráfico II, vinte e quatro delas implantam-se em topografia de altura, enquanto meramente nove se encontram em várzea, vale ou planície. Destas últimas, apenas uma, Chada, se situa na região de Ourique, onde a orografia é mais acidentada; seis na região de Beja (uma pertence ao concelho de Aljustrel), e duas em Almodôvar. Próximas, ou relativamente próximas a cursos de água, sejam rios, ribeiras ou afluentes, encontram-se vinte. Já em relação aos *habitats*, são dezoito as necrópoles que se encontram em relação direta, ou assim parece.

Sobre a relação das necrópoles com o número de sepulcros que encerra, as informações são díspares. Entenda-se neste contexto de análise qualquer elemento sepulcral, seja covacho, fossa, cista, estrutura tumular pétreo, etc. Decidimos elaborar dois gráficos visto que temos dois espaços geograficamente distintos, com certas particularidades cada. Dessa maneira, para a Região de Ourique, temos sete necrópoles sem número de sepulcros definidos - Monte Novo da Misericórdia (Almodôvar), Neves IV (Castro Verde), Biscoitinhos, Carapetal I e II, Cerro do Ouro, Favela Nova (Ourique); oito entre um a três sepulcros - Guerreiros 1, Hortinha, Mouricos/Antas de Cima (Almodôvar), Casarão, Cruzes, Monte do Coito, Monte São Luís e Pêgo da Sobreira (Ourique); quatro entre sete a dez - Abóbada (Almodôvar); Chada, Nora Velha 2 e Vaga da Cascalheira (Ourique); e por fim, cinco com mais de dez - A-do-Mealha-Nova, Fernão Vaz, Fonte Santa e Herdade do Pêgo (Ourique) e Pardieiro (Odemira). Para a região de Beja, possuímos seis entre um e três sepulcros - Corte Margarida (Aljustrel), Monte do Arcediogo 1 (Beja); Xancra II (Cuba), Monte do Pombal 1, Pardieiro (Ferreira do Alentejo), Fareleira 3 (Vidigueira); três entre quatro e seis - Palhais, Carlota (Beja), Poço da Gontinha1 (Ferreira do Alentejo); quatro entre sete e dez - Cinco Reis 8 e Quinta do Estácio 6 (Beja) Fareleira 2 e Poço Novo 1 (Vidigueira); por fim, para as necrópoles que apresentam mais de dez sepulturas, apenas existe uma, Vinha das Calças 4 (Beja). Para as que não possuem número específico são quatro - Monte do Bolor 1, Monte do Marquês 7, Herdade das Carretas e Pisões (Beja).

Acresce-se dizer, em relação ao número preciso dos sepulcros por necrópole, que existe uma variação de erro em algumas. Se é verdade que para algumas necrópoles houve uma intervenção arqueológica integral, outras deixaram ainda espaços físicos por

investigar que provavelmente ofereceriam mais sepulturas. O número a que chegamos nesta análise nunca é definitivo, devido a esta variável que expusemos.

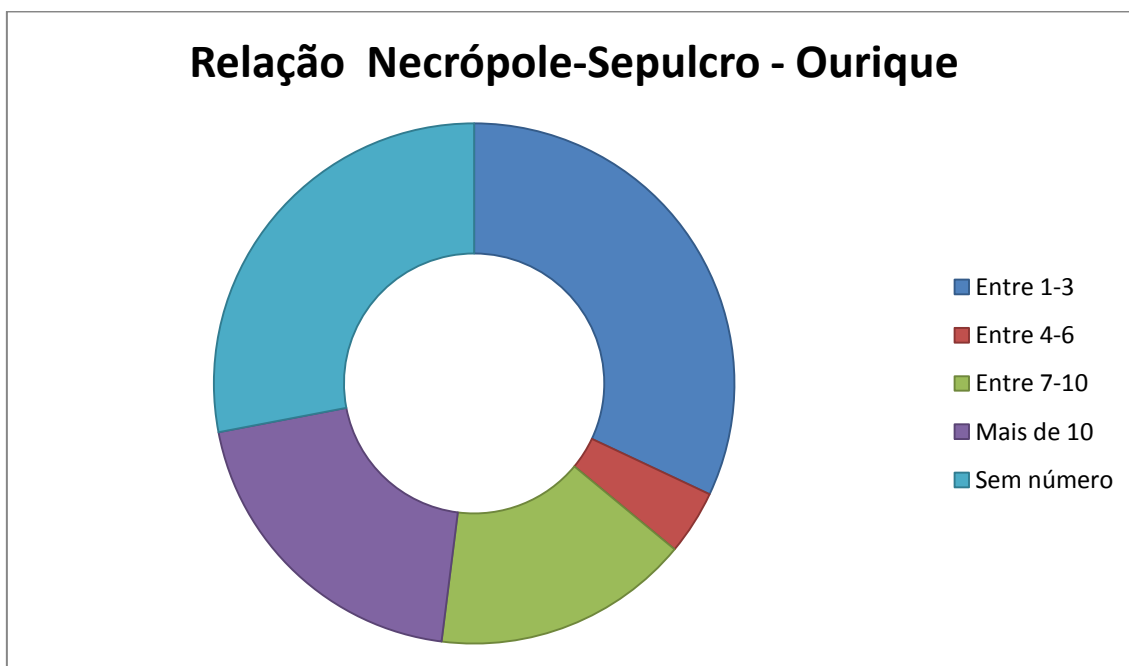


Gráfico III: Conexão entre necrópoles e os seus sepulcros do “Ferro de Ourique”.

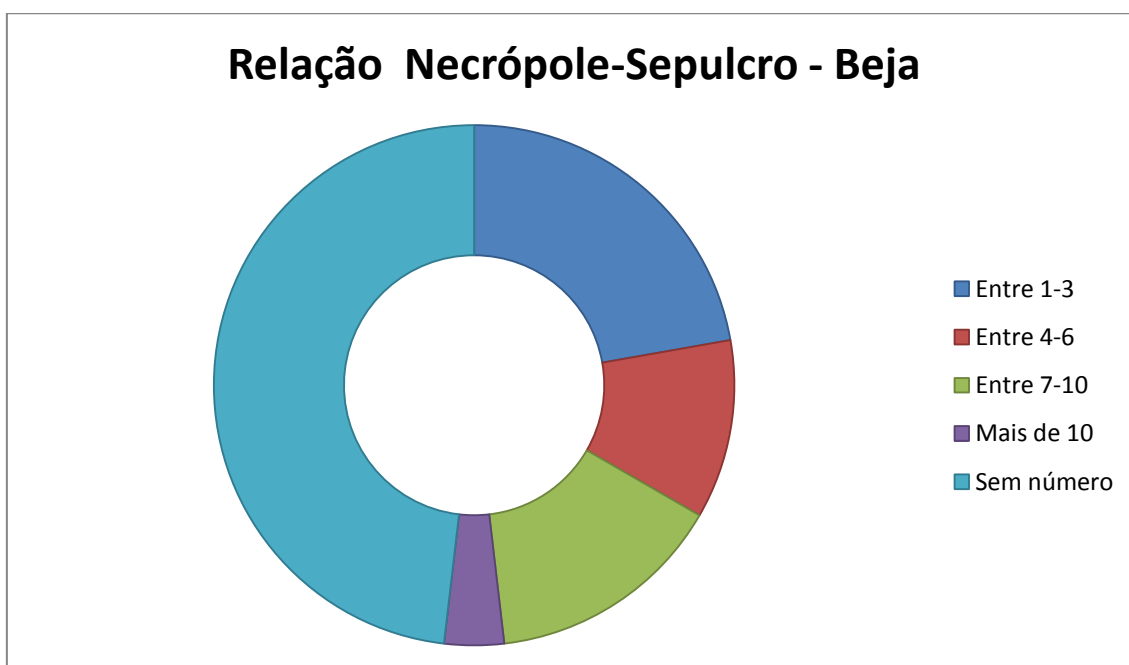
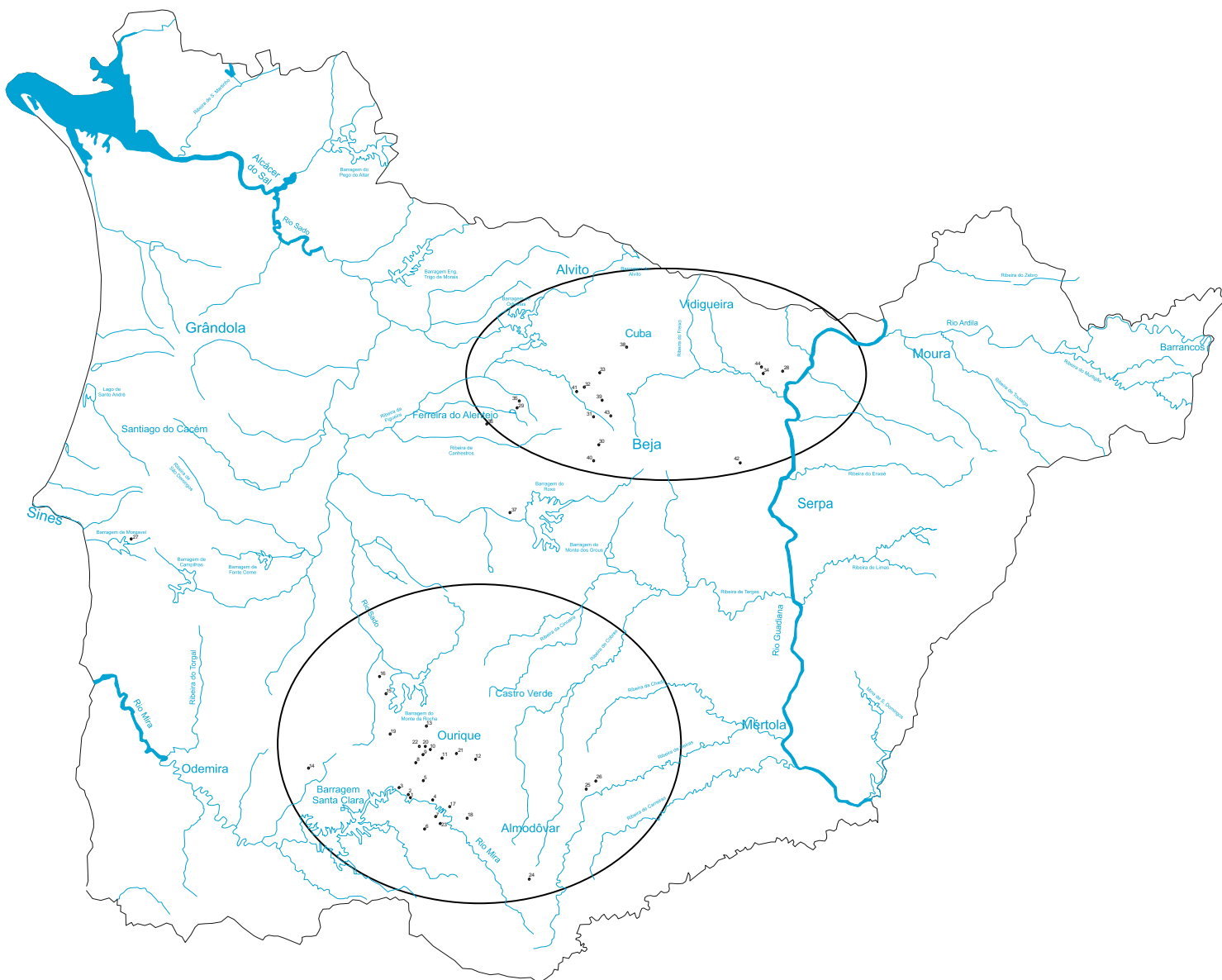


Gráfico IV: Conexão entre necrópoles e os seus sepulcros dos “Barros de Beja”.

A interpretação dos resultados neste capítulo apresentados, serão explanados nos capítulos seguintes, dentro do devido contexto problemático que estes resultados encetam.



Mapa X: Mapa do Baixo Alentejo com as necrópoles do "primeiro grau"²².

Legenda: 1 - Fernão Vaz; 2 - Vaga da Cascalheira; 3 - Nora Velha 2; 4 - Pêgo da Sobreira; 5 - Casarão; 6 - Herdade do Pêgo; 7 - Hortinha; 8 - Biscoitinhos; 9 - Cerro do Ouro; 10 - Carapetal I; 11 - A-do-Mealha Nova; 12 - Favela Nova; 13 - Monte do Coito; 14 - Pardieiro (Odm); 15 - Fonte Santa; 16 - Chada; 17 - Abóbada; 18 - Guerreiros 1; 19 - Penedo; 20 - Carapetal II; 21 - Monte São Luís; 22 - Cruzes; 23 - Antas de Cima/ Mouricos; 24 - Monte Novo da Misericórdia; 25 - Neves IV; 26 - Neves I; 27 - Herdade do Gaio; 28 - Poço Novo 1; 29 - Pardieiro (F. A.); 30 - Cinco Reis 8; 31 - Carlota; 32 - Palhais; 33 - Vinha das Calças 4; 34 - Fareleira 3; 35 - Poço da Gontinha 1; 36 - Monte do Pombal 1; 37 - Corte Margarida; 38 - Xancra II; 39 - Monte do Bolor 1; 40 - Pisões; 41 - Monte do Marquês 7; 42 - Herdade das Carretas; 43 - Monte do Arcediago 1; 44 - Fareleira 2.

²² Apenas a necrópole da Quinta do Estácio 6 não se inclui no mapa por não possuímos as suas coordenadas geográficas.

IX. Manifestação Arquitetónica: Arquiteturas e outras manifestações

IX. 1 - Arquitetura Funerária dos “Barros de Beja”

As necrópoles sidéricas que surgiram mais recentemente no repertório nacional são as da Região de Beja e áreas circundantes²³. Este “surto” de necrópoles sidéricas constitui o núcleo setentrional do Baixo Alentejo e advém dos vários trabalhos arqueológicos efetuados em intervenções de acompanhamento e emergência, conforme oportunamente mencionámos.

São dezoito as necrópoles que integram este núcleo e doravante nomearemos por “Barros de Beja”. No concelho de Beja encontramos as seguintes dez necrópoles: Carlota, Cinco Reis 8, Palhais, Quinta do Estácio 6, Pisões, Monte do Bolor 1, Monte do Marquês 7, Monte do Arcediago 1 e Herdade das Carretas. Nos concelhos de Vidigueira e Ferreira do Alentejo existem três necrópoles em cada um. No primeiro temos as necrópoles de Fareleira 2, Fareleira 3 e Poço Novo 1, enquanto para Ferreira do Alentejo se conhecem as necrópoles de Monte do Pombal 1, Pardieiro e Poço da Gontinha. Para finalizar os Barros de Beja, temos ainda o concelho de Cuba, com a necrópole de Xancra II e o concelho de Aljustrel com Corte Margarida.

Apesar da informação publicada ser muito heterogénea em relação a cada necrópole, pensamos que existe documentação suficiente para se elaborar análise à arquitetura que elas apresentam tal como a outras manifestações funerárias.

Se a arquitetura das necrópoles desta região, tende a ter muitas similaridades, Corte Margarida, datada do século VI a.C., apresenta uma necrópole de cistas e, por isso, diferente. Ela contém duas sepulturas retangulares escavadas na rocha, revestidas lateralmente por lajes de xisto (Deus e Correia, 2005). Existe particularidade numa destas cistas, concretamente na sepultura 1, dado que perto da laje situada a sul se encontrava outra laje criando pequeno compartimento onde se detetou recipiente cerâmico²⁴. É possível que o recipiente corresponda, de facto, a urna, contudo não foram encontrados restos cremados no seu interior, e também não foi achado outro espólio. O espólio exumado nesta necrópole é constituído por contas de colar de pasta

²³ Essencialmente os concelhos de Beja, Ferreira do Alentejo, Cuba, Vidigueira e Aljustrel.

²⁴ Anexo II - Corte Margarida: Imagem 3.

vítrea e também, em alguns casos, âmbar; por escaravelho²⁵ com cartela do faraó Pedubaste; dois ornitomorfos de cerâmica e dente fóssil de tubarão. Importa notar ainda para a inexistência de metais. A necrópole, não se enquadrando na arquitetura funerária negativa dos “Barros de Beja”, também não se enquadra nos faseamentos propostos para a Região de Ourique (Silva e Gomes, 1992; Correia, 1993), apesar das semelhanças no espólio. Todavia, Fonte Velha de Bensafrim era, sobretudo, uma necrópole de cistas (Veiga, 1891, pp. 250-253).

A arquitetura em cistas aproxima, de certa forma, Corte Margarida àquela necrópole algarvia, maioritariamente sem qualquer estrutura tumular envolvente, como acontece em Ourique. Se no passado poderia existir a ideia de que as necrópoles sidéricas de cistas eram exclusivas do Algarve ou Litoral Alentejano (Correia, 1993; Fabião, 1992, p. 136; Arruda, 2000, p. 103), posteriormente reavaliou-se essa posição (Fabião, 1998, p. 394), que por fim foi corroborada pelo surgimento de Corte Margarida no interior do Baixo Alentejo.

Há que relembrar que a suposta necrópole da Herdade do Gaio (Sines), seria arquiteturalmente do tipo cistóide, apesar da informação ser escassa sobre esse aspeto (Costa, 1966 e 1972). Mas se o sítio do Gaio, que está em zona litoral onde certamente ocorreram influxos orientalizantes mais profundos, como atesta o seu rico espólio, em comparação com as necrópoles do interior, Corte Margarida, em Aljustrel, não se encontra nesse âmbito, situando-se na zona limítrofe entre as duas grandes regiões de Beja e Ourique. Destaca-se ainda, devido ao seu espólio, as influências orientalizantes que Corte Margarida recebeu, deixando presumir que necrópoles com arquitetura mais subtil na paisagem também continham importações de artefactos de prestígio (Vilhena, 2008, p. 392).

Seria interessante a descoberta de novas necrópoles com a mesma cronologia numa faixa territorial que incluiria Sines, Santiago do Cacém e Aljustrel, com o objetivo de se conhecer melhor a arquitetura, aferindo-se se as cistas se repetem na região ou se são casos isolados, com toda a cautela que o termo impõe.

Seguindo para norte, encontramos um mundo funerário de arquiteturas substancialmente diferentes em comparação com as de Ourique e, ou, litorais. Antes de iniciarmos a análise da arquitetura destas necrópoles, importa referir certas dificuldades

²⁵ Não tendo sido identificado a matéria-prima, nem posteriormente na síntese de Torres (2009) sobre a presença de escaravelhos fenícios em Portugal.

que se nos apresentaram. Em primeiro lugar, destas dezassete necrópoles (excluindo já Corte Margarida), apenas duas têm um artigo publicado. Como já anteriormente dissemos, a razão para a não publicação destes artigos radica principalmente, não nos próprios autores, mas sim no atraso da publicação das Actas do encontro *Sidereum Ana III*. Poderia, de facto, ser bastante arriscado tentar elaborar tal análise partindo de conjunto tão parco, contudo, para remediar essa falta de informação, consultámos os relatórios elaborados pelas várias equipas que escavaram os locais. Tais documentos sem terem o cariz científico de artigos, também não deixam de contribuir com informações válidas e precisas, diríamos “em bruto”, sobre a evolução das escavações e do que delas se exumou. Portanto, apesar da escassa informação publicada, não estamos completamente às escuras nesta análise. Como a arquitetura é menos opaca no registo arqueológico, a tarefa é nesse sentido mais facilitada.

A primeira necrópole a apresentar as particularidades das recentemente descobertas na Região de Beja, e conhecida anteriormente às primeiras a serem descobertas por Beirão em Ourique, foi a necrópole da Herdade das Carretas. Situada em Quintos (Beja), foi intervencionada por Abel Viana (1945) e publicada pelo mesmo. Trata-se de necrópole atualmente destruída, em fossas escavadas na rocha de formato retangular, não existindo cobertura. O rito era a inumação segundo as suas descrições. O espólio não apresentava quaisquer elementos cerâmicos; possuía antes vários fragmentos de adagas, dardos e pontas de lança; objetos de adorno e uma fíbula de tipo Bencarrón (Santos *et alii*, 2009, p. 778; Ponte, 1986, 2004). Cronologicamente, a necrópole enquadra-se entre os séculos VII e VI a.C., principalmente pela presença da fíbula.

Só meia década depois da descoberta da Herdade das Carretas, é que este mundo funerário da Região de Beja, “*Admirável Mundo Novo*” como alguns o apelidaram (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*), surgiu em força, devido, principalmente, às várias obras empregues nessa zona geográfica, principalmente advinda da construção de adutores, integrados no sistema de rega promovido pela EDIA. Dessa maneira, a primeira necrópole a ser publicada foi a de Palhais, em Beringel. Não é de estranhar que tenha sido a partir deste artigo que se formou a base de análise para as restantes necrópoles da região.

Palhais apresenta conjunto de quatro sepulturas escavadas na rocha (caliço), três de inumação e uma de incineração. Em estudo posterior, os autores (Santos *et alii*, *no*

prelo) reconsideraram a posição deste último sepulcro dentro do rito de incineração. Em primeiro lugar, os indícios de incineração apenas advinham do vaso *a chardon*, que numa primeira fase da sua utilização, serviria como urna cinerária, mas que posteriormente perdeu essa função. Ainda surgiu indício de quinta sepultura que não pôde ser intervencionada devido a restrições referentes à obra. Ofereceu também recinto funerário materializado em fosso, que o configura ortogonalmente²⁶. Contudo, o local não foi por inteiro escavado, não se sabendo se a parte não escavada encerrava de facto o tramo que fechava o recinto. Desse maneira não sabemos a real dimensão desta necrópole, nem onde terminaria o recinto. Surgiu ainda tramo de possível novo recinto (2), que estaria adossado ao primeiro (*Santos et alii, no prelo*). Em necrópoles escavadas posteriores a Palhais, atestou-se uma variabilidade dos recintos funerários: tanto existiram os que perfaziam configuração quadrangular, como os “abertos” apenas com três segmentos. A disposição das sepulturas no recinto é variada. A sepultura 4 encontrava-se no centro, a sepultura 1 no interior do ângulo sudoeste do recinto, e a sepultura 2 no tramo oeste, mas perpendicular a esse segmento do fosso. Por fim, a sepultura 3, de “incineração”, situava-se também no centro, subposta à sepultura 2 e tinha a particularidade de possuir nicho lateral (*Santos et alii, 2009, pp. 770, 771*). Segundo os autores da escavação, o recinto era anterior às inumações, assim como também à sepultura de “incineração” (*Santos et alii, 2009 p. 775*). O que levou os autores a avançarem tais explicações tem como base a estratigrafia do local. De tal análise concluíram que os sepulcros integrados nos tramos do recinto eram posteriores aos centrais. Já em relação à anterioridade da sepultura de “incineração”, a sua antiguidade assenta no facto de parte da sepultura 2 se sobrepor a este sepulcro. Resta pois mencionar o facto negativo de a leitura do local não ser completa, pois a área intervencionada só foi descoberta posteriormente à abertura mecânica da jazida que truncou as diferentes realidades do subsolo.

Em relação aos espólios das sepulturas de inumação, igualmente como registado na necrópole da Herdade das Carretas, Palhais não possuía cerâmica. Assim, o espólio era constituído por vários elementos de adorno, principalmente contas de colar de vidro e destacando-se um escaravelho egípcio. Os elementos metálicos eram compostos por fecho de cinturão e fíbula de bronze, pendente de prata e armas de ferro. Por fim, aparecendo pela primeira vez no relatório nacional sidérico, existem dois conjuntos de

²⁶ Anexo II – Palhais: Imagem 1.

toucador de bronze, de que fazem parte quatro peças unidas por argola, uma espátula, uma possível colher e peça com terminal em ponta dupla, que poderia ser um *scalptorium* (para arranjo das unhas por exemplo) (Santos *et alii*, 2009, p. 762). Da sepultura 3, como mencionado, exumou-se vaso *a chardon* e recipiente coroado no bordo por ornitomorfos. Os autores aproximam esta necrópole com as da região da Baixa Andaluzia e Extremadura, principalmente pelo conjunto artefactual. A cronologia proposta para Palhais numa primeira interpretação situou-se entre os séculos VII e VI a.C. (Santos *et alii*, 2009, p. 782), sendo depois atribuída ao século VI a.C. posteriormente (Santos *et alii*, *no prelo*).

A partir deste momento, inicia-se um crescente volume de informação em relação a novas necrópoles que se vão descobrindo com as mesmas particularidades de Palhais, em conferências/comunicações, e artigos compilatórios dos trabalhos efetuados no âmbito das várias fases dos programas de minimização de impactes, adstritos aos Blocos de Rega de Alqueva (Baptista *et alii*, 2013).

A necrópole que, em seguida, veio contribuir com novos dados, a juntar aos já conhecidos de Palhais, foi a da Carlota, em São Brissos (Beja) (Salvador e Pereira, 2012). Apresentava igualmente quatro sepulcros em que três eram de inumação (sepulturas 2, 3 e 6), e uma outra de cremação (sep. 14). Nesta última sepultura, o elemento que aferiu o rito de cremação foi a exumação de urna cinerária do tipo “Cruz del Negro”, com os restos carbonizados de indivíduo. Também foram exumados recintos nesta necrópole²⁷. A sepultura 2 encontrava-se no centro do recinto 1 e a sepultura 3 no recinto 2, que ainda inclui num dos seus fossos (segmento este), a sepultura 6 (Salvador e Pereira, p. 320). A estes recintos, que se justapõem, os autores nomearam-no “monumento 1” e “2”. O “monumento 2”, que é formado pelos recintos 3 e 4, é similar ao anterior com a diferença de não encerrar no seu centro nenhum sepulcro. Ambos foram escavados nos caliços²⁸, oferecem configuração quadrangular, e no centro dividem-se em dois, pela justaposição supra mencionada. Ainda foi exumado parte de outro recinto, que seria o quinto, mas não foi avançada a sua escavação, deixando a descoberto estrutura negativa de secção em “U”. A sepultura de incineração situava-se fora dos recintos.

²⁷ Anexo II – Carlota: Imagem 1.

²⁸ Rocha diorítica branda de base.

O espólio recolhido difere de Palhais e Carretas por apresentar cerâmicas, nomeadamente, cerâmica fragmentada no enchimento dos fossos. Do conjunto, os autores nomeiam como melhores exemplares, característicos do Ferro Antigo “ (...) *cerâmicas manuais, recipientes de grande dimensão, que apresentam paredes rugosas, e em que se destacam as formas em “S”, com base plana.*” (Salvador e Pereira, p. 321). Exumaram-se também fragmentos de taça com pé alto e aplicação de ornitomorfos no bordo, como também surgiu em Palhais, e que de resto existe já número razoável destas peças em contextos sidéricos funerários, que mais adiante regressaremos. Por fim, surgiu unguentário na sepultura 3. O conjunto material geral oferece datação entre os séculos VII e VI a.C. (Salvador e Pereira, p. 322).

A convergência dos dados, patentes às novas necrópoles, sucedeu-se na reunião científica *Sidereum Ana III*, realizada em Mérida no ano de 2012. Infelizmente as actas ainda não foram publicadas²⁹. Neste encontro foram apresentados novos dados sobre este mundo funerário, materializados nas necrópoles de Vinha das Calijas 4, Fareleira 2 e 3, Poço a Gontinha 1, Pardieiro, Poço Novo 1, Cinco Reis 8 e Pisões. Ainda se publicou nova documentação sobre as já conhecidas necrópoles de Palhais e Carlota.

A maior necrópole dos Barros de Beja é Vinha das Calijas 4, em Beringel (Arruda *et alii*, *no prelo*). Apresentava quase meia centena de sepulturas, 47 para sermos precisos. Estas eram escavadas nos caliços, e apresentavam morfologia geralmente retangular. O ritual era exclusivamente a inumação. Os 4 recintos que surgiram, apresentavam planta retangular ou sub-retangular. Estes recintos agregam-se num espaço específico da necrópole e sugerem partir de um recinto central, o recinto 1, para a ele serem anexados, a norte o recinto 2 e a sul o recinto 3 (Arruda *et alii*, *no prelo*). Contudo, os segmentos que delimitam estes dois recintos “anexos”, não se fecham, deixando abertura. O recinto 4 surge a partir do tramo norte que delimita parcialmente o recinto 3, e que ao prolongar-se para sudoeste configura essa quarta área. Também estes recintos encerravam no seu centro algumas sepulturas: duas (sep. 45 e sep. 46) no recinto 1; uma (sep. 48) no recinto 2 e outra (sep. 38) no recinto 3 (Arruda *et alii*, *no prelo*). Em torno da sepultura 47 parece ter-se desenvolvido o recinto 4. Como já observado para as necrópoles anteriores, também Vinha das Calijas 4 apresenta sepulturas escavadas dentro dos fossos que enformavam os recintos.

²⁹ Agradecemos à Prof. Ana Margarida Arruda, Rui Mataloto e a Filipe Santos, por nos terem disponibilizado os respectivos artigos referentes a esse encontro.

Os espólios exumados em Vinha das Caliças 4 são muito diversificados e abundantes, não fosse esta a maior necrópole. Dentro do conjunto das cerâmicas, que são relativamente reduzidas, parecem surgir com maior frequência nas sepulturas masculinas, não lhes sendo todavia exclusivas. Apareceram então em onze sepulturas na forma de recipientes e o número dos elementos que surgiram como oferendas é de dezasseis, dividindo-se em cerâmica manual, cerâmica a torno oxidante e cerâmica cinzenta (Arruda *et alii*, *no prelo*). Destaca-se o surgimento de duas taças de pé alto, apenas uma dentro de sepulcro, que merecem destaque pelo facto de possuírem no bordo o que parece ser o arranque de decorações coroplásticas. No que respeita a elementos de indumentária, foram exumados oito fechos de cinturão, cinco em bronze e três em ferro. São exemplares que se aproximam dos tipos “*tartéssico*” e “*céltico*” (Arruda *et alii*, *no prelo*). Igualmente exumaram-se fíbulas: sete exemplares em que quatro são do tipo Acebuchal; uma anular hispânica e as duas restantes sem precisão tipológica, mas, segundo os autores das escavações, aproximando-se das de tipo Acebuchal (Arruda *et alii*, *no prelo*). Os elementos artefactuais mais numerosos da necrópole são os de adorno. As matérias-primas são variadas, desde o ouro à prata. Surgiram: anéis, brincos, contas de colar e pulseira, pendentes e amuletos. Exumaram-se ainda duas peças que são exemplares únicos: bracelete do tipo xorca e possível alfinete, ou agulha, de prata. Constituem outros tipos de adornos, conjunto de toucador de bronze, cinco exemplares de braceletes, que comumente se apelidam de “*acorazonadas*”, e alguns elementos em osso trabalhados. As armas são outra categoria artefactual igualmente muito representada, aliás, a não contarmos com as diversas contas de colar, seria este o conjunto mais expressivo. Assim, os elementos existentes são as folhas de lança (13), os contos respetivos (22) e as facas afalcatadas (13), tudo de ferro (Arruda *et alii*, *no prelo*).

A cronologia proposta para Vinha das Caliças 4, segundo o estudo dos seus espólios, cifra-se entre meados e a segunda metade do século VI a.C.

Apresentadas três necrópoles um pouco mais extensivas (Palhais, Carlota e Vinha das Caliças 4, excluindo Corte Margarida), que pensamos ser uma amostragem, demonstrativa das particularidades das necrópoles sidéricas do conjunto global dos Barros de Beja, além da Herdade das Carretas, apresentada de forma mais breve, devido à natureza da sua documentação disponível que constitui a génese do conhecimento destes cemitérios, podemos avançar para análise geral das suas arquiteturas e elementos

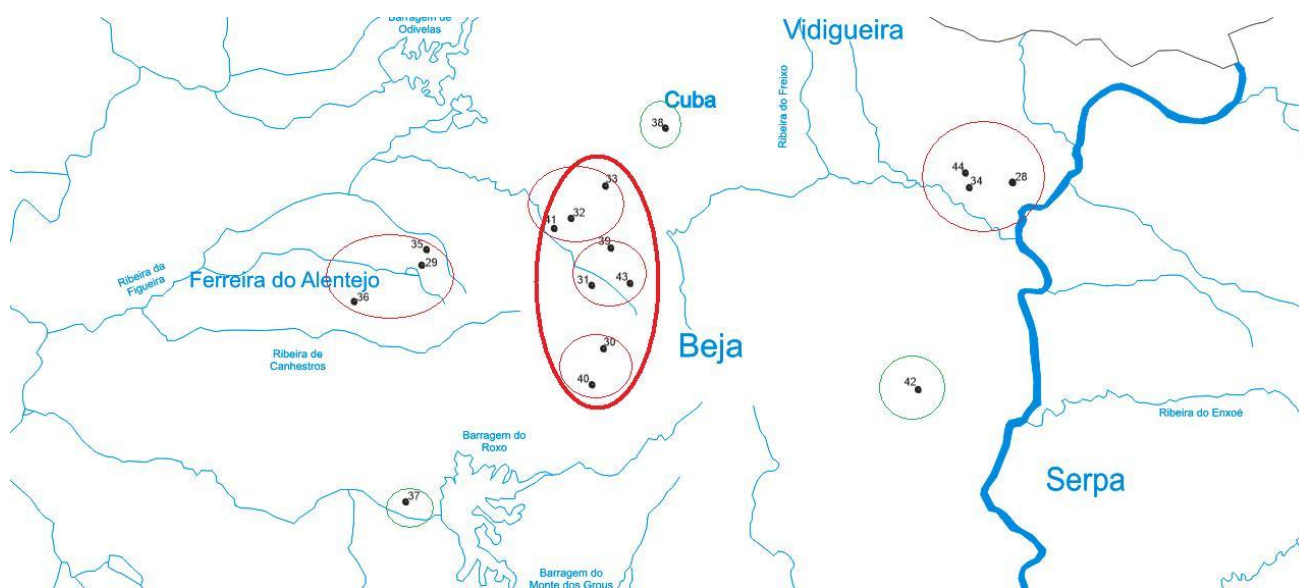
distintivos. Tentaremos não entrar em comparações com as necrópoles sidéricas da Região de Ourique, pois guardamos subcapítulo dedicado a essa mesma questão (cf. Cap. IX.3).

Existem três núcleos de necrópoles, bem delimitados, na Região de Beja. O critério adotado na criação desses núcleos seguiu a proximidade espacial. O “Núcleo de Ferreira” que comporta as necrópoles de Poço da Gontinha 1 e Pardieiro, o “Núcleo de Pedrogão”, com as necrópoles de Poço Novo 1, Fareleira 2 e Fareleira 3; e, por fim, o “Núcleo de Beringel” com Palhais, Vinha das Caliças 4 e Monte do Marquês 7. Como a totalidade das necrópoles não está inserida nestes núcleos, tomamos a liberdade de nele incluir as restantes ou, em novos grupos, seguindo o mesmo critério da proximidade espacial.

Núcleo de Ferreira		Poço da Gontinha 1
		Pardieiro
		Monte do Pombal 1
Núcleo de Pedrogão		Poço Novo 1
		Fareleira 2
		Fareleira 3
Núcleo de Beja	1º Núcleo de Beringel	Palhais
		Vinha das Caliças 4
		Monte do Marquês 7
	2º Núcleo de Beringel	Carlota
		Monte do Bolor 1
		Monte do Arcediago 1
	3º Núcleo de Beringel	Cinco Reis 8
		Pisões

Tabela II: Núcleos e necrópoles respetivas, com as novas adições.

Existem algumas necrópoles que não se inserem nestes núcleos devido à sua distância. São os casos de Herdade das Carretas, Xancra II e Corte Margarida. O “Núcleo de Ferreira” (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*), inicialmente não apresentava Monte do Pombal 1, mas é facto que esta necrópole nele se insere espacialmente. Ao “Núcleo de Beringel”, acrescentámos segundo e terceiro núcleos, embora achemos que todas as necrópoles aí inseridas poderiam ser incluídas num *super* núcleo a que apelidamos de “Núcleo de Beja” devido à proximidade da cidade.



Mapa XI: Pormenor do **Mapa X**. Com os círculos de cor azul assinalam-se as três necrópoles fora dos Núcleos. Os círculos ovais de cor vermelha assinalam os núcleos atrás descritos, com o Núcleo de Beja a receber um limite vermelho mais forte.

Sumariamente, as necrópoles dos Barros de Beja apresentam sepulturas escavadas na rocha base, caliços, que por sua vez podem, ou não, estar inseridas em recintos ortogonais fechados ou abertos, construídos recorrendo ao método de arquitetura negativa. As sepulturas apresentam planta variada, podendo ser retangulares, sub-retangulares, trapezoidais ou ovaladas. Regra geral, as dimensões dos sepulcros estão de acordo com as dimensões dos defuntos (Santos *et alii*, 2009, p. 777). Existe tipologia afim criada por Tejera Gaspar para este tipo de sepulturas, para sepulcros fenício-púnicos (Tejera, 1979, p.58-61). Este tipo de inumações está atestado para a Península Ibérica deste o século X a.C., em momentos claramente pré-coloniais, que

podem ser interpretados como pertencentes a tradições de cariz local e regional (Torres, 1999, p. 137). Paralelamente, encontramos estruturas de planta similar na vizinha Espanha, na Andaluzia, nomeadamente nas necrópoles orientalizantes de La Cruz del Negro, El Acebuchal, Villaricos, Cerro del Mar, El Jardín e Ibiza (Puig des Molins) (Santos *et alii*, 2009, p. 778).

A função dos recintos, criados através das fossas em segmentos, ainda não é claramente compreendida, mas pensa-se que deveriam oferecer proteção, destacando sepulturas específicas de elementos da sociedade com nível elevado de *status* ou outro distintivo. Também tiveram outra função, o de sepultamento, com vários exemplos de sepulcros ali escavados. A questão da razão de se sepultar dentro dos segmentos que delimitam o recinto ainda não está respondida, e parece ser contra *natura*, visto retirar a harmonia que teria o recinto e a sua respetiva sepultura central. O preenchimento rápido de muitas fossas dos recintos, associados às violações, levou alguns investigadores a pensarem na hipótese de existirem estruturas positivas sobre as mesmas, em taipa (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*).

A homogeneidade em termos de arquitetura é um facto, embora com certas assimetrias. Igual comentário poderá, eventualmente, ser tecido ao espólio deste vasto conjunto funerário.

Dos espólios interessa-nos não tanto o seu contributo económico/funcional ou tipológico, mas mais o que nos pode transmitir acerca da sua integração neste mundo funerário como um todo. O espólio no mundo funerário oferece contributo na diferenciação do indivíduo dentro do seu microcosmos social, e temos vários exemplos nos Barros de Beja. Embora tenham existido violações, é muito perceptível a existências de sepulturas com materiais mais ricos e diversificados, assim como valiosos que outras. São estes os sepulcros que se inserem numa posição privilegiada dentro da necrópole, ou seja, incluídos nos tramos dos recintos, ou parcialmente rodeados por estes. Dessas sepulturas podemos encontrar diversos objetos de matérias-primas preciosas, como o ouro, que foram o alvo principal das espoliações. Já em sepulturas mais afastadas dos recintos, mesmo as invioladas, não são perceptíveis espólios de grande riqueza, abundando antes os metais, como o ferro e o bronze, ou contas de colar de vidro, que constituem o núcleo duro do espólio, transversal a todas as necrópoles, quer sejam sepulcros mais destacados, ou não.

A orientação observada nas necrópoles é diversificada, com o padrão O-E e SO-NE o mais assinalado. A maioria O-E surge em Carlota, Fareleira 2 e 3, Poço Novo 1, Poço da Gontinha 1 e Pardieiro. Já em Vinha das Calças 4 o predomínio é de NO-SE (Arruda *et alii*, *no prelo*). É tentador uma ligação com o nascer e pôr-do-sol, mas não podemos desvalorizar as orientações diferenciadas dos outros sepulcros, que, por exemplo, tendo uma orientação N-S dificulta leituras solares como interpretação (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*). Note-se que alguns recintos têm a mesma orientação que as sepulturas no seu interior, como é exemplo Palhais. Em Espanha observa-se o domínio da orientação N-S na região de Huelva, La Joya, ou NE-SO. A orientação E-O domina no Baixo Guadalquivir e na Extremadura Castelhana (Torres, 1999, p. 136).

Parece que o ritual dominante nos Barros de Beja é a inumação. A única incineração que não permite dúvidas é a sepultura 14 da Carlota, que ofereceu vaso cerâmico do tipo “Cruz del Negro”, contendo ainda no seu interior os restos carbonizados de indivíduo (Salvador e Pereira, 2012, p. 321). Também em Palhais se acreditou existir sepulcro de incineração, mas análise posterior mostrou que certamente não seria esse o caso. Referimo-nos à sepultura 3 dessa necrópole, em que se exumou vaso *a chardon* num nicho lateral. A hipótese de incineração surgiu a partir do facto de tal vaso ser utilizado como urna cinerária em contextos sidéricos com cronologia dos séculos VIII e VII a.C., e da existência vestígios de carvões no estrato que o incluía (Santos *et alii*, 2009, p. 770). Todavia, quando em laboratório se procedeu a análise do vaso, não foram encontrados quaisquer restos osteológicos ou de cinzas, não obstante, não se excluiu totalmente a hipótese de não ser realmente sepulcro de incineração, só não existem provas irrefutáveis nesse sentido (Santos *et alii*, *no prelo*). Neste sentido vários investigadores não excluem liminarmente o ritual de incineração nestas necrópoles. As comunidades dos Barros de Beja não parecem ter seguido o ritual de cremação, preferindo a inumação, talvez como resistência a costumes forâneos, ou, meramente de cariz simbólico-religioso. Julgamos, até prova contrária, que esta peculiar preferência é algo exclusiva e circunscrita a esta região. No sentido inverso parece ser a cremação o ritual preferencial, quer no Alentejo Litoral, (Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal), quer no Alentejo Central (Torre de Palma, Monforte e Tera, Mora) (Mataloto, 2012, p. 85-86). Não obstante, também parece ter existido convivência dos dois ritos, mas para melhor compreensão deste fenómeno é imperativo conhecer, na íntegra, as

realidades das diferentes necrópoles que correspondem ao este mundo funerário sidérico do Baixo Alentejo setentrional.

Necrópole	Ritual
Carlota	1 – Incineração 3 – Inumação
Cinco Reis 8	Sem Informação Precisa
Fareleira 2	Inumação
Fareleira 3	Inumação
Herdade das Carretas	Inumação
Monte do Arcediogo 1	Sem Informação Precisa
Monte do Bolor 1	Sem Informação Precisa
Monte do Pombal 1	Inumação
Monte do Marquês 7	Sem Informação Precisa
Palhais	Inumação
Pardieiro	Inumação
Pisões	Sem Informação Precisa
Poço Novo 1	Inumação
Poço da Gontinha	Inumação
Quinta do Estácio 6	Sem Informação Precisa
Vinha das Calças 4	Inumação
Xancra II	Inumação

Tabela III: Inumação e incineração. Total: dez de inumação; seis sem informação e uma com predomínio da inumação.

Facto interessante nas necrópoles de Beja, quando a comparação é Ourique, assenta na abundante existência de restos osteológicos dos defuntos. Das necrópoles melhor documentadas e publicadas, temos um total vinte e sete indivíduos do sexo feminino, dezanove masculinos e vinte e quatro indeterminados. Apenas se contabilizou os indivíduos adultos, excluindo os sub-adultos e crianças que surgiram em Vinha das Calijas 4, mas que também não se diagnosticou o sexo.

	Poço da Gontinha 1	Pardieiro	Fareleira 2	Fareleira 3	Poço Novo 1	Vinha das Calijas 4	Palhais	Carlota
F	3	0	3	0	5	12	3	1
M	1	1	2	1	1	12	0	1
I	2	1	2	0	2	15	0	2

Tabela IV: Lista por sexo, dos indivíduos exumados por necrópole. F = Feminino. M = Masculino. I = Indeterminado.

Até agora, em nenhuma das necrópoles intervencionadas ficou demonstrado algum tipo de super-estrutura tumular pétreo. Em termos de lógica, podemos seguir a linha de quase todos os autores quando referem que na região os condicionalismos geológicos não permitiam aos seus habitantes possuírem pedras em abundância como, por exemplo, no caso da Região de Ourique. Contudo, como alguns indícios, e mesmo provas, indicam, o mesmo não se pode dizer da cobertura das sepulturas. Também surgiram, embora parcamente, alguns elementos pétreos que delimitavam estruturas, como disso é exemplo a urna “Cruz del Negro” da sepultura 14 da Carlota, que estava envolvida por imbricado de pedras (Salvador e Pereira, 2012, p. 321) ou a sepultura 6 da mesma necrópole, que estava parcialmente delimitada a norte por pedras, mas sem existir uma relação clara (Salvador e Pereira, 2012, p. 320). Abel Viana, na necrópole da Herdade das Carretas, não encontrou qualquer evidência de cobertura (1945, p. 311), e em Palhais não se registou também cobertura dos sepulcros, mas para este facto avançou-se que a inexistência se deveria ao seu desaparecimento devido à intensa atividade agrícola ali ocorrida ao longo dos séculos (Santos *et alii*, 2009, p. 760).

Em Vinha das Calijas 4 surgiram restos da cobertura formada por lajes de xisto, como para os casos das sepulturas 12 e 27. Esta última sepultura tem carácter especial, pois nas suas lajes encontravam-se figuras incisas de cavalos (Arruda *et alii*, *no prelo*),

além das lajes estarem sobre as bancadas interiores. Infelizmente, estas estruturas estavam quase todas espoliadas, não sendo dessa maneira possível a relação destes elementos de cobertura com qualquer outro artefacto de exceção dentro das mesmas (Arruda, *et alii*, *no prelo*). Representaria especial interesse a sepultura 27 ter entregue o seu espólio completo e conservado, visto que uma das estruturas negativas que delimitam os recintos, a circundava parcialmente na vertente sul desta, atribuindo-lhe algum destaque. Também em outras necrópoles se exumaram restos pétreos, principalmente nos sedimentos que colmatavam os sepulcros. É o caso das sepulturas 2, 4 e 7 da necrópole de Poço Novo 1 e das sepulturas 1 e 5 de Fareleira 2 (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*).

Existe outro indício das coberturas, as secções escalonadas que algumas sepulturas apresentam. Em Poço da Gontinha 1, a sepultura 4 apresentava estrutura retangular com duas bancadas interiores laterais e na zona da cabeceira, criando assim um perfil em “T” (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*). Em Vinha das Caliças 4 também se atestam estas secções escalonadas nas sepulturas 7, 16, 18, 20, entre outras. Contudo, nestas sepulturas existe um fator muito interessante que reside em o escalonamento não ser simétrico, existindo esta bancada apenas em um dos lados (Arruda *et alii*, *no prelo*). Alguns arqueólogos propõem que as sepulturas que apresentam “escalonamento” sejam de cremação *in situ*, como por exemplo em Alcácer do Sal, ou como vimos, para suporte das tampas pétreas. Contudo, parece-nos que em relação aos sepulcros que apresentam apenas de um só lado esse degrau, a gravidade não permitiria a essa laje permanecer nivelada. Teria de haver um escalonamento à mesma altura do outro lado³⁰.

Também não podemos esquecer os elementos perecíveis, pois não é de todo impossível que tenham sido materiais desse tipo utilizados como cobertura, como aconteceria, inclusive, em algumas necrópoles espanholas (Tejero Gaspar, 1979).

Surge então a questão relacionada com as coberturas, se em algumas necrópoles as sepulturas apresentam indícios pétreos porque não surgem igualmente noutras? Neste ponto chegamos às violações. Alguns autores defendem que os elementos pétreos foram, total ou parcialmente, levantados no momento da espoliação (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*), mas dessa afirmação surge uma nova dúvida: se as pedras que serviriam de tampas foram retiradas devido às violações, qual seria então o motivo para isso? Certamente que elementos em ouro, ou outro material mais exótico teria um valor

³⁰ Como vimos, existe em alguns sepulcros esse degrau nos dois lados.

superior aos elementos pétreos que os guardavam. Eventualmente como os elementos pétreos escasseavam, estes poderiam ser reutilizados noutras estruturas.

A questão das violações, flagelo do arqueólogo ao escamotear a integridade dos espólios, está atestada de maneira bastante vincada nestas necrópoles. Das que estão melhor documentadas, em Palhais a sepultura 4 foi alvo de violação, e os níveis de enchimento apresentavam ossos misturados (Santos *et alii*, 2009, p. 769). Em Poço da Gontinha 1, somente o sepulcro 5 não sofreu saque. Nas necrópoles do Pardieiro e Fareleira 3 as violações foram totais. Já em Poço Novo 1 e Fareleira 2 foram violados cinco sepulcros em cada (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*). Em Vinha das Calças 4 o cenário de espoliação parece manter-se, num número ainda substancial (Arruda *et alii*, *no prelo*). Em sentido contrário, parece estar a necrópole da Carlota. Os seus escavadores não parecem ter encontrado violações, contudo referiram que na sepultura 6 se detectou material osteológico, sobre o qual teceram o seguinte comentário: “ (...) apresentava-se em mau estado de conservação, e muito embora pertencente a um único indivíduo, os ossos encontravam-se desconexos e remexidos” (Salvador e Pereira, 2012, p. 320), o que pode indiciar violação. Em muitas sepulturas, é nas estratigrafias que se encontram as marcas das violações, onde se atestam amiúde níveis de revolvimento.

As violações parecem ter ocorrido na Antiguidade, segundo julgam vários investigadores. Para isso, suportam-se em vários indícios, como, aliás, parece ser também o caso das necrópoles da Região de Ourique, conforme bem referiu Caetano Beirão (1986, p. 50). Ainda assim, os sinais desses saques são ténues, correspondendo à abertura parcial dos sepulcros nos limites das cabeceiras, deixando de seguida rasto de destruição, em que os ossos do tronco e do crânio são remexidos e fraturados. Trata-se de espoliações seletivas (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*). É justamente no ponto de ser seletiva que se crê no conhecimento prévio dos saqueadores, e de um tempo curto. Quanto a nós, surge-nos algumas questões sobre este ponto. Os indícios apontam, de facto, para uma antiguidade nas violações, isso parece indiscutível. A questão que se alinhava é: quanto tempo decorreu entre o sepultamento e a espoliação? Os dados concretos não elucidam com clareza sobre este problema mas, em termos lógicos, pensamos que decorreu algum tempo, até à chegada dos Romanos. Ousamos pensar desta forma pelo facto de, a serem de facto elites ou indivíduos com grande destaque nas suas sociedades, não seria aconselhável nem prudente a ousadia de invadir o seu último lugar de repouso numa sociedade que em princípio teria conhecimento do

espólio enterrado. Pensamos que neste sentido, os dados obtidos em Vinha das Calças 4 poderão de certa forma corroborar esta ideia de violação na Antiguidade, mas de forma mais tardia, pois aí exumaram-se contextos romanos sobre a área (Arruda *et alii*, *no prelo*). Também os autores do estudo desta necrópole pensaram da mesma forma. Um último comentário a este tema para mencionarmos que os membros inferiores parecem estar sempre na posição original, sendo os restantes remexidos como anteriormente referido. Isto para dizer que o objetivo principal dos violadores era, de facto, a recolha de adornos de metais preciosos, que seriam nessa área da sepultura depositados, deixando para trás os artefactos de outros materiais, como, por exemplo, o bronze. Caetano Beirão (1986, p. 50) atribuiu as violações das necrópoles da I Idade do Ferro, da Região de Ourique, às populações da II Idade do Ferro.

O apuramento da cronologia destas necrópoles apoiou-se nos materiais arqueológicos exumados. De forma geral, é um período compreendido entre os finais do século VII e século V a.C., que se inscrevem estas necrópoles, sendo o século VI a.C., o século onde se operou uma maior dinâmica fúnebre. Os diferentes investigadores que se debruçaram sobre estes contextos parecem todos concordar com a linha cronológica *supra* mencionada.

IX. 2 - Arquitetura Funerária do “Ferro de Ourique”

Depois das necrópoles dos Barros de Beja, olhemos então para o grande pólo de necrópoles da Região de Ourique e zonas circundantes. Em sentido contrário aos Barros de Beja, as necrópoles de Ourique foram escavadas espaçadamente em termos temporais e a esmagadora maioria das vezes sem intervenções de emergência. Constituem exceção as necrópoles de Fonte Santa e Chada, pois iriam ficar submersas pelas águas da barragem do Monte da Rocha.

Dado interessante que salta à vista quando nos debruçamos sobre as necrópoles de Ourique é a extensiva produção bibliográfica, paradoxalmente menos rica que a existente sobre as necrópoles de Beja. O volume de documentação fíável e precisa para as necrópoles dos Barros de Beja em seis ou sete anos, é absurdamente superior à produzida para o Baixo Alentejo meridional no espaço de 40 anos. Obviamente que não podemos tecer estes comentários sem ter no espírito os diferentes contextos em que se inseriam as escavações. Todavia, não deixa de ser surpreendente o volume de necrópoles que esta última região apresenta.

Do conjunto da Região de Ourique, que doravante passamos a denominar “Ferro de Ourique”, como já anteriormente vários investigadores o fizeram, existem vinte e cinco necrópoles no total. Os limites criados para diferenciar as Regiões de Beja e Ourique, são apenas virtuais e de escolha metodológica no sentido de criarmos discurso de maior legibilidade e não iniciar divisões excessivas que possam confundir. São então estas as necrópoles por concelho: Odemira – Pardieiro; Castro Verde – Neves IV; Almodôvar – Abóbada, Guerreiros 1, Hortinha, Monte Novo da Misericórdia e Mourigos; Ourique – A-do-Mealha-Nova, Biscoitinhos, Carapetal I, Carapetal II, Casarão, Cerro do Ouro, Chada, Cruzes, Favela Nova, Fernão Vaz, Fonte Santa, Herdade do Pêgo, Monte do Coito, Monte São Luís, Nora Velha 2, Pêgo da Sobreira, Penedo e Vaga da Cascalheira.

Começemos então a análise pelo lado mais setentrional, as duas “necrópoles” de Castro Verde. Desde a sua descoberta, inseridas num projeto de prospeção arqueológica intensiva numa área afeta ao Couto Mineiro de Neves-Corvo, que os sítios de Neves I e IV têm conhecido algum debate. Os seus escavadores, Manuel e Maria Maia, publicaram vária documentação sobre aquelas, contudo, apenas sobre Neves I, Neves II e Corvo I possuímos documentação mais ou menos precisa. Todos os outros lugares têm

sido publicados intermitentemente (Maia, 1987, 1988 e 2008; Maia e Maia, 1986 e 1996; Maia e Correa, 1985). Sobre Neves IV pouco sabemos – foi escavada parcialmente e apresentou núcleo central composto por sepulturas de planta circular e adossadas e estas, sepulturas ortogonais. Numa destas últimas, que foi intervencionada, ofereceu duas pontas de lança e conta de colar esférica, de ouro, com perfurações decoradas que não seria anterior ao século VII a.C. (Maia, 2008, p. 354). Nesta necrópole, os seus escavadores notaram similitudes com a planta de Neves I (Maia e Maia, 1996, p. 84). A verdade é que não parece existir estruturas de planta circular em Neves I. Se não nos parece podermos aproximar Neves I do modelo arquitetural fúnebre da Região de Ourique, o mesmo não se pode dizer de Neves IV. A partir das informações publicadas – o sistema de sepulcros circulares, com posteriores sepulcros ortogonais, segue a linha de evolução reconhecida para as necrópoles documentadas no Alto e Médio Vale do Mira.

O sítio de Neves I apresenta uma espécie de palimpsesto de estruturas sobrepostas umas às outras³¹. Ao nível da arquitetura não a podemos comparar com as necrópoles de Ourique, pois não existem sepulturas delimitadas ou estruturas pétreas tumulares, nem qualquer outro atributo funerário existente dessas necrópoles ali. Neves I parece ter-se desenvolvido em torno de apenas um único edifício, de planta retangular, a que posteriormente se adicionou pequeno compartimento interpretado como funções de átrio ou vestíbulo (Gomes, 2011, p. 69). O local foi identificado como necrópole devido a várias razões, que são enumeradas por Maria Maia, mas que destacamos; 1 - O surgimento no compartimento (A) de duas *larnakes* (peças “A” e “B”), em que dentro de uma delas (peça A), se encontravam carvões, cinzas e esquirolas ósseas, jazendo sob a outra (peça “B”); 2 – Estrutura envolvente da peça “A”; 3 – O espólio, que era constituído por fragmento de parede lateral de *kylix* ático de verniz negro, anforisco ou *alabastrom*, e ânfora de origem, ou tradição, púnica (Maia, 1987, p. 240). Também é mencionada a exumação de rico espólio, além de algum que não é publicado. Para Francisco Gomes(2011, p. 69), na sua dissertação de mestrado que orbita as temáticas dos santuários e outros contextos de culto de cariz mediterrâneo no Sul do território atualmente português, os compartimentos (A) e (B) são muito similares das fases III e IV de Castro Marim, assim como de estruturas do Castro dos Ratinhos. Já vários foram os investigadores que teceram comentários a favor de outra interpretação, no sentido de

³¹ Anexo II – Neves II: Imagem 1.

um carácter cultural ou religioso. Ana M. Arruda aproxima-o ao santuário de Cancho Roano (Arruda, 2001, p. 281). Aponta o facto de ambos os edifícios estarem construídos em áreas de planura que não se destacavam na paisagem envolvente, nem apropriam controlo visual da mesma, além de certas similitudes entre a cultura material de ambos locais; por exemplo, a forma de “*lingote chipriota*” ou como se costuma referir, pele de boi estendida, da tampa do larnax “peça (A)”, é igual à observada no altar do Edifício B de Cancho Roano (Arruda, 2001, p. 282).

A evidência de combustão não é antagónica de contextos culturais, estando o rito do fogo muito atestado em todo o Sudoeste Peninsular, por exemplo Coria del Rio, EL Carambolo, Cancho Roano em território espanhol, e Abul A e Castro Marim em território português (Gomes, 2011, p. 71). O próprio espólio exumado no compartimento (A) não parece possuir peças que excluam a existência de santuário. O grande argumento que F. Gomes esgrime contra o carácter de necrópole para o sítio prende-se, quanto a nós de leitura muito correta, ao ineditismo que Neves I apresenta no conjunto mais vasto do mundo funerário do Baixo Alentejo (Gomes, 2011, p. 72), que relembramos, até Neves IV possui, e dista a pequena distância de Neves I. Maria Maia em 2008 ainda reiterou a sua convicção no cariz sepulcral de Neves I, utilizando e reforçando os argumentos anteriormente defendidos, “ (...) *as minhas dúvidas subsistem, quanto à sua verdadeira função, devendo ser referido que enterramentos no interior de santuários não são casos inédito e que as duas funções não são mutuamente exclusivas*” (Maia, 2008, p. 362).

A datação para estes dois sítios cifra-se em redor do século V a.C., podendo recuar a inícios do século VI a.C., devido ao aparecimento de taças áticas e de ânfora do tipo Mañá Pascual A4 (Arruda, 2001, p. 273).

Descendo no mapa, entramos no “coração” do Ferro de Ourique – termo anteriormente utilizado e que teve cunho no início dos anos 70 quando se iniciou a investigação nas zonas entre Aldeia dos Palheiros e Gomes de Aires. Não querendo regressar ao ponto da história da investigação de Ourique, que já abordamos no capítulo referente ao Estado da Arte, temos pois, a bem de discurso perceptível, de tocar em alguns pontos em jeito de recapitulação.

Quando Caetano Beirão chega à região, não eram conhecidas necrópoles do período sidérico, e o seu objetivo de estudo eram as estelas epigrafadas. Os primeiros trabalhos de investigação dão-se nas necrópoles de A-do-Mealha-Nova e Herdade do

Pêgo, com a colaboração de Maria Manuela Dias e Luís Coelho, que chegaram a ser descritos de “*absoluto amadorismo*” (Vilhena, 2006, p. 40), juízo com o qual não podemos concordar, pois à época os trabalhos foram ótimos. Há sempre que se contextualizar no tempo os trabalhos arqueológicos realizados preteritamente. Não esqueçamos que foram aqueles os primeiros a mostrarem a configuração arquitetónica, espólios e rituais utilizados na primeira metade do I milénio a.C. Passados três anos sobre a saída do artigo sobre aquelas duas necrópoles, Beirão (1972c) apresenta em “*Cinco aspectos da Idade do Bronze e da sua transição à do Ferro*” novos sítios da Idade do Ferro, e as primeiras necrópoles a apresentarem túmulos circulares dessa cronologia, intuindo uma ancestralidade com origens na Idade do Bronze. Continuou o seu trabalho na região consistindo na identificação, decapagem, registo planimétrico e sondagem de necrópoles selecionadas, principalmente pela presença de lápides epigrafadas (Vilhena, 2006, p. 42). Com o acumular do saber sobre a “civilização” que vivera nesse território durante a Idade do Ferro, doutorou-se em 1980 publicando a tese em 1986, incidindo precisamente sobre todo o trabalho por si elaborado na região. Com Mário Varela Gomes e J. Pinho Monteiro (1979) e de novo com o primeiro (1980), publica pequenos catálogos que constituem referência sobre essa “civilização” em todos os aspetos. A última necrópole em que esteve envolvido antes de falecer foi a do Pardieiro, Odemira (1990).

Assim, passados praticamente 25 anos desde o seu desaparecimento, que temos nós de novo? Se excluirmos a recém escavada necrópole da Abóbada (Barros, Melro e Gonçalves, 2013), apenas nos sobra artigos de propostas, ou revisões, teóricas (Gomes, 1992; Correia, 1993, 1997; Fabião, 1998, p. 392-402; Arruda, 2001; Jiménez Ávila, 2002-2003). Sem novos dados arriscamo-nos, como já se disse, a “*chover no molhado*”³² ou “*mastigar dados conhecidos*”³³. Mas pensamos que se deve visitar velhos sítios com perspectivas novas, pois só assim avança o conhecimento geral.

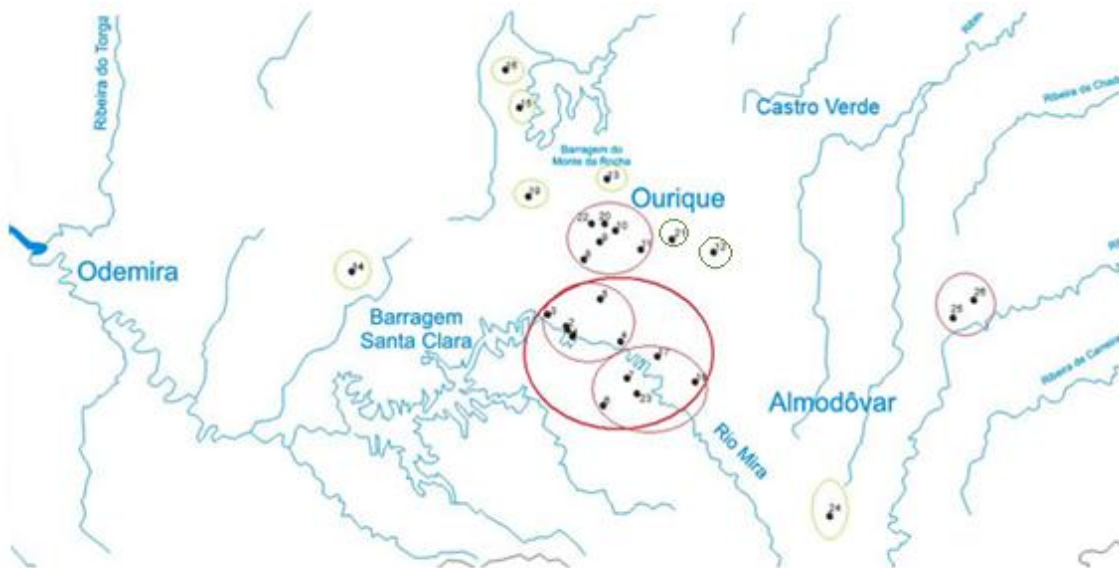
À semelhança do que elaborámos para os Barros de Beja, tentámos partir de núcleos já pré-estabelecidos e tentar adaptá-los, neste caso, aos critérios por nós criados na escolha das necrópoles. Os núcleos já existentes estabeleciam-se pelo modelo de *site clusters*, que tem como objetivo o estudo do povoamento e que teoriza sobre a tendência de *habitats* se agruparem em núcleos específicos e, assim, virtualmente possuírem

³² Vilhena, 2008, p. 374.

³³ Correia, 1997, p. 41.

territórios e recursos iguais (Arruda, 2001, p. 212). Os *site clusters* estabelecidos foram o “Núcleo de Ourique”, “Núcleo de Palheiros”, “Núcleo do Vale Médio do Mira” e o núcleo de necrópoles sem associação a povoamento (Arruda, 2001, p. 239). Sem existir lugar central neste território, pelo menos claramente perceptível, certamente existiriam pequenos polos aglutinadores, que terão surgido, talvez, da junção de vários *habitats* por processos de cinesismo.

Como o nosso objetivo não é o povoamento, se bem que morte e a vida são indissociáveis, a análise vai antes recair na necropolização do espaço. Dessa maneira, adaptámos o modelo proposto para a ligação territorial, isto é, do espaço entre as necrópoles, e dessa maneira criar núcleos virtuais.



Mapa XII: Pormenor do **Mapa X**, os vários núcleos da região do Ferro de Ourique.

Sem Núcleo		Favela Nova
		Monte São Luís
		Pardieiro
		Chada
		Fonte Santa
		Penedo
		Monte do Coito
		Monte Novo da Misericórdia
Núcleo de Palheiros		A-do-Mealha-Nova
		Biscoitinhos
		Cruzes
		Cerro do Ouro
		Carapetal I
		Carapetal II
Núcleo de Neves-Corvo		Neves I
		Neves IV
Núcleo do Rio Mira	Núcleo do Rio Mira 1	Fernão Vaz
		Vaga da Cascalheira
		Nora Velha 2
		Pêgo da Sobreira
		Casarão
	Núcleo do Rio Mira 2	Herdade do Pêgo
		Hortinha
		Abóbada
		Guerreiros 1
		Mouriços/Antas de Cima

Tabela V: Núcleos do Ferro de Ourique.

Temos assim cinco núcleos. “Sem núcleo”, como o próprio nome menciona, são as necrópoles que aparentemente não possuem ligação a outras necrópoles. Pela mesma razão o “Núcleo de Ourique” deixa de existir no sentido em que só possuía a necrópole de Monte do Coito. Todavia, temos ainda de tecer novo comentário sobre este núcleo, é que as necrópoles de Fonte Santa e Chada encontram-se relativamente perto uma da outra. Contudo, decidimos considerar somente “núcleo” o conjunto formado, no mínimo, por três necrópoles equidistantes. Isto leva a que expliquemos o “Núcleo de Neves-Corvo”, pois somente estão incluídas as necrópoles de Neves I e IV. Este explica-se pela particularidade que enforma a realidade dessa área, onde existe série de contextos antrópicos muito agregados, pelo que as necrópoles estarão dentro de um *supra* núcleo. O “Núcleo de Palheiros” é o segundo mais numeroso. O “Núcleo do Rio Mira” divide-se em dois sub-núcleos, o “Núcleo do Rio Mira 1” e “Núcleo do Rio Mira 2”. Este núcleo, o maior, com dez necrópoles, é um tanto diferente dos anteriores no aspeto de ser, em extensão, claramente conjugado o seu espaço com o troço do rio Mira que passa naquela área.

Sobre os conjuntos artefactuais e plantas há que ser notado que dispomos apenas de conhecimentos assimétricos. Das plantas, conhecemos as do Casarão, Pêgo da Sobreira, Herdade do Pêgo, A-do-Mealha-Nova, Abóbada, Mouriscos, Fernão Vaz, Vaga da Cascalheira e Nora Velha 2. Já do espólio, segundo alguns autores, apenas conhecemos os objetos de maior valor, ou exóticos, faltando a cerâmica dita mais comum que permanecerá inédita. Todavia, temos conhecimento que os espólios, pelo menos de Fernão Vaz, Herdade do Pêgo entre outras necrópoles, foi publicado integralmente. As violações sistemáticas certamente terão desempenhado papel preponderante no saque do material, como se atesta em várias necrópoles. Já nas necrópoles de Fonte Santa, A-do-Mealha-Nova e Herdade do Pêgo, os espólios estavam *in situ* em algumas sepulturas. Alguns autores têm apontado para a relativa pobreza nestes conjuntos artefactuais, quando comparados com o conjunto exumado na Herdade do Gaio (Fabião, 1998, p. 397; Arruda, 2001, p. 283). Não obstante, aqui temos de ter em atenção um problema, o da interpretação. Se o Gaio não for sepultura, então a problemática está errada, pois partiu de princípio baseado na riqueza do espólio de dois sítios funcionalmente distintos, além de não nos podermos esquecer igualmente do tesouro da Fonte Santa, que muitas vezes parece passar despercebido aos investigadores.

Praticamente inexistente é o material osteológico, em que apenas surgiu dente de criança em urna de incineração na necrópole do Cerro do Ouro e esquirolas de osso no Pardieiro e Nora Velha 2. Recentemente, nas escavações da Abóbada, reconheceu-se em todos os sepulcros restos ósseos, que apesar de muito fragmentados são quase inéditos nesta região, devido ao que foi sempre explicado como a acidez dos solos. Também na vizinha necrópole do Monte da Atafona foram exumados ossos, mas esta necrópole é datada da II Idade do Ferro, séculos IV e III a.C. (Melro, Barros e Gonçalves, 2013, p. 1167).

Foi através da tese de doutoramento de Beirão que se publicou o primeiro esboço da evolução arquitetónica destas necrópoles. Nela se defendia três fases, de forma sucinta: a primeira era composta por monumentos com planta circular, a segunda por circulares e retangulares e a terceira por monumentos exclusivamente ortogonais (Beirão, 1986, p. 49).

Posteriormente, é pelas várias necrópoles da Região de Ourique, e principalmente pela de Fernão Vaz, que se elabora o faseamento daquelas (Silva e Gomes, 1992, pp. 151, 152; Correia, 1993, p. 360). Todavia, existem problemas que devem ser explicados. Em primeiro lugar, essa necrópole apenas foi decapada, sabendo-se que apenas um sepulcro terá sido escavado. A própria planta é de difícil leitura e contém partes muito perturbadas, como por exemplo a área este do núcleo sul. Outro problema tem a ver com a falta de espólio associado à necrópole. A única sepultura aberta não continha espólio; *“Era aberta uma fossa no xisto base (...) que era coberta por lages de grande dimensão. Sobre estas lages era então construído o monumento, cuja forma responde mais à intenção monumentalizante dos construtores do que às necessidades funcionais de selagem da sepultura.”* (Correia, 1993, p. 357). Esta é a única informação disponível. O espólio recolhido nos trabalhos de decapagem, e sem contexto, foram várias contas de colar e fragmento de placa de xisto, perfurada na zona central (Beirão, 1986, p. 105). A dispersão dos materiais pelo local é explicada pelas violações (Beirão, 1986, p. 105).

Portanto, toda a cronologia de evolução arquitetónica foi elaborada com pouca informação artefactual encontrada em Fernão Vaz, mas também com os dados dos espólios de Mouricos, Chada, Fonte Santa, etc. Pode acontecer que, o faseamento proposto esteja errado, tendo pois “pés de barro”, contudo deve desde logo aduzir-se o facto, contra esse possível erro, de a estratigrafia horizontal apontar para uma correta

leitura das arquiteturas, e das fases das suas construções. Não escondemos que seria preferível, no entanto, uma mais direta associação do espólio ao faseamento. Assim existiria datação mais fiável, tal como maior certeza da evolução morfológica, além de melhor distinção entre cada momento da construção das necrópoles.

A proposta elaborada por V. H. Correia³⁴ (1993, p. 360) foi acolhida de certa forma com aceitação. Enquanto posteriormente a cronologia foi revista em baixa (Torres, 1999; Arruda, 2001; Jiménez Ávila, 2002-2003), a evolução arquitetónica não parece ter sido alvo de muita discórdia. Assim, em uma primeira fase surgiram os monumentos de configuração circular que no seu centro possuíam fossas sepulcrais com câmaras funerárias de xisto. O monumento do Casarão, inserido nesta fase, apresenta particularidade de exceção, pois possui corredor que surge do exterior e vai até ao centro, junto da câmara. A fase seguinte surge com sepulturas de plantas retangulares ou quadrangulares, com câmaras funerárias bem destacadas. Normalmente adossavam-se aos monumentos circulares e possuíam recintos delimitados por muretes ou *themenos*, e eram por vezes escalonados. Até este momento o ritual parece ser o da inumação. O momento seguinte é marcado por grandes campos funerários de sepulturas de planta ortogonal, agrupados em favo, mas sem a monumentalidade das fases anteriores. Aqui começam a surgir os primeiros rituais de incineração, que seriam efetuados noutra lugar com deposição secundária no túmulo dos restos carbonizados. V. H. Correia (1993), baseado no pensamento de Beirão, assinalada monumentos ditos em *Pi*, coexistindo com urnas cinerárias para a última fase. Esta fase nunca foi discutida na bibliografia posterior, isto é, a parte concreta dessa arquitetura.

Anteriormente já outra proposta surgira, que posteriormente parece não ter tido a repercussão que as fases de V. H. Correia tiveram na bibliografia. Falamos dos “momentos” de Mário Varela Gomes (1992, p. 151-152). Nesse ano, o autor em conjunto com Armando C. F. Silva publicou livro dedicado à Proto-História portuguesa. M. V. Gomes tratou o espaço respeitante ao Sul de Portugal, e nele, quando aborda as problemáticas funerárias das sociedades da I Idade do Ferro, explana a sua visão evolutiva das arquiteturas funerárias³⁵.

As propostas apresentadas pelos dois Autores, Gomes e Correia, distam apenas um ano e as informações coligidas por ambos são, na sua essência, as mesmas. Tanto

³⁴ Para a transcrição completa das suas 4 Fases, vide Capítulo “Estado da Arte – O Século XX”.

³⁵ Para ver esses momentos vide capítulo respeitante ao Estado da Arte, O Século XX.

um como o outro trabalharam diretamente com Beirão, contudo as suas propostas têm algumas dissemelhanças.

As semelhanças, além dos quatro momentos/fases em que ambos autores concordam, focam-se na 1ª fase em que ambos relacionam o primeiro momento da arquitetura funerária da I Idade do Ferro, com monumentos de configuração circular, que datariam do século VIII a.C. A segunda fase é aceite como o momento de monumentos ortogonais de câmara destacada. O terceiro momento é o respeitante à arquitetura de *tumuli* a proteger fossas sepulcrais. Por fim, outro elemento de concórdia é a última fase se inserir no século V a.C. com incineração em urnas.

As dissemelhanças poderão ser descritas como cronológicas, já que as semelhanças são, regra geral, a arquitetura. Em primeiro lugar, para a fase mais antiga, M. V. Gomes (1992, p. 151) concede uma extensão de existência a esses monumentos até ao século VII a.C., algo que Correia pensa cessar logo no VIII a.C. A segunda fase, é inserida por M. V. Gomes (1992, p. 151) entre os séculos VII e inícios do VI a.C., enquanto V. H. Correia os séculos VIII e VII a.C. Para a terceira fase, M. V. Gomes aponta os séculos VI e V a.C. e V. H. Correia o VII e VI. A última fase em que concordam na cronologia, tem a particularidade de M. V. Gomes não mencionar os monumentos ditos em *pi* (π), e escrever apenas sobre os de incineração, pois não referiu a sua existência, dado considerar tratar-se de leitura incorreta dos testemunhos (comunicação pessoal).

Algo que se pode apontar desde logo é a diferença cronológica. M. V. Gomes intuiu um mundo funerário de cronologia mais tardia; V. H. Correia, uma arquitetura em que prevalece cada fase mais tempo antes de avançar para o “próximo” momento.

Deve-se dizer sobre a Tabela VI que as necrópoles aí inseridas não são exclusivas de cada fase, sendo algumas de facto, como Monte de São Luís, Pêgo da Sobreira ou Monte do Coito. Outras necrópoles são transversais às várias fases, como é o caso da necrópole da Chada, que marca presença em todas elas – Fase I: 1 monumento circular no sector B; Fase II: 2B; Fase III: os outros túmulos; Fase IV: terceira sepultura do sector A. Carapetal I parece também inserir os seus monumentos em todas as fases, contudo só temos documentação, mais ou menos detalhada, sobre os de configuração circular. Semelhante situação apresenta o Cerro do Ouro.

Fase I	Monte São Luís	Casarão	Pêgo da Sobreira	Monte do Coito	Cruzes	Carapetal I e II	Mouriços/Antas de Cima
	Cerro do Ouro	Biscoitinhos	Chada	Fernão Vaz	Guerreiros 1	Nora Velha 2	Neves IV
Fase II	Herdade do Pêgo	A-do-Mealha-Nova	Fernão Vaz	Biscoitinhos	Pardieiro	Chada	Fonte Santa
	Nora Velha 2	Favela Nova	Guerreiros 1	Neves IV	Carapetal I	-	-
Fase III	Vaga da Cascalheira	Fernão Vaz	Chada	Fonte Santa	Herdade do Pêgo	Favela Nova	Biscoitinhos
	Hortinha	Abóbada	Pardieiro	Carapetal I	Nora Velha 2	Penedo	Carapetal I
Fase IV	Carapetal I	Pardieiro	Herdade do Pêgo	Chada	Abóbada	Nora Velha 2	Cerro do Ouro

Tabela VI: Integração das necrópoles nas distintas fases de V. H. Correia (1993, p. 360).

As fases de V.H. Correia, cronologicamente falando, foram decompostas dado por a sua datação não se adequar às informações que nos advinham diretamente dos espólios quando analisados em contextos paralelos de Espanha. A utilização do século VIII a.C. para os monumentos circulares, a fase I de Correia, não tem qualquer motivo de ser para Ana M. Arruada, pois considerar as datas de radiocarbono produzidas para a necrópole da Atalaia, que apontam 1105-800 cal. A.C. (KN-I.201 – análise sobre madeira carbonizada – 2750 ± BP) como uma data linearmente anterior às iniciais do Ferro “*não possui qualquer base científica real*” (Arruda, 2001, p. 283). Apesar de, ainda assim, não negar as similitudes por demais evidentes entre ambas as arquiteturas. C. Fabião, fez notar também, utilizando a expressão de “*senso comum*”, para mencionar esse facto. O adjetivo de “*senso comum*” é aqui muito importante e preciso, isto porque se trata de uma realidade. Ora, a Ciência não se pode guiar pelo senso comum, que não passa de mero sentimento generalizado aparentando fazer sentido lógico, mas que nem sempre o é. Este último Autor, relembra que apenas foi realizada uma datação

radiocarbónica na Atalaia³⁶, e que a necrópole apresenta várias estruturas que indicam uma larga diacronia, pelo que a consideração desse dado só pode sublinhar a fragilidade em que assenta a proposta cronológica avançada para as diferentes fases (Fabião, 1998, p. 395). Os ferros seriam tardiamente introduzidos na Península, principalmente na Região de Ourique, onde esta se situaria como “margem” (Arruda, 2001, p. 283). Nesta “margem” os fluxos alógenos não chegariam com a mesma velocidade com que chegariam a outros lugares, como por exemplo os estuários ou grandes rios: Mira, Sado e Guadiana. O Gaio, apresenta riquíssimo espólio que não encontra paralelo, por exemplo nos sítios de Ourique. Não obstante, o seu espólio parece indicar cronologia muito antiga, como o século VIII a.C., tido como o início da chegada dos contactos mediterrâneos por intermédio dos Fenícios. Aponta antes para cronologia entre os séculos VII e VI a.C. Em termos racionais se supostamente esta possível “necrópole” não tem essa ancestral cronologia, porque razão iriam ter por sua vez as da região de Ourique, que parecem ter estado numa região mais periférica, no que toca ao recebimento de inovações, ou meramente, de influências forâneas?

Voltando à matéria-prima do ferro, Jiménez Ávila pensa que esse material é argumento contra cronologia tão antiga. Esse autor relembra que o século VIII a.C., é a época que os Fenícios estariam a introduzir a metalurgia do ferro na Península Ibérica, e por isso, de difícil encaixe surgirem armas de ferro em túmulos circulares como Nora Velha 2 ou Monte do Coito (Jiménez Ávila, 2002-2003, p. 89). Se assim fosse, significava que mal o ferro chegasse à Península seria imediatamente redirecionado, por algum motivo, para a zona de *hinterland*, o que parece improvável devido aos dados arqueológicos demonstrarem uma orientalização a surgir primeiro em zonas litorais, ou como já afirmámos, nas zonas estuarinas, Tejo, Mondego, Sado e Guadiana (Arruda, 2014, p. 530). Outro dado, segundo Jiménez Ávila, prende-se com os conjuntos de ferro serem estranhos nas sepulturas peninsulares em cronologias antigas, incluindo o século VII e primeira metade do VI a.C., iniciando a sua proliferação já no século V a.C. (Jiménez Ávila, 2002-2003), questão adiante comentada.

Em relação a outros espólios e a sua vinculação a datas mais recentes, Arruda aponta para os escaravinhos egipcizantes e contas de colar de pasta vítrea, sendo ou não oculadas, que possuem datação muito incerta (Arruda, 2001, p. 283). Também as fíbulas

³⁶ Na realidade foram feitas três datações. Contudo, duas foram imediatamente descartadas por serem consideradas erradas, uma por excessivamente antiga e outra por recente (Schubart, 1975 e Soares e Cabral, 1984).

anulares apontam para o século VI a.C., surgindo por exemplo na Chada e Fonte Santa. Para Arruda, os *habitats* igualmente parecem inserir-se numa cronologia relativamente recente, como por exemplo Fernão Faz, que dataria por volta do século VI ou V a.C., além das datações radiométricas apontarem uma utilização do espaço entre o primeiro quartel do século VII a.C e o segundo quartel do século V a.C. (Beirão e Correia, 1991, p. 6).

Existe ainda nova datação radiométrica para uma necrópole do Ferro de Ourique, falamos da Nora Velha 2. Foram datadas as sepulturas VIIIA (nível 2) e a sepultura VIIIB. As datas antigas que os resultados ofereceram – calibrado a 2 sigma, 976-800 e 827-408, respetivamente – poderiam corroborar os defensores de maior antiguidade, contudo, as amostras para as datações incidiram em carvões de espécies de vida longa, pelo que o efeito de madeira antiga é muito provável (Soares e Martins, 2013, p. 665).

Agora atentemos a outra realidade, um tanto mais teórica. Se o ferro é introduzido no século VIII a.C., e se os investigadores apontam para a sua generalização em torno do século VI a.C., temos perante nós espaço temporal de duzentos anos. Ora, duzentos anos são sempre duzentos anos, seja no mundo contemporâneo seja na Antiguidade. Para o ferro não ter sido introduzido numa zona que não se encontra assim tão longe do litoral, o que poderá ter acontecido? Serão realmente necessários duzentos anos para a introdução do ferro? E se a generalização poderia de facto demorar algum tempo, haveria motivos para os elementos de maior destaque que compunham a sociedade sidérica indígena, não os querer adquirir de imediato, para assim cimentar a sua posição na hierarquia social? Arruda e Ávila propõem então cronologia bastante mais recente, contudo não nos explicam o que acontece no século VIII a.C. Se a datação da necrópole da Atalaia está correta, e esta cessa em 800 a.C., então o que acontece nesse espaço de tempo, que é gigante, até começarem a surgir as necrópoles e *habitats* sidéricos?, visto que as necrópoles com sepulturas circulares são linearmente seguintes às do Bronze Médio. O que sucedeu às populações da Idade do Bronze Final? É um hiato demasiado grande que até agora não tem sido explicado com sucesso. Mas não nos esqueçamos que na I Idade do Ferro o caminho que por terra ligaria a foz do Tejo ao reino de Tartesso poderia continuar ativo, e segundo Avieno, na *Ora Marítima*, esse percurso poderia ser feito em quatro dias. Alarcão presume que as paragens poderiam ser Alcácer do Sal, Mértola e algures em Garvão (Alarcão, 1996a, p. 19). É evidente que

não possuímos dados categóricos nesse sentido, contudo faz pensar que acaso exista esse caminho e realmente atravessasse a região de Ourique, sendo as estimativas quatro dias de percurso, o que levaria as populações indígenas a resistirem duzentos anos aos produtos exógenos, principalmente o ferro que era metal superior a qualquer outro que possuísem?

Naturalmente surge aqui questão deveras importante. Por possuir grande complexidade, e não sendo objetivo da presente dissertação, apenas a mencionamos: as estelas epigrafadas com escrita do Sudoeste e a sua cronologia. Se atentarmos a continuar com cronologia mais antiga para as estelas, mas recente para as necrópoles, até podemos utilizar a velha máxima de Lavoisier como símbolo desta realidade, adaptaríamos a algo como “*nada se cria, nada se perde, tudo se reutiliza*”. Caso as necrópoles sejam mais antigas, queria dizer então que seriam as estelas mais recentes? Muito provavelmente a resposta estará no meio, em que ambas devem ser coetâneas. A problemática é vasta e não será certamente aqui o local para nos debruçarmos, com tanto por dizer e o espaço muito curto para tal.

A inserção da necrópole na paisagem tem vários pontos de interesse. Quando nos deslocámos a Almodôvar para ver a exposição “*Vida e Morte na Idade do Ferro*” no Museu da Escrita do Sudoeste (MESA), lemos a seguinte informação “*As necrópoles, os túmulos, seriam cobertos por pequenos tumuli – montículos artificiais de pedra e terra de reduzida altura, por vezes com concentração de quartzos brancos, que os destacariam na paisagem*”. A presença de quartzos brancos chamou-nos particularmente a atenção, conjuntamente com essa ideia de destaque na paisagem. Acontece que em vários relatórios das escavações destas necrópoles observamos amiúde a presença de vários quartzos nas suas plantas, aos quais não era prestada muita atenção posteriormente em artigos. A presença de vários quartzos brancos é racional no sentido em que a necrópole é, também, além do seu cariz de último reduto do inumado, para ser vista. Se também servia como espécie de marco paisagístico, fazia sentido não só a sua situação de altura, como observamos nos dados da Tabela I, como também possuir um marcador diferenciador e destacante da paisagem, ou seja, os quartzos brancos. É um jogo de cores, de contrastes. A região de Ourique e Almodôvar, onde se insere a maioria das necrópoles, é marcado por paisagens de verde esmorecido, tendo solos de cor acastanhados, onde variam os tons do claro ao escuro, e por isso mesmo, os quartzos da região amontoados num só lugar geravam excelente marcador visual. Seria fácil dessa

maneira encontrar o lugar de repouso destas elites. Temos o exemplo da necrópole dos Mouricos onde se atesta grande presença de quartzos, principalmente na sepultura 1.

Outra problemática na qual nos queríamos deter, e pelo que julgamos conhecer nunca foi mencionada de forma demorada, é a volumetria destas necrópoles. A ideia surge de algumas necrópoles mais monumentais, que, por serem construídas em camadas sucessivas de pedras, deixa antever certa volumetria. É provável que os túmulos quadrangulares/retangulares não apresentassem grande volumetria no sentido em que, no registo arqueológico, é notório a planura da última camada de pedras, isto é, a sua superfície, intuindo-se que essa homogeneidade fosse o seu acabamento em termos de altura – poderia eventualmente possuir mamoa artificial de terra. Por outro lado, os circulares deixam antever maior altura. Por exemplo, o monumento do Casarão demonstra bem nas suas pedras cravadas obliquamente, delimitando a sua circularidade, que poderiam servir de “contenção” para mais camadas de xisto colocadas no centro.

A questão que nasce desta problemática é: a ser verdade que estes monumentos poderiam albergar maior volumetria, para onde foram esses materiais. Para tais monumentos possuem certo volume pétreo, o registo arqueológico teria de registar proporcionalmente quantidade pétreo na área. Contudo nesta questão vem a velha problemática dos registos e da sua publicação com detalhe e precisão.

Existem, de certo ângulo, paralelos para esta proposta. Em Portugal os fragmentos de estátuas de esfinges encontradas na Herdade do Sargaçal, Santiago do Cacém (Vasconcellos, 1913, pp. 521-523) e de Silves (Silva e Gomes, 1992, pp. 151, 152), em que a primeira poderia encimar o pilar-estela de algum monumento funerário, supostamente à maneira grega, e o segundo poderia ser destinado a integrar estrutura arquitetónica pertencente a possível túmulo torriforme, onde possuiria carácter apotropaico e protetor do defunto (Gomes, 1992, p. 151). Beirão também propôs estrutura com alçado piramidal (Beirão, 1986, p. 66). Em Espanha possuímos muitos mais exemplos e também em melhor estado de conservação, são eles o túmulo de adobes de Castellones de Ceal, Jaén (Chapa, 1998); monumento escultórico de Los Villares, Albacete (Blánquez, 1993); estrutura com gola de Giribaile, Jaén (Gutiérrez e Izquierdo, 2001). A existir algum tipo de estrutura sobre o túmulo, pensamos que o mais comum seria certamente estrutura base em secção como a proposta por Blánquez (1991). Com dados mais fiáveis em Espanha, podemos certamente entender que as

estruturas tumulares são na maioria dos casos, a fossilização arqueológica de construções mais complexas e mais monumentais (Jiménez Ávila, 2002-2003, p. 75).

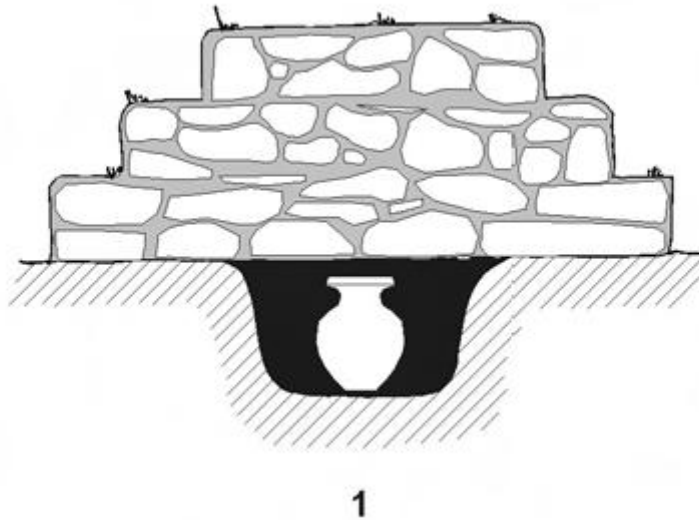


Figura I: Modelo exemplificativo do que poderiam ser estas estruturas básicas em secção, não pertencente a qualquer necrópole (segundo Blancoz, 1991, através de Jiménez Ávila).

IX. 3 - Semelhanças e Dissemelhanças entre o “Ferro de Ourique” e os “Barros de Beja”

As arquiteturas funerárias entre as regiões do Ferro de Ourique e as dos Barros de Beja são fundamentalmente diferentes, embora com olhar de maior acuidade possuam semelhanças. As primeiras apresentam evolução arquitetónica para a qual já foram propostas fases (Beirão, 1986; Silva e Gomes 1992; Correia, 1993). Estas materializam-se no terreno em certo grau de monumentalidade. Já as necrópoles pertencentes aos Barros de Beja, ainda não possuem nenhum faseamento nos moldes do anterior. Contudo, existe alguma padronização em relação às suas tipologias (Tejera Gaspar, 1979).

As interpretações em relação tanto a uma área como a outra são de várias naturezas, assim como as bases teóricas subjacentes. As próprias metodologias são muito diferentes, sendo modernas para a Região de Beja, perscrutadores e muito descritivas, além de boa apresentação científica posteriormente, e “arcaicas” para a região de Ourique, sendo as necrópoles do Pardieiro e Nora Velha 2 as únicas intervencionadas com metodologias mais atualizadas. Isto produz o não casamento de alguns dados. Ainda assim, numa escala “macro” é possível analisar as duas regiões.

Apesar de à primeira vista, estes dois grandes núcleos de necrópoles sidéricas parecerem muito diferentes, uma análise mais rigorosa e ponderada parece aproximá-las em vez de as repelir. Em primeiro lugar temos os espólios. Ambos possuem um eminente conceito de mediterraneização, ou como é mais recorrente, orientalização. É inegável que os conjuntos artefactuais têm similitudes, estejam em necrópoles do interior, quer sejam mais litorais, como na Herdade do Gaio caso esta seja necrópole, ou mesmo em Alcácer do Sal. Artefactos de metal, contas de colar de pasta vítrea, e escaravinhos são exemplo disso. Inclusive, mesmo as fíbulas anulares surgem nas duas regiões, tendo menos presença na Região de Ourique. Decorações plásticas também são similitude, em que tanto nas necrópoles mais meridionais como nas setentrionais, surgem vasos em que nos bordos apresentam figuras ornitomorfos.

As arquiteturas, o motivo principal das dissemelhanças, parecem ser diferentes apenas na arquitetura positiva contra a arquitetura negativa. Num lado, na zona de Ourique, temos sepulturas emolduradas por estruturas tumulares construídas em pedras, e em Beja, sepulturas escavadas na rocha base e algumas protegidas por recintos em

fossa. Para alguns investigadores parece ser essa a única diferença, as arquiteturas positivas e negativas (Arruda *et alii*, *no prelo*; Figueiredo e Mataloto, *no prelo*). Em planta as necrópoles não são assim tão diferentes. Os recintos funerários da região de Beja, quadrangulares ou retangulares, não seriam mais que o conceito mental de construção daquela região, que em vez de elementos pétreos construía fossas. Podemos comparar a necrópole da Chada e o seu *themenos* do Sector A, com os recintos da Vinha das Calças 4, entre outras (Arruda *et alii*, *no prelo*). Os recintos poderiam ser fechados como abertos, assim como o espaço fúnebre que encontramos em algumas necrópoles do “Ferro de Ourique”. A diferença na construção poderá ser explicada pelos condicionalismos geológicos de cada região. Na região de Ourique existia xisto em abundância para a construção de estruturas positivas, pelo contrário, em Beja, com escassez de pedras como recurso construtivo, a população aí residente teria de construir e destacar o seu mundo funerário de outra maneira, ou seja, pela via da construção negativa. Desta maneira também tinham túmulo positivo – ao se escavarem as fossas delimitadoras, e depois o sepulcro no centro, todo o espaço envolvente ficaria a cota superior em relação à sepultura central.

Podemos questionar o que aconteceria caso as duas regiões fossem similares. Teriam os habitantes do núcleo de Beja erigido necrópoles monumentais, ou teriam antes os *populi* do núcleo de Ourique construído as necrópoles em negativo? Esta questão pode, de facto, imiscuir-se numa outra questão diferente que estaria escamoteada na primeira – seriam os habitantes das duas regiões pertencentes a diferentes “etnias”? Ou, - caso sejam da mesma “etnia” - simplesmente construíram com o que a terra lhes oferecia, ou obedeciam a alguma conduta social? Neste momento, parece ser de facto, independentemente de que etnias pertencessem, a questão relacionada com a geologia local.

Também parecem existir certas semelhanças entre os selamentos dos sepulcros. Como já vimos, o condicionalismo geológico de Beja não exclui de todo elementos pétreos entre as sepulturas, pois a ausência das tampas pétreas está associada, segundo vários investigadores, às violações. Existem vestígios pétreos que poderão ter sido tampas nas necrópoles do Poço Novo 1, sepulturas 2, 4 e 7; Fareleira 2, sepultura 1 e 5; além de bancadas laterais para o posicionamento do selante pétreo como em Poço da Gontinha 1, sepultura 4 (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*). Na necrópole da Vinha das Calças encontrou-se sepultura ainda com as tampas conservadas, sepulturas 12 e 27

(Arruda, *et alii*, *no prelo*). No Ferro de Ourique, virtualmente se não fossem todas as sepulturas, grande parte teria certamente tampas em xisto.

Outra similitude entre as duas regiões, é a densidade do mundo funerário. Em ambos os casos, as necrópoles aglomeram-se espacialmente muito próximas, daí a criação de verdadeiros núcleos (virtualmente criados pelos arqueólogos) (Arruda, *no prelo*, p. 25).

Por fim, os ritos praticados nas duas regiões. Se por um lado, na região de Ourique encontramos uma heterogeneização dos ritos, em que parecem ser praticados em todas as fases (Correia, 1993), mas com predomínio da inumação, já a região de Beja é mais homogénea, sendo quase exclusivo o ritual de inumação, esporadicamente existindo sepulturas em incineração, por exemplo Palhais, sepultura 3. Por outro lado, no concelho de Almodôvar, assistimos na necrópole da Abóbada à exclusividade do ritual de cremação, até agora único naquele espaço.

Outra diferença que podemos assinalar, é a implantação das necrópoles no terreno. Se por um lado, como nos mostrou a Tabela I as necrópoles do Ferro de Ourique estão na maioria em sítios de altura, já as dos Barros de Beja estão em zonas de planura. Contudo, mesmo nessas zonas, a sua implantação fixava-se em lugares um pouco destacados na paisagem, não se situando realmente nas zonas mais baixas.

X. Arqueologia da Morte aplicada às necrópoles sidéricas baixo alentejanas

“A morte designa o fim absoluto de qualquer coisa de positivo: um ser humano, um animal, uma planta, uma amizade, a paz, uma época. Não se fala da morte dum tempestade, mas sim da morte de um dia bonito. Enquanto símbolo, a morte é o aspecto perecível e destruidor da existência. Mas é também a introdutora nos mundos desconhecidos dos Infernos ou dos Paraísos; o que mostra a sua ambivalência, assim como a da terra, e a aproxima, de qualquer modo, dos ritos de passagem.”

Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Dicionário dos Símbolos*, p.731

X. 1 - Epistemologia da Arqueologia da Morte

É indiscutível que o ser-humano inventou o comportamento funerário. Esta invenção terá surgido ao mesmo tempo com a conceptualização abstrata da morte e da finitude da morte (Duarte, 2003, p. 264). Taylor (2002, p. 3) diz mesmo que foi a Humanidade, enquanto característica de uma espécie, que inventou a Morte.

Não podemos confundir o comportamento funerário como a concretização material de alguma religião, pelo menos nos primórdios, em que o ato funerário seria mais virado para a abstração e previsibilidade da morte (Duarte, 2003, p. 265). Posteriormente, por exemplo com a herança judaico-cristã, o medo da morte e o que existiria além desta, desencadearia mecanismos de conduta em vida perante a mesma. A interpretação do comportamento funerário é amiúde confundido com religião mas esse comportamento parece estar mais ligado a mecanismos da psique humana (Duarte, 2003, p. 265).

Apesar de existirem várias abordagens teóricas para as interpretações dos comportamentos funerários produzidos, todas convergem para a ideia de passagem, o ritual de transição vida-morte. A criação de túmulos, ou outro tipo de manifestações, não é mais que a herança social do defunto, a sua memória trazida ao mundo material.

Em Arqueologia, existe panóplia de subdivisões dentro da disciplina “mãe”. Uma das várias é a chamada comumente “Arqueologia da Morte”. A Arqueologia da Morte não é meramente o estudo dos ossos, caso contrário chamar-se-ia apenas Antropologia Biológica. Por outro lado, também não é o estudo apenas dos materiais,

esquecendo-se o defunto. A Arqueologia da Morte, de certa maneira, imiscui-se na Arqueologia Cognitiva, visto partilhar visão holística no seu campo de estudo. A morte, além da finitude física, é igualmente simbólica. A maneira como o ser humano a trata responde muito ao pensamento que ele tem sobre a mesma. Assim, nos estudos mortuários entra também a Arqueologia Cognitiva, que aborda as problemáticas do conhecimento humano. Como uma vez foi dito: “ (...) *se quiserem conhecer a mente, não procurem apenas psicólogos e filósofos: certifiquem-se de também procurar um arqueólogo*” (Mithen, 1998, p. 364). Assim, sinteticamente a Arqueologia da Morte pode ser descrita como o estudo de um material diferenciado, as práticas e gestos funerários, além dos restos ósseos, que nos permitem aceder a contextos simbólicos (Py-Daniel, 2014, p. 157).

A Arqueologia da Morte, ou *Archaeology of Death*, utilizando a língua pela qual foi criada, surgiu na década de 70 com o advento da Nova Arqueologia em Inglaterra e Estados Unidos. A Arqueologia mais tradicional, ou histórico-culturalista, considerava o mundo funerário praticamente intangível, duvidando que poderia existir relação directa entre as práticas funerárias e o mundo dos vivos (Ucko, 1969). Com a escola da Nova Arqueologia, ou Processualismo, o debate cerrou-se mais na Arqueologia da Morte, que tinha sido alvo de poucos debates por ter uma definição pouco clara. Esta nova corrente, ao contrário da sua antecessora, estava convencida que as estruturas das práticas funerárias implicavam sim, a realidade social e a complexidade a ela intrínseca (Lull, 1997-98, p. 66). O estudo de uma necrópole poderia permitir aproximação da organização dessa sociedade, visto que a variabilidade dos restos funerários relacionar-se-ia com uma série conscientemente seleccionada de distinções que o indivíduo falecido teria durante a vida; a “pessoa social” – outro termo surgido nesta altura –, estaria determinada pelas características próprias de cada sistema social, daí a cognoscidade da organização social através dos seus cemitérios (Lull, 1997-98, p. 66). É precisamente deste contexto que podemos afirmar sair a expressão “morte, espelho da vida”.

Lewis Binford, um dos criadores da Nova Arqueologia, supõe que “ (...) *a forma e estrutura que caracterizam as práticas mortuárias de qualquer sociedade, estão condicionadas pela forma e complexidade das características organizacionais da sociedade em si*”³⁷ (Binford, 1971, p. 23). Isto significa uma rutura com as teorias do passado. Vere Gordon Childe pensava que as culturas mais estáveis e progressistas,

³⁷ Tradução livre do Autor.

umentando a sua riqueza amortizavam os bens no tratamento da morte, e quanto maior fosse o progresso da cultura material menor a energia dispensada com o mundo funerário (Lull, *op. cit.*). A teoria do processualismo parece encaixar melhor à primeira vista nas necrópoles da Região de Ourique, em que os monumentos funerários são os mais vistosos e aparentemente “ricos” em comparação aos pequenos *habitats* que se conhecem. Pode-se dizer inclusive, que o observado para Ourique é o inverso do que foi dito por Childe.

Posteriormente, uma categoria dentro da Arqueologia da Morte foi desenvolvida por Tainter, inicialmente proposta por Binford (1971, p. 23): gasto de energia. Quer isto dizer que o enterramento era precedido por um esforço na criação dos túmulos, e dado que a hierarquização determina a complexidade estrutural, Tainter estabeleceu uma interdependência entre energia investida e as obras funerárias criadas para cada indivíduo (Lull, 1997-98, p. 66).

Resumindo, as premissas teóricas do processualismo podem ser descritas sinteticamente da seguinte forma: consideração de que as deposições funerárias sintetizam materialmente o falecido como “pessoa social” e constituem um “fiel epitáfio” do que foram em vida (Lull, 1997-98, p. 67).

Por sua vez, com a chegada do Pós-Processualismo, adverte-se que os restos funerários não refletem diretamente as normas dos sistemas sociais, nem a variabilidade funerária os estatutos individuais.

Vicent Lull, no final da última centúria, propõe uma teoria “*marxista para el estudio de las prácticas funerarias*”. Nela postula várias ideias, como por exemplo: “*Os enterramentos são depósitos de trabalho socialmente necessários.*”, ou, “*os mortos consomem produção social. As dissimetrias entre os enterramentos denotam dissimetrias no consumo social*”³⁸ (Lull, 1997-98, p. 70). Também advoga que não existe uma “Arqueologia da Vida”, logo, porque existe uma da “Morte”? Sendo que a Arqueologia da Morte não estuda propriamente a “morte”, seja as causas naturais ou outras, mas sim os ritos, os símbolos, as práticas, as construções etc., muitos já propuseram nova nomenclatura, como por exemplo “Arqueologia das Práticas Mortuárias” (Ribeiro, 2007) ou “Arqueologia do Contexto Funerário” (Morris, 1996).

³⁸ Tradução do Autor.

Como dizia Lévi-Strauss (1955, p. 225) “*Não existe, provavelmente, nenhuma sociedade que não trate os seus mortos com consideração (...)*”, para o mundo funerário, é necessário empregar energia, ou seja, trabalho social.

X. 2 -Rituais

A variabilidade em relação ao ritual funerário parece não ter fim na natureza humana. Vários mecanismos são utilizados de forma a retardar, abreviar, ocultar ou dar fim ao corpo humano que inicia o processo de decomposição logo após a sua morte. O engenho humano realiza essa tarefa recorrendo à inumação, à cremação/incineração, escarnação, com ou sem endocanibalismo, mumificação, etc. A título de exemplo, o tratamento que é dado a um defunto em certas regiões do Nepal: a comunidade leva o defunto até a certa altitude, numa das várias montanhas, depois de a atingirem regressam às suas aldeias deixando para trás apenas o cadáver e indivíduo responsável pelo ritual que se realizará a seguir: já a sós, descarna completamente o defunto que dará como alimentação aos falcões, os restos cárneos. Existe curiosa citação sobre a P. Ibérica na antiguidade “*Na terra ibérica é um abutre repelente que consome os mortos, costume que, segundo se diz, vem já de longe.*”, escreve Silo Itálico em *Punica* (25-101 d.C.) (Vilhena, 2006, p. 121).

Comecemos então, *a priori*, avaliando sumariamente os rituais funerários praticados nas duas regiões analisadas neste estudo. Como vimos anteriormente, na Região de Beja o ritual é quase exclusivamente a inumação. Existe pontualmente informações da existência de uma ou outra cremação não comprovadas, - como na de Palhais, que posteriormente a interpretação foi desconsiderada com base noutros dados - mas até serem publicados mais dados sobre novas necrópoles, temos de ter em consideração que o ritual predominante é a inumação. Já na Região de Ourique, o que se tem proposto é a inumação numa fase primordial, com fase intermediária em que coexistiam a inumação e incineração, até à passagem para a incineração que marcaria a II Idade do Ferro.

Olhemos à definição dos dois rituais. Define-se a inumação, o ato de inumar, de sepultar na terra. Em relação ao segundo ritual, a bibliografia apresenta muita inconsistência no uso do termo. Uns optam por incineração, outros por cremação.

Etimologicamente falando³⁹, cremação (latim - *crematio*) denomina a ação de fazer consumir pelo fogo, queimar, reduzir a cinzas um cadáver, ou cremar (latim - *cremare*), queimar o corpo de um morto; já a palavra incineração (latim - *ininerare*) significa reduzir a cinzas, queimar completamente (Silva, 2007, p. 40). Ambos termos são vistos como equivalentes. Mas existem autores que defendem essa diferença, um termo – incineração – para reduzir a cinzas, e outro – cremação – que deixa vestígios (restos ósseos por exemplo). Existem outros termos quando falamos de cremação/incineração, têm a ver com o local específico da cremação (*ustrinum*), em que posteriormente se depositará os restos noutra lugar; o local da cremação e, simultaneamente, de sepultura dos restos ósseos (*bustum*); e, por fim, os restos ósseos resultantes da cremação (*ossilegium*) (Silva, 2007, p. 42). Assim, dentro destas definições está correta a utilização do termo incineração na área de Ourique, visto a extrema ausência de ossos. No mesmo sentido de assertividade está a necrópole da Abóbada, que a ser-lhe atribuída o ritual de cremação vai de encontro aos restos ósseos carbonizados ali exumados (Melro, Barros e Gonçalves, 2013).

Partindo então desse quadro geral, estudemos com mais atenção os rituais praticados em Ourique. Em Beja, acreditamos que pelas metodologias modernas empregues, e pelo conhecimento se não total, quase completo, das estratigrafias de cada sepulcro, os rituais estão bem conhecidos, só muito pontualmente existindo dúvidas em alguns sepulcros. Existe inclusive alguma informação que aponta ao tratamento do cadáver, em que a presença de articulações fechadas sugere o acondicionamento de algum tipo de invólucro, de linho, mortalha, bem ajustada ao redor do corpo, presa por materiais percíveis ou através de objetos metálicos, como por exemplo as fíbulas que foram encontradas em posição ligeiramente acima da bacia (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*). Já os de Ourique levantam outros problemas, principalmente porque não existe informação precisa da estratigrafia das sepulturas – apenas possuímos corte esquemático da necrópole de A-do-Mealha-Nova.

Se o ritual de incineração/cremação foi aferido pelas cinzas ou carvões remanescentes, ou ainda esquírolas de ossos, já o ritual de inumação para esta área foi inferido através da ausência destes mesmos elementos. Parece que os investigadores que trabalharam nas necrópoles se esquivavam um pouco ao tema, compreensivelmente por

³⁹ Definições segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa (2001).

falta de dados. V. Hipólito Correia (1993, pp. 355, 356), no seu artigo que esquematiza as várias fases para a região, escreve somente em relação aos rituais “ (...) *coexistiram uma e outra forma de tratamento do cadáver, com qualquer um dos tipos de deposição ritual do mobiliário, em datas muito diversas.*”. A verdade é que os dados publicados sobre os rituais tendem a ser muito confusos, heterogéneos e por vezes omissos de publicação para publicação, como são exemplo nas necrópoles da Herdade do Pêgo e A-do-Mealha Nova (Dias *et alii* 1970; Beirão, 1986, pp. 61, 62).

Jorge Vilhena traz tema interessante que nunca mereceu grande destaque por parte da maioria dos investigadores, que preferiram relegar o tópico para a periferia dos seus interesses. Falamos da acidez dos solos. De facto, sendo supostamente o ritual de inumação o mais presente na área, porque razão nunca se exumaram os restos ósseos? A resposta veio em duas variantes, a primeira dizia respeito às violações que expulsavam diretamente as ossadas, a segunda prende-se com as condições de extrema acidez dos solos (Vilhena, 2008, p. 389). Tanto quando sabemos, nunca foi efetuado um único estudo sobre a geoquímica da região que pudesse realmente trazer resposta científica à questão. Jorge Vilhena lembra ainda que no *tholos* de Malha Ferro (Viana *et alii*, 1960, p. 23), se encontraram restos ósseos, com maior antiguidade, nas mesmas condições em relação à envolvência do cadáver pelo solo (Vilhena, 2008, p. 389). Outro exemplo prende-se com uma sepultura do tipo cista (xisto-grauváquico, provavelmente tão ácido como os de Ourique) da I Idade do Ferro encontrada no Algarve (Silves), que continha ainda o esqueleto do defunto, que foi possível aferir como mulher jovem, em decúbito lateral (Barros, Branco e Duarte, 2003).

Sobre a inumação podemos abordar o assunto de outra perspetiva. Segundo a Arqueologia Processualista, que aduziu ao mundo funerário “o gasto de energia”, a construção do túmulo também teria de estar relacionada com o *status* do indivíduo dentro da sua sociedade. Ora, como lembra Jiménez Ávila (2002-2003, p. 91) à acidez dos solos poderia ser anexa o próprio processo de putrefação do cadáver inumado, criando um verdadeiro consumidor de restos orgânicos. Esta ideia implica várias questões, que pensamos não serem de todo fáceis de responder, até porque não existem dados físicos para tal. Referimo-nos ao momento da morte de um indivíduo e a criação do respetivo túmulo. Caso o indivíduo, destacado socialmente, esteja moribundo, provavelmente existirá um esforço social na construção do túmulo de forma preventiva, e quando o óbito se desse tudo seria realizado de forma célere. Outra questão dá-se

quando existe uma morte repentina, e o reduto funerário para receber o indivíduo nem está sequer iniciado. Quanto maior fosse a espera maior seria certamente a putrefação do defunto. Muitas questões se levantam neste tópico, como por exemplo: quanto tempo demoraria a construção do sepulcro?, quantos indivíduos eram destacados para a construção do túmulo e, variava o número de indivíduos consoante o *status* da pessoa que morrera? Estas questões são transversais um pouco por todo o mundo e espectro cronológico como é exemplificativo nas sepulturas escavadas na rocha durante a Idade Média, em que inclusive há estudos de arqueologia experimental. Quando acontecia a *mors repentina* na Idade Média, esta era vista como amaldiçoada, e mesmo nos mitos Arturianos, quando Gaheris falece envenenado, apesar de enterrado com “ (...) *grande honra, como convinha a tão grande homem (...)* ”, o próprio rei Artur e a sua corte tiveram grande desgosto “ (...) *com uma morte tão feia e tão vil, que só falaram dela entre si (...)* ” (Ariès, 1977, p. 238). A ideia da desgraça da *mors repentina* é ancestral, e já Virgílio a comentava, construindo-se sepulturas solitárias para os “infelizes” atingidos por esse flagelo (Ariès, 1977, p. 238). Na Região de Ourique também são encontradas sepulturas solitárias. Contudo, estas ideias são difíceis de comprovar, apesar da sua distribuição crono-geográfica.

Jorge Vilhena, ainda tenta explicar a ausência de ossos, de outra forma. Este investigador pensa que eventualmente existira outro tipo de ritual. Avança com a hipótese de poder ter existido transladação ou mobilização de ossadas ou parte destas; e relembra ainda que poderia ter existido ritual de insepultamento (Vilhena, 2008, p. 390). Dessa maneira, explicar-se-ia o porquê das constantes perturbações observadas no interior das câmaras sepulcrais e a inexistência de ossos.

Devido a esta inexistência óssea, alguns investigadores pensam que afinal o ritual poderia ser de incineração. Ora, este é o ritual melhor documentado para o Ferro de Ourique, para o que existem dados físicos - carvões, cinzas, etc. - entenda-se. Jiménez Àvila aduz o argumento de não só se terem encontrado as cinzas e carvões como também acha que as sepulturas eram insuficientes em dimensão para acolher o cadáver de forma distendida ou fletida (Jiménez Àvila, 2002-2003, p. 91). Contudo, os defuntos em posição fetal caberiam nas sepulturas, aliás, como atesta bem o indivíduo do sexo feminino da cista da I Idade do Ferro dos Gregórios (Barros, Branco e Duarte, 2003).

A única necrópole onde sabemos da existência de ritual mutuamente exclusivo é na necrópole da Abóbada, e o ritual a cremação. Neste caso, os dados são bastante interessantes, pois observou-se que não houve preocupação em recolher minuciosamente os restos ósseos, encontrando-se apenas uma “amostra” do indivíduo, em que se inferiu “ (...) *a partir destes dados que a integridade completa do corpo físico não era requisito necessário à crença funerária e à percepção do mundo da morte*” (Melro, Barros e Gonçalves, 2013, p. 1168).

Ainda assim, é muito provável que tenha existido na sua generalidade coexistência entre ambos os rituais como advogara V. Hipólito Correia no início dos anos 90 (Correia, 1993, p. 355-356), pelo menos a partir de certo ponto.

Apesar de alguns investigadores estranharem esta coexistência, não parece rebuscada a ideia, e a Europa apresenta vários paralelos. De um ponto de vista pós-processualista, a mudança de cremação para inumação ou vice-versa, deve ser ligada ao mundo das crenças. Neste campo teórico, o “Eu-Pessoal”, tem uma palavra a dizer, não sendo sempre o “Eu-Social” o agente responsável na organização funerária. As crenças neste contexto não devem ser interpretadas como religião, mas sim como as crenças do indivíduo sobre o corpo, a morte, e a vida após morte; são criações através da comunicação na sociedade relacionadas com a visão que os indivíduos têm do mundo (Salisbury, 2012, p. 15). A inumação e a incineração são respostas práticas à realidade da morte, mas representam visões radicais da morte. Antagonicamente um ritual quer preservar durante o maior tempo possível o corpo, e o outro representando o fim do corpo, e dessa maneira atingir transformação (Salisbury, 2012, p. 15).

Segundo vários arqueólogos do histórico-culturalismo, a passagem do ritual de inumação para cremação não tem a ver com mudanças do foro do credo. Contudo um estudo cultural de trinta e um sítios descobriu que a mudança estaria ligada a questões filosóficas – ou seja, de crença (Carr, 1995). Assim, e aplicando também a Ourique, a passagem de um ritual para outro poderá apenas ser resultado de mudanças dos credos, talvez por influências mediterrâneas, e em último caso quem decidia o fim do seu corpo era a crença do próprio indivíduo, em vez de indicar mudanças populacionais e étnicas (Childe, 1950). Ou seja, o indivíduo tinha uma palavra a dizer e não o Eu-Social. Obviamente que nos referimos sempre a elementos de destaque dentro do grupo, que teriam influência sobre o mesmo.

Para a coexistência dos rituais de inumação e cremação, podemos oferecer dois exemplos, um longe geograficamente e outro mais perto. O primeiro caso, mais perto, é documentado na Eslováquia, nas sepulturas 24 e 35 do sítio *Streda nad Bodrogrom* (Polla, 1960, p.353). Ambos os corpos, um pelo ritual de cremação e o outro pela inumação, receberam tratamento igual no sentido em que as fossas escavadas para os receber tinham a mesma orientação, a mesma planta, e espólios similares aos seus pés (Salisbury, 2012, p. 21). Outro paralelo, e sabendo a distância geográfica e contextual, é o grupo de falantes de línguas Tupi, na Amazônia. Dentro deste grupo a variedade de práticas funerárias é grande. Uma das explicações que se oferece, e que poderia encaixar de forma mais holística na nossa região de estudo, seria a de flexibilização, onde a cosmologia, neste caso Tupi, e o *status* incitassem diferenciações no momento do repouso eterno (Py-Daniel, 2014 p.163).

A cremação pode ser vista como uma maneira radical de destruição do corpo quando a tradição é a inumação. Mas como vimos, a crença tem um papel importante, e não só, podendo estar por trás outras influências. Por exemplo, a reintrodução da prática de cremação na Europa Central durante o período do Iluminismo, foi utilizada como mecanismo político de progresso e modernidade, enquanto simultaneamente expressava a descrença na tradição doutrinal da Igreja Católica da inumação (Salisbury, 2014, p. 24). Esta ideia cai no relativismo de se adequar a muitos contextos da Europa no na Idade do Bronze e Idade do Ferro, assim como na Região do “Ferro de Ourique”.

Mas, como já vários investigadores assinalaram, distintos rituais funerários podem traduzir diversidades ao nível do sexo, da idade, do *status*, etc. (Milán, 1993; Correia, 1993; Torres, 1999; Jiménez Ávila, 2002-2003).

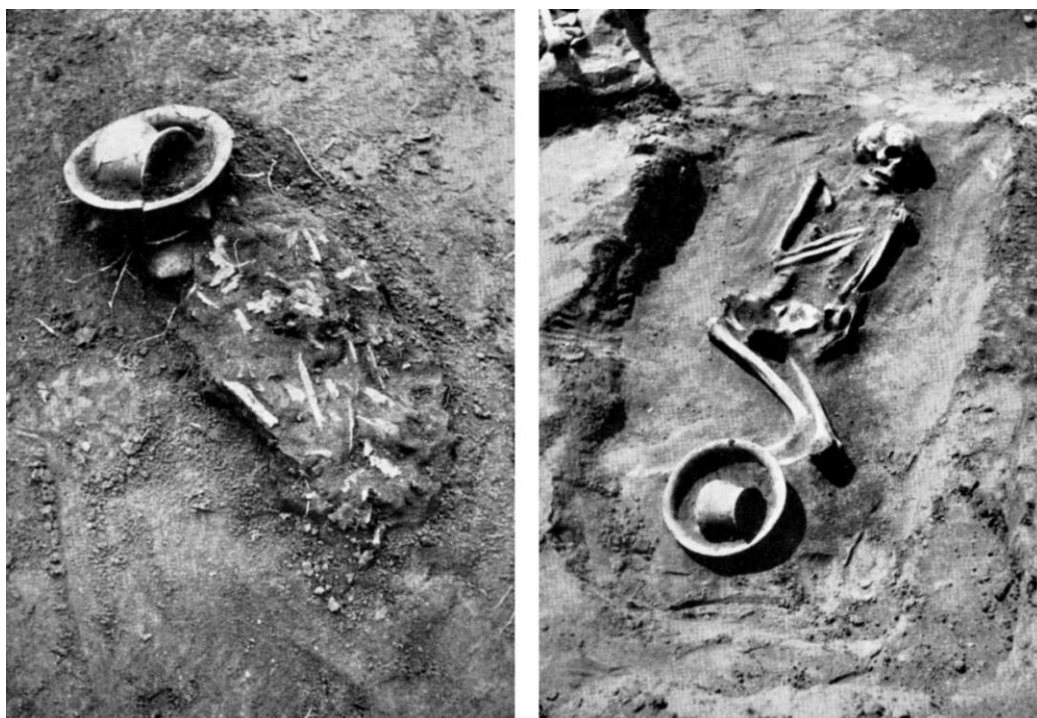


Foto III: Restos ósseos de cremação à esquerda, e inumação á direita, no sítio Streda nad Bodrogom, Eslováquia (segundo Salisbury, 2012, p. 22, através de Polla, 1960, p. 353).

X. 3 -Morte, o Espelho da Vida?

Se nos guiarmos por um ponto de vista processualista, decididamente que a morte pode ser espelho ou reflexo da vida, na perspectiva da sua complexidade social e organizacional. Binford (1971, p. 17) chamava a este entrelaçamento entre a vida e a morte de isomorfismo.

Contudo, sabemos que tal não é empiricamente verdade. É tentador ver reflexo da sociedade materializada nos seus cemitérios. Dessa maneira os túmulos ricos e cheios de materiais exóticos pertenceriam aos poderosos, enquanto as sepulturas pobres pertenceriam a indivíduos socialmente desfavorecidos (Vilaça, 2014, p. 113), o que todavia não deixa de ser verdade em muitos casos.

Onde é observável variante da morte não ser o reflexo da vida, é na necrópole da Vinha das Calças 4, onde sistematicamente se associou as armas exumadas às sepulturas masculinas o que não significa que todos os homens aí enterrados fossem

guerreiros, até porque cronologicamente, e espacialmente, não parece ter existido qualquer ambiente de guerra, seja ativa ou latente (Arruda *et alii*, *no prelo*). Trata-se pois de necrópole rural onde as elites sentem necessidade de afirmar, ou reafirmar, a sua posição social destacada (Arruda *et alii*, *no prelo*).

As resistências que os indígenas manifestam em relação a certas inovações exógenas são perceptíveis a vários níveis. As mudanças sociais e culturais ocorrem, mas a cosmologia de uma sociedade, principalmente a ligada ao mundo dos mortos, muda lentamente (Ribeiro, 2002, p. 160-161). O pressuposto de se construir túmulos com planta circular manteve-se inalterada durante vasta cronologia, podendo isto representar a memória ancestral, a cosmologia dos antepassados, ou sinal de resistência perante influências alógenas. Independentemente do que é feito, tais plantas são feitas de uma maneira particular, porque são lembradas de sempre terem realizadas dessa maneira, legitimando-as como a maneira correta de fazer, e isto é a moral da tradição, “ (...) *actions are justified by past practises*.” (Salisbury, 2012, p. 15). Mesmo que introduzam o ritual de incineração/cremação numa fase posterior, e acolham espólios claramente importados, os *populi* fazem questão de mostrar sinais de resistência mantendo a sua arquitetura, ou quando evoluindo, num sentido regional e não por influências exteriores. Tanto em Ourique como Beja, só mesmo os espólios são latências de orientalização. Então porquê a resistência na arquitetura? Para a questão não possuímos respostas precisas, mas talvez tenha a ver com o simbólico, na justa medida que as populações teriam certamente de que os espólios, adereços, são percíveis, descartáveis, já os túmulos, de pedra no caso de Ourique, representam a perenidade ancestral dos seus antepassados.

As necrópoles surgem como elementos de referência de um território sobre as quais sucessivas gerações legitimam os seus laços inter-familiares ou inter-grupais com os seu ancestrais e o meio que os envolve. Como já foi notado por vários investigadores, existe intuito de afirmação espacial no território, e o facto de se encontrar vários casos de enterramentos de individuais pode remeter para o mundo simbólico da fundação do espaço e apropriação do mesmo (Fabião, 1998, p.8).

Quem seria enterrado nas necrópoles? Depreende-se pelo número de sepulturas que não haveria lugar para todos os indivíduos da comunidade. Já várias ideias foram aduzidas à problemática, como por exemplo, as diferentes arquiteturas/espólios correspondem a segmentos populacionais, como *status*, idade ou sexo (Arruda, 2001, p.

269-270, 280; Jiménez Ávila, 2002-2003, p. 92-92). Mas deve-se ter em conta a seguinte ressalva: “ (...) a admissibilidade de se estar perante um reflexo, não de uma determinada realidade sócio-económica, mas de uma representação, ideologicamente condicionada, de uma situação político-social (...) ” seria impossível de determinar (Correia, 1996a, p. 15).

Em Carlota atesta-se a existência dentro do monumento 1, subdividido em dois recintos, de duas inumações pertencentes a indivíduo do sexo masculino e a outra a feminino, sendo de supor a existência de ligação entre ambos, talvez de marido e esposa, em que decidiram preservar essa ligação na morte.

Em algumas necrópoles, como Vinha das Calças 4, tornou-se evidente a quase absoluta diferenciação sexual dos materiais que acompanhavam os defuntos, com as armas, fíbulas e fechos de cinturão a marcarem presença regular nos espólios destinados aos indivíduos do sexo masculino, já as sepulturas femininas continham braceletes *acorazonadas*, pulseiras, anéis e amuletos; somente os elementos de colar parecem ser comuns a ambos os sexos, e mesmo assim existem diferenças, em que pendentos de prata e cornalina em forma de bolota, e contas de bronze e de pasta vítrea são exclusivas das sepulturas femininas. Somente as de ouro surgem para ambos os sexos (Arruda, *et alii*, *no prelo*). Existem paralelos para estas diferenças, surgindo as mesmas associações em Medellín, na Extremadura (Almagro-Gorbea, 2006) e Casetes, Alicante (García-Gandia, 2009).

X. 4 -Ritualização Funerária e Espólio

Em primeiro lugar devemos atentar ao óbvio e considerar que um sepultamento faz parte intrínseca de um funeral e que, por sua vez, um funeral faz parte de um conjunto de rituais pelos quais os vivos lidam com os mortos; este é mais um exemplo de como a Arqueologia da Morte estuda antes o comportamento dos vivos e não os mortos.

Existem códigos sociais que influenciam profundamente o tratamento dos mortos e de todo o funeral em si, que são compartilhados por toda a sociedade que

delimita as regularidades e as transgressões das normas que estão dentro ou fora das possibilidades aceites (Ribeiro, 2002, p. 203).

Arqueologicamente é impossível saber como eram na realidade os processos ritualísticos dos *populi* da I Idade do Ferro no Baixo Alentejo, visto que não nos deixaram quaisquer registos escritos, e que ao não deixarem estruturas que sejam arqueologicamente reconhecíveis como funcionais de um processo de culto, torna-se deveras complicado aferir que tipos de rituais possuíam. Leroi-Gourhan dá excelente exemplo da dificuldade sobre o estudo da religião paleolítica “*Se o Pitecantropo começava o seu dia com um hino ao sol nascente, nada resta que o possa provar*” (1983, p. 27), o mesmo se aplica ao que ritualisticamente não deixa vestígio, e assim a sociedade que viveu nas serras e planícies alentejanas poderiam ter os rituais mais esdrúxulos, que a arqueologia não conseguirá ler sem o apoio de provas materiais.

Assim, materialmente, o que possuímos nós para as necrópoles do Baixo Alentejo nesta cronologia, que possam indiciar a existência de cultos e rituais? Pouco, muito pouco, mas existem duas estruturas que surgem em ambas necrópoles (meridionais e setentrionais) que pode ser aferido como parte de um mecanismo de cultuação ritualística. Na Região de Ourique temos os *themenos* e na de Beja, os *dromos*, como já foram apelidados os recintos em fossos.

Em Beja, concretamente em Vinha das Caliças 4, existe local periférico na necrópole que possui dois buracos de poste, que poderá indicar um “fundo de cabana” que corresponderia a espaço de atividades relacionadas com práticas ligados ao funeral, como por exemplo o próprio tratamento do cadáver, dessa maneira seria lugar perto das sepulturas mas não logo a seu lado (Arruda, *et alii*, *no prelo*). Os recintos, de forma geral, têm sido interpretados com funções de destacamento e proteção das sepulturas, mas também como lugares de ritualização, ou de acesso aos túmulos, *dromos* (Santos *et alii*, *no prelo*). Em Ourique, acredita-se que os *themenos*, ou seja, os espaços frente à sepultura fundadora, fossem áreas para o mesmo tipo de cultos ou rituais.

Existiria certamente culto dos antepassados, com especial incidência em relação aos chefes político-militares. Na Idade do Bronze Final os materiais de prestígio eram indicadores de altos cargos sociais, sendo legitimadores desses “estatutos”, pelo que não os encontramos nas sepulturas mas sim representados nas estelas funerárias. Por sua vez, durante a I Idade do Ferro, assistimos ao “sacrifício” de parte dos tesouros,

permitindo dessa maneira o garante do mesmo *status* no *post-mortem* (Silva e Gomes, 1992, p. 153).

As armas constituem marcada presença na história do Homem. Consideram-se símbolos de resistência, identidade, poder, prestígio, etc. Não admira pois que estes artefactos estejam muito representados nas sepulturas. Geralmente depositam-se folhas e contos de lança, dardos de ferro e falcatas. A ausência de espadas é de notar, e talvez corroborador da presença de sociedades que viviam clima de estabilidade, tanto em Beja como Ourique. Normalmente as folhas de lança eram dobradas na ponta dando-lhe inutilização. Esta prática está associada à não utilização após o seu enterro, para que acompanhasse o dono, como existem vários exemplos na literatura antiga, como *Excalibur* que no fim da lenda fica inutilizada. As armas são depositadas simbolicamente, provavelmente como insígnias distintivas do sepultado, não se podendo associar forçosamente a atividades bélicas ou de caça lúdica da aristocracia proto-histórica rural baixo alentejana, visto pois, que as armas exumadas parecem ser bastante tipificadas e recorrentes (Vilhena, 2008, p. 391).

Em relação ao restante espólio que surge nas sepulturas baixo alentejanas, existem elementos que merecem maior destaque. A coroplastia tem presença neste mundo funerário de várias formas, como por exemplo os vários ornitomorfos que surgem nos bordos de taças de pé alto, ou noutro tipo de vasilhas (Corte Margarida; Palhais; Vinha das Calças 4; Carlota; Chada e Cerro do Ouro), representações de bovídeos (Fonte Santa e Cinco Reis 8) e ainda felídeo (Fonte Santa). Existe ainda representação faunística de cavalo em motivos incisos numa placa de xisto de cobertura da Vinha das Calças 4. O cavalo é animal que representa poder nas comunidades proto-históricas, associado a vários vetores daquelas sociedades, como a caça, comércio ou guerra. No contexto em que se inseria, servindo como tampa de sepultura, faz todo o sentido o seu carácter de animal psicopompo ao serviço dos deuses infernais tanto no mundo continental como mediterrâneo (Silva e Gomes, 1992, p. 154).

Dos ornitomorfos não se tem a certeza conclusiva a que espécies pertencem, afiança-se a representação de pombas e de cisnes. Os cisnes são aves hiperbóreas, puxavam o carro de Apolo e, portanto, são aves solares, enquanto as pombas tinham carácter agrário e fecundante (Silva e Gomes, 1992, p. 157).

A figura taurina tem presença em vários contextos e cronologias no espaço europeu e próximo-oriental. Basta observar os cultos que os Celtas tinham relacionados

com esse animal, ou as ligações simbólicas que os fenícios conotavam entre esse mesmo animal e Ball-Hamom, deus principal do seu panteão. No Baixo Alentejo, surge vaso touromorfo em Fonte Santa (Beirão e Gomes, 1983) e escultura de bovídeo Cinco Reis 8 (Salvador e Pereira, *no prelo*). O felídeo de Fonte Santa, possivelmente pantera, é animal ligado ao mundo ctónico e encontra paralelos no mundo mediterrâneo que datam dos séculos VII e VI a.C. (Silva e Gomes, 1992, p. 156)

“*A manipulação de artefactos junta-se a sua exibição, isto é, o poder também se manifesta corporalmente. O olhar do poder era reflexivo, emanando do corpo, com os cuidados de tratamento e alteração física que pentes, pinças, navalhas (para eliminar pilosidades) e aplicação de tatuagens permitiam fazer e que traduziriam, conforme Ruiz-Gálvez Priego tem defendido em diversos trabalhos, um novo padrão estético identificativo, em termos de idade, género e hierarquia.*” (Vilaça, 2014, p. 113), impõe-se a citação porque relembramos que surgiram dois toucadores de bronze, em Palhais e um em Vinha das Caliças, que materializam, segundo cremos, esta ideia.

Por fim, mencionar o facto de a representação de deusa Hathor das arrecadas da jazida da Herdade do Gaio, além de outras divindades, constituem as referências iconográficas bem explícitas a panteão conhecido durante a I Idade do Ferro (Vilaça, 2014, p. 155), além dos escaravelhos que surgem nos espólios funerários das necrópoles sidéricas deste período, ou ainda o *smiting god* da Azougada (Gomes, 1991).

Em termos de conclusão, diremos que se o túmulo designava o local exato do culto funerário é porque tinha também o fim de transmitir às gerações vindouras a recordação do defunto, daí o seu nome “*monumentum*” vindo de “memória”: o túmulo como memorial (Ariès, 1977, p. 239). A sobrevivência do morto não deveria ser garantida apenas numa linha escatológica por meio de várias oferendas e sacrifícios, mas também da fama que mantinha na terra, quer sejam na materialização dos túmulos que o protegiam ou nas inscrições das lápides erigidas para si.

XI. Conclusões

Após o estudo das problemáticas funerárias proporcionadas pela I Idade do Ferro da área abordada, podemos deduzir as seguintes conclusões:

1. Em primeiro lugar, importa referir as disparidades, em termos de conhecimentos, das Regiões de Beja e Ourique. Para Beja, dispomos de muitos e precisos dados, que advêm de contextos específicos de intervenções arqueológicas maioritariamente de emergência e recentes. Para a segunda região, apesar das intervenções terem ocorrido durante mais tempo, as publicações não são tão completas e os dados tão precisos;
2. Quando apreciado em mapa, conclusão que se pode retirar da distribuição das necrópoles é a de existir efetiva polinucleação;
3. As duas grandes regiões apresentam realidades muito dissemelhantes a nível das arquiteturas funerárias, embora análise cuidadosa permita apresentar similitudes. Nas diferenças assistimos a dois tipos de construção; arquitetura positiva na Região de Ourique e arquitetura negativa na Região de Beja. As semelhanças podem ser encontradas no modelo mental de construção com plantas ortogonais que encontramos em sepulturas e recintos das duas regiões. Podemos hipotizar que os condicionamentos geológicos da Região de Beja tiveram provavelmente papel decisivo na construção de estruturas negativas e na escassez de edificações com aparelho pétreo;
4. O ritual funerário de inumação foi quase exclusivo na Região de Beja, embora faltem publicações com os resultados das necrópoles mais recentemente escavadas. O melhor exemplo que podemos oferecer é certamente o da necrópole da Vinha das Calças, que possui quase meia centena de sepulcros e onde o ritual foi exclusivamente a inumação;
5. O ritual funerário da Região de Ourique parece ter variado. O modelo linear de inumação – inumação/incineração – incineração, faz sentido, contudo, pela falta de dados precisos sobre esta problemática, a questão torna-se escorregadia;

6. Várias hipóteses foram propostas para a ausência de ossos na Região de Ourique, como a remoção daqueles, ou mesmo o insepultamento. Todavia, estas propostas, e neste estado da investigação, esbarrarão na mesma falta de dados que surgem noutras questões. Assim, não nos querendo inclinar para a ancestral acidez dos solos, temos de dizer que é ainda a hipótese mais provável, mas que pode ser desacreditada caso se realizem estudos geoquímicos na região;
7. O modelo linear de V. H. Correia referente à arquitetura das necrópoles da Região de Ourique, parece fazer sentido, baseado na estratigrafia horizontal. Ainda assim, falta mais suporte material. Outras propostas surgiram, propondo que a arquitetura possa não ter evoluído nessa perspetiva linear, em que monumentos circulares seriam mais antigos e ortogonais os mais recentes, embora pudessem ter coexistido no tempo através de diferentes arquiteturas que materializariam diferentes *status*. Não obstante, a teoria nunca foi desenvolvida em detalhe ou com grande convicção. Assim, o modelo de Beirão, Gomes e Correia, continua, na nossa perspetiva, o mais aceitável;
8. A implantação das necrópoles na paisagem parece relacionar-se quase sempre com sítios de altura, conforme é estatisticamente demonstrado. Essas necrópoles superiorizam muito as que se encontram em locais de várzea, seja na Região de Ourique ou na dos Barros de Beja. Para a primeira região a implantação seria mais fácil devido à orografia intrínseca da área, já a Região de Beja, que apresenta grandes planícies com locais pouco proeminentes, seria mais difícil. Contudo, é ainda sobre os terrenos mais altos que se encontram a maioria das necrópoles de Beja;
9. À conclusão *supra* mencionada, pode-se aduzir o facto das necrópoles terem sido construídas também com o intuito de serem vistas à distância, pelo que se utilizaram, em algumas, pedras de quartzo;
10. Questão deveras relevante prende-se com a cronologia. Inicialmente avençou-se a ideia de uma antiguidade para as necrópoles sidéricas, do século VIII a.C. Posteriormente, baixou-se esse tempo, aproximando-o à volta do século VII a.C., mas tanto uma hipótese como a outra apresentam questões. Assim, não nos é possível chegar à conclusão de cronologia rigorosa.

Devido ao presente trabalho constituir dissertação de mestrado, os limites normativos exigem-nos exiguidade de espaço, pelo que existem várias linhas de estudo ainda por seguir. Em primeiro lugar, questão interessante seria o estudo geológico dos solos que compõe a Região de Ourique, onde se inserem a maioria das suas necrópoles, para que dessa maneira se possa averiguar cientificamente a sua acidez. Caso o estudo revele acidez, ou não, esses resultados levantariam algumas certezas que tendem a não se afirmar por carecer desses mesmos dados. Em segundo lugar, também relacionado com a geologia, importa saber se realmente a aparente escassez de elementos pétreos da Região de Beja seria o motivo principal por se optar por uma arquitetura funerária negativa, quando supostamente as tampas das câmaras funerárias seriam pétreas, além de se encontrarem na mesma região várias estruturas construídas com elementos pétreos, com grandes diacronias. Por exemplo, a área onde se concentram as necrópoles do núcleo de Ferreira, é local próximo de sítios de extração e transformação de pedra (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*). Outra abordagem muito interessante, que responderia a algumas problemáticas, ou levantaria outras, seria o estudo dos metais exumados. Estudo similar foi concluído a Idade do Bronze Final e inícios da I Idade do Ferro, onde se chegaram a interessantes conclusões sobre as diferenças dos ferros entre indígenas e orientalizantes (Valério *et alii*, *no prelo*). Também seria interessante o estudo mais aprofundado sobre as bases económicas destas regiões. A base económica, pelo menos para a Região de Ourique, seria a agricultura e a pastorícia, complementada pela mineração de metais como o cobre, prata e ouro ou o comércio do estanho, devido às limitações produtivas dos ecossistemas. Contudo, toda a bacia do médio/alto Mira não possui essas jazidas tão generosas. Existe o sítio do Cortadouro, mas é caso quase isolado, pelo que a atividade metalúrgica seria mínima, e não está atestada a presença de ouro nessa região a não ser que o Mira oferecesse ouro aluvial, coisa que nunca se provou (Vilhena, 2006, p. 56).

Por último, um breve comentário sobre a Região de Ourique, que cremos, desempenha papel muito importante no entendimento das populações do Sul do atual território português, e que tende a continuar em brumas de incerteza. Sem a escavação de novos sítios ou a publicação de velhos dados, aquela continuará a ser olhada como “extraordinária exceção” e “*um campo de extraordinária feracidade para o conhecimento da organização social representando um modelo de enorme originalidade*” (Jiménez Ávila, 2002-2003, p. 96).

Bibliografia

ALARCÃO, Jorge de (1992) – Etnogeografia da fachada atlântica ocidental da Península Ibérica. Almagro Gorbea, M.; Ruiz Zapatero, G. (eds.) *Paleoetnología de la Península Ibérica*. Vol. 2. Madrid: Universidad Complutense, pp. 339-346.

ALARCÃO, Jorge de (1996a) – O primeiro milénio a.C. Alarcão, J. (ed.) – *De Ulisses a Viriato*. Lisboa: Instituto Português de Museus, pp. 15-30.

ALARCÃO, Jorge de (1996b) - Os círculos culturais da I Idade do Ferro no Sul de Portugal. Villar, Francisco; Encarnação, José d', (eds.) - *La Hispania Pre-Romana. Coloquio sobre Lenguas y Culturas Preromanas de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad de Salamanca, pp. 19-36.

ALARCÃO, Jorge de (1996c) – *Para uma Conciliação das Arqueologias*. Porto: Edições Afrontamento.

ALBUQUERQUE, Pedro (2008) – *Tartessos: entre Mitos e Representações*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

ALMAGRO-GORBEA, Martín (1993) – La Introducción del hierro en la Península Ibérica. Contactos precoloniales en el período protorientalizante. *Complutum*, 4, pp. 81-94.

ALMAGRO-GORBEA, Martín; JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; LORRIO ALVARADO, Alberto José; MEDEROS MARTÍN, Alfredo; TORRES ORTIZ, Mariano (2006) – *La Necrópolis de Medellín. I. La excavación y sus hallazgos*. Madrid: Real Academia de la Historia.

ALMAGRO-GORBEA, Martín; ARTEAGA, Oswaldo; BLECH, Michael; RUIZ MATA, Diego; SCHUBART, Hermanfrid (2001) – *Protohistoria de la Península Ibérica*. Barcelona: Editorial Ariel.

ALMAGRO-GORBEA, Martín; ZAPATERO, Gonzalo Ruiz (1992) – Paleoetnología de la Península Ibérica reflexiones y perspectivas de futuro. *Actas de Geografía e Historia de la Universidad Complutense*, 13-15. vol. 2 Madrid, pp. 469-500.

ALMAGRO-GORBEA, Martín; TORRES, Mariano (2009) – Los escarabeos fenicios de Portugal. Un estado de la cuestión. *Estudios Arqueológicos de Oeiras*, 17, pp. 521-554.

ANTUNES, Ana Sofia; SOARES, António Monge; DEUS, Manuela de; SOARES, Rui Monge (*no prelo*) – Monte do Bolor, Monte do Pombal 2, Salsa 3 e Torre Velha 3: Contextos de planície da I Idade do Ferro do Alentejo Interior. Jiménez Ávila (ed.) - *Sidereum Ana III - El Río Guadiana en Época Tartésica*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

ARAÚJO, Maria de Fátima; SILVA, Rui; SENNA-MARTINEZ, João Carlos; VALÉRIO, Pedro; FIGUEIREDO, Elin; SOARES, António Monge (2013) – Investigação em Arqueometalurgia em Portugal. Resultados recentes e perspectivas futuras de uma equipa multidisciplinar. *Al-Madan*, IIª série, vol. 17 (2), pp. 69-78.

ARGENTE OLIVER, J. L. (1986-87) – Hacia una clasificación tipológica y cronológica de las fíbulas de la Edad del Hierro en la Meseta Norte. *Zephyrus*, n.ºs 39,40, pp. 139-157.

ÀRIES, Philippe (1977) – *O Homem Perante a Morte*. Lisboa: Publicações Europa-América.

ARRUDA, Ana Margarida (1992) – “Orientalismo” e “Orientalizante”: génese e aplicação dos conceitos na Idade do Ferro do Centro/Sul de Portugal. *Estudos em Homenagem a Jorge Borges de Macedo*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, pp. 33-48.

ARRUDA, Ana Margarida (1996) – Particularidades, especificidades, e regularidades na Idade do Ferro do Sul de Portugal: aproximação a um modelo explicativo. *La Hispania Pre-romana*. Salamanca: Universidade de Salamanca, pp. 37-50.

ARRUDA, Ana Margarida (1999-2000) – *Los Fenícios en Portugal: Fenícios y Mundo Indígena en el Centro y Sur de Portugal*. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.

ARRUDA, Ana Margarida (2000) – Práticas e rituais funerários no Sul de Portugal durante a Proto-História. *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, vol. V, pp. 101-108.

ARRUDA, Ana Margarida (2001) – A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, (2), pp. 207-291.

ARRUDA, Ana Margarida (2004) – Necrópoles proto-históricas do Sul de Portugal: o mundo oriental e orientalizante. Gonzalez Prats (Ed.), *Temas Fenícios: o mundo funerário*. Alicante: Generalitat Valenciana, pp.457-494.

ARRUDA, Ana Margarida (2005a) – O 1.º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 23, pp. 9-156.

ARRUDA, Ana Margarida (2005b) – Orientalizante e pós-orientalizantes no Sudoeste Peninsular: Geografias e Cronologias. *El Período Orientalizante en la Península Ibérica* (Anejos de Archivo Español de Arqueología, XXXII, 205). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 285-303.

ARRUDA, Ana Margarida (2005c) – A Idade do Ferro em Portugal: leituras de Jorge de Alarcão. *O Passado em Cena: Narrativas e Fragmentos. Miscelânea Oferecida a Jorge de Alarcão*. Coimbra-Porto: Centro de Estudos Arqueológicos das Universidade de Coimbra e Porto, pp. 75-98.

ARRUDA, Ana Margarida (2007) – A Idade do Ferro do Sul de Portugal. Estado da Investigação. *Madri der Mitteilungen*. vol. 42, pp. 114-139.

ARRUDA, Ana Margarida (2008a) – Fenícios e Púnicos em Portugal: problemas e perspectivas. J. P. Vita e J. A. Zamora (eds.): *Nuevas perspectivas II: La Arqueología Fenicia y Púnica en la Península Ibérica*. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra, pp. 13-23.

ARRUDA, A. M. (2008b) – Estranhos numa terra (quase) estranha: os contactos pré-coloniais no território actualmente português. Celestino Pérez, S.; Rafel, N.; Armada, X.-L., (eds.) *Contacto Cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII ANE): La Precolonización a Debate*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 355-370

ARRUDA, Ana Margarida (2008c) – O Baixo Guadiana durante os séc. VI e V a.n.e. Jiménez Ávila (ed.) *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época postorientalizante* (Anejos de Archivo Español de Arqueología, XLVII), Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 307-325.

ARRUDA, Ana Margarida (2009) – Espaços funerários e a construção das novas entidades sociais e culturais do Extremo Ocidente Europeu (1º milénio a.n.e.). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. vol. 7, pp. 513-520.

ARRUDA, Ana Margarida (2010) – Fenícios no território actualmente Português: e nada ficou como antes. M. L. de la Bandera e E. Ferrer (eds.) *Carambolo: Cinquenta Anos de um Tesouro*. Sevilha: Universidade de Sevilha, pp. 439-452.

ARRUDA, Ana Margarida (2011) – Indígenas, fenícios y tartésicos en el Occidente Peninsular: mucha gente, poca tierra. Martí Aguillar (ed.) - *Fenícios en Tartessos: Nuevas Perspectivas*. Oxford: British Archaeological Reports, International Series 2245, pp. 151-160.

ARRUDA, Ana Margarida (2013) – Do que falamos quando falamos de Tartesso? J. Alvar e J. Campos (eds.) *Tarteso. El Emporio del Metal*. Huelva: Almuzara, pp. 211-222.

ARRUDA, Ana Margarida (2014) – A Oeste tudo de novo. Novos dados e outros modelos interpretativos para a orientalização do território português. *Fenícios e Púnicos por Terra e Mar, (Actas do 6º Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos)*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, vol. 2, pp. 513-535.

ARRUDA, Ana Margarida; GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos (1995) – O que é a IIª Idade do Ferro no Sul de Portugal? *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. vol. 35 (2), pp. 237-257.

ARRUDA, Ana Margarida; BARBOSA, Rui; GOMES, Francisco; SOUSA, Elisa de (no prelo) – A necrópole da Vinha das Calças (Beringel, Beja, Portugal). Jiménez Ávila (ed.) - *Sidereum Ana III - El Río Guadiana en Época Tartésica*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

ARRUDA, A. M. e GONÇALVES, V. S (1992) – A Idade do Ferro em Portugal. *Atlas da História Mundial*. Times Books (versão portuguesa). Lisboa: Editorial Enciclopédia, pp. 303, 304.

AVIENO, Rufus Festo (1992) – Orla Marítima (*Tradução do latim de J. Ribeiro Ferreira*). Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

BAPTISTA, Lúcia; GOMES, Sérgio; PINHEIRO, Rui; RODRIGUES, Zélia; VALE, Nelson; GRILO, José; MENDONÇA, Rodry; LUÍS, Liliana; SARAIVA, André; MOTA, Ricardo (2013) – Ponto de situação dos trabalhos de minimização de impactos sobre o património cultural decorrentes da execução do Circuito Hidráulico de Pedrógão – Fase de Obra (1ª Fase) (Vidigueira e Beja, Portugal). *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Villafranca de los Barros: Ayuntamiento de Villafranca de los Barros, pp. 2537-2571.

BARGÃO, Patrícia (no prelo) – A necrópole de Pisões (Beja). Apresentação dos primeiros resultados e leituras. Jiménez Ávila, (ed.) - *Sidereum Ana III - El Río Guadiana en Época Tartésica*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

BARROS, Pedro (2008) – Mértola durante os séculos VI e V a.C. Jiménez Ávila (ed.) *Sidereum Ana I – El rio Guadiana en época post-orientalizante*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 399-414.

BARROS, Pedro, BRANCO, Gertrudes; DUARTE, Cidália (2003) – A cista dos Gregórios. *Al-Madan*, 2ª série, vol. 12, pp. 182, 183.

BELÉN, María (2012) – Mujeres en las necrópolis tartesias. Prados-Toreeri, L. e Parra-Camacho, C. (eds.) - *La Arqueología Funerária desde una Perspectiva de Género*. Madrid: Servicio de Publicaciones Universidad Autónoma de Madrid, pp. 179-200.

BEIRÃO, Caetano de Mello (1972a) – *Primeiro Relatório sobre a Escavação da Estação Arqueológica da Fonte Santa (Ourique)*. Inédito. [Policopiado].

BEIRÃO, Caetano de Mello (1972b) – *Relatório das Prospecções Arqueológicas Feitas nos Concelhos de Odemira, Ourique, Castro Verde, Almodôvar, Mértola, Alcoutim, Loulé*. [Projecto Prospecções Arqueológicas feitas nos concelhos de: Odemira, Ourique, Castro Verde, Almôdovar, Mértola, Alcoutim, Loulé, Investigação *ad hoc*, 1971/ 1972. Inédito. [Policopiado].

BEIRÃO, Caetano de Mello (1972c) – Cinco aspectos da Idade do Bronze e da sua transição para a Idade do Ferro no Sul do País. *Actas das II Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. 1, pp. 193-222.

BEIRÃO, Caetano de Mello (1986) – *Une Civilisation Protohistorique du Sud du Portugal – 1er Âge du Fer*. Difussion de Boccard, Paris.

BEIRÃO, Caetano de Mello (1990a) – Epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. Novos dados arqueológicos. Tavares, A. A. (ed.) – *Estudos Orientais (Presenças Orientalizantes em Portugal - da Pré-História ao Período Romano)*, vol. I, pp. 107-118.

BEIRÃO, Caetano de Mello (1990b) – Novos dados arqueológicos sobre a epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. Untermann, J. e Villa, F. (eds.) – *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Voloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Peninsula Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad de Salamanca, pp. 684-696.

BEIRÃO, Caetano de Mello; CORREIA, Virgílio Hipólito (1988) – *Levantamento Histórico-Arqueológico do Concelho de Odemira* (P.D.M). [Policopiado].

BEIRÃO, Caetano de Mello; CORREIA, Virgílio Hipólito (1991a) – A cronologia do povoado de Fernão Vaz (Ourique, Beja). *Conimbriga*, vol. XXX, pp. 5-11.

BEIRÃO, Caetano de Mello; CORREIA, Virgílio Hipólito (1991b) – A II Idade do Ferro no Sul de Portugal: O estado actual dos nossos conhecimentos. *Actas del XXI Congreso Nacional de Arqueología*. vol. III. Zaragoza: Diputación General de Aragón. Departamento de Educacion Nacional, pp. 915-929.

BEIRÃO, Caetano de Mello; CORREIA, Virgílio Hipólito (1994) – Novos dados arqueológicos sobre a área de Fernão Vaz. Mangas, J.; Alvar, J. (eds.) - *Homenaje a José Maria Blázquez*. Vol. 1. Madrid: Ed. Clásicas, pp. 285-302.

BEIRÃO, Caetano de Mello; GOMES, Mário Varela (1980) – *A I Idade do Ferro no Sul de Portugal. Epigrafia e Cultura*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

BEIRÃO, Caetano de Mello; GOMES, Mário Varela (1984) – Coroplastia da I Idade do Ferro do Sul de Portugal. *Volume d'Homage au Géologue Georges Zbyszewski*. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, pp. 450-482.

BEIRÃO, Caetano de Mello; GOMES, Mário Varela (1986) – Grafitos da Idade do Ferro do centro e sul de Portugal. *Actas do III Colóquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 465-499.

BEIRÃO, Caetano de Mello; GOMES, Mário Varela (1988) – A estela epigrafa do Pardieiro, S. Martinho das Amoreiras (Odemira, Beja). *Veleia*, vol. 5, pp. 115-123.

BEIRÃO, Caetano de Mello; GOMES, Mário Varela; MONTEIRO, Jorge Pinho (1979) – *As Estelas Epigrafadas da I Idade do Ferro do Sul de Portugal*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

BERROCAL, Luis (1992) – *Los Pueblos Célticos del Suroeste de la Península Ibérica*. Madrid: Universidad Complutense (Complutum Extra; 2).

BINFORD, Lewis (1971) – Mortuary practices: their study and their potential. *Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices. Memoirs of the Society for American Archaeology*, n.º 25, pp. 6-29.

BINGRE, P.; AGUIAR, Carlos; ESPÍRITO-SANTO, Dalila; ARSÉNIO, Pedro; MONTEIRO-HENRIQUES, T. (2007) – Guia de campo. As árvores e os arbustos de Portugal Continental. Sande Silva (Coord. Ed.) - *Colecção Árvores e Florestas de Portugal*. Lisboa: Jornal Público. Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Liga para a Protecção da Natureza. (Árvores e Florestas de Portugal), vol. IX.

BLÁNQUEZ, Javier Pérez. (1993) – El mundo funerario albacetense y el problema de la escultura ibérica. *Arqueología en Albacete*. Madrid: Patrimonio Histórico Castilla-La Mancha, pp. 111-128.

BONANÇA, João (1887) – *História da Lusitania e da Iberia: desde os tempos primitivos ao estabelecimento definitivo do domínio romano: parte fundada em documentos até ao presente indecifráveis*. Lisboa: Empresa da História da Lusitania e da Iberia.

BRANCO, Gertrudes; BARROS, Pedro; DUARTE, Cidália (2005) – A cista dos Gregórios (Silves). *Xelb*, vol. 5, pp. 41-52.

BRAZUNA, Sandra e GODINHO, Ricardo (2008) – *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos. Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Aproveitamento Hidroagrícola de Alvito-Pisão (Concelhos de Beja, Cuba, Vidigueira e Alvito, distrito de Beja). Xancra II. Fase III*. [Policopiado].

BRAZUNA, Sandra e GODINHO, Ricardo (2014) – Xancra II (Cuba, Beja): Resultados Preliminares da Necrópole Islâmica. *Memórias d’Odiara. 4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. (O Plano de Rega (2002-2010))*. 2.ª série. Beja: Empresa de desenvolvimento e infra-estruturas do Alqueva, pp. 219-224.

- CARR, Christopher (1995) – Mortuary practices: their social, philosophical religious, circumstantial, and physical determinants. *Journal of Archaeological Method and Theory*, vol. 2, (2), pp. 105-200.
- CARTAILHAC, Émile (1886) – *Les Âges Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris: CH. Reinwald, Libraire.
- CHAPA BRUNET, Teresa; SIESO, Juan Pereida; BELINCHÓN, Antonio Madrigal (1998) - *La Necrópolis Ibérica de los Castellones de Céal (Hinojares, Jaén)*. Sevilla: Universidad de Jaén.
- CHAPA BRUNET, Teresa (2000) – Aplicaciones de la Arqueología de la Muerte en la Prehistoria Reciente de la Península Ibérica. L. Berrocal-Rangel, A. Bettencourt, V. Correia, M. Fernández-Posse, F. Sánchez-Palencia (coord.) - *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 5 (Proto-Histórica da Península Ibérica). Porto, pp. 9-19.
- CHILDE, Vere Gordon (1950) – *Prehistoric Migrations in Europe*. Oslo: Aschehoug.
- COELHO, Luís (1971) – Inscrições da necrópole proto-histórica da Herdade do Pêgo (Ourique). *O Arqueólogo Português*. Série III, vol. V, pp. 167-180.
- COELHO, Luís; DIAS, Maria Manuela Alves (1986) – South-west Iberian Early Iron Age: a theoretical hypothesis. *Veleia*, vols. 2,3, pp. 447-448.
- CORREA, José Antonio (1988) – Estela en escritura tartéssia (o. del S.O.) hallada en Alcoforado (Odemira, Baixo Alentejo). *Archivo Español de Arqueología*, vol. 61 (157, 158), pp. 197-200.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (1989-90) – A estação da Idade do Ferro do Porto das Lages (Ourique, Beja). *Portugalia*. Porto. Nova série, vols 9, 10, pp. 81-92.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (1990) – A expansão orientalizante na fachada atlântica peninsular: dados conhecidos e perspectivas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. (Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira), vol. 30 (I), pp. 177- 193.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (1993) – As necrópoles da Idade do Ferro do Sul de Portugal. A arquitectura e rituais. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. 33 (3, 4)pp. 351- 376.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (1995) – The Iron Age in South and Central Portugal and the emergence of urban centres. B. Cunliffe, S. Keay (ed.s) - *Social Complexity and the*

Development of Towns in Iberia from the Copper Age to the Second century AD. Proceedings of the British Academy, 86. Oxford: The British Academy, pp. 237-262.

CORREIA, Virgílio Hipólito (1996a) – *A Epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica*. Porto: Edições Etnos.

CORREIA, Virgílio Hipólito (1996b) – Os povoados da I Idade do Ferro no Sul de Portugal. Alarcão, J., (ed.) – *De Ulisses a Viriato*. Lisboa: Instituto Português de Museus, pp.82-87.

CORREIA, Virgílio Hipólito (1996c) – O desenvolvimento da escrita pré-latina no Sudoeste da Península Ibérica. *II Congreso de Arqueología Peninsular*. (Primer Milenio y Metodología), vol. III. Zamora, pp. 63- 70.

CORREIA, Virgílio Hipólito (1997a) – Um modelo historiográfico para a Idade do Ferro do Sul de Portugal e a sua Arqueologia. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. vol. 37, (3-4), pp. 41-85.

CORREIA, Virgílio Hipólito (1997b) – As necrópoles algarvias da I Idade do Ferro e a escrita do Sudoeste. Barata, M. F. (ed.) - *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, pp. 265-279.

CORREIA, Virgílio Hipólito (1999) – Fernão Vaz (Ourique, Beja). Balanço da investigação arqueológica. *Vipasca*, 8, pp. 23-31.

CORREIA, Virgílio Hipólito (2000a) – Algumas considerações sobre os centros de poder na Proto-História do Sul de Portugal. *Actas do Congresso de Proto-História Europeia (Revista de Guimarães)*, volume especial, II. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, pp. 699-714.

CORREIA, Virgílio Hipólito (2000b) – Modelos de interpretação e arqueologia proto-histórica. *Proto-História da Península Ibérica. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. V. Porto, pp. 413-427.

CORREIA, Virgílio Hipólito (2009) – A escrita do sudoeste: uma visão retrospectiva e prospectiva. *Paleohispanica* 9, pp. 309-321.

CORREIA, Virgílio Hipólito (2014) – A escrita do Sudoeste da Península Ibérica: velhos dados, novas teorias e a sua importância para o estudo das antigas culturas hispânicas. *Portvgalia*, Nova Série, vol. 35, pp. 77-93.

CORREIA, Virgílio Hipólito; PARREIRA, Rui (2002) – *Cola. Circuito Arqueológico*. Roteiros da Arqueologia Portuguesa, 8. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico.

CORTES, Rui (1999) – *Levantamento da Carta Arqueológica de Almodôvar. Relatório de Estágio Profissional* - Projecto Levantamento da Carta Arqueológica de Almodôvar. Inédito.

CORREIA, Natália (1988) – *Levantamento Arqueológico do Concelho de Odemira*. Tese de licenciatura. Inédito. [Policopiado].

COSTA, José Miguel da (1967) – O tesouro fenício ou cartaginês do Gaio (Sines). *Ethnos*, vol. V, pp. 529-538.

COSTA, José Miguel da (1972) – O tesouro púnico-tartéssico do Gaio (Sines) (Séc. VII a.C.). Novos Achados. *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. II. pp. 97-120.

PY-DANIEL, Anne Rapp (2014) – Como os contextos funerários nos ajudam a entender os vivos na Amazônia Pré-Colombiana. Stéphen Rostain (ed.) – *Antes de Orellana. Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Ecuador: Instituto Francés de Estudios Andinos, pp. 157-165.

DEUS, Manuela; CORREIA, José (2005) – Corte Margarida. Mais uma necrópole orientalizante no Baixo-Alentejo. F. Celestino Pérez y J. Jiménez Ávila (eds.), *El Período Orientalizante, Protohistoria del Mediterraneo Occidental, Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida* (Anejos de Archivo Español de Arqueología, XXXV) vol. 1. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 615-618.

DIAS, S.; FIGUEIREDO, Margarida (2011) – *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural Decorrentes da Execução do Bloco de Rega de Ferreira, Figueirinha e Valbom (fase da Obra). Monte Pombal I*. Relatório dos trabalhos arqueológicos, Lisboa, Era Arqueologia. [Policopiado].

DIAS, Maria Manuela Alves; COELHO, Luís; BEIRÃO, Caetano de Mello (1970) – Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo: Ourique. *O Arqueólogo Português*. Série III, vol. IV, pp. 175-219.

DIAS, Maria Manuela Alves; COELHO, Luís (1971) – Notável lápide proto-histórica da Herdade da Abóbada – Almodôvar (primeira notícia). *O Arqueólogo Português*. Série III, vols 7-9, pp. 262-275.

DIAS, Maria Manuela Alves; COELHO, Luís (1983) – Objectos arqueológicos de um túmulo de incineração da necrópole proto-histórica da Herdade da Favela Nova (Ourique). *O Arqueólogo Português*. série 4. vol. 1, pp. 197-205.

DUARTE, Cidália (2003) – Bioantropologia. Mateus, J. E. e Moreno-García, M. (eds.) – *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da Cultura*. Trabalhos de Arqueologia, 29, pp. 263-296.

EGF-SAGE (1989) – *Plano Director Municipal de Castro Verde. Componente Sociodemográfica e Património*. Castro Verde: Câmara Municipal de Castro Verde.

ESTRELA, Susana; COSTEIRA, Catarina; ALVES, Catarina; PORFÍRIO, Eduardo; SERRA, Miguel (2011) – Torre Velha 3 (Serpa): um novo ponto no mapa da Idade do Ferro do Sudoeste. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: Câmara Municipal de Almodôvar, pp. 235-268.

FARIA, António; SOARES, António Monge (1998) – Uma inscrição em caracteres do Sudoeste proveniente da Folha do Ranjão (Baleizão, Beja). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 1, pp. 153-160.

FABIÃO, Carlos (1994) – As ocupações antigas de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Resultados preliminares das campanhas de 1990-92. *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 275-289.

FABIÃO, Carlos (1992) – O passado proto-histórico e romano. J. Mattoso (coord.) *História de Portugal. Antes de Portugal*, vol. 1. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 79-299.

FABIÃO, Carlos (1998) – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na Área Céltica do Território Português*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2º volume. [Policopiado]

FABIÃO, Carlos (2001) – O povoamento do Sudoeste Peninsular na segunda metade do I milénio a.C.: continuidades e rupturas. L. Berrocal-Rangel e Philippe Gardes (eds.) *Entre Celtas e Íberos. Las Poblaciones ProtoHistóricas de las Galias e Hispania*. Madrid: Real Academia de la Historia. Casa de Velázquez, pp. 227-246.

- FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar (2008) – Mesas do Castelinho (Almodôvar). Um projecto com vinte anos. *Al-madan*. II Série, nº 16, pp. 92-105.
- FEIO, Mariano (1949) – *Le Bas Alentejo et l'Algarve. Livre Guide*. Congrès International de Geographie. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- FEIO, Mariano (1952) – *Evolução do Relevo do Baixo Alentejo e Algarve. Estudo de Geomorfologia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- FEIO, Mariano e DAVEU, Suzanne (2004) – *O Relevo de Portugal. Grandes Unidades Regionais*. Vol. II. Capítulo II – O Baixo Alentejo e as serras envolventes. Coimbra: Associação Portuguesa de Geomorfólogos pp. 21-32.
- FERREIRA, Mulize; INÁCIO, Isabel (1995) – *Carta Arqueológica de Almodôvar*. Évora: Instituto Português do Património Arquitectónico.
- FREITAS, Vera Teixeira; OLIVEIRA, Carlos Pinto de (2004) – A Idade do Ferro no Baixo Guadiana. *As Idades do Bronze e do Ferro na Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: Centro de Estudos do Património, pp. 409-418.
- FIGUEIREDO, Margarida; GODINHO, Ricardo (2010) – Poço da Gontinha 1 (Ferreira do Alentejo): resultados preliminares. *4º Colóquio de Arqueologia de Alqueva*. Resumos 2ª Sessão - Proto-História, Beja: Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva, SA. [Policopiado].
- FIGUEIREDO, Margarida; MATALOTO, Rui (no prelo) – Poço da Gontinha 1, Poço Novo 1, Fareleira 2: Três necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo. Jiménez Ávila (ed.) - *Sidereum Ana III - El Rio Guadiana en Época Tartésica*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GAMITO, Teresa Júdice (1982) – A Idade do Ferro no Sul de Portugal. Problemas e Perspectivas. *Arqueologia*, nº 6, pp. 65-78.
- GAMITO, Teresa Júdice (1991) – A introdução da metalurgia do ferro no Sudoeste Peninsular, com base nas datações de radiocarbono. *Actas das IV Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 299-304.

GOMES, Francisco (2011) – *Contextos de Culto de Matriz Mediterrânea na Idade do Ferro do Sul do Actual Território Português (sécs VIII-III a.n.e)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa.

GOMES, Mário Varela (1986) – Uma *larnax* de Mértola (Beja). *Arquivo de Beja*, série II, vol. 3, pp. 57-70.

GOMES, Mário Varela (1991) – O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-História do Sul de Portugal: smiting gods ou deuses ameaçadores. *Estudos Orientais*, vol.1, pp. 53-106.

GOMES, Mário Varela (2002) – Divindades e santuários púnicos, ou de influência púnica, no Sul de Portugal. *Os Púnicos no Extremo Ocidente*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 99-148.

GOMES, Mário Varela (2007) – O Museu da Escrita do Sudoeste, de Almodôvar. Formas e conteúdos ou a ausência destes. *Al-Madan*, II série, vol. 15, pp. 15-17.

GARCÍA GANDIA, José Ramón (2009) – *La Necrópolis Orientalizante de Les Casetes (La Vila Joiosa, Alicante)*. Alicante: Universidad de Alicante.

GUERRA, Amílcar (1998) – *Nomes Pré-Romanos de Povos e Lugares do Ocidente Peninsular*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa. 2 Volumes. [Edição policopiada]

GUERRA, Amílcar (2009) – Novidades no âmbito da epigrafia pré-romana do sudoeste hispânico. *Paleohispanica*, 9, pp. 323-338.

GUTIERREZ SOLER, Luis María; IZQUIERDO PERAILE, María Isabel (2001) – Analisis arqueologico e interpretacion de los espacios funerarios del oppidum de Giribaile en el territorio del valle del Guadalimar (Jaén). *Archivo Español de Arqueología*, vol. 74, pp. 35-52.

HÜBNER, Emil (1893) – *Monumenta Linguae Ibericae*. Berlim: Reimer.

JIMÉNEZ ÁVILA, Javier (1996) – La Necrópolis de el Jardal (Herrera del Duque, Badajoz): Elementos para una revisión cronológica de las necrópolis de la 1.ª Edad del Hierro del Sur de Portugal. *Actas do II Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 105-114.

- JIMÉNEZ ÁVILA, Javier (2002-2003) – Estructuras tumulares en el Suroeste Ibérico. Entorno al fenómeno tumular en la Prothohistoria peninsular. *Homenaje a la Dra. Dña. Encarnación Ruano*. Boletín de la Asociación Española de Amigos de Arqueología, pp. 81-118.
- KUNST, Michael; ROJO GUERRA, Manolo Ángel (eds.) (2002) – Sobre el significado del fuego en los rituales funerarios del Neolítico. *Studia Archaeologica*, vol. 91. Valladolid: Universidad Valladolid.
- LEMOS, Cláudia [s.d] - *Estudo de Impacte Ambiental (EIA) – Linha de ligação à rede do Parque Eólico da Serra do Mú*. Relatório inédito. [Policopiado].
- LEROI-GOURHAN, André (1983) – *As Religiões da Pré-História*. Lisboa: Edições 70.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1955) – *Tristes Tropiques*. Manchecourt: Union Générale d'Éditions.
- LIMA, José Fragoso de (1988) – *Monografia Arqueológica do Concelho de Moura*. Moura: Câmara Municipal de Moura.
- LOPES, Maria Conceição; CARVALHO, Pedro; GOMES, Sofia (1997) – *Arqueologia do Concelho de Serpa*. Serpa: Câmara Municipal de Serpa.
- LOUREIRO, João José Mimoso (1982) – *Monografia Hidrológica do Rio Guadiana*. Évora: Comissão de Coordenação da Região do Alentejo.
- LOUREIRO, João José Mimoso; NUNES, Maria Noemia da Fonseca; BOTELHO, Orlando Ferreira (1982) – *Monografia Hidrológica do Rio Sado*. Lisboa: Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidraulicos.
- LOUREIRO, João José Mimoso; NUNES, Maria Noemia da Fonseca; BOTELHO, Orlando Ferreira (1984) – *Monografia Hidrológica do Rio Mira*. Évora: Ministério da Habitação, Obras Públicas e Transportes.
- LULL, Vicente (1997-98) – El Argar: La muerte en casa. *AnMurcia*, vols 13, 14, pp. 65-80.
- MAIA, Maria (1987) – Dois *larnakes* da Idade do Ferro do Sul de Portugal. *Veleia*, vol. 2, pp. 223-242.
- MAIA, Maria (1988) – Neves II e a fácies cultural de Neves Corvo. *Arquivo de Beja*. Beja. 2ª Série, vol. 3, pp. 23-42.

MAIA, Maria (2008) – Reflexões sobre os complexos arquitectónicos de Neves-Corvo, na região central do Baixo Alentejo, em Portugal. Jiménez Ávila, J. (coord.) – *Sidereum Ana I: El río Guadiana en Época Post-Orientalizante*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 353-364.

MAIA, Maria; CORREA, José António (1985) – Inscripción en escritura tartéssica (o del SO) hallada en Neves (Castro Verde, Baixo Alentejo) y su contexto arqueológico. *Habis*. vol. 16, pp. 243-274.

MAIA, Maria; MAIA, Manuel (1986) – *Arqueologia da área mineira de Neves Corvo. Trabalhos realizados no triénio 1982-84*. Castro Verde: Somnicor.

MAIA, Maria; MAIA, Manuel (1996) – Arqueologia do couto mineiro de Neves Corvo. *Mineração do Baixo Alentejo*. Castro Verde: Câmara Municipal de Castro Verde, pp. 83-93.

MARTINS, Artur (2008) – *Megalitismo da Região de Ourique (Portugal). Um Conjunto megalítico esquecido*. Tese de Mestrado apresentada à Universidade de Huelva (Departamento Historia I), Master en Patrimonio Historico e Natural, Huelva. [Policopiado].

MELRO, Samuel (2007) – *Relocalização, identificação e inspecção de sítios pela Extensão do Instituto Português de Arqueologia - Castro Verde*. [Policopiado].

MELRO, Samuel; BARROS, Pedro; GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos (2009) – O Projecto Estela: Primeiros, resultados e perspectiva. *Palaeohispanica. (Actas do X Colóquio Internacional sobre Línguas e Culturas Paleo-Hispânicas)* vol. 9, pp. 353-359.

MELRO, Samuel; BARROS, Pedro (2012) – Projecto ESTELA: o território da escrita do Sudoeste e a Idade do Ferro na actual região de Almodôvar. *V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: Câmara Municipal de Almodôvar, pp. 189-199.

MELRO, Samuel; BARROS, Pedro e GONÇALVES, David (2013) – A necrópole da Idade do Ferro da Abóbada (Almodôvar). *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste*. Villafranca de los Barros: Ayuntamiento de Villafranca de los Barros, pp. 1157-1177.

MITHEN, Steven (1998) – *A Pré-História da Mente. Em Busca das Origens da Arte, da Religião e da Ciência*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista.

MORRIS, Ian (1996) – *Death Ritual and Social Structure in Classical Antiquity*. New York: Cambridge University Press.

MOURA, Luís; VALENTE, Marco (2006) – *Relatório Final - Linha Aérea de Interligação à REN do Parque Eólico da Serra do Mú. Acompanhamento Arqueológico*. Relatório. [Policopiado].

OLIVEIRA, José Tomás, MONTEIRO, José Hipólito; ZBYSZEWSKI, Georges; MANUPPELLA, Giuseppe; OLIVEIRA, Vítor (1984) – *Carta Geológica de Portugal, à escala 1: 200 000*. Folhas 7 e 8. Notícia explicativa da folha 7. Serviço Geológico de Portugal, Lisboa.

POLLA, Belo (1960) – Birituelle Fuzesabonyer Begrabnisstatte in Streda nad Bodrogom. B. Chropovsky. M. Dušek, and B. Polla (eds) - *Pohrebiska zo staršej doby bronzovej na Slovensku I*, Bratislava, pp. 299-386.

PONTE, Teresa Ricou (1998/99) – *Urbanização e Romanização no Conventus Pacensis: O caso de Garvão. Campanha de 1998/99*. Relatório preliminar. [Policopiado].

PONTE, Teresa Ricou (2012) – *Em torno às ocupações antigas de Garvão*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. [Policopiado].

PONTE, Maria de la Salette da (1986) – Valor residual de seis fíbulas da região de Beja. *Arquivo de Beja*. Beja, vol. 3, pp. 75-88.

PONTE, Maria de la Salette da (2004) – Retrospectiva sobre fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal. *Conimbriga*, vol. XLIII, pp. 199-213.

RANGEL-BERROCAL, Luis (1992) – *Los Pueblos Celticos del Suroeste de la Peninsula Iberica*. Editorial Complutense: Madrid.

RIBEIRO, J. C. (1996) – A Ora Marítima de Avieno e a descrição da costa atlântica entre o Cabo da Roca e a Foz do Sado. A propósito da localização de Poetanion. Villar, F. e Encarnação, J. (eds.) – *La Hispania Prerromana*. Salamanca: Universidad de Salamanca, pp. 279-300.

RIBEIRO, Marily Simões (2007) – *Arqueologia das Práticas Mortuárias: uma Abordagem Historiográfica*. São Paulo: Editora Alameda.

RIBEIRO, Orlando (1986) – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. 4ª edição, Lisboa: Editorial Minerva.

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Herman (1988) – *Geografia de Portugal II. O Ritmo Climático e a Paisagem*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

ROCHA, António dos Santos (1975) – A necrópole proto-histórica da Fonte Velha, em Bensafrim. *Memórias e Explorações Arqueológicas*. Coimbra: Universidade de Coimbra, vol. 3, pp. 127-141.

RODRIGUES, Zélia Maria (2008) – *Relatório Antropológico de Campo. Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do bloco de rega de Pisão e Aproveitamento Hidroagrícola de Alvito-Pisão. Trabalhos Arqueológicos no Sítio de Palhais*. Relatório. [Policopiado].

SALISBURY, Katharina Rebay (2012) – Inhumation and cremation: how burial practices are linked to beliefs. Sorensen e Katharina Rebay Salisbury (eds.) – *Embodied Knowledge: Historical Perspectives on Technology and Belief*. Oxford: Oxbow Books, pp. 15-26.

SALVADOR, Rosa Mateos; PEREIRA, José (2012) – A "necrópole" da Carlota (São Brissos, Beja) no contexto cultural da I Idade do Ferro no Baixo Alentejo: dados preliminares. *V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: Câmara Municipal de Almodôvar, pp. 317-330.

SALVADOR, Rosa Mateos; PEREIRA, José (no prelo) – El paisaje funerario al oeste de Beja en el periodo Orientalizante: las necrópolis de Carlota y Cinco Reis. Jiménez Ávila (ed.) - *Sidereum Ana III - El Río Guadiana en Época Tartésica*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

SANTOS, Filipe João; ANTUNES, Ana Sofia; GRILO, Carolina; DEUS, Manuela de (2009) – A necrópole da I Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência no Baixo-Alentejo. *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, Huelva: Universidad de Huelva, pp. 746-804.

SANTOS, Filipe João; ANTUNES, Ana Sofia; DEUS, Manuela de; GRILO, Carolina (no prelo) – Necrópole de Palhais (Beringel, Beja). Jiménez Ávila (ed.) - *Sidereum Ana III - El Río Guadiana en Época Tartésica*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

- SERRA, Miguel (2014) – Os senhores da planície. A ocupação da Idade do Bronze nos “Barros de Beja” (Baixo Alentejo, Portugal). *Antrope*. Série monográfica n.º 1, pp. 269-296.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira; GOMES, Mário Varela (1992) – *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- SILVA, Filipa Cortesão (2007) – Abordagem ao ritual funerário da cremação através da análise dos restos ósseos. *Almadan*, 2ª série, n.º 5, pp. 40-48.
- SOARES, António Monge (1993) – O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana. As necrópoles do concelho de Serpa. *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 179-197.
- SOARES, António Monge (2009b) – Práticas rituais no Bronze do Sudoeste – Alguns dados. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol. 17, pp. 433-456.
- SOARES, António Monge; ANTUNES, Ana Sofia; QUEIROZ, Paula; DEUS, Manuela de; SOARES, Rui Monde; VALÉRIO, Pedro (2009a) – A ocupação sidérica do Passo Alto (V.V. de Ficalho, Serpa). *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, Huelva: Universidad de Huelva, pp. 544-575.
- SOARES, Rui Monge; MARTINS, Artur (2013) – A necrópole da Nora Velha 2 (Ourique). Novos dados e interpretações 20 anos após a sua escavação. *I Congresso Associação dos Arqueólogos Portugueses. Arqueologia em Portugal, 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 661-669.
- TAYLOR, Timothy (2002) – *The Buried Soul. How humans Invented Death*. London: Fourth Estate.
- TAVARES, António Augusto – Primeiras migrações para Ocidente, segundo as fontes escritas. *Estudos Orientais*, vol. 1, pp. 13-25.
- TORRES, Mariano Ortiz (1999) – *Sociedad y Mundo Funerario en Tartessos*. Bibliotheca Archaeologica Hispana 3. Madrid: Real Academia de la Historia.
- TORRES, Mariano Ortiz (2005) – Las necrópolis orientalizantes del Sudoeste de la Península Ibérica. Celestino e Jiménez Ávila (eds): *El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacionl de Arqueología de Mérida: Anejos de Archivo Español de*

Arqueologia XXXV. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 23-440.

TORRES, Mariano Ortiz (2008) – Vasos «a chardón». Almagro-Gorbea, M. (dir.), *La Necrópolis de Medellín. II. Estudio de los hallazgos*. Madrid: Real Academia de la Historia, pp. 658-662.

TOVAR, António (1961) – *The Ancient Languages of Spain and Portugal*. New York: Vanni.

TOVAR, António (1976) – *Iberische Landeskunde, 2. Lusitanien*. Baden-Baden: Valentin.

UCKO, P. J. (1969) – Ethnography and archaeological interpretation of funerary remains. *World Archaeology*, vol. 2, pp. 262-280.

VASCONCELLOS, José Leite de (1897) – Excursão pelo Baixo Alentejo. *O Archeologo Português*, vol. 3, pp. 230-246.

VASCONCELLOS, José Leite de (1897-1913) – *As Religiões da Lusitânia*, vols 1-3, Lisboa: Imprensa Nacional.

UNTERMANN, Jürgen (1997) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum, Band IV. Die Tartessischen, Keltiberischen und Lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden: Ludwig Reichert Verlag.

VALÉRIO, Pedro; SOARES, António Monge; ARAÚJO, Fátima; SILVA, Pedro J. (no prelo) – A metalurgia do bronze na bacia do Guadiana entre os sécs VIII e VI a.C. Metalurgia indígena versus metalurgia orientalizante. Jiménez Ávila (ed.) - *Sidereum Ana III - El Río Guadiana en Época Tartésica*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

VEIGA, Sebastião Philippes Martins Estácio da (1891) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. vol. IV, edição de 2005. Faro: Universidade do Algarve.

VEIGA, Sebastião Philippes Martins Estácio da (1880) – *Memoria das Antiguidades de Mertola, Observadas em 1877 Relatadas*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VIANA, Abel (1945) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, vol. V, pp. 3-39.

VIANA, Abel (1957) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. vol. 13, p. 30.

VIANA, Abel (1960) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo: a Senhora da Cola. *Arquivo de Beja*, vol. 17, pp. 3-66.

VILAÇA, Raquel (2014) – Ensaio sobre a região de Beja em torno do ano mil a.C. Entre a tradição e a inovação. Vilaça, R. e Serra, M. (eds.) – *A Idade do Bronze do Sudoeste: Novas Perspectivas Sobre uma Velha Problemática*. Coimbra: Universidade de Coimbra/Palimpsesto, pp. 99-123.

VILHENA, Jorge, (1995) – *Levantamento Arqueológico do Concelho de Odemira*. [Policopiado].

VILHENA, Jorge (1999) – *Proto-História do Médio e Baixo Vale do Mira - A Arqueologia do rio (Concelho de Odemira) - Projecto de Investigação - Relatório Técnico*, vol. III. [Policopiado].

VILHENA, Jorge (2000) – *Proto-História do Médio e Baixo Vale do Mira - A Arqueologia do Rio (Concelho de Odemira) - Projecto de Investigação. Relatório dos Trabalhos de 2000 (ano 3)*. vol III. [Policopiado].

VILHENA, Jorge (2006) – *O sentido da permanência*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa. [Policopiado].

VILHENA, Jorge (2008) – As armas e os barões assinalados? Reflexões em torno das necrópoles monumentais do “Ferro de Ourique” (Sul de Portugal). *Sidereum ANA I. El Rio Guadiana en Época Post-Orientalizante*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 373- 397.

VILLAS-BOAS, Dom Frei Manuel do Cenáculo (1813) – *Graças Concedidas por Christo no Campo de Ourique, Acontecidas em Outros Tempos, e Repetidas no Actual, Conformes aos Desenhos de Suas Idades*. Lisboa: Imprensa Regia.

VILLAS-BOAS, Dom Frei Manuel do Cenáculo (1800) – *Sisenando Mártir e Beja sua pátria*, Manuscrito da Biblioteca Pública de Évora, publicado no Arquivo de Beja, vol. VI, fasc III e IV.

VILLAS-BOAS, Dom Frei Manuel do Cenáculo (1791) – *Cuidados Literários do Prelado de Beja em Graça do seu Bispado* – Lisboa: Oficina de Simão Thadeo Ferreira.

ZBYSZEWSKI, Georges; FEIO, Mariano e D'ALMEIDA, Fernando Moitinho (1950) – Contribuição para o conhecimento dos terrenos terciários do Alentejo. *XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Lisboa, Tomo V, pp. 509-53

Anexo

Primeiro Grau

Aljustrel

Topónimo: Corte Margarida

Localização: Beja, Aljustrel, Ervidel

Coordenadas: 37°56'13" N, 8°6'12" W; C.M.P: 530.

Implantação do Sítio: A necrópole implanta-se na paisagem característica da peneplanície alentejana, em terrenos da faixa piritosa ibérica. Dista cerca de 1 Km da ribeira do Roxo, afluente da margem direita do Sado, e do povoado sidérico do Castelo Velho do Roxo.

Descrição Geral: A intervenção arqueológica em Corte Margarida que revelou necrópole da I Idade do Ferro, ocorreu resultante de uma intervenção de emergência. Apenas foi publicado artigo preliminar dos resultados (Deus e Correia, 200

Inventário

Número de Sepulturas: Duas

Área ocupada: S.D⁴⁰

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura 1

Orientação: Não menciona, mas parece, pela planta, ser SO-NE

Medidas: 1,00 m por 0,38 m na base escavada.

Tipologia e Materiais Construtivos: É uma sepultura em cista, com planta retangular. Foi escavada na rocha base, e posteriormente protegida com

⁴⁰ Sem Documentação.

lajes de xisto. A cobertura, também de xisto, encontrava-se muito fraturada e dentro do monumento. Uma particularidade desta sepultura dá-se na laje Sul em que se encontra uma nova laje que cria compartimento dentro da própria sepultura, onde se encontrou recipiente cerâmico. Todavia, não se encontrou qualquer vestígio de incineração.

Ritual Funerário: Inumação, com possível incineração pela presença da urna cerâmica na pequena divisão encontrada no sepulcro.

Espólio: Pequena taça em cerâmica; Conjunto de vinte e duas contas de colar, na sua maioria oculadas, de pasta vítrea, mas também algumas contas de âmbar e pequenas contas bitroncocônicas de vidro. Sem restos ósseos.

Identificação: Sepultura 2

Orientação: Não especificam, mas aparenta ser O-E

Medidas: 1,00 m por 0,42 m na rocha base.

Tipologia e Materiais Construtivos: Cista, escavada na rocha base, com planta retangular e moldura de lajes de xisto. A vala escavada de implantação terá sido maior que a própria sepultura, pelo que na extremidade Norte se encheu com terra e pedras, o que acabou por levar esse esteio a se inclinar para o interior do sepulcro.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Quarenta e oito contas de colar; um escaravelho (com inscrição do faraó Pedubaste); fragmento de aro; dente; duas figuras ornitomórficas. Sem restos ósseos.

Dados Suplementares: Este tipo de sepulcro, em cista, não se enquadra no faseamento proposto para a região de Ourique e vizinhas, aproximando-se um pouco das necrópoles do Algarve.

Cronologia: Século VI a.C.

Bibliografia: Deus e Correia, 2005; Vilhena, 2008, p. 392; Santos *et alii*, 2009, pp. 767, 774, 778; Salvador, 2010, p. 321.

Imagens:

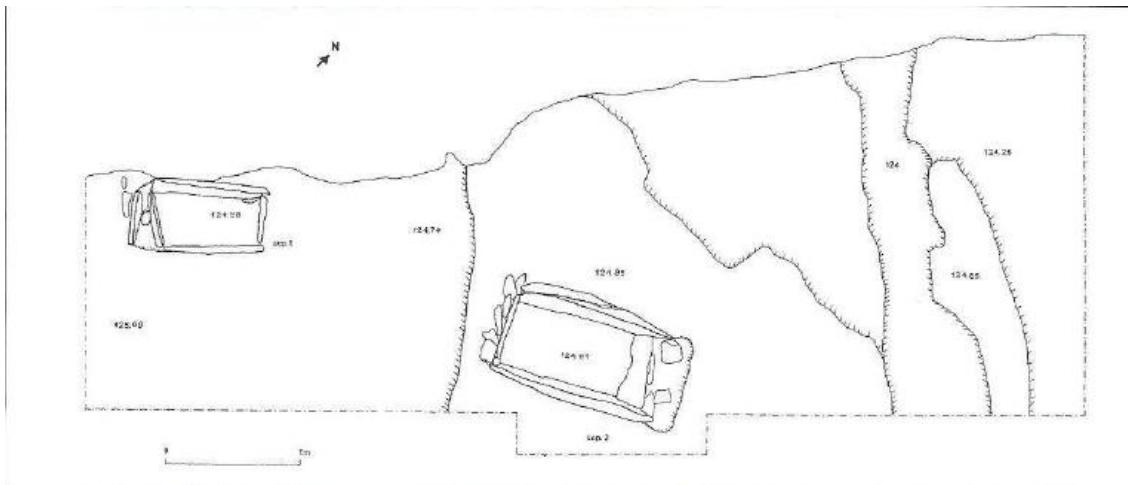


Imagem 1: Plano da necrópole (Deus e Correia, 2005, p. 618)

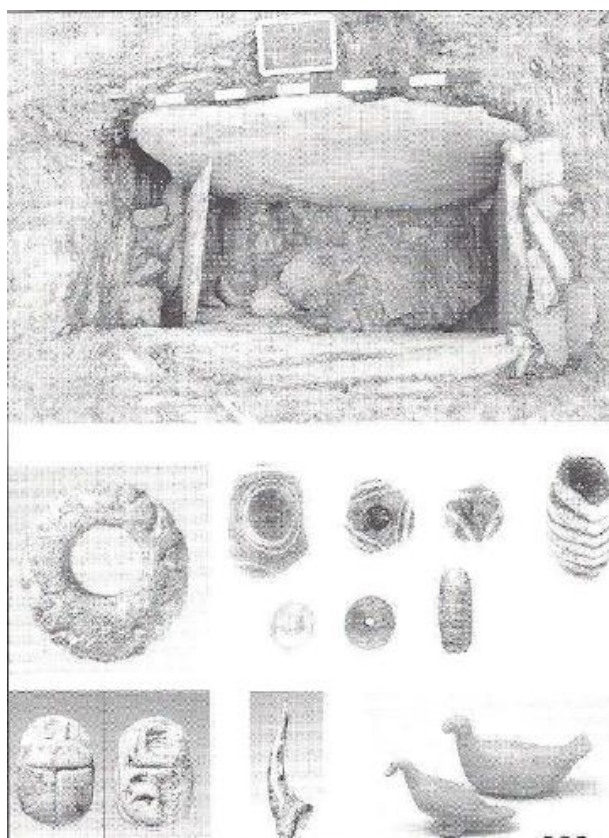


Imagem 2: Sepultura 1. Fase de Escavação e espólio respetivo (Deus e Correia, 2005, p. 617).

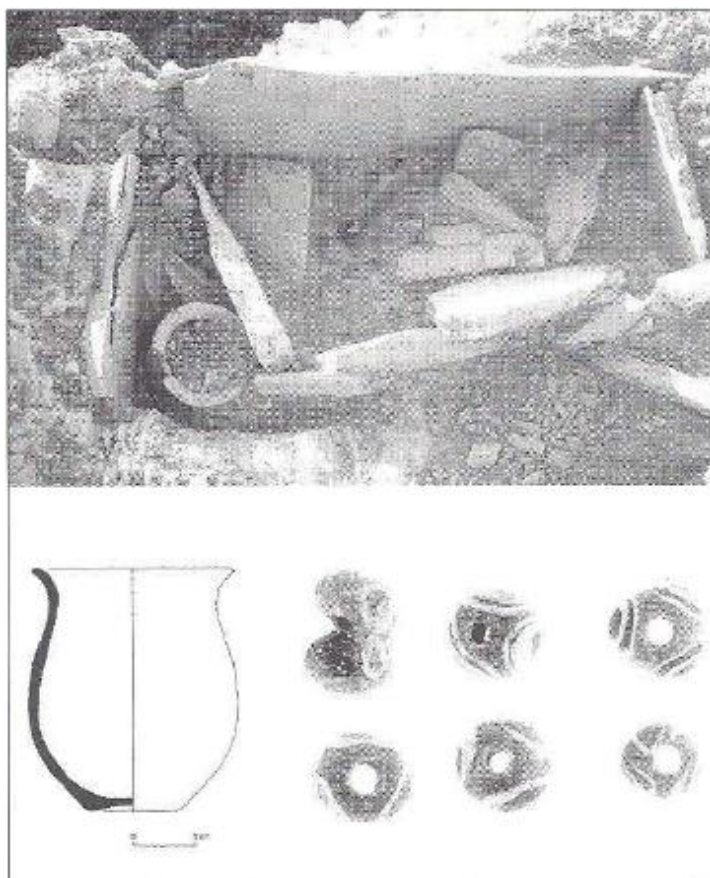


Imagem 3: Sepultura 2. Fase final da escavação e espólio correspondente (Deus e Correia, 2005, p. 617).

Almodôvar

Topónimo: Abóbada

Localização: Beja, Almodôvar, São Sebastião de Gomes Aires

Coordenadas: Gauss: 190,6/ 64,3; C.M.P: 563

Implantação do Sítio: A necrópole situa-se em pequena plataforma sobranceira a várzea do Mira, perto de um peço de águas permanentes. Ainda perto desta necrópole encontra-se o principal ponto de passagem do rio.

Descrição Geral: A necrópole foi descoberta no início dos anos 70 quando se encontrou a famosa "Estela do Guerreiro", que cobria urna cinerária (Dias e Coelho, 1972). Em 2012, procedeu-se à escavação da mesma (Barros, Melro, Gonçalves, 2013),

inserida no "Projecto Estela", que se encontra enquadrado com o Museu da Escrita do Sudoeste de Almodôvar (Melro *et alii*, 2009a; 2009b; 2010; 2011; 2012; Guerra, 2007).

Inserida na necrópole estão duas estruturas tumulares, que foram de difícil delimitação pelos empedrados pouco intuitivos devido à ação da lavra que revolveu terras e misturou estratigrafias, transversal a todo o sítio.

A necrópole é composta apenas de incinerações. Contudo, existem diferentes modalidades de enterramento. Os autores da escavação sistematizaram três diferentes tipos: 1- Delimitadas por moldura pétrea (túmulos); 2- Fossa simples, com deposição secundária de cremação no solo, sem recurso a urna; 3- Sepultura em fossa simples com deposição secundária da cremação em urna (Barros, Melro e Gonçalves, 2013, p. 1166).

Inventário

Número de Sepulturas: Oito.

Área ocupada: Intervencionados 100 m², mas não se intervencionou a área total.

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura I

Orientação: NO-SE

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais de Construtivos: Covacho com deposição secundária de cremação no solo. Esta sepultura não se encontra tão truncada como outras da necrópole, pelo que foi possível aferir melhor a sua configuração, que se revelou retangular/trapezoidal. É uma das poucas que apresenta maior potência estratigráfica além de uma das maiores concentrações de ossos. Insere-se no Tipo 2 dos autores.

Ritual Funerário: Incineração

Espólio: Ponta e conto de lança. Os restos ósseos exumados, apresentavam um peso total de: 536,7 g.

Identificação: Sepultura II

Orientação: O-E

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais de Construtivos: Fossa simples com deposição secundária. Tipo 2.

Ritual Funerário: Incineração

Espólio: Sem. Os restos ósseos exumados, apresentavam um peso total de: 100,4 g.

Identificação: Sepultura III

Orientação: NO-SE

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais de Construtivos: Fossa simples com deposição secundária da cremação no solo sem recurso a urna. A delimitação da fossa é disforme, círculo muito irregular. Fase 2.

Ritual Funerário: Incineração.

Espólio: Sem. Os restos ósseos exumados, apresentavam um peso total de: 0,2 g.

Identificação: Sepultura IV

Orientação: O-E

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais de Construtivos: Fossa simples com deposição secundária da cremação no solo. Configuração circular disforme. Fase 2.

Ritual Funerário: Incineração

Espólio: Sem. Os restos ósseos exumados, apresentavam um peso total de: 5,1 g.

Identificação: Túmulo 1/ Sepultura V

Orientação: O-E

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais de Construtivos: Esta sepultura encontra-se inserida no Túmulo 1. A sua delimitação é pouco perceptível devido ao limite Oeste ter sido gravemente comprometido, e os seus restos terem sido arrastados para Sudoeste. Neste ponto encontra-se a sepultura VIII, onde existe a possibilidade de esta poder pertencer ao mesmo monumento. A sepultura pertence ao Tipo 1, escavada no solo e delimitada por moldura pétrea, sem recurso a urna.

Ritual Funerário: Incineração

Espólio: Sem. Em relação aos restos osteológicos, os autores colocam a questão de poder ter existido uma situação de mistura entre os ossos desta sepultura com os da sepultura VIII. Contudo, no estudo posterior que se efetuou chegou-se à conclusão que os ossos pertenceriam a indivíduos diferentes. Peso total do resto osteológico: 182,7 g.

Identificação: Sepultura VI

Orientação: S.D

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais de Construtivos: Pertence ao Tipo 3, fossa simples com deposição secundária da cremação em urna. Esta urna é a noticiada por Dias e Coelho (1972), na qual se encontrou a "Estela do Guerreiro", que servia como cobertura. O espaço delimitado da fossa encontrava-se bem preservado, com configuração circular e paredes vermelhas.

Ritual Funerário: Incineração.

Espólio: "Estela do Guerreio", urna cinerária. Os restos ósseos exumados, apresentavam um peso total de: 2,3 g.

Identificação: Túmulo 2/ Sepultura VII

Orientação: S.D

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais de Construtivos: A sepultura estava inserida no Túmulo 2. O muro que separa o Túmulo 2, do 1, cobre em parte o sepulcro. Ainda assim, é a melhor sepultura conservada. Insere-se no Tipo 1 - fossa simples com deposição secundária da cremação no solo, sem urna, e delimitada por moldura pétreo. Pode-se tratar de um enterramento primordial e que posteriormente o muro se lhe tenha sobreposto. Numa fase mais tardia a interface do sepulcro pode ter sido reutilizada.

Ritual Funerário: Incineração

Espólio: Duas pequenas taças. Foi a sepultura que providenciou o maior peso osteológico: 847,7 g. O seu estudo posterior confirmou uma patologia: Entesófitos (patella e calcâneo) o que prova a idade avançada do indivíduo que é provável pertencer ao sexo masculino. Até ao surgimento desta sepultura todos os enterramentos eram singulares, contudo, neste sepulcro, parece ser plural: surgiram duas pirâmides petrosas do osso temporal direito. Contudo, não se tem a certeza se de facto se trata realmente de uma deposição dupla ou se um dos elementos advém de cremação anterior e que ficou no local devido a limpeza deficiente do *ustrinum*.

Identificação: Sepultura VIII

Orientação: S.D

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais de Construtivos: Estava junto ao muro Sul do Túmulo 1, pertencendo ao Tipo 2 interpretou-se ainda assim como

cremação secundária no solo sem estrutura tumular associada, e portanto exterior ao Túmulo 1.

Ritual Funerário: Incineração

Espólio: Sem. Os restos ósseos exumados, apresentavam um peso total de: 108,7 g.

Cronologia: 2ª metade do Séc. VI a V a.C.

Bibliografia: Dias e Coelho, 1972; Gomes, 1990, p. 30; Arruda, 2001, p. 270; Vilhena, 2006, p. 51; Barros, Melro e Gonçalves, 2013.

Imagens:



Imagem 1: Foto retirada durante o decorrer das escavações (segundo <http://projectoestela.blogspot.pt/>).

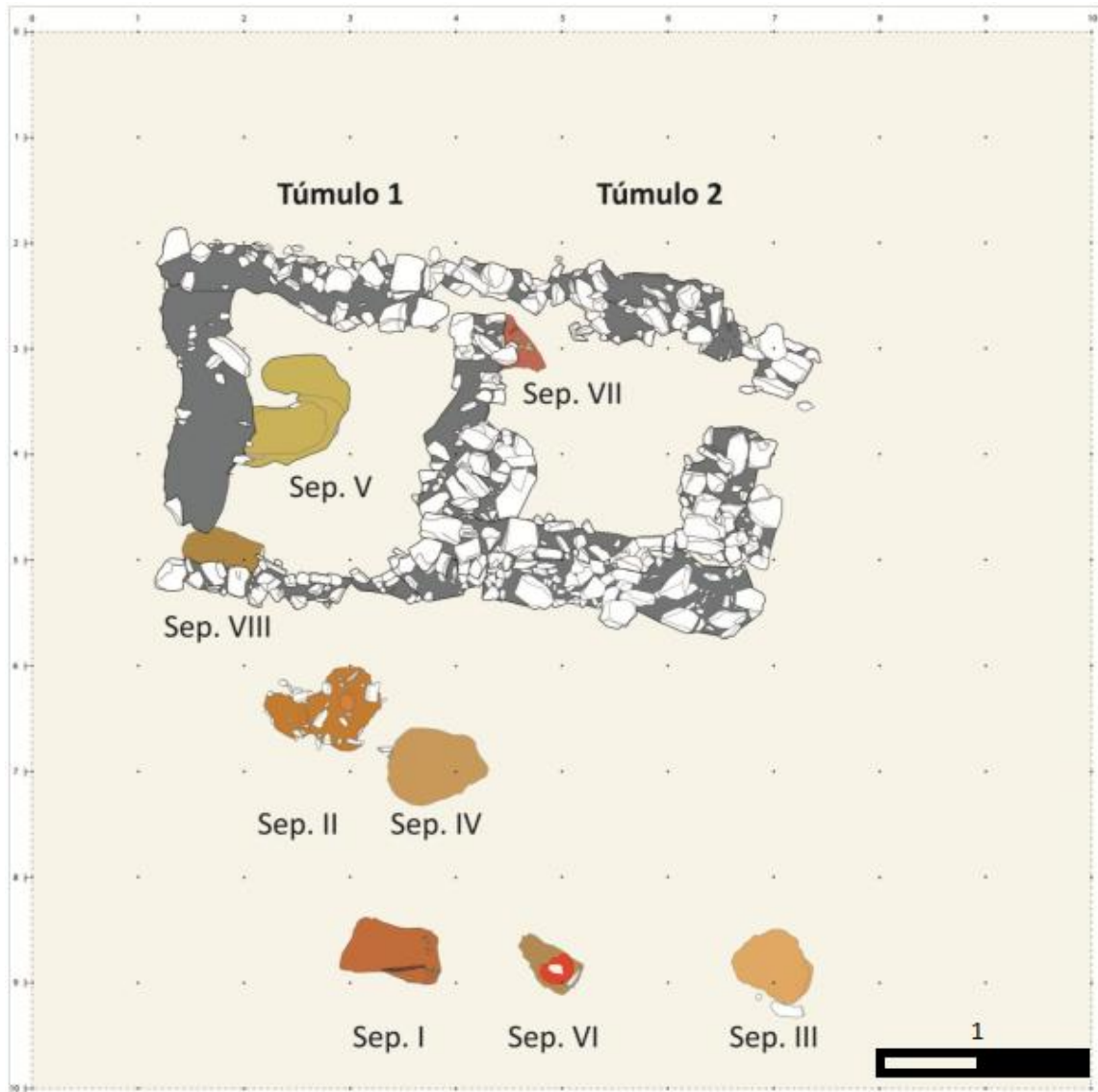


Imagem 2: Planta geral da Necrópole (Barros, *et alii*, 2013, p. 1164).

Topónimo: Guerreiros 1

Localização: Beja; Almodôvar; Gomes Aires

Coordenadas: UTM: 5.71,5 - 41.54,1; C.M.P: 563

Implantação do Sítio: Localiza-se perto do *habitat* homónimo.

Descrição Geral: Anteriormente denominado Guerreiros, ou Guerreiros 1 atualmente, trata-se de necrópole que terá sido intervencionada por Caetano de Mello Beirão (Ferreira, 1995). Carece de relocalização mais precisa. A informação publicada é escassa, além de por vezes consoante os autores, um pouco confusa. Quando se menciona que foi intervencionada por Beirão, é bastante provável que se refira apenas às suas habituais decapagens, caso contrário, certamente que existira melhor informação publicada sobre o sítio. Além do monumento circular aí detetado existiram prospeções no local em 2009, que resultou na descoberta de um outro monumento, este de planta quadrangular (Melro e Barros, 2012, p. 192).

Inventário

Número de Sepulturas: Duas.

Área ocupada: S.D

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura I

Orientação: S.D

Medidas: Diâmetro de 2,50 m, muro com cerca de 0,50 m de largura e 0,30 m de altura máxima. Medidas do monumento conservado.

Tipologia e Materiais Construtivos: Monumento funerário de configuração circular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: S.D

Identificação: Sepultura II

Orientação: S.D

Medidas: Comprimento e largura de : 2,50 x 2,00 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: Monumento funerário de configuração quadrangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: S.D

Cronologia: Idade do Ferro

Bibliografia: Beirão, 1972; Beirão *et alii*, 1979, fig. 19, nº 42; Beirão e Gomes, 1980; Beirão, 1986, p. 53, nº 35; Silva e Gomes, 1992; Correia, 1993, p. 366, nº 51; Ferreira e Inácio, 1995, nº 59; Arruda, 2001, pp. 213, 270, 273; Vilhena, 2006, p. 52; Vilhena, 2008, p. 388; Melro e Barros, 2012, p. 192.

Topónimo: Hortinha

Localização: Beja, Almodôvar; Gomes Aires

Coordenadas: Gauss: 189.9/ 64.0; C.M.P: 563

Implantação do Sítio: Num terreno de cota baixa, perto de Mouriços.

Descrição Geral: A necrópole foi detetada por Beirão nos seus trabalhos de prospeção, e como era característico, sofreu uma decapagem pelo mesmo arqueólogo. Observou-se estrutura quadrangular que perfazia dois compartimentos com dimensões dissemelhantes, divididos por muro interno de blocos de xisto aparelhados. Há que ter em conta ainda a sua interpretação como necrópole por Beirão (1979), pois pode antes ser povoado em cercania da necrópole de Mouriços (Vilhena, 2006, p. 50). A necrópole encontra-se destruída.

Inventário

Número de Sepulturas: Uma

Área ocupada: S.D

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura I

Orientação: NO-SE

Medidas: As medidas externas são aproximadamente 6,60 m por 6,30 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: Estrutura ortogonal, dividida em dois compartimentos por muro interno de xisto.

Ritual Funerário: Inumação?

Espólio: S.D

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Beirão *et alii*, 1979; Beirão e Gomes, 1980; Silva e Gomes, 1992, p. 187; Correia, 1993, p. 366; Ferreira e Inácio, 1995, n.º 63; Arruda, 2001, 270, 273; Vilhena, 2006, p. 51; Barros, Melro e Gonçalves, 2013, p. 1160.

Topónimo: Monte Novo da Misericórdia

Localização: Beja; Almodôvar; Almodôvar

Coordenadas: 37.460935/ -8.079151

Implantação do Sítio: Localiza-se em extremidade da várzea do Monte Novo da Misericórdia, em intersecção com uma linha de água e com o Barranco do Vale.

Descrição Geral: Esta necrópole foi identificada e intervencionada por Caetano M. Beirão. Possuía monumento circular, com diâmetro de 6 m (Beirão, 1972, p. 201) com câmara sepulcral central. Documentaram-se fragmentos de lança e haste de ferro. No local apenas se observa uma grande dispersão de pedras soltas e fragmentos que se podem inserir na Idade do Ferro. Aproximadamente a 150 m da necrópole encontram-se alguns moroiços que foram interpretados como apontadores de sepulturas violadas.

Cronologia: I Idade do Ferro, I Fase de Correia.

Bibliografia: Beirão, 1972c; Beirão *et alii*, nº43; 1979, nº; Beirão e Gomes, 1980; Beirão, 1986, p. 49; Silva e Gomes, 1992, p. 149; Melro e Barros, 2012, p. 193, 197

Topónimo: Mourigos/Antas de Cima

Localização: Beja; Almodôvar; Gomes de Aires

Coordenadas: UTM: 5.67,2 - 41.55, 9; C.M.P: 563

Implantação do Sítio: Topo de um cerro.

Descrição Geral: A necrópole de Mourigos foi identificada e escavada por Caetano de Mello Beirão na década de 70. A parte que hoje pertence ao concelho de Almodôvar corresponde à área onde se noticiou as cistas das Antas do Meio (Beirão 1972) e a necrópole de Mourigos ou Antas de Cima, intervencionada na década de 70 (Beirão 1972; 1986; Beirão e Gomes 1980; Gomes 1992; 2006; Correia 1993; 1996). Aquela continha uma estela da Idade do Bronze reaproveitada na edificação de um dos dois túmulos da Idade do Ferro, associados à cronologia mais antiga de túmulos circulares (Gomes 1992), pese ter-se considerado que o Túmulo 2 corresponderia antes a uma arquitetura funerária retangular sobreposta ao primeiro monumento circular (Correia 1993: 357, figs. 2-4). Sem indicação precisa do monumento funerário, foram aí recolhidas duas pontas e contos de lança em ferro e uma faca com rebites.

Inventário

Número de Sepulturas: Duas

Área ocupada: S.D

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura I

Orientação: SO-NE

Medidas: O monumento circular apresenta diâmetro de 7,20 m, enquanto a sepultura apresenta as seguintes medidas, 2 m de comprimento, 0,90 m de largura e 0,60 m de profundidade.

Tipologia e Materiais Construtivos: Monumento funerário de configuração circular com sepulcro central escavado na rocha. Construído com blocos de xisto e quartzo. Dos dois monumentos é o que se encontra melhor preservado.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Duas pontas de dois contos de dardos de ferro e fragmentos de faca do mesmo metal. Sem restos ósseos.

Identificação: Sepultura II

Orientação: NO-SE

Medidas: O monumento circular apresenta diâmetro de 5 m, enquanto a sepultura possui 2 m de comprimento, 1,30 m de largura e 0,65 m de profundidade.

Tipologia e Materiais Construtivos: Monumento funerário de configuração ovalar com sepulcro central escavado na rocha e revestido com lajes nas paredes.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: S.D. Sem restos ósseos.

Dados Suplementares: Foi recolhido algum espólio, mas sem documentação precisa da sua proveniência: contos de pontas de lança, três fragmentos de faca com rebites e ainda uma estela da Idade do Bronze.

Cronologia: I Idade do Ferro. Segundo o faseamento de Correia pode incrustar-se na sua I Fase.

Bibliografia: Beirão, 1972; Beirão *et alii*, 1979, n.º 36; Beirão e Gomes, 1980, n.º 225-228; Beirão, 1986, p. 50; Silva e Gomes, 1992, p. 149, fig. 49A e 50; Correia, 1993, p. 357, 370, est. II; Ferreira e Inácio, 1995, n.º 48; Correia, 1996; Vilhena, 2006, pp. 50, 51, est. I; Vilhena, 2008, p. 379, 386; Barros, Melro e Gonçalves, 2013, p.1160;

Imagem:

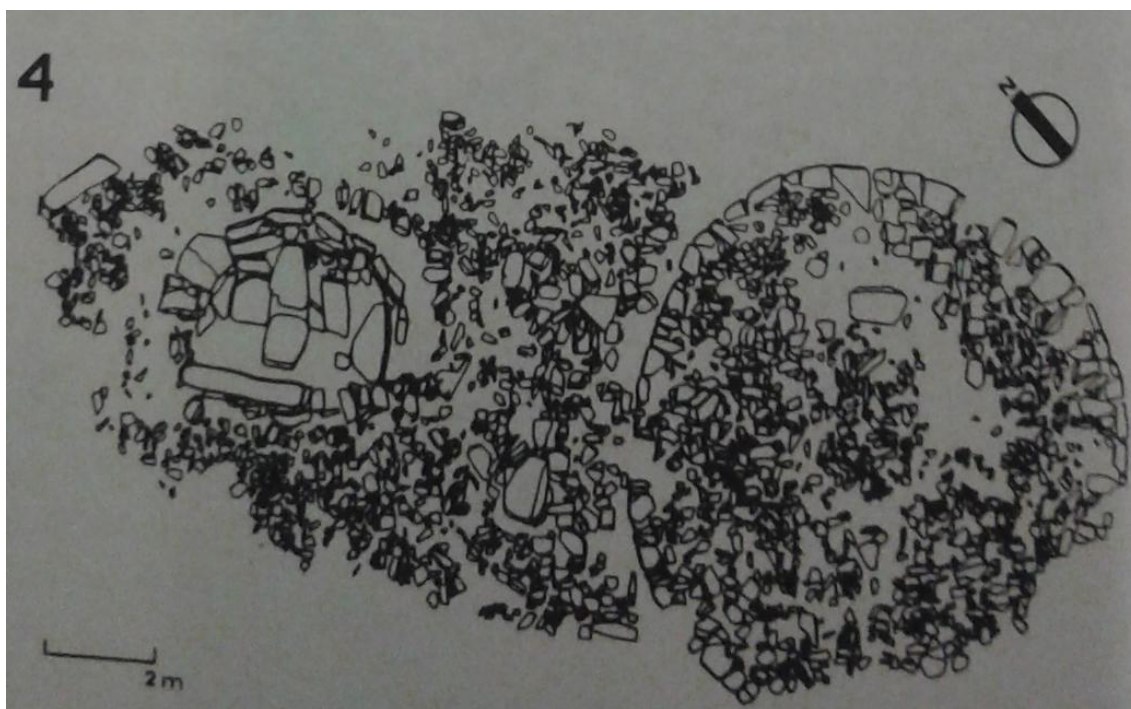


Imagem 1: Planta da necrópoles dos Mouricos (Correia, 1993, p. 370)

Beja

Topónimo: Carlota

Localização: Beja; Beja; São Brissos

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: Implanta-se em pequeno cabeço à cota de 211 metros. Não se encontra no topo deste cabeço, mas domina a área circundante em termos de observação, a peneplanície alentejana alternando a planura com cerros arredondados. Sobranceiro a linha de água sazonal que aflui à Ribeira do Galego. Em relação à constituinte geológica, os terrenos apresentam xistometamórficos, xistos argilosos, granitos e outras da série espelítica do Alentejo.

Descrição Geral: A escavação desta necrópole insere-se nos trabalhos de minimização de impactes sobre o Património Cultural no âmbito do Sistema Global de Rega de Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, promovido pela EDIA, S.A..

O sítio apresentou dois recintos funerários principais, cada qual compondendo uma subdivisão interna, que perfaz dois pequenos recintos menores, ou seja, quatro sub-recintos. Os autores das escavações decidiram chamar de Monumento 1 (recintos 1 e 2) e Monumento 2 (recintos 3 e 4) aos dois recintos principais (Salvador e Pereira, 2012, p. 319, 320).

O Monumento 1 é o espaço funerário central, planta retangular e onde se justapõem os recintos 1 e 2. A área correspondente é de 100 m², delimitados por fossas de largura média de 1,00 m. A profundidade é de 0,80m na máxima e 0,50 na mínima para o recinto 1, já o recinto 2 comporta as profundidades de 0,35m a 0,65m (Salvador e Pereira, 2012, p. 319, 320). O espólio encontrado nas valas de preenchimento correspondem a cerâmicas de vários tipos. Comporta em si três sepulturas.

O Monumento 2 não se encontra associado a qualquer sepultura. Contudo, encontraram-se estruturas negativas no monumento, mas os autores não creem se tratar de sepulturas (Salvador e Pereira, 2012, p. 320). A área aproximada é de 115m². Nota para a recuperação de um vaso globular.

Ainda se pôs a descoberto um recinto 5. Estava muito mal conservado devido às destruições prévias da maquinaria agrícola, pelo que não se exumou nenhum vestígio arqueológico significativo.

Inventário

Número de Sepulturas: Quatro

Área ocupada: Escavou-se 600 m².

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura 2

Orientação: O-E

Medidas: Comprimento: 3,10m; Largura: 0,80m; Profundidade total: 1,35m.

Tipologia e Materiais Construtivos: Situa-se no centro do recinto 1, escavada sobre a rocha da base, apresenta uma configuração retangular e extremidades arredondadas.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Ponta de lança; peça completa de cerâmica. O estado de conservação dos restos osteológicos era débil, pelo que apenas restou os membros inferiores. Ainda assim conseguiu-se aferir diversas informações: Inumado pertence ao sexo masculino, posição fletida e orientação O-E (crânio-pés).

Identificação: Sepultura 3

Orientação: O-E

Medidas: Comprimento: 2,60m; Largura: 0,80m; Profundidade: 1,10m

Tipologia e Materiais Construtivos: Localiza-se no recinto 2. Escavada também sobre o substrato, configuração retangular com as extremidades ligeiramente arredondadas.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Unguentário cerâmico. Dos restos osteológicos conservaram-se apenas os ossos inferiores longos, fletidos e com a mesma orientação O-E. O género do inumado é feminino.

Identificação: Sepultura 6

Orientação: S.D

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: Esta sepultura encontrava-se no meio de um dos segmentos do fosso (Este), e em perfeita sincronia com este. Não se encontraram vestígios de afetação de nenhuma das paredes do fosso. A Norte encontrava-se delimitada por pedras avulsas, não se exemplificando se as pedras fariam, de facto, parte da delimitação da sepultura, ou se foram alvo de um processo pós-deposicional.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Sem. O material osteológico estava muito degradado, remexido e desconexo, o que poderá indiciar uma possível violação. Ainda assim, os autores pensam que se trate apenas de um indivíduo.

Identificação: Sepultura 14

Orientação: N-S

Medidas: Comprimento 1,50m; Largura: 0,72m; Profundidade: 0,30m.

Tipologia e Materiais Construtivos: Encontrava-se fora de qualquer recinto. Fossa de configuração retangular. Um conjunto de pedras delimitava a urna, preservando ainda restos carbonizados. A urna correspondia ao tipo "Cruz del Negro".

Ritual Funerário: Cremação

Espólio: Peças variada de cerâmica; Duas pontas de lança; Urna Cruz del Negro. Dos elementos ósseos exumaram-se restos carbonizados.

Dados Suplementares: Além da sepultura 14, outras estruturas negativas foram encontradas fora dos recintos, mas ao serem escavadas os resultados não apresentaram qualquer contexto funerário.

Cronologia: Séc. VII-VI a.C.

Bibliografia: Salvador e Pereira, 2012; Salvador e Pereira, *no prelo*.

Imagens:



Imagem 1: Planta geral da necrópole - (Salvador e Pereira, 2012, p. 325).



Imagem 2: Sepultura 2 em fase de escavação (Salvador e Pereira, 2012, p. 327).



Imagem 3: Sepultura 3 (Salvador e Pereira, 2012, p. 328).



Imagem 4: Sepultura 6 (Salvador e Pereira, 2012, p. 328)



Imagem 5: Sepultura 14 (Salvador e Pereira, 2012, p. 329).

Topónimo: Cinco Reis 8

Localização: Beja; Beja; Santiago Maior

Coordenadas: 38.017247/ -7.940216; C.M.P: 520

Implantação do Sítio: A necrópole situa-se na margem esquerda da Ribeira do Barranco do Curral, que é sobranceira à ribeira de Santa Vitória. Localiza-se em zona aplanada com cerca de 207 m. Campos arados circundam o sítio, junto à atual albufeira de Cinco Reis.

Descrição Geral: Cinco Reis 8 é uma das várias necrópoles que têm vindo a surgir na região de Beja. Foi detetada no decurso de intervenções de minimização de impactes do património, no decorrer da instalação de um adutor. Após a afetação do traçado, mostrou a presença, embora parcial, de dois recintos funerários, os quais foram alvo de intervenção arqueológica.

O maior recinto continha em si um enterramento no canto do corredor do recinto. É fossa de configuração retangular escavada diretamente sobre o topo do substrato de base, orientada a O/E, e o corpo em decúbito lateral acompanhado por taça, lança e punhal. O espólio que se recuperou no recinto refere-se a cerâmica, talvez cerimonial: duas taças fabricadas manualmente, com pé elevado e com aplicação plástica de pequenos ornitomorfos nos bordos, e na superfície plasam restos de pintura vermelha. Contudo, o elemento mais icónico do recinto é a figura de bovino modelado (0,45 m de comprimento e 0,23 m de altura) com grande pormenor e realismo.

A Este do recinto *supra* mencionado, existia outro recinto com sepultura enquadrada nele e que foi alvo de escavação parcialmente. A oeste encontrava-se outro conjunto de valados com duas sepulturas. Devido à disposição dos dois recintos, dá a entender a existência de pelo menos mais três recintos funerários, sendo que entre um cruzamento de um dos eixos foi escavado um enterramento.

A oeste do maior recinto, define-se um outro recinto que os valados perfaziam um "H" e com duas sepulturas inseridas nele. Ainda mais a oeste, e sem qualquer recinto, foram encontradas outras duas sepulturas que foram intervencionadas.

Número de Sepulturas: Oito.

Área ocupada: 207 m

Cronologia: I Idade do Ferro, séc. VII-VI a.C.

Bibliografia: Salvador, 2011; Salvador, 2012; Vilaça, 2014, p. 109; Serra, 2014, p. 286; Salvador e Pereira, *no prelo*.

Imagem:



Imagem 1: Escultura de bovívdeo em cerâmica, encontrada no decorrer das escavações. (Imagem em: <http://museunacionaldearqueologia-educativo.blogspot.pt/2015/01/peca-do-mes-de-janeiro.html>)

Topónimo: Palhais

Localização: Beja; Beja; Beringel

Coordenadas: Datum 73: M: 12 183, P: - 177 348; C.M.P: 520

Implantação do Sítio: Implanta-se na peneplanície alentejana, com uma área abrangente de alcance visual. A cota mais elevada cifra-se nos 170 m. O terreno envolvente tem bom aproveitamento agrícola, onde se alterna o cultivo de cereais e olivais. Os solos são designados de "Barros de Beja", enquadrando-se geologicamente nos Gabros argilosos de Beja. Perto do sítio existem ramificações hidrográficas de duas ribeiras principais, Monte do Marquês e Galego.

Descrição Geral: Sítio intervencionado de emergência. Esta necrópole insere-se num "recinto" funerário quadrangular. Devido à abertura das valas, estas truncaram parte do

tramo do possível recinto, o que cria uma maior cautela quanto a interpretações do espaço na sua globalidade. Uma das sepulturas não foi intervencionada devido a motivos contratuais.

Inventário

Número de Sepulturas: Quatro.

Área ocupada: 37 m² intervencionados, mas com área provavelmente maior.

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura 1

Orientação: O-E

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: A sepultura detetada não possuía contornos evidentes, e foi escavada no substrato rochoso de base. A sua delimitação deu-se apenas pelos contornos da própria inumação.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Colar de contas de pasta vítrea; pequeno punhal de ferro; fíbula e toucador de bronze. O estudo antropológico feito aos ossos, permitiu aferir que se tratava de adulto do sexo feminino. Posição fletida, com crânio a Oeste e pés a Este, com mutilação no crânio pela abertura da vala. Em mau estado de conservação.

Identificação: Sepultura 2

Orientação: O-E

Medidas: Não sendo totalmente preciso, especialmente o comprimento, os dados relativos às medições são: 0,80 m de largura e a extensão total de 2,80 m. A profundidade do lastro, em relação ao solo contemporâneo é de 1,30 m, e de 1,00 m escavado na rocha branda de base.

Tipologia e Materiais Construtivos: Assim como a Sepultura 1, esta sepultura correspondia a fossa simples de inumação escavada no substrato de base.

A Norte encontrava-se mutilada, pelo que os contornos reais da sepultura na sua totalidade se perderam, mas do que restou afere-se que tem configuração oblonga e, na zona da cabeceira, possuía arredondamento.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Diversos objetos de adorno (contas e pendentos em prata e pasta vítrea; escaravelho e escarabóide); fecho de cinturão de dois garfos; conjunto de toucador e pequena lâmina. Exumou-se indivíduo inumado em posição fletida, e orientado a O-E (crânio-pés). Parte dos membros inferiores sofreram mutilação pela abertura mecânica da vala. Em relação aos dados antropológicos, aferiu-se, como na Sepultura 1, a presença de indivíduo do sexo feminino, adulto.

Identificação: Sepultura 4

Orientação: O-E.

Medidas: Apenas se documentou o comprimento: 1,80 m. O lado Sul encontrava-se destruído. Já a profundidade máxima em relação ao solo é de 1,30 m, sendo 0,70 m escavados na rocha.

Tipologia e Materiais Construtivos: Corresponde a outra escavação no substrato, de planta sub-retangular e extremidades arredondadas.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Recipiente cerâmico (ainda assim, os autores da escavação pensam que este objeto seja fenómeno pós-deposicional não sendo conectado com a sepultura); objeto de ferro. Dos restos osteológicos, apenas restou os ossos longos de pelo menos um indivíduo.

Identificação: Sepultura 3

Orientação: O-E

Medidas: A profundidade em relação ao topo atual do terreno é 2,30 m. O maior lado da fossa é de 1,30 m por 0,74 m de largura. O nicho, a Norte da fossa, possuía 0,50 m de comprimento por 0,40 m de altura. A base deste foi deposta em degrau em relação à base, com 0,14 m de diferença entre uma e outra.

Tipologia e Materiais Construtivos: A destruição levada a cabo no local não permite atribuir uma tipologia segura, contudo, preservou-se a base, escavada na rocha, em escassos milímetros de configuração sub-rectangular, com nicho lateral e cantos arredondados.

Ritual Funerário: Incineração

Espólio: Urna cinerária *a chardon*; recipiente de pinturas vermelhas com dois ornitomorfos; dois fundos de vasos.

Dados Suplementares: Em relação à sepultura 3 os arqueólogos que a escavaram pensam tratar-se de sepultura anterior às restantes do recinto. Isto porque, a extremidade Este da sepultura 2 ter-se-á sobreposto à cavidade desta sepultura. Já em relação à sepultura 4, os níveis de enchimento apontam para uma violação que não é precisa no tempo.

Cronologia: Séculos VII-VI a.C.

Bibliografia: Rodrigues, 2008; Santos *et alii*, 2009; Salvador e Pereira, 2012, p. 317-318, 321; Faria *et alii*, 2014, p. 162; Arruda, 2014, p. 530. Santos *et alii*, *no prelo*.

Imagens:

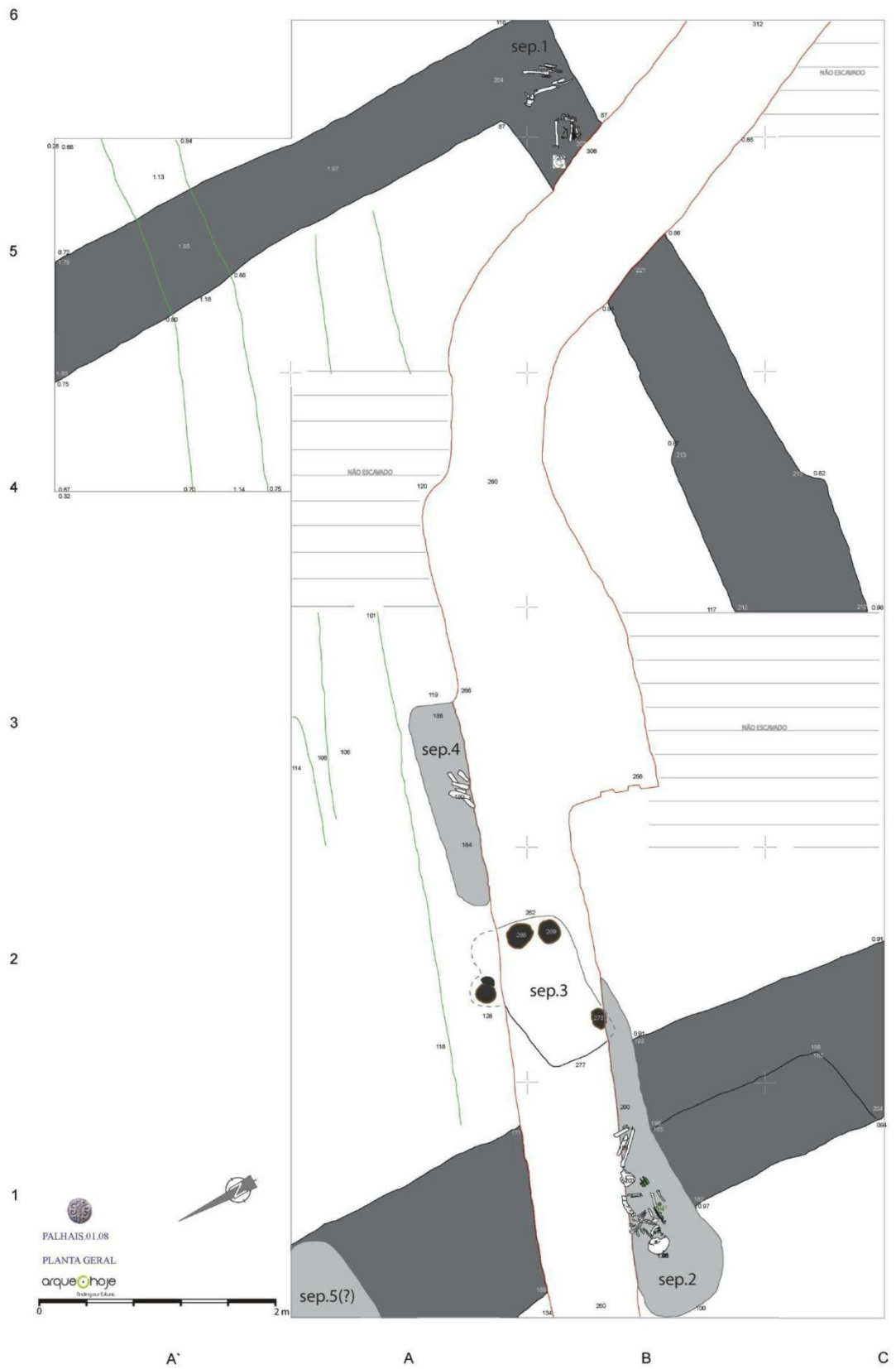


Imagem 1: Planta geral da necrópole (Santos *et alii*, p. 793).



Imagem 2: Sepultura 1 (Santos, *et alii*, p. 794).



Imagem 3: Sepulturas 2, 3 e 4 (Santos *et alii*, p. 800).

Topónimo: Quinta do Estácio 6

Localização: Beja

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: No âmbito de trabalhos de minimização de impactes sobre o património arqueológico, respetivos aos trabalhos de construção do Circuito Hidráulico Baleizão-Quintos e EDIA, o sítio foi intervencionado arqueologicamente por uma equipa da ERA Arqueologia/Omnikos. A intervenção arqueológica revelou uma grande diacronia, desde o Neolítico Final até ao período romano. A necrópole da Idade do Ferro, estava inserida em dois recintos funerários. Ao todo, supostamente possuía oito sepulturas de que não existem mais informações.

Dados Suplementares: Sem a publicação dos dados relativos à intervenção arqueológica, pouco mais se pode adiantar em relação ao sítio.

Cronologia: I Idade do Ferro.

Bibliografia: Pereiro, *no prelo*.

Topónimo: Monte do Bolor 1

Localização: Beja; Beja; São Brissos

Coordenadas: Long: 121261.1550, Lat: 215512.9160; C.M.P: 509

Implantação do Sítio: Situa-se em encosta suave, e a aproximadamente 200 metros de linha de água.

Descrição Geral: Local com vasta diacronia de ocupação. Compõe-se de interfaces negativos do tipo valado, fossas e sepulturas. No que respeita à Idade do Ferro existe um recinto funerário que se adstrita a distintas inumações e sepulturas com espólio. Este recinto funerário proto-histórico trunca um conjunto de fossas pré-históricas, do Calcolítico, eventualmente. Existe também necrópole do período medieval islâmico. Há que notar a estreita ligação deste local ao Monte do Bolor 3 que será um conjunto de feições agrícolas. Encontraram-se sítios de *Habitat* próximos à necrópole, o que podem, ou não, serem respetivos.

Cronologia: Calcolítico; Idade do Ferro; Romano; Medieval Islâmico

Bibliografia: Salvador e Pereira, 2012, p. 318, 322; Antunes *et alii*, *no prelo*.

Topónimo: Monte do Marquês 7

Localização: Beja; Beja; Beringel

Coordenadas: Long: 121465.38, Lat: 211381.74; C.M.P: 509

Implantação do Sítio: Situa-se em peneplanície.

Descrição Geral: Mediante de acompanhamento arqueológico das redes de rega das áreas beneficiadas pela Albufeira de Pisão, foram encontradas no afloramento rochoso várias estruturas negativas que foram interpretadas como pertencentes a necrópole da Idade do Ferro (Silva, 2007). Posteriormente foi intervencionada.

Cronologia: Idade do Ferro.

Bibliografia: Silva, 2007; Santos *et alii*, 2009, pp. 775, 778, 782; Salvador e Pereira, 2012, pp. 317, 322.

Topónimo: Monte do Arcediago 1

Localização: Beja; Beja; São Brissos

Coordenadas: 38.043502/-7.935417; C.M.P: 521

Implantação do Sítio: Localiza-se em encosta suave.

Descrição Geral: Esta necrópole encerra três sepulturas da Idade do Ferro e outras tantas do período Romano (Costa, 2012, ficha nº 2.).

Cronologia: Idade do Ferro.

Bibliografia: Costa, 2012, ficha nº 2.

Topónimo: Herdade das Carretas

Localização: Beja; Beja; Quintos

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Sabemos da existência desta necrópole através das descrições de Abel Viana (1945). Trata-se de necrópole que se encontra atualmente destruída, mas que continha várias sepulturas de inumação, em fossa, que se poderiam enquadrar tipologicamente nas escavadas em Palhais (Santos *et alii*, 2009, p. 778). O espólio associado era composto por fragmentos de armas: ponta de lança, adagas e dardos, e objetos de adorno: a destacar fíbula de tipo Bencarrón. A cronologia para este último elemento é de aproximadamente finais do século VII e inícios do século seguinte. Esta foi a primeira necrópole sidérica descoberta na região de Beja.

Cronologia: I Idade do Ferro.

Bibliografia: Viana, 1945, p. 311; Santos *et alii*, 2009, p. 778.

Topónimo: Pisões

Localização: Beja; Beja; Santiago Maior

Coordenadas: C.M.P: 521

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: A necrópole de Pisões ocupa área com *villa* romana entre outras estruturas. Foi intervencionada dentro dos “Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural”, no âmbito do grande projeto da construção do Adutor que liga Pisão a Beja. Tendo ainda poucas informações, o sítio arqueológico ofereceu 12 sepulturas escavadas na rocha (Bargão e Fernandes, *no prelo*).

Cronologia: I Idade do Ferro.

Bibliografia: Bargão e Fernandes, *no prelo*.

Topónimo: Vinha das Calijas 4

Localização: Beja; Beja; Trigaches

Coordenadas: 38.08413/ -7.978076; C.M.P. 509

Implantação do Sítio: Situa-se numa pequena elevação com encostas muito suaves delimitada a Sul pela ribeira de Pisão e a Norte pela Canada.

Descrição Geral: A necrópole da Vinha das Calijas 4, contém várias sepulturas e apresenta recintos delimitados por fossos como já eram exemplo os casos de Palhais e Carlota, entre outras necrópoles da região de Beja. As sepulturas eram escavadas na rocha ou em sedimentos pré-existentes, em forma retangular. Os corpos, quase sempre individuais, apresentavam amiúde deposição em decúbito dorsal. Surge também o enterramento de algumas crianças. Algumas destas sepulturas foram violadas, provavelmente ainda na antiguidade, mas, não obstante este facto, foram encontrados nelas bastante espólio, tanto nas violadas como nas intocadas. De destacar, pela sua arquitetura divergente, a Sepultura 27. Possui configuração sub-retangular, com 2,15 m de comprimento e 2,28 m de largura. Interiormente, formando uma espécie de "caixa", composta por lajes de xisto, desenrolava-se estrutura sub-retangular, subjacente à primeira, com aproximadamente 1,31 m de comprimento, 0,76 m de largura e 1,05 m de profundidade. Do seu espólio, recolheu-se três contas de colar de pasta vítrea e oito lajes de xisto gravadas, com quatro destas apresentando motivos insculturados de dois equídeos esquemáticos (Barbosa, 2010).

Número de Sepulturas: Apresenta até há data 47 sepulturas.

Área ocupada: S.D

Dados Suplementares: O espólio, como já referido era abundante e apresentava diversificação. As fíbulas (tipo Acebucahl e anulares hispânicas) e fechos de cinturão distribuem-se imparcialmente pelas sepulturas, enquanto as armas se cingem às pontas de lança e contos e se encontram nas sepulturas masculinas. Os adornos, paralelamente às fíbulas e fechos de cinturão, distribuem-se transversalmente por todas as sepulturas, sendo formadas por uma grande gama de matérias-primas desde o ouro à pasta vítrea.

Nota ainda para as sepulturas identificadas como pertencentes a inumações femininas, onde se encontraram objetos de toucador, onde se encontram também escaravelhos.

Cronologia: Através da análise realizada ao espólio, a necrópole rondará entre meados e a segunda metade do século VI a.C., (Arruda, 2012).

Bibliografia: Santos *et alii*, 2009, pp. 770, 775, 778, 782; Salvador e Pereira, 2012, p. 318, 322; Barbosa, 2010; Barbosa, 2011; Arruda, *et alii*, *no prelo*.

Castro Verde

Topónimo: Neves I

Localização: Beja; Castro Verde; Santa Bárbara de Padrões

Coordenadas: Gauss: 214,3/ 67,5; C.M.P: 564

Implantação do Sítio: Localiza-se no topo de colina de contornos arredondados, numa cota baixa.

Descrição Geral: O sítio foi identificado, assim como várias outras necrópoles e *habitats*, por iniciativa da Administração de Somnicor, numa política de preservação de possíveis locais arqueológicos no seu couto mineiro (Maia e Maia, 1986, p. 2). A "necrópole" de Neves I, é muito particular, ou, para citar os seus escavadores, muito "*sui generis*" (Maia, 1988, p. 36), dentro do panorama do mundo funerário da Idade do Ferro desta região. O sítio apresenta apenas planta que indiciaria *habitat* (Maia, 1987, p. 229), ainda assim, não contendo qualquer estrutura sepulcral, ofereceu dois *Larnakes* funerários. Estes surgiram no recinto central, que se pensa ter sido o primeiro a ser construído, com posições estratigráficas divergentes que apontam para uma maior antiguidade da "peça B" (Maia, 1987, p. 223-229).

A definição de *Larnax* é a de caixa de pedra ou de cerâmica, a qual é destinada a conter cinzas de um defunto: de seguida, eram colocadas em sepulturas de câmara (Alarcão, 1996, p. 224). Os dois *larnakes* achados em Neves I são fabricados em barro cozido sem ajuda da roda de oleiro ou de qualquer molde. O acabamento é de alguma forma imperfeita e a confeção apresenta traços rudes, ainda assim são peças com algum ineditismo que lhe oferece algum prestígio. A "peça A" é constituída por a caixa e

respetiva tampa, a "peça B" só possui caixa mas apresenta decoração por rolos de argila que formam volutas na sua aba (Alarcão, 1996, Lâm. I, II, III, IV, est. 1).

O sítio tem provocado alguma polémica em relação ao seu real funcionamento, se necrópole de incineração, como os seus descobridores defendiam, ou outra interpretação, como defende Ana M. Arruda (2001, p. 280). Para esta Autora, o sítio de Neves I é muito semelhante ao "Palácio- Santuário" de Cancho Roano, assim como a outros locais de cariz marcadamente de cultuais, como Coria de El Río (Arruda, 2001, p. 281). Neste sentido, é forte a ideia de que Neves I tenha tido um papel de facto funerário, mas marcadamente de aspetos mais rituais.

Cronologia: I Idade do Ferro, séc. VI-V a.C.

Bibliografia: Maia, 1987; Maia e Maia, 1986 e 1996; Arruda, 2001, pp. 273-274, 279-282; Arruda, 2008c, pp. 312-313, 315-317; Maia, 2008; Gomes, 2011, p. 63-78;

Imagens:

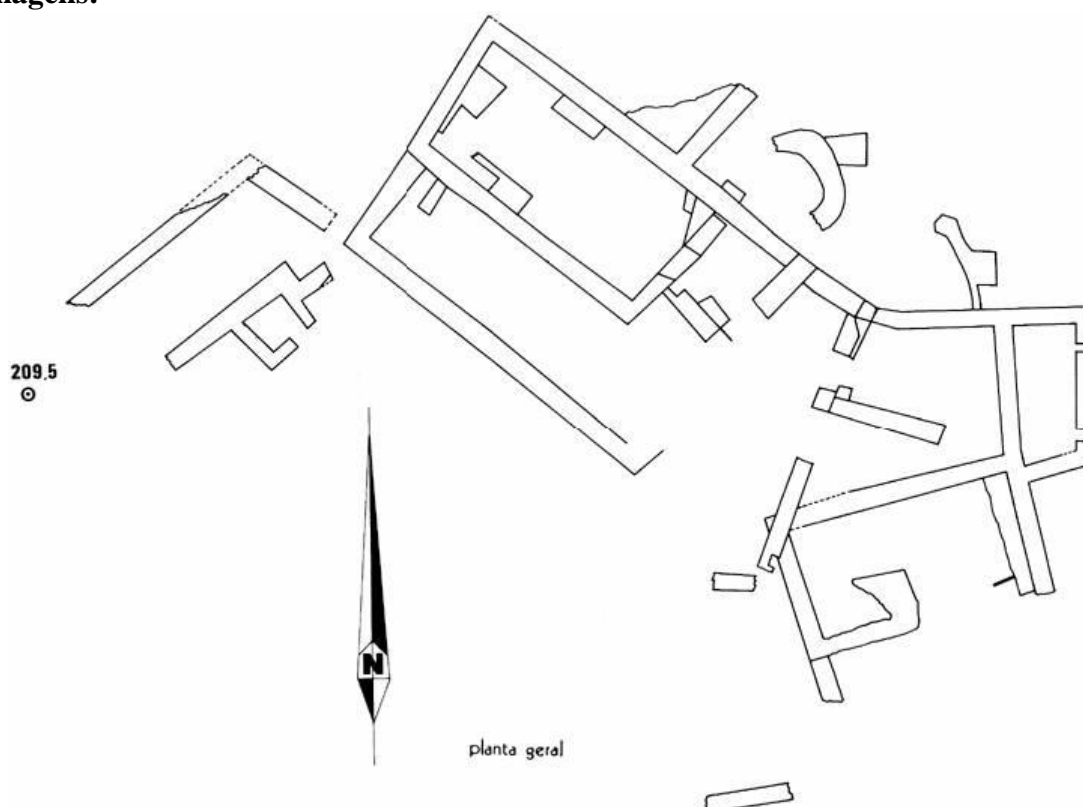


Imagem 1: Planta de Neves I (Maia e Maia, 1987, p. 37).

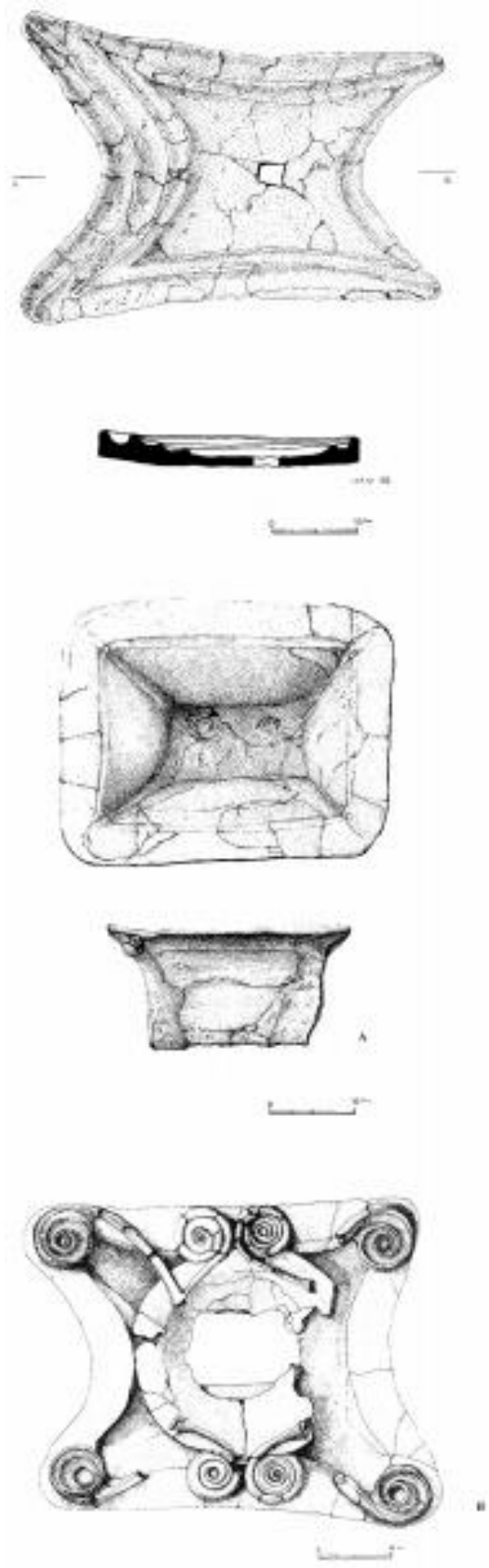


Imagem 2: Larnakes de Neves I (Maia e Maia, 1986, p. 39-41).

Topónimo: Neves IV

Localização: Beja; Castro Verde; Santa Bárbara de Padrões

Coordenadas: Gauss: 213.9/ 67.2; C.M.P: 564

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Esta necrópole é constituída por monumentos de planta ortogonal que adossaram-se aos monumentos já existentes de configuração circular (Maia e Maia, 1996, p. 87). Em 1986 foi parcialmente escavada, contudo não foi publicada documentação com dados precisos dessa intervenção. Posteriormente, publicou-se o espólio de sepultura de planta ortogonal: duas pontas de lança e conta de colar em ouro (Maia, 2008, p. 354). A necrópole parece estar associada ao sítio de *habitat* de Neves II (Maia, 2008, p. 354).

Cronologia: I Idade do Ferro?

Bibliografia: Maia e Maia, 1986 e 1996; Silva e Gomes, 1992, p. 145; Arruda, 2001, pp. 273, 274; Maia, 2008, p. 345; Gomes, 2011, p. 63, 72.

Cuba

Topónimo: Xancra II

Localização: Beja; Cuba; Cuba

Coordenadas: 38.147639/-7.898945; C.M.P: 499

Implantação do Sítio: Localiza-se em topo de pequena elevação com pouca distância a linha de água.

Descrição Geral: O local apresenta superfície manchada por terras calcificadas e vestígios, escassos, osteológicos. Aquando da abertura de um alargamento da estrada que passava perto do sítio, vários esqueletos surgiram. Segundo os trabalhadores, não existia qualquer proteção dos mesmos, estando depostos diretamente na terra. Surgiu também vários espólio: tijolos, fragmentos de *dolium*, *tegullae*, vestígios de *opus signinum*, cerâmica comum, *terra sigillata*, contas de colar, anéis, brincos e colar de

bronze. Aquando da escavação do sítio resultou o aparecimento de necrópole, em que a fase mais antiga (fase I) data da I Idade do Ferro (Brazuna e Godinho, 2008, p. 21).

Inventário

Número de Sepulturas: Três.

Área ocupada: S.D

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura 60

Orientação: NO-SE

Medidas: Possuía 1,62 m de comprimento, 0,73 m de largura e profundidade de 0,50 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha base (caliços) de configuração sub-retangular.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Contas de colar (pasta vítrea e prata), dois brincos e dois anéis provavelmente em bronze. Exumou-se esqueleto em decúbito dorsal. Devido à grande detioração óssea não se aferindo a diagnose sexual.

Identificação: Sepultura 61

Orientação: NO-SE

Medidas: Possuía 1,04 m de comprimento por 0,50 m de largura e uma profundidade de 0,15 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepultura escavada na rocha base (caliços) de planta ovalada.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Contas de colar; anéis e um colar, provavelmente em bronze. Destaque ainda para a presença de concha de viveira (sem identificação da espécie).

Identificação: Sepultura 67

Orientação: O-E

Medidas: Possuía 1,65 m de comprimento por 0,70 m de largura e profundidade de 0,63 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepultura escavada na rocha base (caliços) de planta retangular.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Fragmento de cerâmica; elemento de metal. Encontraram-se restos ósseos em mau estado de conservação. Num substrato sob este primeiro, encontrou-se outro enterramento, melhor conservado e em decúbito dorsal. Os autores pensam que os ossos, tanto da camada superior, como da inferior, poderá ser, eventualmente, do mesmo indivíduo (Brazuna e Godinho, 2008, pp. 29, 30).

Dados Suplementares: Os autores inferem uma possível violação da Sepultura 67, que desse modo explicaria o revolvimento das terras que levou a aparecer ossos em várias camadas e a ausência de espólio mais expressivo, como por exemplo nas Sepulturas 60 e 61 (Brazuna e Godinho, 2008, pp. 29, 30).

Cronologia: I Idade do Ferro.

Bibliografia: Brazuna e Godinho, 2008; Brazuna e Godinho, 2014.

Ferreira do Alentejo

Topónimo: Monte do Pombal 1

Localização: Beja; Ferreira do Alentejo;

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: Situa-se em meia encosta que desce até uma área plana, junto ao Barranco de João Moura.

Descrição Geral: Esta necrópole foi identificada nas Medidas de Minimização de Impacte no Património Arqueológico do Bloco de Rega do Alqueva. Foi localizada uma sepultura muito afetada pelos trabalhos mas que foi identificada pelas suas características como pertencente à Idade do Ferro (Dias e Figueiredo, 2011, p. 49).

Inventário

Número de Sepulturas: Uma

Área ocupada: S.D

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura I

Orientação: NO-SE

Medidas: 1,50 m x 0,90 m x 0,20 m

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepultura de planta retangular e fundo plano.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Sem. Exumou-se os restos osteológicos de indivíduo em decúbito lateral direito, constituindo-o quase em exclusivo os membros inferiores.

Cronologia: Para o *habitat* identificado perto da sepultura, os autores atribuíram a seguinte cronologia: séc. VII-VI a.C. Acreditam que a necrópole seja coeva do *habitat*.

Bibliografia: Dias e Figueiredo, 2011. Figueiredo e Mataloto, *no prelo*.

Topónimo: Pardieiro

Localização: Beja; Ferreira do Alentejo; Peroguarda

Coordenadas: 38.09309/-8.073688; C.M.P: 509

Implantação do Sítio: Localiza-se no topo de cerro suave com cota altimétrica média de 137 metros, nas proximidades de linha de água. Não sendo o ponto mais elevado da paisagem detém uma grande visibilidade sobre a mesma. Situa-se a cerca de 500 metros do sítio arqueológico do Poço da Gontinha 1.

Descrição Geral: O sítio teve intervenção arqueológica pela empresa *Era Arqueologia Sa.*, que resultou em várias estruturas negativas do tipo valados, já habituais na zona de Beja, com duas sepulturas escavadas nos caliços (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*). Os autores fazem paralelo com a necrópole do Poço da Gontinha 1, da qual consideram uma eventual associação, e também com as necrópoles da região de Beja, como por exemplo a necrópole da Carlota ou Palhais. Nota ainda para o surgimento, aquando da limpeza do sítio, de um possível recinto e mais uma eventual sepultura, assim como um conjunto de fossas circulares.

Inventário

Número de Sepulturas: Duas

Área ocupada: S.D

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura 1

Orientação: O-E

Medidas: Possuía comprimento de 1,60 m por 0,80 m de largura e profundidade média de 0,20 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha base com configuração retangular regular.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Fíbula anular hispânica em bronze; duas pontas de lança em ferro; dois contos de ferro que se encontravam parcialmente dobrados na base (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*). Exumou-se indivíduo adulto sem precisão no sexo. Estava depositado em decúbito lateral direito.

Identificação: Sepultura 2

Orientação: O-E

Medidas: Possui 1,50 m de comprimento por 0,80 m de largura e 0,24 m de profundidade média.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha base com configuração retangular. A cabeceira estava sobrelevada.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Fragmento de argola em prata; dois fragmentos curvos em bronze, que poderão ter sido brincos (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*). Os restos osteológicos exumados, são pertences a indivíduo adulto em decúbito lateral direito, possivelmente do sexo masculino. Os ossos encontrados estavam dispersos, o que é explicado pela violação que terá acontecido.

Cronologia: Os autores inserem a necrópole entre o séc. VII a VI a.C..

Bibliografia: Figueiredo, 2011; Figueiredo e Mataloto, *no prelo*.

Topónimo: Poço da Gontinha 1

Localização: Beja; Ferreira do Alentejo; Peroguarda

Coordenadas: 206198,41; 125473,92; C.M.P: 509.

Implantação do Sítio: Localiza-se em cerro de topo aplanado com contornos suaves, com cota média de 141 metros. Domina visualmente a paisagem circundante. Junto encontra-se o Barranco do Azinhal e os seus múltiplos afluentes (Figueiredo, 2011, p. 50).

Descrição Geral: O sítio foi identificado e escavado no âmbito da Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Ferreira do Alentejo, pela empresa de *Era Arqueologia Sa.* É local com distintas ocupações ao longo do tempo. Sob uma área de cariz habitacional pertencente à Modernidade encontra-se a necrópole da I Idade do Ferro. As sepulturas identificadas estavam associadas a dois recintos delimitados por valados (Figueiredo, 2011). Contudo, só foi intervencionado o limite Sul devido a razões da própria obra. No total, incluindo a parte Norte, não escavada e apenas decapada e limpa, o complexo apresentava um total de cinco recintos e onze sepulturas. Ainda assim, nenhum destes recintos foi por inteiro delimitado, apenas o limite Sul (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*). Além da necrópole, sobreposta encontrava-se ocupação romana e moderna.

Inventário

Número de Sepulturas: Seis

Área ocupada: 700 m² (intervencionados 432m²)

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura 1

Orientação: SO-NE

Medidas: 1,80 m de comprimento por 0,70 m de largura e 0,08 m de profundidade.

Tipologia e Materiais Construtivos: Apenas se conhece o fundo deste sepulcro: escavado na rocha base e com configuração retangular, foi extremamente afetada pelos contextos romanos e modernos, pelo que o plano inicial é impossível de ser reconhecido.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Sem. Os ossos estavam em muito mau estado de conservação mas conseguiu-se aferir adulto de sexo indeterminado em decúbito lateral esquerdo.

Identificação: Sepultura 4

Orientação: NO-SE

Medidas: 1,06 m de comprimento por 1,10 m de largura de topo e 0,60 m de largura no interior da base e 1,20 m de profundidade.

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepulcro escavado na rocha base e com configuração retangular e perfil em “T”. Possuía duas bancadas interiores nas zonas laterais e na zona da cabeceira. Existia ainda nicho perto desta zona da cabeceira.

Ritual Funerário: Inumação/Incineração?

Espólio: Taça de cerâmica.

Identificação: Sepultura 5

Orientação: SO-NE

Medidas: Apresenta 1,70 m de comprimento por 1,40 m de largura e 0,60 m de profundidade.

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepulcro escavado na rocha base e também no tramo Este do Recinto 1. Apresentava configuração retangular, mas irregular nos contornos. Era mais largo que o próprio tramo.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Ponta e conto de lança em ferro. Os restos ósseos apresentaram indivíduo do sexo masculino em decúbito lateral esquerdo.

Identificação: Sepultura 7

Orientação: NO-SE

Medidas: Apresenta 1,30 m de comprimento por 0,82 m de largura e 0,32 m de profundidade.

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepulcro escavado na rocha base e com configuração retangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Sem. Os restos osteológicos dividiam-se em dois conjuntos, mas que terão pertencido ao mesmo indivíduo que era do sexo feminino, adulto, e encontrava-se em decúbito lateral esquerdo.

Identificação: Sepultura 8

Orientação: NO-SE

Medidas: Apresenta 2,00 m de comprimento por 0,86 m de largura e 0,80 m de profundidade.

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepulcro escavado na rocha base e com configuração retangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Pote cerâmico completo; fecho de cinturão de tipo “tartéssico”; placa em ferro; conjunto de toucador. Os restos osteológicos permitiram aferir indivíduo adulto feminino muito mal conservado. O tronco estava em decúbito dorsal e ilíacos e membros inferiores em decúbito lateral direito.

Identificação: Sepultura 10

Orientação: NO-SE

Medidas: Apresenta 1,90 m de comprimento por 1,10 m de largura e 0,70 m de profundidade.

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepulcro escavado na rocha base e com configuração retangular e dois rebordos escalonados pelo interior e lateralidades ao longo da mesma. Cortava parte de um dos segmentos do Recinto 2.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Sem. Indivíduo adulto feminino com tronco em decúbito dorsal e membros inferiores, e ilíacos, em decúbito lateral direito.

Dados Suplementares: O Recinto 1 era composto por um valado retangular regular que delimitava um espaço de aproximadamente 45 m². Os segmentos escavados foram o Oeste, com 6 m de comprimento, e Este, com 7, 20 m de comprimento; ambos de orientação SO-NE. A largura variava entre os 0,50 m e 0,60 m, e profundidade de 0,50 m (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*). O Recinto 2 parece ter tido planta retangular, visto que apenas se intervencionarem os limites Sul e Este. De resto é similar ao primeiro (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*).

Cronologia: Segundo o espólio recuperado, nomeadamente as duas pontas de lança em ferro, apontam para uma cronologia a rondar o século VI a IV a.C.

Bibliografia: Figueiredo, 2011; Figueiredo e Godinho, R., 2011; Salvador e Pereira, 2012, p. 318, 322. Figueiredo e Mataloto, *no prelo*.

Odemira

Topónimo: Pardieiro

Localização: Beja; Odemira; São Martinho das Amoreiras

Coordenadas: Gauss: 180,4/ 70,5; 37.601565/ -8.356174; C.M.P: 554

Implantação do Sítio: Localiza-se no topo de um cabeço, sobranceiro a portela natural onde se construiu a Estrada Municipal S. Martinho - Santa da Serra. Tem ampla visão sobre o território circundante, maioritariamente uma zona de montado de sobro. Tem a cota de 280 m. Não se detetou possível *habitat* correspondente.

Descrição Geral: A necrópole do Pardieiro foi identificada em 1971 com o surgimento de lápide com "Escrita do Sudoeste", e apresentada posteriormente por Beirão e Varela Gomes (1988) em Colóquio. Apesar da sua identificação nos anos 70, apenas em finais de 80 e inícios da década seguinte (1989-1990) se procederam a escavações arqueológicas. O trabalho ficou a cargo do antigo Serviço de Arqueologia do Sul, do IPPC, nas pessoas de Caetano de Mello Beirão e Virgílio Hipólito Correia. Posteriormente, em 2001, foi pedida autorização para o procedimento de trabalhos de conservação, restauração e valorização do sítio que foi efetuado pela Câmara Municipal de Odemira. Dos onze monumentos identificados, dez foram escavados. É necrópole do

tipo gregária, ou, em favo: partindo de um *tumulus* central, os *tumuli* agregam-se à sua volta, escalonados. Uma das sepulturas é periférica a este sistema de agrupamento funerário. Não se conhece *habitat* associado. De enaltecer o surgimento de três estelas, tendo duas delas escrita do Sudoeste.

Inventário

Número de Sepulturas: Onze

Área ocupada: S.D

Sepulturas Individuais

Identificação: Túmulo I

Orientação: S.D

Medidas: As dimensões gerais do monumentos são 3,77 x 318 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: Monumento que apresenta configuração sub-quadrangular e construído com dois muretes concêntricos.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Conta esférica de ouro; pingente de cornalina; suporte em bronze para um escaravelho rotativo (não foi encontrado); duas contas oculadas de pasta vítrea pretas e brancas; duas contas de âmbar.

Identificação: Túmulo II

Orientação: S.D

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: S.D

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Pequeno fragmento de faca de ferro.

Identificação: Túmulo III

Orientação: S.D

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: S.D

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Setenta contas de vidro e âmbar e cossoiro. Estela epigrafada fraturada (Pardieiro III). Esta estela parece ter sido reutilizada como tampa da Sepultura (Beirão, 1990, p. 111).

Identificação: Túmulo IV

Orientação: S.D

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: S.D

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Oitenta e cinco contas de pasta vítrea oculadas, pretas e brancas; conta tubular verde e amarelo; pequeno amuleto de prata em forma de "acorazonada".

Identificação: Túmulo V

Orientação: S.D

Medidas: O *tumulus* media 4,60 x 3,60 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha protegida por *tumulus* rectangular, rodeado por murete de simples fiada de pedras.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Não continha espólio, provavelmente devido a violação. Apenas possuía fragmentos da tampa de cobertura, com alguma dimensão.

Identificação: Túmulo VI

Orientação: S.D

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: S.D

Ritual Funerário: Incineração

Espólio: O espólio divide-se pelos dois núcleos achados dentro da sepultura, o primeiro, de incineração continha: três contas de vidro, com afetação do fogo. O segundo, em pequena capela anexa, que não terá sido violada (Beirão, 1990, p. 116), recolheu-se taça de cerâmica completa mas bastante fragmentada *in situ*, e no interior continha duas pontas e dois contos de lanças de ferros, pequena faca de ferro além de ossos. Supostamente surgiram alguns elementos osteológicos, mas sem especificidades (Beirão, 1990, p. 116).

Identificação: Túmulo VII

Orientação: S.D

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: S.D

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Pequeno anel de bronze; estela epigrafada fraturada (Pard. II).

Identificação: Túmulo VIII

Orientação: S.D

Medidas: O *tumulus* 2,51 x 3,63 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: *Tumulus* rectangular protegendo fossa escavada no substracto rochoso.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Conta de lança de ferro encontrada nas terras revolvidas pelos possíveis violadores.

Identificação: Túmulo IX

Orientação: S.D

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: *Tumulus* rectangular protegendo fossa escavada no substracto rochoso. Também era constituído por murete de que se conservavam 3 lados.

Ritual Funerário: Incineração?

Espólio: Não foi encontrado espólio, contudo, na concavidade escavada na rocha, poderia ter encerrado urna funerária, mas não houve vestígios remanescentes.

Identificação: Túmulo X

Orientação: S.D

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: S.D

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Faca de ferro curva; três pontas de lança e dois contos.

Identificação: Túmulo XI não foi escavado por estar sob as raízes de um sobreiro mas foi desenhada a sua estrutura (p. 116)

Orientação: S.D

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: S.D

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: S.D

Dados Suplementares: A necrópole do Pardieiro é bastante interessante e importante no panorama das necrópoles sidéricas desta região devido a algumas particularidades, como por exemplo a sua escavação integral e por métodos de escavação arqueológica modernos, além do espólio e arquitetura apresentarem uma considerável preservação. Algo que importa também ressaltar é a associação direta que se fez das estelas com o espaço, além de surgirem decorações podomorfas.

Cronologia: Pelo espólio exumado e pela arquitetura da necrópole, esta foi datada entre os séculos VII-V a.C.

Bibliografia: Beirão, 1980, pp. 110, 112-113; Beirão e Gomes, 1988, pp. 115-123; Beirão, 1990a, pp. 107-118; Beirão, 1990b, pp. 684-696; Gomes, 1992, p. 150; Correia, 1993, pp. 354-355, 357-360, est. III; Torres, 1999, p. 121; Arruda, 2000, p. 103; Arruda, 2001, pp. 269, 270; Arruda, 2004, p. 471; Vilhena, 2008, pp. 376, 379, 385, 389-90; Torres, 2009, p. 527

Imagens:

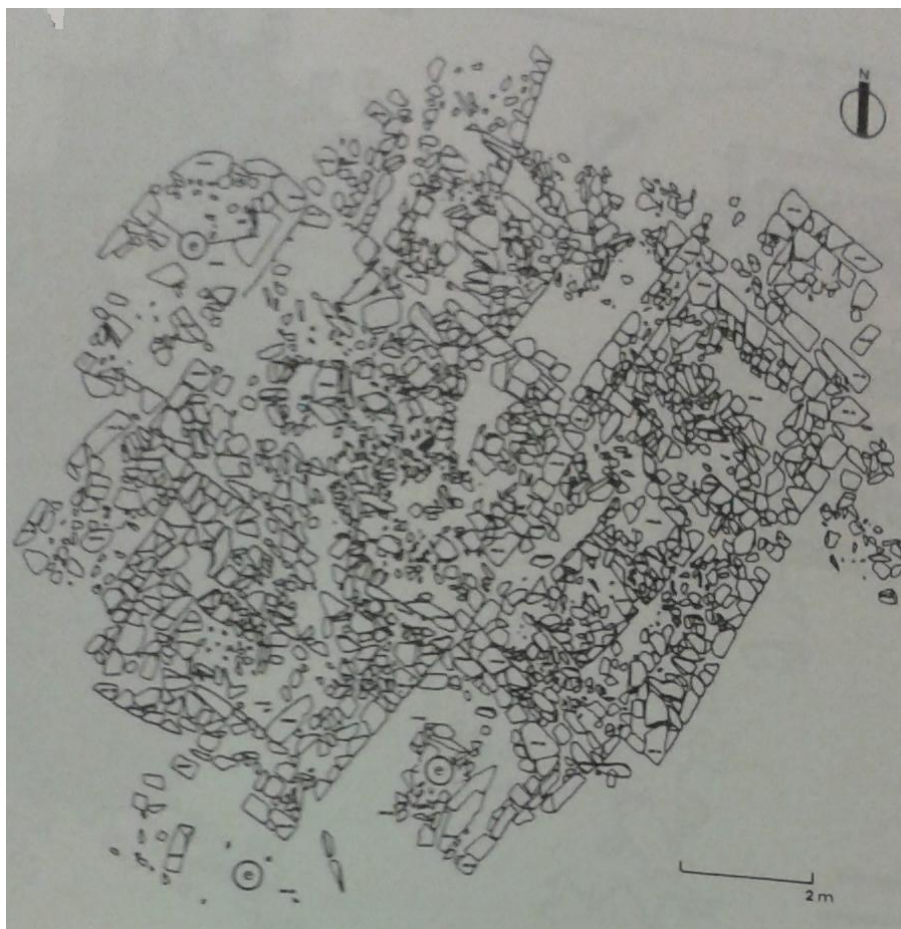


Imagem 1: Planta da necrópole do Pardieiro (Beirão, 1990, p. 110).



Imagem 2: Vista geral da necrópole do Pardieiro, (foto do autor, 2015).



Imagem 3: Pormenor do *tumulus* 6 (segundo Correia, 1993, p.358), (foto do autor, 2015).

Ourique

Topónimo: A-do-Mealha-Nova

Localização: Beja, Ourique, Aldeia dos Palheiros

Coordenadas: Gauss: 189,7/70,0; C.M.P: 555

Implantação do Sítio: A necrópole A-do-Mealha-Nova assenta em cabeço pouco elevado de encostas suaves, cujo terreno é constituído por xisto macio e ferroso. No entanto, este cabeço não se individualiza na paisagem circundante que é formada por outras elevações. A poucos metros de distância encontra-se o *habitat* com o mesmo nome. Dista cerca de 4,5 Km do Rio Mira.

Descrição Geral: A necrópole foi intervencionada arqueologicamente, contudo, só foram escavadas quatro sepulturas. O local encontrava-se muito afetado pelo agricultado, e as estruturas funerárias encontravam-se à profundidade de 0,25-0,37 m da superfície. Estratigraficamente o solo era muito homogêneo, pois os autores só identificaram um estrato (Dias, Beirão e Coelho, 1970, p. 177).

Para esta necrópole, como para a do Herdade do Pêgo, os autores encontraram dois tipos de construção dos sepulcros: *Tipo a)* - escavação de uma vala entre os 0,05 e 0,10 m em molde cilíndrico com cerca de 1,20 m de comprimento por 0,45 m de largura, e construção de uma moldura que circundava a fossa, feita de xisto, sem argamassa, podendo ter duas ou três molduras concêntricas, por fim, a cobertura era feita por pequenas placas de xisto que se metiam transversais ao comprimento da sepultura; *Tipo b)* - escavação de uma vala entre os 0,45 e 0,55 m, em molde paralelepípedo, com 1,20 m de comprimento por 0,50 m de largura, a sua cobertura era composta por grandes placas de xisto, ou apenas por uma (Dias, Beirão e Coelho, 1970, p. 177).

Inventário

Número de Sepulturas: Catorze sepulturas, primordialmente o número seria de dezassete.

Área ocupada: 610 m²

Sepulturas Individuais

Identificação: Monumento I

Orientação: E-W

Medidas: A sepultura encontrava-se a 0,35 m do solo. O comprimento da vala media 1,70 m em comprimento, e 0,50 m em largura.

Tipologia e Materiais Construtivos: Pertence ao Tipo B. As placas de cobertura encontravam-se caídas para o seu interior.

Ritual Funerário: Incineração.

Espólio: Taça de cerâmica, corpo semi-esférico; dois fragmentos da mesma ânfora, tipo púnica; anel de metal; cinco campânulas esféricas de metal; anel de metal com escaravelho (com cartela do faraó Pedubaste séc. VI a.C., produção provável em Naucrátis); catorze contas de vidro; dezanove contas de resina.

Identificação: Monumento II

Orientação: E-W

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: S.D

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Setenta e nove contas de vidro; três de resina (âmbar), onze de cerâmica e uma de calcário.

Identificação: Monumento III

Orientação: E-W

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: Pertence ao Tipo A.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Fragmentos de lâmina de lança e conto, de ferro, muito oxidados; tigela de cerâmica.

Identificação: Monumento IV

Orientação: E-W

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: Insere-se no Tipo B. Possuía uma placa de xisto como cobertura, que é provável que tenha sido repostada depois da sepultura ter sido violada, pois o sepulcro estava vazio.

Ritual Funerário: Incineração

Espólio: Não se encontrou espólio.

Dados Suplementares: As sepulturas que não constam na ficha individual são aquelas para as quais não foram publicadas documentação suficiente. Efetuou-se uma crivagem das terras do quadrante N-E que deu o seguinte espólio: três sanguessugas de bronze (contas de xorca) e fragmento de quarta; cinco lâminas de lança e quatro contos, em ferro; lâmina de faca afalcatada em ferro; sete contas de colar de pasta vítrea e fragmento de oitava. O talhão S-W ofereceu o seguinte espólio: quatro contas de vidro; fragmento de lança de ferro; pequena pedra de colar; três fragmentos de prováveis braceletes de bronze.

Além deste espólio ainda se encontrou no Monumento XVII um fragmento de cinta de ferro, que Correia (1993, p. 355) interpreta como ferragem de uma roda de carro; no Mon. XV conta de vidro, e no Mon. VI objeto de adorno em bronze/cobre.

Em termos de espólio a necrópole ofereceu ainda três estelas epigrafadas com escrita do Sudoeste. Uma encontrava-se *in situ*, as outras foram levantadas pelos tratores.

Cronologia: Segundo os seus escavadores originais, a necrópole data dos séculos VIII-VI, mas revista em baixa por investigadores posteriores (Arruda, 2001; Ávila 2002-2003).

Bibliografia: Dias, Beirão e Coelho, 1970; Beirão, 1986; Correia, 1993; Arruda, 2001, pp. 242-247; Ávila, 2002-2003;

Imagens:

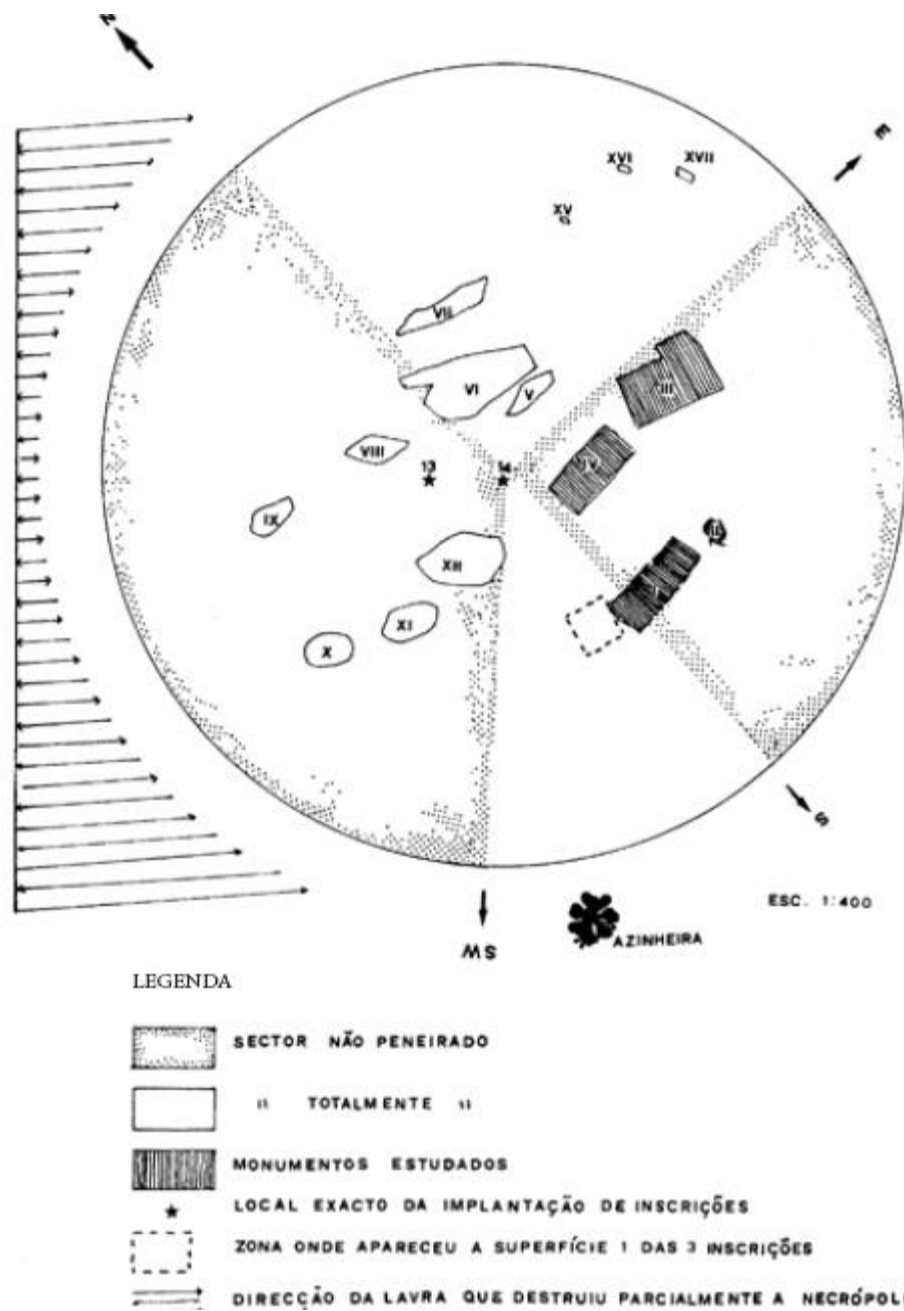


Imagem 1: Planta da Necrópole A-do-Mealha-Nova (Dias, Beirão e Coelho, 1970, p. 198).

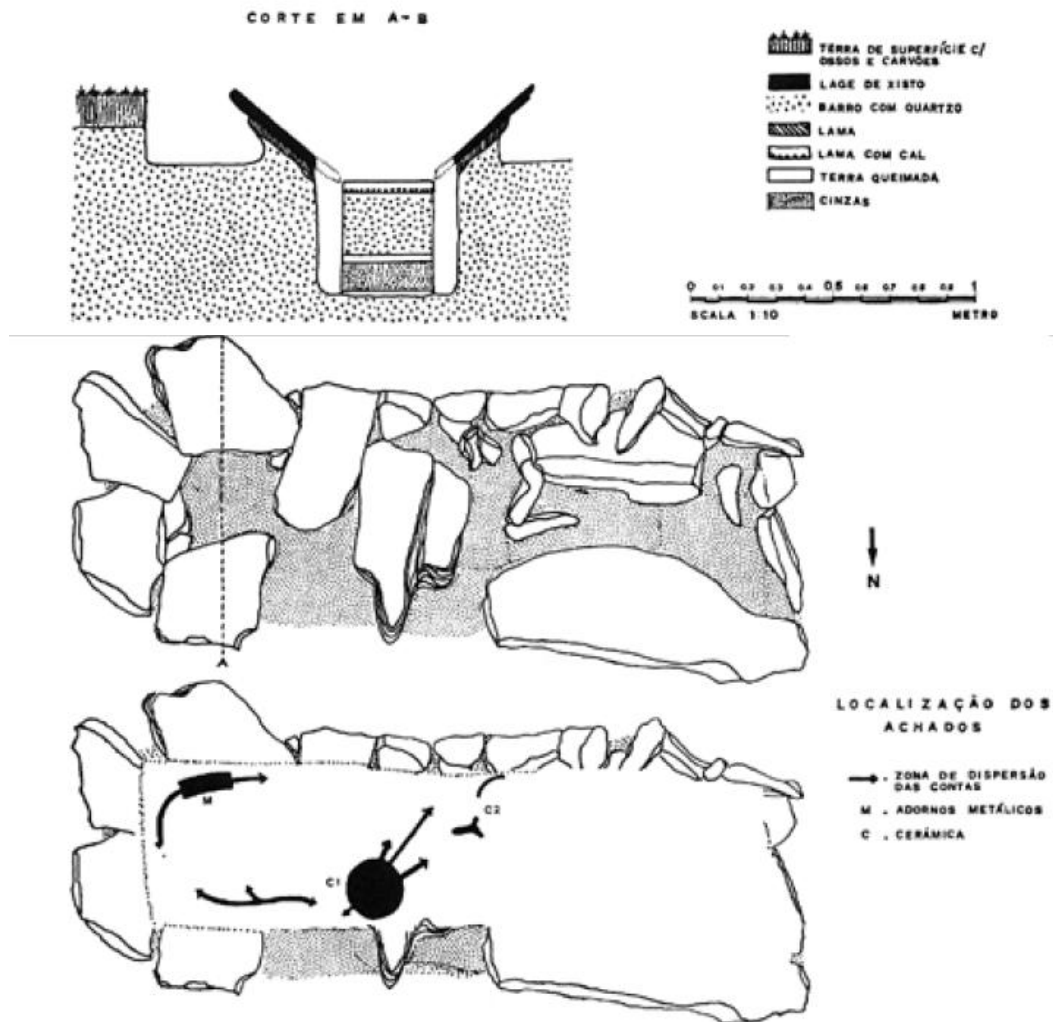


Imagem 2: Planta e perfil estratigráfico do Monumento I (Dias, Beirão e Coelho, 1970, p.198).

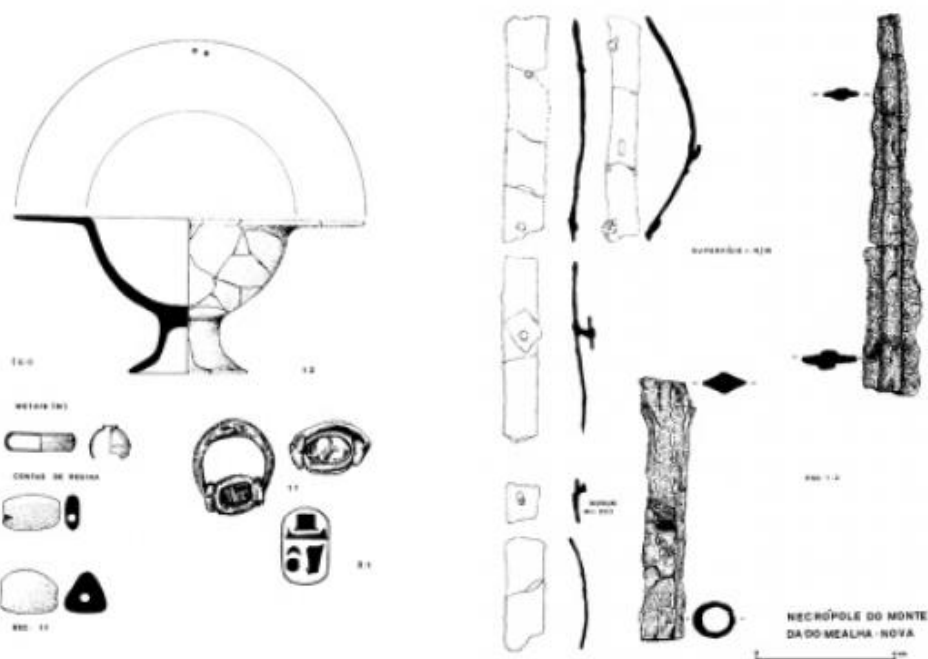


Imagem 3: Espólio do Monumento I (Dias, Beirão e Coelho, 1970, p.198).

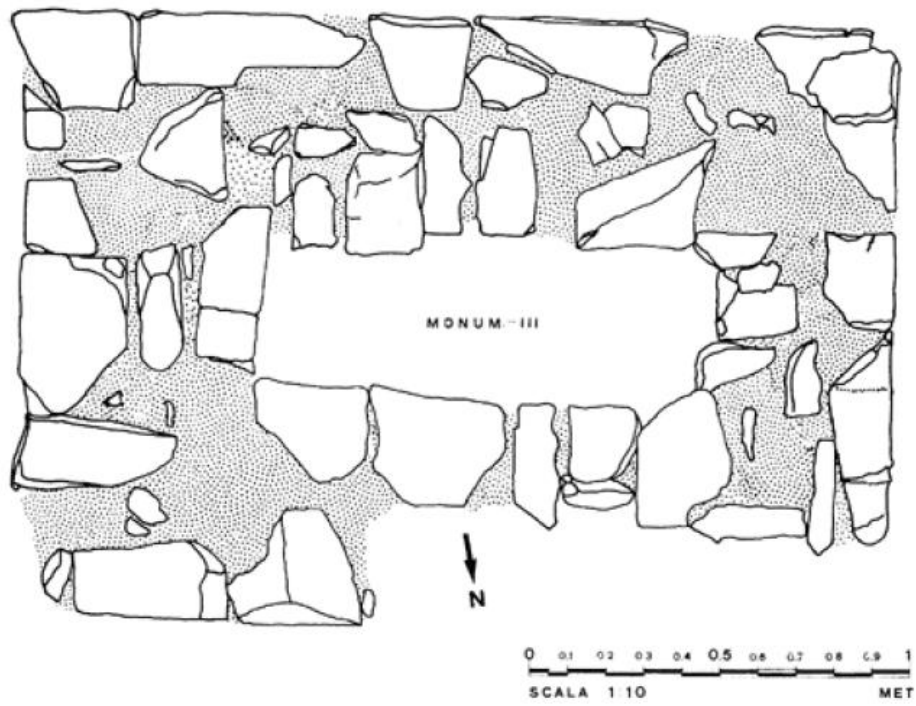


Imagem 4: Planta Monumento III (Dias, Beirão e Coelho, 1970, p. 207).



Imagem 5: Estelas I, II e III (Beirão, 1986, p.131, Estelas 38, 39 e 40).

Topónimo: Biscoitinhos

Localização: Beja; Ourique

Coordenadas: Gauss: 188,0/ 69,3; C.M.P: 563

Implantação do Sítio: Localiza-se em local plano.

Descrição Geral: Situada perto do *habitat* com o mesmo nome, esta necrópole sofreu uma decapagem realizada por Caetano Beirão. Resultou dois monumentos circulares, e várias sepulturas quadrangulares adossadas a estes. Encontrou-se ainda, a Sul e a Sueste do maior destes monumentos, túmulo em degraus que comportava duas sepulturas retangulares. Encontrou-se ainda duas estelas com escrita do Sudoeste.

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura I

Orientação: S.D

Medidas: Diâmetro de 6,30 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: Monumento circular composto por estrutura tumular pétreo com câmara sepulcral de inumação central de configuração quadrangular.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: S.D

Identificação: Sepultura II

Orientação: S.D

Medidas: Diâmetro de 5,50 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: Monumento circular composto por estrutura tumular pétreo com câmara sepulcral de configuração quadrangular de inumação descentrada.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: S.D

Dados Suplementares: A área tumular que está adossada aos túmulos circulares tem uma medição média variável de cerca 1,60 m por 0,70 m (Arruda, 2001, p.248).

Cronologia: Com ausência de espólio resulta difícil atribuição de uma cronologia fiável. Contudo, como noutras necrópoles, provavelmente os monumentos funerários circulares surgiram em primeiro lugar, seguindo-se depois os monumentos quadrangulares e retangulares posteriormente. Assim, a necrópole enquadrar-se-ia entre os séculos VII-VI a.C.. Se de facto os monumentos circulares foram ainda mais ancestrais a cronologia poderá recuar até ao século VIII a.C. como é proposto nas Fases de Correia.

Bibliografia: Beirão e Gomes, 1980: n.º 196-200; Beirão, 1986, p. 133; Silva e Gomes, 1992, p. 149; Correia, 1993, 359; Arruda, 2001, p. 248; Arruda, 2004, p. 471; Vilhena, 2008, p. 386.

Topónimo: Carapetal I

Localização: Beja; Ourique; Ourique

Coordenadas: Gauss: 188,6/ 70,8; C.M.P: 555

Implantação do Sítio: Situa-se na encosta sudeste de uma elevação de pequenas proporções, e perto do sítio de *habitat* Carapetal III.

Descrição Geral: A necrópole foi apenas alvo de decapagem. Assim como encontrado na necrópole da Herdade do Pêgo, esta apresentava também aspeto de empedrado compacto de blocos de xisto, criando planta retangular. Apresenta túmulos de várias tipologias: circulares, semicirculares, ortogonais e uma das sepulturas com configuração dita em *Pi*. Os de planta retangular eram protegidos por molduras de xisto e com tampas pétreas da mesma rocha depositas horizontal, ou transversalmente. Ocupava uma área de 126,7 m², aproximadamente. Sem existir informações precisas dos *tumuli* de configuração ortogonal, optámos por explanar com maior detalhe o circular e semicircular.

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura I

Orientação: NNE-SSO

Medidas: Diâmetro por volta dos 6,5/7 m e comprimento e largura de 1,3 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: Túmulo circular com câmara funerária central e de configuração quadrangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Sem.

Identificação: Sepultura II

Orientação: O-E

Medidas: Eixos de 3,50 x 2,3 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: Túmulo semicircular com câmara funerária central e de configuração quadrangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Sem.

Dados Suplementares: Foi ainda encontrado algum espólio sem precisão espacial para o mesmo: fíbula de tipo Sardenha, duas "faquinhas" de ferro, conta tronco-cilíndrica de osso com perfuração bicônica, chapeamentos de bronze do tipo Calles Cones (Baleares), duas peças cerâmicas em que uma com pança baixa e asas e a outra com cordado, e por fim urna cinerária "*de ossos lavados*" (Beirão, 1972b, p. 155).

Cronologia: A necrópole pela sua arquitetura pode ser inserida em quase todas as fases de Correia (1993), tendo uma diacronia bastante alongada pela presença de túmulo de planta circular e em *Pi*. Sem dados adicionais, como espólio, fica difícil avançar data segura.

Bibliografia: Beirão, 1972b, p. 155; Beirão, 1972c, p. 15; Beirão e Gomes, 1980, n.º 223-224; Beirão, 1986, p. 102; Beirão e Correia, 1991; Silva e Gomes, 1992, p. 149; Correia, 1993, p. 365; Arruda, 2000, p. 103; Arruda, 2001, p. 249; Vilhena, 2006, p. 44; Vilhena, 2008, pp. 376, 381, 386.

Topónimo: Carapetal II

Localização: Beja; Ourique; Ourique

Coordenadas: Gauss: 180,0/ 70,9; C.M.P: 555

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: A necrópole sofreu trabalhos arqueológicos sem que haja grande documentação sobre os dados recolhidos. Existe uma discrepância nas fontes sobre que monumentos existiam nesta necrópole. Ana Margarida Arruda (2001, p. 250) refere um monumento funerário circular, já Jorge Vilhena (2006, est. I), refere que é necrópole de urnas cinerárias de um monumento em *Pi*. Muito provavelmente Vilhena engana-se, já que outros autores a mencionarem esta necrópole apontam-na como possuindo apenas um monumento

Cronologia: Assim como outras necrópoles da região, a cronologia é baseada na arquitetura, dessa forma, o monumento funerário de Carapetal II insere-se na Fase I das necrópoles da região (Correia, 1993, p. 360), e século VIII a.C.

Bibliografia: Beirão, 1986; Beirão e Correia, 1991; Correia, 1993, p. 360, 365; Arruda, 2001, p. 250; Jiménez-Ávila, 2002-2003, p. 100; Arruda, 2004, p. 470, 472; Vilhena, 2006, est. I.

Topónimo: Casarão

Localização: Beja, Ourique; Ourique

Coordenadas: Gauss: 188,3/67,6; C.M.P: 563

Implantação do Sítio: O sítio localiza-se perto do *habitat* do Arreganhado, sendo possível relacioná-los.

Descrição Geral: O monumento funerário do Casarão foi alvo de escavação arqueológica, e detetou-se outro monumento na sua periferia. Esta necrópole destaca-se das demais de configuração circular por apresentar passagem até à sepultura central.

Inventário

Número de Sepulturas: Duas

Área ocupada: 6,90 m

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura I

Orientação: S.D

Medidas: O monumento apresenta 6,80-6,90 m de diâmetro, enquanto a câmara sepulcral apresenta 1,80 x 1,60 m. O corredor exhibe 2,60 m de comprimento enquanto a largura varia de 0,60 m na entrada e 0,80 m na entrada da câmara sepulcral.

Tipologia e Materiais Construtivos: O monumento apresenta planta circular, e no seu centro sepultura de configuração quadrangular escavada na rocha com corredor. A sepultura é definida por moldura de xisto. O *tumulus* foi construído com fiadas de pedras cravadas obliquamente na rocha base que eram argamassadas com terra argilosa, o que faz este monumentos se aproximar dos *tumuli* de monumentos megalíticos. O monumento é circundado por lajes de xisto com espessuras que variam entre 0,05-0,07 m, que foram colocados em cutelo, formando *Kerb*.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Sem.

Dados Suplementares: A segunda sepultura, posterior, encontra-se na periferia, estando numa posição eminentemente secundária em relação ao monumento. Também é fossa escavada na rocha e foi coberta por lajes de pedra (Correia, 2002, p. 55).

Cronologia: Através da arquitetura, como único elemento de análise cronológica, admite-se o séc. VIII a.C. ao corresponder à Fase I das necrópoles de Ourique (Correia, 1993, p. 360).

Bibliografia: Correia, 1993, p. 370; Beirão e Correia, 1994; Arruda, 2000, pp. 470, 471; Arruda, 2001, pp. 241, 242; Raposo, 2001; Correia e Parreira, 2002, pp. 54, 55. Vilhena, 2006, p. 45; Soares, 2013, p. 663

Imagem:



Imagem 1: Planta da necrópole do Casarão (Correia e Parreira, 2002, p. 54).

Topónimo: Cerro do Ouro

Localização: Beja; Ourique; Ourique

Coordenadas: Gauss: 188,2/ 70,5; 37.600798/ -8.267844;C.M.P: 555

Implantação do Sítio: Estabelece-se no cume de pequena elevação de aproximadamente 240 m. Distancia-se 300 m do *habitat* com o mesmo nome.

Descrição Geral: Sofreu decapagem que permitiu aferir um monumento semi-circular com raio de 2,45 m e uma parede que delimitava um conjunto de sepulturas retangulares de inumação. Existe ainda escavação de um covacho alongado de incineração que resultou urna com *nazm* de prata, associadas a contas de colar de pasta vítrea negras e oculadas a branco, castanha e translúcidas esverdeadas, objeto de ouro gravado com motivo triangular reticulado, além de recuperado dente de criança (Vilhena, 2006, p. 44). Desta sepultura encontrou-se também tampa de ornitomorfo de cerâmica (Beirão e Gomes, 1984, p. 436), que provavelmente se trata de cisne, *cignus*. No mesmo local também se encontrou enxó de anfíbolite.

Cronologia: Existe uma certa confusão na atribuição de cronologia precisa. Isto porque, tem monumento semicircular, depois sepulturas retangulares e por fim surge a Fase IV de Correia com o covacho alongado de ritual crematório. Deve-se incrustar numa barra cronológica a rondar a transição dos séculos VI para V a.C.

Bibliografia: Beirão e Gomes, 1980: n.º 245-250; Beirão e Gomes, 1984, p. 436; Beirão, 1986, pp. 49-50, 98; Silva e Gomes, 1992, p. 175; Correia, 1993, p. 366; Arruda, 2001, p. 249; Arruda, 2004, p. 471; Deus, 2005, p. 617; Vilhena, 2006, est. I; Vilhena, 2008, p. 383, 386, 390; Santos *et alii*, 2009, p. 774.

Topónimo: Chada

Localização: Beja; Ourique; Panóias

Coordenadas: Gauss: 186,0/ 82,7; C.M.P: 547

Implantação do Sítio: Localiza-se em terreno de planície, a uma cota sensivelmente de 131 m, sobre terrenos xistosos. Situa-se perto do rio Sado.

Descrição Geral: Esta necrópole diferencia-se da esmagadora maioria das necrópoles da região de Ourique, e áreas circundantes, pela apresentação de dois núcleos fúnebres distanciando-se cerca de 9 metros. O "Núcleo A" oferece três túmulos de configuração retangular. O "Núcleo B" apresenta um túmulo circular e três túmulos retangulares. A necrópole foi parcialmente violada, ou mesmo por completo, não obstante foi recuperado algum espólio de grande importância. A necrópole encontra-se integralmente escavada por Beirão que apresentou os resultados na sua tese de doutoramento (1986, pp. 79-96). Perto da necrópole ainda se encontrou anta.

Inventário

Número de Sepulturas: Sete.

Área ocupada: S.D

Sector A

Identificação: Sepultura I

Orientação: NO-SE

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha encaixada em *tumulus* de configuração quadrangular. Três dos lados eram delimitados por degrau alongado.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Duas pontas de lança em ferro.

Identificação: Sepultura II

Orientação: NO-SE

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha e protegida por *tumulus* escalonado de configuração retangular. Está ainda rodeado por muro que define *themenos*.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Fragmentos da sepultura; fíbula anular; faca de ferro; dois fragmentos de pontas e um conto de lanças de ferro; por fim, surgiu ao que parece uma possível ponta de dardo.

Identificação: Sepultura III

Orientação: NO-SE

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha base de configuração retangular, protegida por moldura pétrea também de planta retangular. Daqui, nasce um dos muros que define o *themenos*

Ritual Funerário: Incineração

Espólio: Encontraram-se carvões.

Sector B

Identificação: Sepultura I

Orientação: NO-SE

Medidas: Diâmetro de 6,20 m, e altura de 0,24 m a partir do solo.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha de planta retangular, descentrada, coberta por oito lajes lado a lado. Era protegida por um túmulo de planta circular, construído com xistos sobrepostos e ligados com argila.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Duas pontas de lança e um conto.

Identificação: Sepultura II

Orientação: NO-SE

Medidas: Possuía 1,20 m de comprimento, por 0,70 m de largura e 0,60 m de profundidade.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha, de planta retangular e protegida por túmulo pétreo também de planta retangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Duas contas oculadas de pasta vítrea; taça com verniz vermelho; duas representações de aves em cerâmica.

Identificação: Sepultura III

Orientação: NO-SE

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha de planta retangular protegida por *tumulus* pétreo também de planta retangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Parece ter sido saqueada, contudo, perto do sepulcro, ainda surgiram fragmentos de cerâmica e, entre eles, bordo de um vaso de grandes proporções típico da I Idade do Ferro.

Identificação: Sepultura IV

Orientação: SE-NO

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha de planta retangular protegida por *tumulus* pétreo também de planta retangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Sem.

Cronologia: Em relação às fases de Correia, parecem estar presentes todas. A primeira materializada no monumento circular do sector B e a última com o sepulcro de incineração do sector A.

Bibliografia: Beirão e Gomes, 1984, p. 433; Beirão, 1986, pp. 43, 48, 50, 68, 79-102; Silva e Gomes, 1992, p. 149; Correia, 1993, pp. 357, 359, est. II e IV; Arruda, 2001, pp. 251-256; Àvila, 2003, p. 100; Arruda, 2004, pp. 471, 472; Deus, 2005, p. 617; Vilhena, 2008, p. 379; Santos, 2009, pp. 764, 774; Soares e Martins, 2013, pp. 663, 664.

Imagens:



Imagem 1: Planta e perfil do Sector A. Antes e depois de intervenção arqueológica (segundo Arruda, 2001, p. 252, através de Beirão, 1986, p. 83, fig. 21).

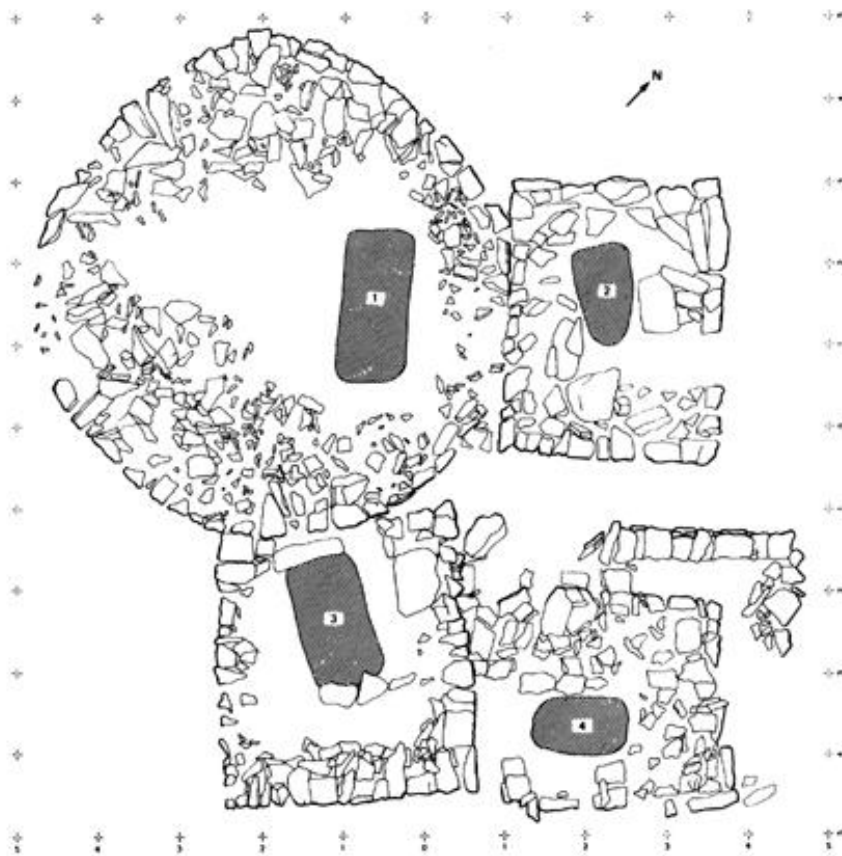


Imagem 2: Planta do Sector B (segundo Arruda, 2001, p. 252, através de Beirão, 1986, p. 84, fig. 21b).

Topónimo: Cruzes

Localização: Beja, Ourique; Ourique

Coordenadas: Gauss: 188,2/ 71,4; C.M.P: 555

Implantação do Sítio: Situa-se no topo de plataforma, perto do local onde se implanta *habitat* do mesmo nome.

Descrição Geral: Detetou-se a necrópole por trabalhos de prospeção. Efetuou-se apenas limpeza superficial que mostrou planta de um monumento.

Inventário

Número de Sepulturas: Uma.

Área ocupada: S.D

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura I

Orientação: S.D

Medidas: 6,70 m de diâmetro

Tipologia e Materiais Construtivos: Monumento circular com câmara sepulcral central.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Na efetuação da decapagem superficial encontrou-se elemento de xorca em bronze (Beirão e Gomes, nº 238-240).

Cronologia: Sem qualquer outro elemento datante a não ser a arquitetura, esta insere-se na Fase I (Correia, 1993, p. 360).

Bibliografia: Beirão, 1973, p. 15; Beirão e Gomes, 1980, n.º 238-240; Beirão, 1986; Silva e Gomes, 1992, p. 149; Correia, 1993, p. 365; Arruda, 2001, p. 248; Arruda, 2004, pp. 470, 471.

Topónimo: Favela Nova

Localização: Beja; Ourique; Ourique

Coordenadas: Gauss: 192,7/ 70,4; C.M.P: 555

Implantação do Sítio: Localiza-se em elevação suave, à cota de 225.9 m, numa área xistosa.

Descrição Geral: A necrópole da Favela Nova foi identificada no início dos anos 70 por Beirão. Fez-se uma decapagem superficial ao local, o que resultou no surgimento de vários fragmentos cerâmicos. Em 1975, aquando de uma visita ao local por Maria M. A. Dias e Luís Coelho, descobriu-se semienterrado um grupo de objetos de adorno, do qual ulteriormente se publicou estudo (Dias e Coelho, 1983). Posteriormente foi parcialmente escavada. Dessa escavação resultou empedrado de xisto, onde se implantavam vários túmulos de plantas ortogonais com molduras pétreas de uma ou mais fiadas de pedra sobrepostas. Os túmulos poderiam ser divididos em dois grupos: Um, situado na parte NW e SW em que os monumentos apresentavam maiores dimensões (1,40 m x 1,60 m e 0,60 - 0,70 m de profundidade), bem definidos; e o segundo grupo, mais a SE e NE, com dimensões menores (entre 0,90 m x 0,70 m e profundidade de 0,40 - 0,70 m), mais agrupados não obstante alguns estarem fora da área do empedrado (Arruda, 2001, p. 260).

É uma das poucas necrópoles que se efetuaram datações radiométricas. As datas divulgadas apontaram para um período relativamente recente: -476 -395 cal. B.C (Gamito, 1991). Mas como Arruda (2001, p.266) mencionou, a maneira como as datações foram apresentadas não foi de todo célere, nem de maneira científica, pelo que o crédito atribuído às mesmas tem de ser feito com certa cautela.

Número de Sepulturas: Sem número total.

Área ocupada: 320 m²

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura I

Orientação: N-S

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: S.D

Ritual Funerário: Incineração (Dias e Coelho, 1983, p. 199).

Espólio: O espólio encontrado na necrópole é na sua maioria objetos de adorno, como por exemplo: anéis de prata e bronze; contas de colar de várias matérias-primas, como o âmbar, prata e pasta vítrea, que é a mais comum; anel de bronze maciço com selo em forma de escarabéide.

Cronologia: Pela análise do espólio a data apontada para a necrópole enforma uma cronologia a rondar os séculos V-IV a.C.

Bibliografia: Beirão e Gomes, 1980; Dias e Coelho, 1983; Beirão, 1986, p. 46; Gamito, 1991; Silva e Gomes, 1992, p. 150; Correia, 1993, p. 359; Arruda, 2001, pp. 260, 261; Vilhena, 2006, p. 376, est. I; Santos, 2009, p. 765.

Topónimo: Fernão Vaz

Localização: Beja; Ourique; Ourique

Coordenadas: Gauss: 187,5/ 66,2; C.M.P: 563

Implantação do Sítio: Situa-se em topo de elevação e sobranceiro ao *habitat* homónimo. Sita a poucos metros do rio Mira. Distância da Cola 3Km.

Descrição Geral: A necrópole foi identificada por Beirão (1973, p. 18). Como sucede na necrópole da Chada, esta também se encontra dividida em dois núcleos. Contudo, apresenta uma diferença em relação à outra: a separação é pequena e constituída por faixa sem qualquer tipo de construção, que foi interpretada como corredor pedonal de acesso ao *habitat*. Não obstante, essa interpretação tem de ser questionada visto que o sentido do caminho é divergente ao sítio do povoado (Vilhena, 2006, p. 48).

A necrópole apenas foi alvo de decapagem que permitiu conhecer a sua planta. É a maior necrópole do chamado "Ferro de Ourique". Constitui-se como um grande campo de túmulos, com dois monumentos circulares de diâmetros a rondar os 7 m, num dos núcleos, e outro com diâmetro de aproximadamente 5 metros no outro, fixando-se como os monumentos primordiais da necrópole. Adossados a estes, a necrópole cresceu com vários túmulos de configuração ortogonal, sendo alguns escalonados e possuindo muretes circundantes, transformando a necrópole em mais uma do tipo gregária. Segundo Correia (2002, p. 52), esta necrópole foi utilizada numa extensão temporal que se situaria em redor de seis a sete gerações. Este dado explicaria a dimensão da necrópole em contrapartida à pequena dimensão do edifício que lhe seria respetivo. Estende-se no sentido Este-Oeste.

Número de Sepulturas: 36

Área ocupada: 1150 m²

Dados Suplementares: Foi apenas aberto um dos túmulos. Encerrava fossa escavada na rocha de base, de inumação para corpo distendido, mas encontrava-se vazia.

Cronologia: Devido à arquitetura, esta incrusta-se nas fases I, II e III de Correia (1993, p. 360). Em trabalhos de limpeza, incluindo por cima deste túmulo, encontraram-se contas de pasta vítrea e âmbar.

Bibliografia: Beirão, 1973, p. 18; Beirão, *et alii*, 1979, n.º 35-36; Beirão e Gomes, 1980, n.º 251-255; Beirão e Gomes, 1986, p. 4; Beirão, 1986, p. 43, 50, 54, 71, 84, 102-122; Silva e Gomes, 1992, p. 149; Correia, 1993, pp. 353-354, 356-357, 359, est. I; Correia e Parreira, 2002, pp. 50-53; Arruda, 2001, pp. 240, 241; Arruda, 2004, pp. 471, 472; Vilhena, 2006, p. 48; Vilhena, 2008, pp. 376, 381, 384-385, 390; Santos, 2009, p. 764; Soares e Martins, 2013, p. 663;

Imagens:

Necrópole de Fernão Vaz



Imagem 1: Planta da necrópole de Fernão Vaz (Correia e Parreira, 2002, p. 50).

Topónimo: Fonte Santa

Localização: Beja; Ourique; Ourique

Coordenadas: Gauss: 186,5/ 80,5; 37.690873/ -8.286148; C.M.P: 547

Implantação do Sítio: Situa-se em encosta virada a nascente, de pequena elevação com cota de 103,7 m, em terreno xistoso. Dista pouca distância do rio Sado.

Descrição Geral: Em 1970 Caetano Beirão havia sido informado por agricultores da existência de construções antigas no Monte dos Espinhos. Depois de identificar possível necrópole, foi novamente informado que as construções iriam ficar submersas pelas águas da futura Barragem do Monte da Rocha. As construções dividiam-se em três “núcleos”, o Monumento I que era um núcleo habitacional, o Monumento II que era necrópole de urnas, e o Monumento III a necrópole melhor conhecida. Todas as construções estavam afloradas à superfície, pelo que estiveram sempre à mercê dos trabalhos agrícolas aí desenvolvidos. Foi integralmente escavada de imediato.

Inventário

Número de Sepulturas: Dezassete (18 enterramentos)

Área ocupada: 255 m²

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura I

Orientação: N-S

Medidas: A fossa possui 1,10 m de comprimento, por 0,40 m de largura e 0,20 m de profundidade. Em relação à moldura pétrea: 3,80 m de comprimento por 2,70 m de largura.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha e protegida por túmulo pétreo de planta retangular.

Ritual Funerário: Incineração

Espólio: Duas pontas de lança em ferro com os respetivos contos e faca de ferro afalcatada.

Identificação: Sepultura II

Orientação: N-S o túmulo e E-O o enterramento.

Medidas: A fossa media 1,65 m de comprimento por 0,90 m de largura. O túmulo media, 2,70 m de comprimento por 2,40 m de largura.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha de planta retangular, e protegida por túmulo pétreo de planta retangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Sem.

Identificação: Sepultura III

Orientação: N-S

Medidas: A fossa media 1,00 m de comprimento por 0,80 m de largura. O túmulo media 2,40 m de comprimento por 2,30 m de largura.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha de planta retangular, e protegida por túmulo pétreo de configuração quadrangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Sem.

Identificação: Sepultura IV

Orientação: N-S o túmulo e o enterramento (a) e E-O o enterramento (b).

Medidas: A primeira fossa (a) media 1,20 m de comprimento por 0,60 m de largura; a segunda fossa (b) media 1,00 m de comprimento por 0,60 m de largura O túmulo media 3,30 m de comprimento por 2,40 m de largura

Tipologia e Materiais Construtivos: Duas fossas escavadas na rocha de planta retangular, e ambas protegidas por túmulo pétreo de configuração retangular.

Ritual Funerário: Inumações

Espólio: Sepulcro (a): Duas contas de colar em âmbar e pequeno fragmento de ferro. Sepulcro (b): Disco de ouro de 0,025 m de diâmetro com suporte em prata em forma de botão, e decoração a punção com círculos e pontos; pequena placa rectangular de prata perfurada; elementos de colar em prata em forma de bolota; anel em prata com engaste rotativo onde se encachava escaravelho em pasta ou pedra branca; vários fragmentos de bronze, entre eles, elementos de fíbula; escaravelho em pasta ou esteatite branca; Cerca de 400 contas de colar (cornalina, resina, pasta vítrea com decoração oculada) e pequeno fragmento de cerâmica de cerâmica avermelhada.

Identificação: Sepultura V

Orientação: N-S

Medidas: A fossa media 0,75 m de comprimento por 0,70 m de largura. O túmulo media 2,25 m de comprimento por 2,20 m de largura.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha de planta quadrangular, e protegida por túmulo pétreo de configuração quadrangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Duas contas de pasta vítrea, uma oculada e a outra amarela.

Identificação: Sepultura VI

Orientação: N-S

Medidas: A fossa media 1,05 m de comprimento por 0,80 m de largura.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha de planta rectangular, e sem proteção de caixa sepulcral pétreo. Encontrava-se perto do espaço que define o murete do *themenos*.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Duas pontas de lança em ferro com os respetivos contos; faca de ferro afalcatada e fíbula em bronze.

Identificação: Sepultura VII

Orientação: N-S o túmulo e E-O o enterramento.

Medidas: A fossa media 1,50 m de comprimento por 0,70 m de largura. O túmulo media 2,90 m de comprimento, sem determinação da largura devido à sua destruição.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha de planta retangular, e protegida por túmulo pétreo de configuração retangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Sem.

Identificação: Sepultura VIII

Orientação: N-S o túmulo e E-O o enterramento.

Medidas: A fossa media 0,90 m de comprimento por 0,70 m de largura. O túmulo media 1,80 m de comprimento por 1,50 m de largura.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha de planta retangular, e protegida por túmulo pétreo de configuração retangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Sem.

Identificação: Sepultura IX

Orientação: N-S o túmulo e E-O o enterramento.

Medidas: A fossa media 0,80 m de comprimento por 0,65 m de largura. O túmulo media 1,90 m de comprimento por 1,70 m de largura.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha de planta retangular, e protegida por túmulo pétreo de configuração retangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Faca de ferro afalcatada, contendo rebites de bronze na zona do cabo.

Identificação: Sepultura X

Orientação: N-S o túmulo e E-O o enterramento.

Medidas: A fossa media 0,80 m de comprimento por 0,60 m de largura.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha de planta retangular, e protegida por túmulo pétreo de configuração retangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Sem.

Identificação: Sepultura XI

Orientação: N-S o túmulo e E-O o enterramento.

Medidas: A fossa media 1,05 m de comprimento por 0,60 m de largura. O túmulo media 2,80 m de comprimento por 1,55 de largura.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha de planta irregular, e protegida por túmulo pétreo de configuração quadrangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Fíbula de bronze e tigela cerâmica.

Identificação: Sepultura XII

Orientação: N-S o túmulo e E-O o enterramento.

Medidas: A fossa media 1,10 m de comprimento por 0,80 m de largura. O túmulo media 1,90 m de comprimento por 1,80 m de largura.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha de planta retangular, e protegida por túmulo pétreo de configuração quadrangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Sem.

Identificação: Sepultura XIII

Orientação: N-S o túmulo e E-O o enterramento.

Medidas: A fossa media 0,90 m de comprimento por 0,55 m de largura. O túmulo media 1,90 m de comprimento por 1,75 m de largura, aproximadamente.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha de planta retangular, e protegida por túmulo pétreo de configuração retangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Conta de pasta vítrea e fragmento de vaso cerâmico.

Identificação: Sepultura XIV

Orientação: N-S

Medidas: A fossa media 1,00 m de comprimento por 0,60 m de largura. O túmulo media 1,90 m de comprimento por 1,75 de largura.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha de planta retangular, e protegida por túmulo pétreo de configuração quadrangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Ponta de lança em ferro.

Identificação: Sepultura XV

Orientação: N-S o túmulo e E-O o enterramento.

Medidas: A fossa media 0,90 m de comprimento por 0,60 m de largura.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha de planta irregular. Deveria estar rodeada por uma caixa sepulcral pétreo, mas devido aos danos causados pela lavoura, não se tem documentação.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Vinte e duas contas de pasta vítrea.

Identificação: Sepultura XVI

Orientação: N-S o túmulo e E-O o enterramento.

Medidas: A fossa media 1,35 m de comprimento por 0,70 m de largura.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha de planta retangular, e protegida por túmulo pétreo de configuração retangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Sem.

Identificação: Sepultura XVII

Orientação: N-S o túmulo e E-O o enterramento.

Medidas: A fossa media 1,30 m de comprimento por 0,70 m de largura.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha de planta retangular. Esta sepultura apresenta os mesmos problemas da sepultura XV.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Duas estelas com inscrições do SO, servia reutilizada como tampa.

Dados Suplementares: Na sua tese, Beirão menciona especificamente que uma sepultura (sep. 1) era de incineração, contudo “esqueceu-se” de mencionar quais os rituais para as restantes. Conseguimos, contudo ter acesso ao “*Primeiro Relatório sobre a escavação da Estação Arqueológica da Fonte Santa (Ourique)*”, de 1972, nunca publicada, em que Beirão escreve o seguinte “*Uma das sepulturas, a n.º. 3, é a única de incineração, sendo as restantes de inumação – duas das covas destas podendo conter corpos estendidos e as restantes corpos em posição fetal*” (Beirão, 1972a, p.5). A sepultura 3 corresponde à sepultura 1, isto porque a planta esquematizada que apresenta no mesmo relatório, possuía numeração diferente da planta que apresentou posteriormente na sua tese. Fora das sepulturas, ainda foram exumados figuras

cerâmicas de felídeos e uma de bovídeo, que foram posteriormente estudados (Beirão e Gomes, 1984).

Apesar de na sua tese de doutoramento, Caetano Beirão (1986, pp. 65-67) mencionar uma necrópole da II Idade do Ferro de urnas, pensamos que poderiam ser aqui reproduzidas algumas informações em maior detalhe. A necrópole era composta por: “*Dois construções rectangulares de 1,50 m x 2m, situadas a par uma da outra (...). Apresentavam-se sob a forma de molduras construídas em pedra de xisto da região e cujas paredes têm a espessura de 50 cm. Estão directamente construídas sobre a rocha na qual apenas já só assenta uma ordem de pedras (em certos pontos duas e noutros já sem parede).*” (Beirão, 1986, p.8). Nas fossas escavadas no centro dos túmulos, encontraram-se duas urnas. Ainda foi encontrada outra urna que supostamente advém de outro túmulo que não é bem explicado. Da primeira urna, que ainda continha tampa, exumou-se fíbula anelar em bronze com espigão de ferro, e ossos. Das outras, recolheu-se apenas restos ósseos.

Cronologia: I Idade do Ferro, Séc. VII-V a.C.

Bibliografia: Beirão, 1972a, pp. 1-21; Beirão e Gomes, 1984; Beirão, 1986, pp. 43, 50, 62, 65-79, 89, 98, 102; Gomes, 1990, p. 6; Silva e Gomes, 1992, p. 150; Correia, 1993, pp. 354-355, 358-359, est. III; Torres, 1999, pp. 120, 121; Arruda, 2001, pp. 257-260; Arruda, 2004, p. 471; Jiménez Àvila, 2003, p. 101; Vilhena, 2008, pp. 376, 379, 390; Santos *et alii*, 2009, p. 764; Soares e Martins, 2013, p. 664.

Imagens:

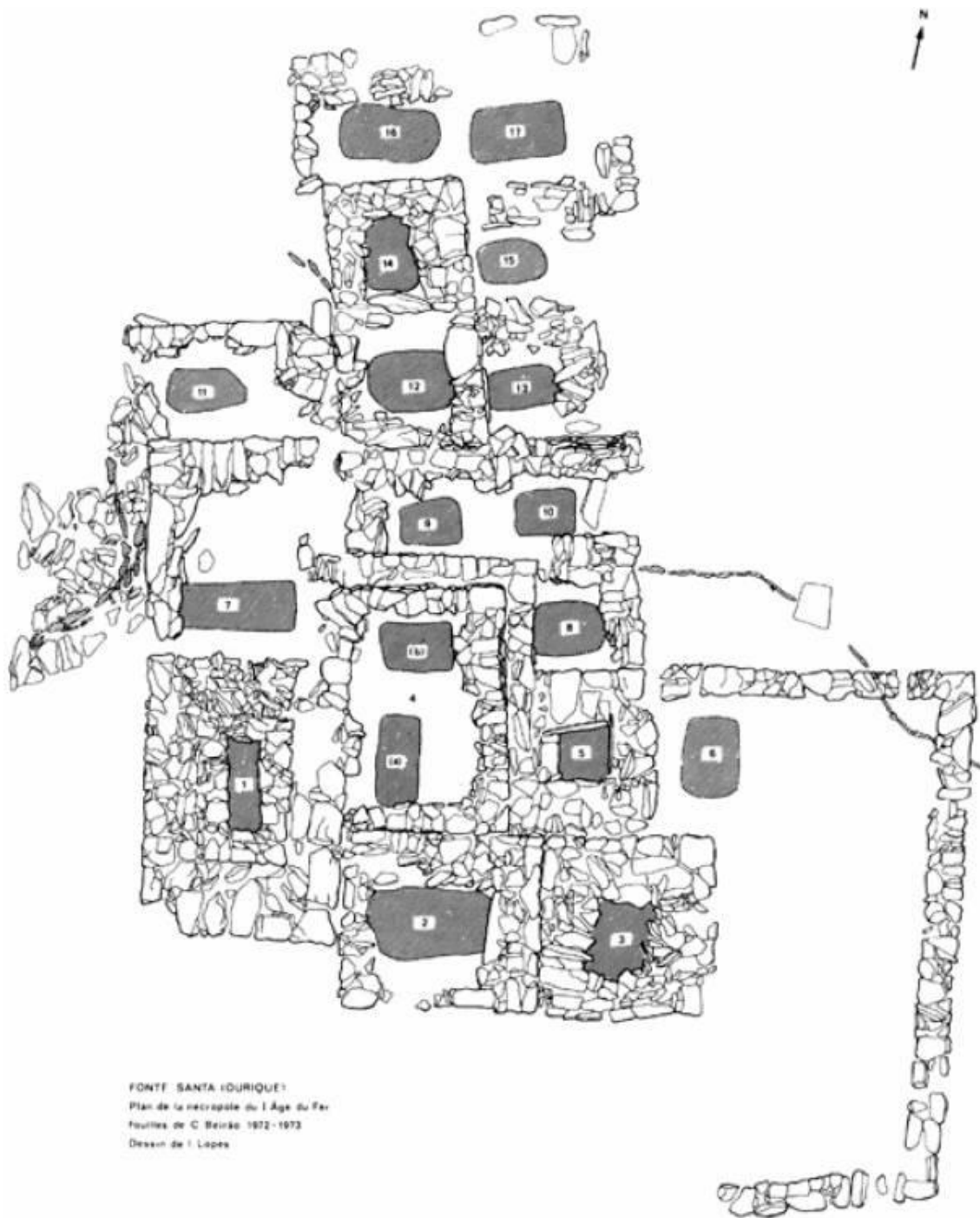


Imagem 1: Planta da necrópole de Favela Nova (Beirão, 1986, p. 70, fig. 12).

Topónimo: Herdade do Pêgo

Localização: Beja, Ourique, Santana da Serra

Coordenadas: Gauss: 189,3/ 62,8; C.M.P: 563

Implantação do Sítio: Ocupa pequeno cabeço (cota de 257 m), com vertentes suaves e formado por afloramento xistoso. A área envolvente é pouco arborizada. Dista cerca de 4,5 Km do rio Mira. Situa-se também perto de *habitat* com o mesmo nome.

Descrição Geral: A necrópole foi alvo de intervenção arqueológica, embora não totalmente: escavaram-se apenas seis sepulturas (cinco na periferia e uma na zona central, a restante planta surgiu da decapagem geral do sítio). A potência estratigráfica do local situa-se entre os 0,07 m e 0,09 m, e encontrava-se bem preservada porque o sítio parece não ter sido alvo do labor agrícola. Apresenta aspeto de empedrado compacto, parecendo uma calçada.

As sepulturas apresentavam duas a três molduras circundantes de blocos de xisto ligados por terra argilosa mas compacta. Todas as sepulturas intervencionadas pertencem ao "Tipo A" de construção proposto para esta necrópole e para A-do-Mealha-Nova pelos autores da escavação (Dias, Beirão e Coelho, 1970, p. 177), que corresponde genericamente à escavação de uma vala entre os 0,05 e 0,10 m em molde cilíndrico com cerca de 1,20 m de comprimento por 0,45 m de largura, e construção de uma moldura que circundava a fossa, feita de xisto, sem argamassa, podendo ter duas ou três molduras concêntricas, por fim, a cobertura era feita por pequenas placas de xisto que se metiam transversais ao comprimento da sepultura.

Inventário

Número de Sepulturas: Trinta e Cinco (primordialmente eram trinta e oito)

Área ocupada: 830 m²

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura I

Orientação: S.D

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: Tipo A.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Contas de vidro.

Identificação: Sepultura II

Orientação: S.D

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: Tipo A.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Cerâmica de fabrico manual.

Identificação: Sepultura III

Orientação: S.D

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: Tipo A.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Placa de cinturão de bronze; fragmentos de faca de bronze e vareta de ferro; pendente triangular de arenito.

Identificação: Sepultura IV

Orientação: S.D

Medidas: Interior da moldura: 1,80 x 1,50 m; exterior da moldura: 2,20 x 1,70 m. A vala tumular apresenta um comprimento de 1,60 m e largura de 0,70 m com a profundidade a cifrar-se nos 0,35 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: Tipo A. É a sepultura melhor conservada e que providenciou a maior riqueza material.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Estela com caracteres da escrita do Sudoeste; taça de cerâmica; faca de ferro; fragmento de lança; elemento de arrecada (Correia, 1993, p. 355) (anteriormente interpretado como adorno de ouro pelos escavadores); conta de vidro cilíndrica.

Identificação: Sepultura V

Orientação: S.D

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: Tipo A.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Contas de vidro.

Identificação: Sepultura VI

Orientação: S.D

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: Tipo A.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Contas de vidro.

Cronologia: Foram feitas datações por radiocarbono para esta necrópole, (Gamito, 1971), contudo estas apresentam graves problemas de exposição dos dados, como fez notar Arruda (2001, p. 266): não se conhece o laboratório, o elemento que foi submetido à datação e a calibração. Esta foi a data publicada: 2425 +- 40, cal BC -575 -415. A datação relativa com base no espólio e na arquitetura pelos autores.

Bibliografia: Dias, Beirão e Coelho, 1971; Beirão, 1986; Gamito, 1991; Correia, 1993; Arruda, 2001, pp. 262-268.

Imagens:

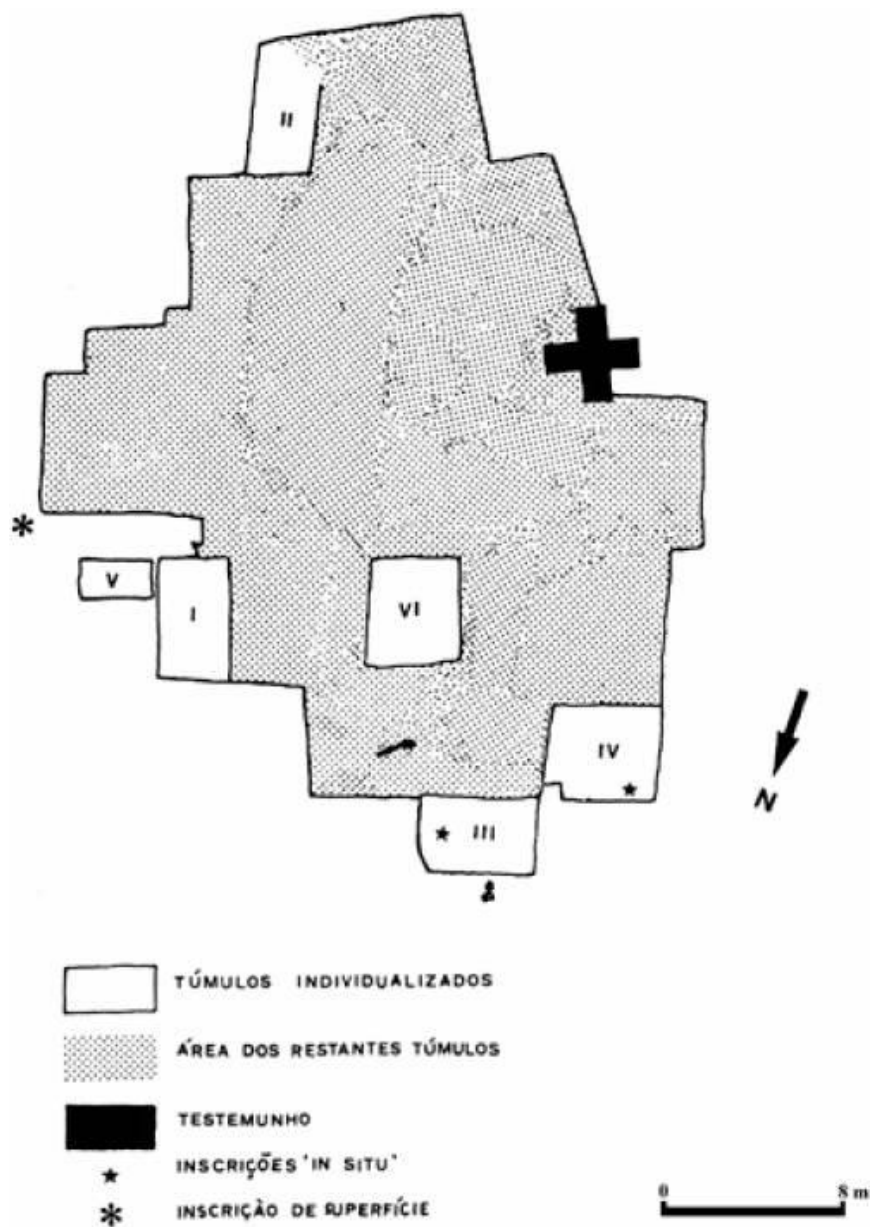


Imagem 1: Planta da necrópole da Herdade do Pêgo (Dias *et alii*, 1970, p. 203).

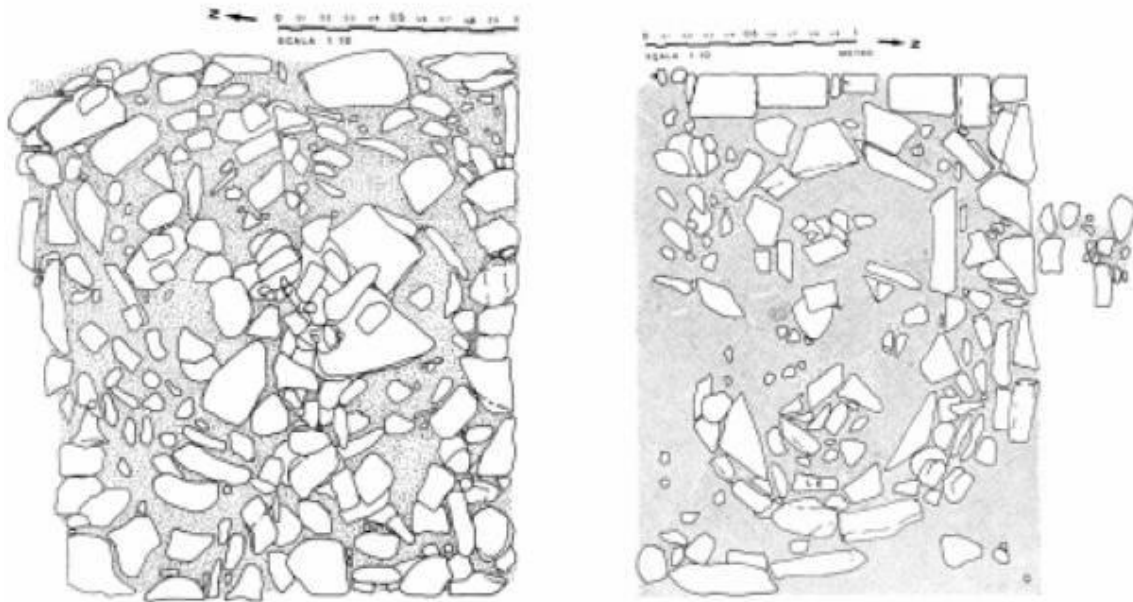


Imagem 2: Plantas das sepulturas VI e III (Dias *et alii*, 1970, p. 207).

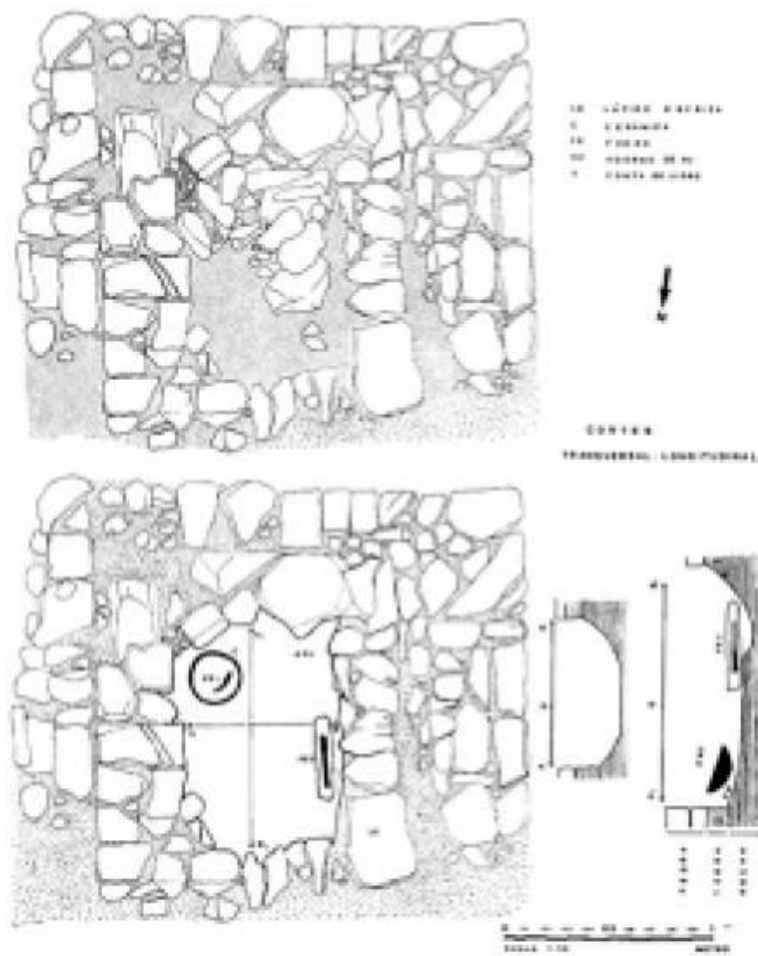


Imagem 3: Planta e espólio da sepultura IV (Dias *et alii*, 1970, p. 210-211).

Topónimo: Monte do Coito

Localização: Beja; Ourique; Alcaria

Coordenadas: Gauss: 184,8/ 75,5; C.M.P: 555

Implantação do Sítio: Situa-se perto (50 m) do *habitat* do mesmo nome.

Descrição Geral: A necrópole foi parcialmente escavada.

Inventário

Número de Sepulturas: Uma

Área ocupada: 5,20 m

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura I

Orientação: S.D

Medidas: 5,20 m de diâmetro

Tipologia e Materiais Construtivos: Monumento circular com câmara funerária no centro, de planta retangular.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Pontas e contas de duas lanças.

Cronologia: Sem mais nenhum elemento de datação, socorremo-nos à análise da arquitetura que a insere na Fase I de Correia (1993, p. 360).

Bibliografia: Beirão, 1973, p.10, 15; Silva e Gomes, 1992, p. 149; Correia, 1993, p. 365; Arruda, 2001, p. 242.

Topónimo: Monte São Luís

Localização: Beja; Ourique; Ourique

Coordenadas: Gauss: 192,4/72,8; C.M.P: 555

Implantação do Sítio: Situa-se em topo de plataforma.

Descrição Geral: Identificada em trabalhos de prospeção. Foi alvo de limpeza superficial que ofereceu monumento circular.

Inventário

Número de Sepulturas: Uma

Área ocupada: S.D

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura I

Orientação: S.D

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: Monumento circular com sepultura central de configuração retangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: S.D

Cronologia: Seguindo a arquitetura teremos de inserir o monumento funerário por volta do séc. VIII a.C., na Fase I de Correia (1993, p. 360).

Bibliografia: Beirão e Gomes, 1980; Beirão, 1986; Correia, 1993, pp. 357, 365; Arruda, 2001, p. 268; Arruda, 2004, p. 470, 472; Vilhena, 2008, p. 381.

Topónimo: Nora Velha 2

Localização: Beja; Ourique; Ourique

Coordenadas: Gauss: 185,7/ 68,0; C.M.P: 563

Implantação do Sítio: A necrópole encontra-se em crista de encosta suave à cota de 170 m, entre duas linhas de água que vão desaguar ao rio Mira. Localiza-se próximo ao Castro da Cola, aproximadamente 700 m, e a 100 m do sepulcro Megalítico da Nora Velha.

Descrição Geral: A necrópole foi identificada em 1990 aquando dos trabalhos de prospeção no âmbito de um protocolo entre o antigo IPPC e a Portucel (Arnaud *et alii*, 1994, p. 199). Foi-lhe atribuído o nome de Nora Velha devido à proximidade entre a necrópole e o sepulcro megalítico do mesmo nome (Arruda *et alii*, 1994, p. 199).

Inventário

Número de Sepulturas: Oito

Área ocupada: 80 x 35 m

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura I

Orientação: O-E

Medidas: Dimensões externas da moldura: 2,08 m x 1,62 m. Interiormente, possuía 0,92 m de comprimento por 0,56 m de largura e 0,35 m de altura.

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepultura escavada na rocha e protegida por moldura pétreia de xisto de configuração retangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Sem.

Identificação: Sepultura II

Orientação: SO-SE

Medidas: Possuía 0,73 m de comprimento por 0,52 m de largura e 0,16 m de altura.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha sub-retangular.

Ritual Funerário: Incineração.

Espólio: Muitos fragmentos de cerâmica, destacando-se um de maiores proporções que poderá pertencer a grande pote de asa cega em forma de ferradura (Arruda *et alii*, 1994, p. 201); fragmento de fíbula e anel de cobre ou bronze. Por fim, não no interior da sepultura mas no seu redor, foram encontradas quatro contas de pasta vítrea.

Identificação: Sepultura III

Orientação: N-S

Medidas: Sem informação quanto ao comprimento, apresentava 0,56 m de largura e duas profundidades: 0,12 m e 0,05 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepultura escavada na rocha. Difere das outras sepulturas pelo facto de no seu interior possuir desnível devido a socalco de 0,07 m. Houve cuidado no acabamento da sepultura pela existência de fragmentos de xisto nas partes curvas do sepulcro.

Ritual Funerário: Incineração.

Espólio: Apenas pequeno fragmento de cerâmica.

Identificação: Sepultura IV

Orientação: NW-SE

Medidas: Possuía 1,13 m de comprimento por 0,58 m de largura e 0,20 m de altura.

Tipologia e Materiais Construtivos: Covacho escavada na rocha.

Ritual Funerário: Incineração.

Espólio: Fundo de recipiente em cerâmica que teria forma globular. Apresentou fragmentos de ossos.

Identificação: Sepultura V

Orientação: NW-SE

Medidas: Possuía 0,92 m de comprimento por 0,46 m de largura e 0,28 m de altura.

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepultura escavada na rocha. Tem também um acabamento cuidado, com pequenos fragmentos de xisto nos contornos.

Ritual Funerário: Incineração.

Espólio: Urna funerária de bordo extrovertido com decoração incisa de forma ziguezagueante, *in situ*. Encontrava-se sobre seixo de rio. Fragmentos de ossos encontrados no interior da urna.

Identificação: Sepultura VI

Orientação: S.D

Medidas: S.D

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepultura escavada na rocha protegida por moldura pétreia de configuração quadrangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Contas de pasta vítrea: parecem ter sido submetidas ao fogo.

Identificação: Sepultura VII

Orientação: S.D

Medidas: O *tumulus* media 2,20 x 2,20 m, e o covacho aproximadamente 0,10 m de diâmetro.

Tipologia e Materiais Construtivos: Possuía duas molduras protegendo o sepulcro aberto na rocha base, com exterior possivelmente escalonado. Encaixilhava ainda pequeno covacho.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Vários fragmentos de cerâmica de pote em ferradura; duas contas de pasta vítrea com exposição a temperaturas elevadas e outra completa; colar de contas de pasta vítrea ligadas e ainda conta de grandes dimensões de pasta vítrea preta e oculada a branco mas fragmenta; pendente de xisto (Soares e Martins, 2013, p. 662).

Identificação: Sepultura VIII (A e B)

Orientação: N-S

Medidas: Possui um diâmetro com cerca de 5,50 m Dimensões externa e interna: 1,90 m e 1,10 m. A altura interna é 0,40 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: É um monumento de configuração circular com duas fossas escavadas na rocha base e protegidas por duas molduras em xisto. Como cobertura, uma laje de grandes proporções de ardósia negra que se encontrava fragmentada e caída sobre o interior da sepultura VIIIA. Da VIIIB não se encontraram vestígios de tampa. Escavada a sepultura VIIIA verificou-se grande placa, também de ardósia, que depois de retirada ofereceu novo sepulcro, que se dividiu em Nível 1 e 2 (Soares e Martins, 2013, p. 661). Ainda de referir que em volta deste *tumulus* se encontravam muitas placas de xisto negro que poderiam formar patamar em redor da sepultura.

Ritual Funerário: Incineração.

Espólio: Para a sepultura VIIIA, ao que refere o Nível 1 surgiu: carvões, tigela, duas pontas de lança e faca de ferro. Em relação ao Nível 2, este ofereceu: carvões, tigela com mamilo horizontal perfurado e dois ferros com morfologia de

espeto. Em relação ao sepulcro VIIIB, apenas se acharam alguns carvões. Surgiram esquirolas de ossos queimados em ambos os níveis da sepultura VIIIA, mas sem nada surgir na VIIIB.

Dados Suplementares: Em relação à Sepultura VIII, até agora única do seu género devido às suas particularidades, pode ser atribuída um enterramento coetâneo para indivíduos dos Níveis 1 e 2 (Soares e Martins, 2013, p.664).

Cronologia: Nora Velha 2 destaca-se ainda no panorama de cronologias do quadro das necrópoles sidéricas como uma das poucas a ter datações por radiocarbono a 2 sigma. As datações incidiram sobre o monumento circular VIII. Do Nível 2 da sepultura VIIIA as datações sobre madeira carbonizada foram altas, apontando uma diacronia dos inícios do século X a.C. até finais do séc. IX a.C.; os resultados para a VIIIB foram de finais do séc. IX a finais do século V a.C. (Soares e Martins, 2013, p. 665), também de madeira carbonizada. Assim, com uma revisão do sítio e dos materiais exumados, Rui Soares e Artur Martins (Soares e Martins, 2013, p. 665), propõem cronologia entre os séculos VII a.C. a V a.C..

Bibliografia: Correia, 1993, p. 366; Arnaud *et alii*, 1994; Raposo, 2001; Correia e Parreira, 2002, pp. 60, 61; Ávila, 2002-2003, p. 102; Vilhena, 2006, est. I; Vilhena, 2008, pp. 381-382, 384, 387, 390; Soares e Martins, 2013, pp. 661-668.

Imagens:

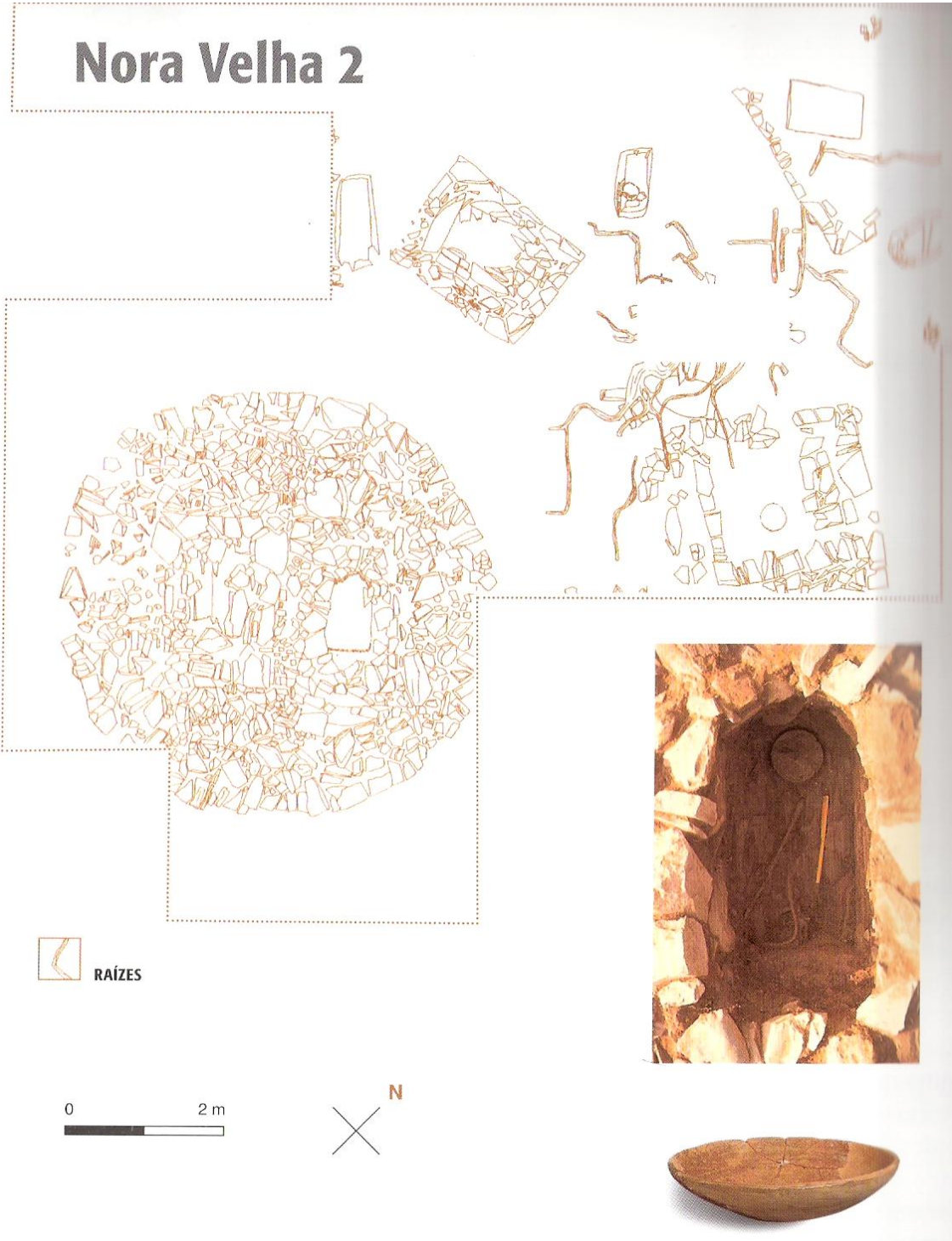


Imagem 1: Planta de Nora Velha 2 e Sepultura VIII com prato cerâmico (Correia e Parreira, 2002, p. 60).

Topónimo: Pêgo da Sobreira

Localização: Beja; Ourique, Ourique

Coordenadas: Gauss: 189,6/ 66,2; C.M.P: 563

Implantação do Sítio: Situa-se numa elevação que também alberga o *habitat*, numa área de cabeços xistosos que ladeiam o Mira.

Descrição Geral: Alvo de intervenção arqueológica revelou monumento funerário isolado. Infere-se que a sepultura terá sido alvo de violação, pois não apresentava qualquer espólio no seu interior.

Inventário

Número de Sepulturas: Uma

Área ocupada: 3,25 m

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura I

Orientação: NO-SE - Sepultura.

Medidas: O monumento circular apresenta diâmetro de 3,25 m. A moldura sepulcral tem 2 x 1,50 m que delimita a sepultura: 1,50 x 0,60 m.. Conserva ainda parte do alçado exterior: 0,50 m. Por fim, a tampa que cobria a sepultura mede 1,15 x 0,70 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: O monumento apresenta planta circular cuja sepultura se encontra no centro. A moldura circular do monumento foi construída recorrendo a várias fiadas de pedras de dimensões variáveis, tendo de forma geral um tamanho médio. O Sepulcro, escavado na rocha base, e moldurada com blocos de xisto, apresenta configuração retangular. Ainda conservada, apresentava tampa em laje de xisto, a qual, em conjunto com outras lajes, cobriria o sepulcro por completo.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Não se conhece espólio exumado.

Cronologia: Sem espólio, recorre-se à arquitetura como elemento datante: Fase I de Correia (1993, p. 360), correspondente ao século VIII a.C.

Bibliografia: Beirão *et alii*, 1979; Beirão e Gomes, 1980, n.ºs 234-237; Beirão, 1986; Silva e Gomes, 1992, p. 149; Correia, 1993, p. 359, 372; Beirão e Correia, 1994; Arruda, 2001, p. 241; Raposo, 2001; Correia e Parreira, 2002, pp. 56, 57; Vilhena, 2006, pp. 49, 50; Vilhena, 2008, pp. 376, 381, 383; Soares, 2013, p.663.

Imagens:

Pego da Sobreira

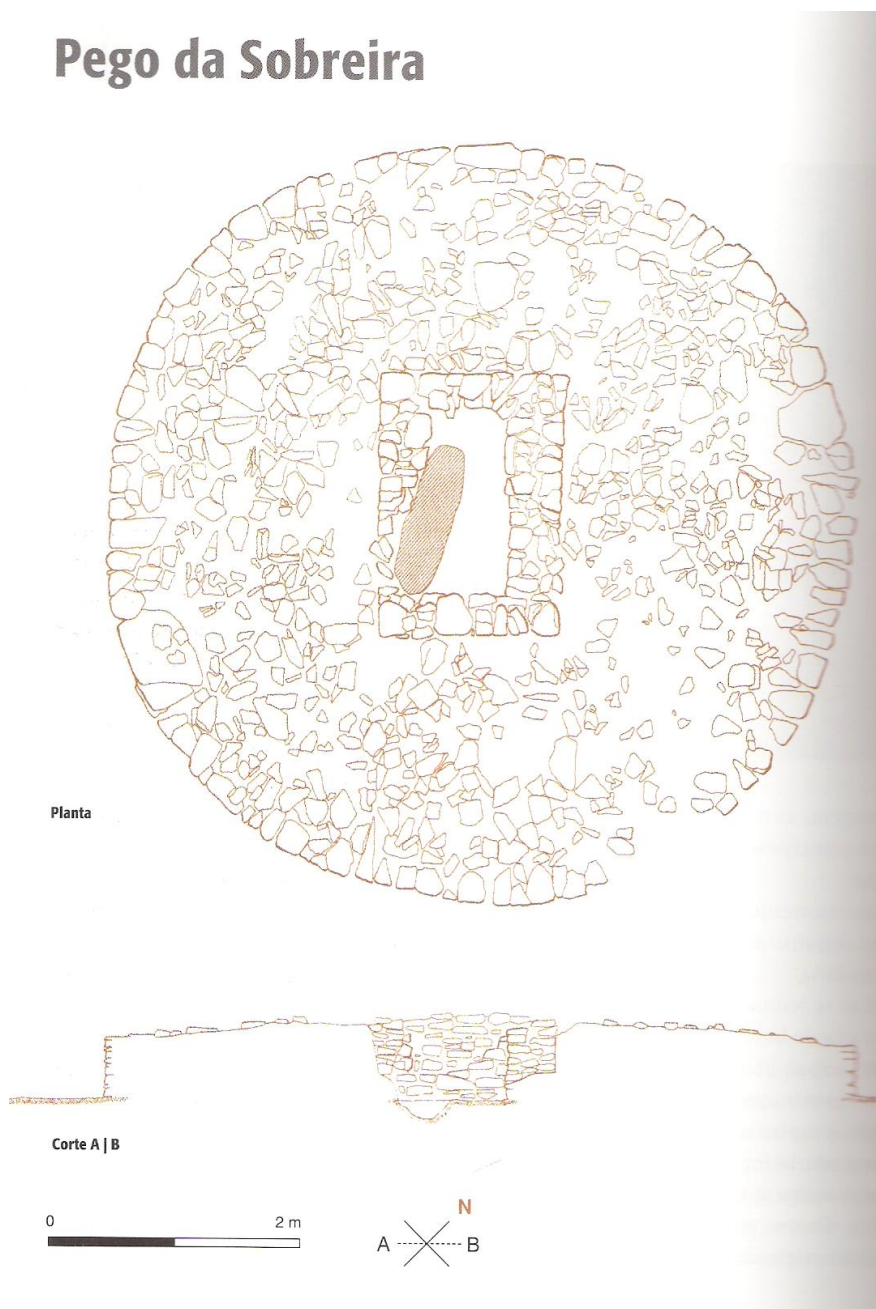


Imagem 2: Planta e Corte Estratigráfico (Correia e Parreira, 2002, p. 56).

Topónimo: Penedo

Localização: Beja; Ourique; S. Salvador

Coordenadas: Gauss: 184,8/75,2; C.M.P: 555

Implantação do Sítio: Situa-se próximo de *habitat* com o mesmo nome. Localiza-se entre a região mais a norte da peneplanície alentejana e a região mais a sul, que é associada ao rio Mira.

Descrição Geral: A necrópole foi detetada pelo surgimento de uma lápide epigrafa (Correia, 1993, p. 365). Posteriormente foi alvo de pequena escavação arqueológica.

Inventário

Número de Sepulturas: Quatro

Área ocupada: S.D

Dados Suplementares: Não existe documentação precisa sobre as sepulturas. Sabe-se apenas que a necrópole estava em mau estado de conservação e que das quatro sepulturas, três pareciam violadas.

Cronologia: I Idade do Ferro.

Bibliografia: Beirão e Gomes, 1980, n.ºs 238-240; Beirão, 1986, p. 131; Correia, 1993, p. 365; Arruda, 2001, p. 262.

Topónimo: Vaga da Cascalheira

Localização: Beja, Ourique

Coordenadas: Gauss: 187,2/ 66,5; C.M.P: 563

Implantação do Sítio: Localiza-se em cabeço onde divide o espaço com o *habitat* do mesmo topónimo, separados apenas por 50 m, mas sobranceiro a este. O cabeço está sobranceiro ao rio Mira.

Descrição Geral: Efetuou-se uma decapagem superficial do terreno, e posteriormente realizou-se uma intervenção arqueológica, em apenas dois túmulos, ao centro e a NE da necrópole. A necrópole era constituída por sepulturas retangulares protegidas por *tumuli* quadrangulares, que se juntavam num aglomerado justapostos (Vilhena, 2006, p. 48).

Inventário

Número de Sepulturas: Dez.

Área ocupada: 52,2 m².

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura I

Orientação: E/O

Medidas: 1,10 m de comprimento e 0,70 m de largura. Distava da superfície entre 0,15 a 0,30 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: Esta sepultura está inserida em *tumulus* quadrangular construído por pequenos blocos de xisto. Não apresentava cobertura. A câmara sepulcral apresentava configuração quadrangular, escavada no solo arenoso, e protegida por lajes de xisto em duas ou três fiadas, com terra ou adobe como argamassa. Situa-se no Sector NE da necrópole.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Dois fragmentos de lanças de ferro, e faca de ferro e bronze.

Identificação: Sepultura II

Orientação: E/O

Medidas: 1,40 m de comprimento por 0,80 m de largura

Tipologia e Materiais Construtivos: Também inserida em *tumulus*, fossa quadrangular com o mesmo procedimento construtivo da Sepultura I, com a diferença das lajes de xisto encontradas no interior da sepultura terem sido interpretados como a cobertura do sepulcro.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: S.D

Cronologia: A arquitetura remete-nos para a Fase III de Correia (1993, p. 360), mas com uma utilização provavelmente apenas do século VI a.C. (Correia e Parreira, 2002, p. 59).

Bibliografia: Beirão e Gomes, 1980, n.º 241-242; Beirão, 1986, pp. 50, 103-105; Correia, 1993, p. 359; Beirão e Correia, 1994; Arruda, 2001, pp. 239, 240; Correia e Parreira, 2002, pp. 58, 59; Arruda, 2004, p. 471; Vilhena, 2008, pp. 376, 383.

Imagens:

Vaga da Cascalheira

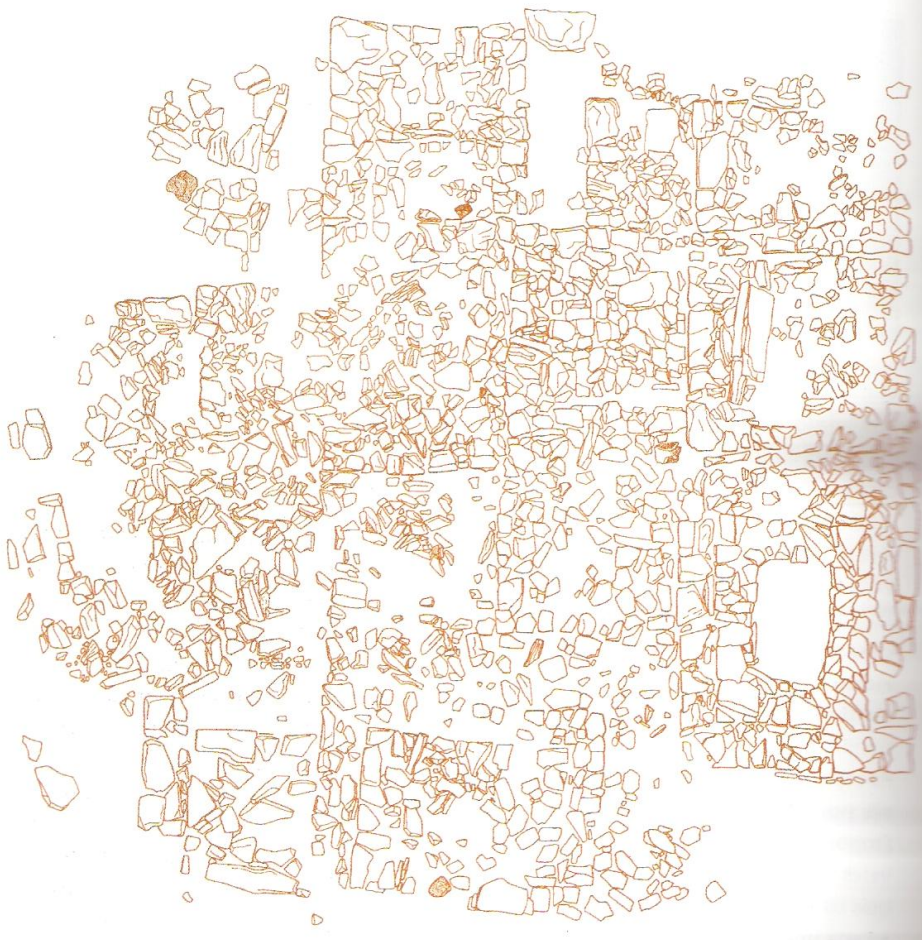


Imagem 1: Planta da necrópole da Vaga da Cascalheira (Correia e Parreira, 2002, p. 58).

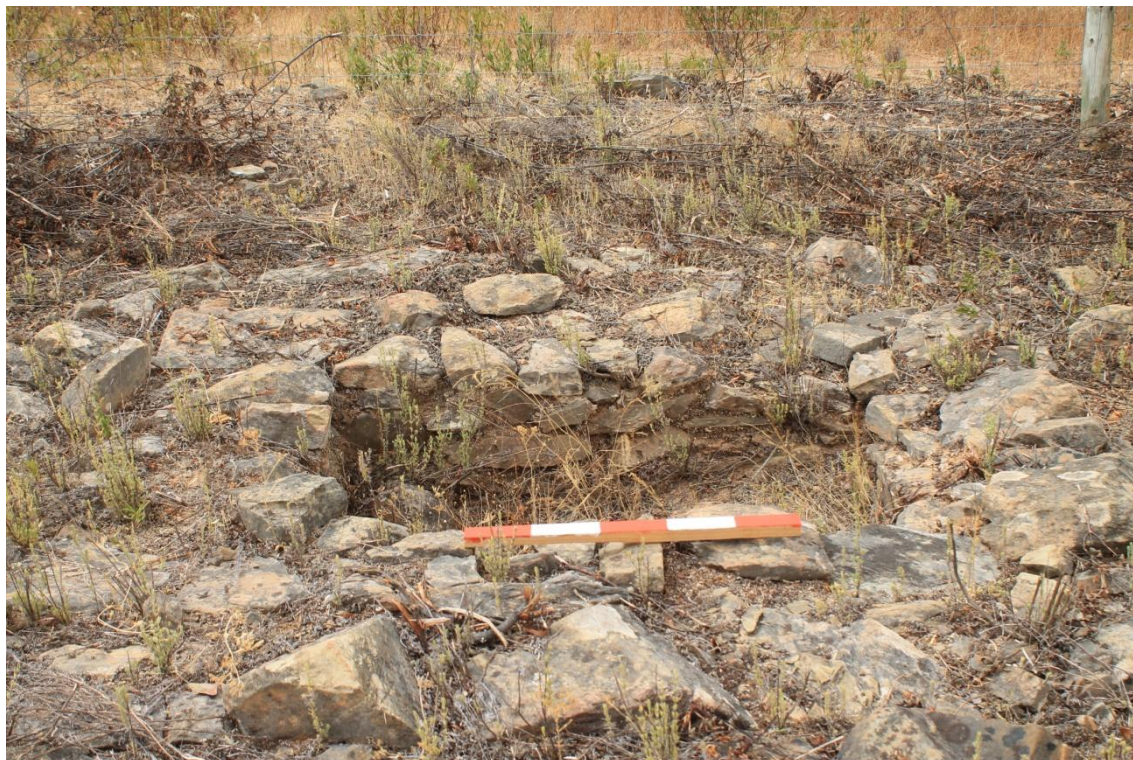


Imagem 2: Pormenor da Sepultura I.

Sines

Topónimo: Herdade do Gaio

Localização: Setúbal; Sines; Sines

Coordenadas: 37.903854/ -8.735715

Implantação do Sítio: Dista a 275 m da Ribeira de Morgavel.

Descrição Geral: Situada na Herdade do Gaio, a “necrópole” ofereceu rico espólio. Pouco se sabe da configuração da possível necrópole, o seu tamanho ou o número de túmulos. Devido ao labor agrícola aí efetuado, quaisquer vestígios de construções aí erigidos, encontram-se muitos fragmentos. Posteriormente, Costa, efetuou uma análise ao terreno e crivou as terras, encontrando o tal valioso espólio. Afirma ainda no seu segundo artigo sobre a jazida (1972), que supostamente haveriam cistas.

Inventário

Número de Sepulturas: Três (uma encontrava-se vazia e sem mais informações).

Área ocupada: 78 m²

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura I

Orientação: E-O

Medidas: 0,70 x 0,40 x 0,40 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepultura escavada na rocha base com planta retangular. Era protegida por moldura pétrea e uma laje que serviria de tampa, tudo em xisto.

Ritual Funerário: Inumação?

Espólio: Contas de colar em pasta vítrea, ouro, prata e âmbar; fragmentos que se supõe terem pertencido a unguentário (Costa, 1972, p. 98); metade de pulseira de bronze; seis lâminas em ouro; fragmentos de anel em barros e pasta cinzenta

Identificação: Sepultura II

Orientação: S.D

Medidas: Possuía 1,90 m de comprimento, sem se saber as restantes medidas.

Tipologia e Materiais Construtivos: Como foi destruída, presume-se que tenha arquitetura semelhante segundo as informações.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Conta de pasta vítrea elipsoidal.

Dados Suplementares: Das crivagens que se efetuaram às terras das cistas, resultou um rico e variado espólio constituído por: "(...) *contas de ouro, contas de vidro e pasta*

vítrea; escaravelho de marfim em estojo de prata; fragmentos de vidro azul; contas negras de vidro; fragmentos de arrecadas de ouro; pingente de ouro com forma de flor de lótus; roseta de prata; fragmento de bronze do fundo de uma braseira; contas de âmbar e de vidro azul escuro; cabeça bifronte feminina, que pertencia a arrecada; dois pedaços de tampa de cálice de arrecada." (Costa, 1972, pp. 99, 100).

Cronologia: Pela avaliação do espólio os autores tendem a inserir a necrópole entre os séculos VII a VI a.C. Torres (1999, p. 115), propõe uma cronologia ainda mais recente, dos séculos VI a.C. a V a.C.

Bibliografia: Costa, 1966; Costa, 1972; Beirão e Gomes, 1984, p. 445; Beirão, 1986, p. 41-43, 102; Gomes, 1991, p. 3-4; Silva e Gomes, 1992, p. 150; Alarcão, 1996, p. 239; Fabião, 1998, p. 396; Torres, 1999, pp. 115, 116; Arruda, 2004, p. 467-469, 473, 490; Vilhena, 2008, p. 392; Santos, 2009, p. 765, 766, 782; Torres, 2009, p. 527-528; Soares, 2013, p. 664.

Imagens:

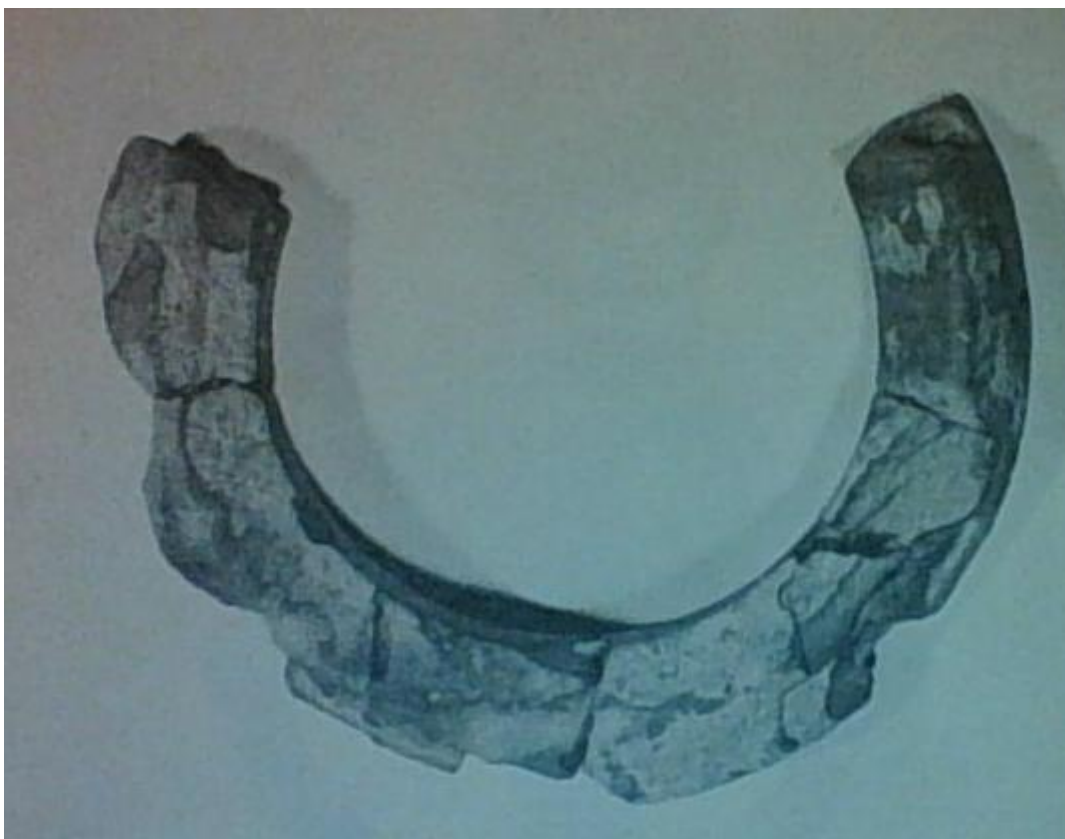


Imagem 1: Foto do molde de cerâmica para fundição de braceletes (Costa, 1972, p. 120).

Vidigueira

Topónimo: Fareleira 2

Localização: Beja; Vidigueira; Selmes

Coordenadas: Lat. N: 38°07'24.62, Long. W: 7°40'54.49"

Implantação do Sítio: Situa-se entre Fareleira 3 e Poço Novo 1, no mesmo planalto amesetado que a primeira, e a 250 m dessa.

Descrição Geral: Esta necrópole foi intervencionada de emergência no âmbito da minimização de impactes sobre o património cultural dentro do Bloco de Rega do Pedrogão (Edia), pela empresa de arqueologia *Procel*. Local de diversas cronologias: existe conjunto de fossas que foram enquadradas na Pré-História do III/II milénio a.C., e conjunto de sepulturas de inumação da Idade do Ferro distribuídas por três núcleos, A B e C. Também se encontraram contextos islâmicos.

Inventário

Número de Sepulturas: Sete

Área ocupada: 96 m²

Núcleo A

Identificação: Sepultura 1

Orientação: O-E

Medidas: 1,40 m x 0,60 m x 0,10 m

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepulcro escavado na rocha base, de configuração retangular.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Sem. Dos restos osteológicos, exumou-se indivíduo adulto feminino, em decúbito lateral direito. Estava em muito mau estado de conservação.

Identificação: Sepultura 2

Orientação: O-E

Medidas: 1,85 m x 0,75 m x 0,12 m

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepulcro escavado na rocha base, de configuração retangular.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Duas contas de colar de pasta vítrea, negras. Os restos osteológicos não permitiram grandes aferições, pois o conjunto correspondia apenas a três diáfises de osso longos indeterminados.

Núcleo B

Identificação: Sepultura 3

Orientação: SO-NE

Medidas: 1,27 m x 0,58 m x 0,08 m

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepulcro escavado na rocha base, de configuração retangular. Muito destruído.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Sem. Os restos ósseos apresentaram indivíduo adulto masculino, em decúbito dorsal e membros inferiores em decúbito lateral direito.

Identificação: Sepultura 4

Orientação: NO-SE

Medidas: 1,40 m x 0,70 m x 0,10 m

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepulcro escavado na rocha base, de configuração retangular. Também se encontrava bastante destruída pela abertura mecânica como a Sepultura 3.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Três recipientes cerâmicos. Os restos ósseos apresentaram indivíduo adulto feminino, em decúbito lateral direito.

Identificação: Sepultura 5

Orientação: NO-SE

Medidas: 1,40 m x 0,70 m x 0,45 m

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepulcro escavado na rocha base, de configuração retangular ovalada. Poderia possuir cobertura pétreo.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Sem. Não se encontraram ossos, contudo os autores pensam que poderia ter pertencido a sepulcro de bebê ou criança, o que corresponderia a uma mais fácil desintegração (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*).

Núcleo C

Identificação: Sepultura 6

Orientação: NO-SE

Medidas: 1,75 m x 0,68 m x 0,14 m

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepulcro escavado na rocha base, de configuração retangular ovalada.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Fíbula do tipo “Acebuchal”; ponta de lança em ferro, a ponta estava dobrada; pote/vaso cerâmico. Os restos ósseos apresentaram indivíduo adulto masculino, em decúbito lateral esquerdo.

Identificação: Sepultura 7

Orientação: NO-SE

Medidas: 1,80 m x 0,60 m x 0,40 m

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepulcro escavado na rocha base, de configuração retangular ovalada.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Vaso “à chardon”; ainda na mão esquerda dois anéis de bronze, aparentemente. Os restos ósseos apresentaram indivíduo adulto feminino, em decúbito lateral direito.

Cronologia: Século VI a.C.

Bibliografia: Figueiredo e Mataloto, *no prelo*.

Topónimo: Fareleira 3

Localização: Beja; Vidigueira; Selmes

Coordenadas: Lat. N: 38°07'39.54'' Long. W: 7°42'43.65''

Implantação do Sítio: Num pequeno planalto, precisamente no local mais alto.

Descrição Geral: Esta necrópole, como Fareleira 2, foi intervencionada de emergência no âmbito da minimização de impactes sobre o património cultural dentro do Bloco de Rega do Pedrogão (Edia), pela empresa de arqueologia *Procel*. A necrópole apresentava apenas uma sepultura que por sua vez se inseria em recinto formando "U", com abertura virada para o lado Sul. Também na área existiam vários fossos do Neolítico Final.

Inventário

Número de Sepulturas: Uma

Área ocupada: 96 m²

Identificação: Sepultura 1

Orientação: NO-SE

Medidas: De comprimento possuía 2,80 m por 0,90 m de largura e profundidade de 0,50 m.

Tipologia e Materiais Construtivos: Fossa escavada na rocha base formando estrutura retangular.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Numa cota superior ao restante espólio, encontrou-se um braseiro com duas anilhas circulares fundidas. Já dentro do espaço estratigráfico da sepultura encontrou-se conjunto cerâmico constituído por três tigelas e duas taças, onde nestas se encontravam restos de fauna. Dos metais: faca afalcatada em ferro com cabo engrossado por duas pequenas placas de bronze; dois contos de lança em ferro; fíbula do tipo “*Acebuchal*” (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*). Por fim, surgiram peças metálicas de difícil caracterização, chamados de “agarradores de perfil em U” (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*). Foram encontrados restos ósseos que permitem aferir indivíduo adulto do sexo masculino em decúbito lateral esquerdo.

Dados Suplementares: Como já mencionado, o recinto tinha configuração que poderia ser descrita como “U”: dois tramos paralelos orientados a N-S, ligados por outro orientado a O-E (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*). A largura média destes fosos era de 0,80 m. A profundidade era mais assimétrica entre os 0,50 m e os 0,30 m. A profundidade ia-se dissipando à medida que se aproximava das extremidades no Sul. Infere-se que pelos restos osteológicos dispersos, a sepultura 1 foi violada (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*).

Cronologia: Século VI a.C.

Bibliografia: Baptista *et alii*, 2013; Figueiredo e Mataloto, *no prelo*.

Topónimo: Poço Novo 1

Localização: Beja; Vidigueira; Pedrogão

Coordenadas: 38.116013/ -7.653462; C.M.P: 511.

Implantação do Sítio: Situa-se em topo de planalto, a uma altura de 146 m, de encostas suaves mas com presença na paisagem, perto do rio Guadiana.

Descrição Geral: O sítio foi identificado durante os trabalhos de acompanhamento e depois intervencionado no âmbito do projeto do Circuito Hidráulico do Pedrogão, pela empresa *Arqueologia e Património*. No local, detetou-se duas ocupações, uma da Idade do Bronze, que é composta por estruturas negativas de contornos circulares e retangulares de contextos funerários e não funerários, e outra, da Idade do Ferro, compondo-se de sepulturas retangulares de inumação, algumas das quais alvo de violação (Baptista *et alii*, 2013). Estão associadas a recinto de configuração em "L", com um segmento de 3,90 m de comprimento, orientado a S-N e outro com 2,5 m de comprimento e orientado a O-E. A largura, embora irregular, tinha uma largura média de 0,70 m e uma altura de 0,15 m (Figueiredo e Mataloto, *no prelo*).

Inventário

Número de Sepulturas: Oito.

Área ocupada: 225m²

Sepulturas Individuais

Identificação: Sepultura 1

Orientação: O-E

Medidas: 1,60 m x 0,70 m x 0,15 m

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepultura escavada na rocha base de configuração retangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Taça cerâmico; trinta e sete contas em vidro negro. Os restos ósseos apresentaram indivíduo adulto de sexo feminino em decúbito lateral esquerdo.

Identificação: Sepultura 2

Orientação: S-N

Medidas: 2 m x 0,70 m x 0,55 m

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepultura escavada na rocha de configuração retangular-ovalada.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Duas braceletes em bronze com depressão parabólica que lhe confere forma de coração “acorazonados” (ainda nos antebraços do indivíduo); dois anéis em bronze (ainda nas falanges da mão esquerda); fecho de cinturão “tartéssico” (encontrava-se na zona da cintura) em bronze do Tipo 4A (Cerdeño, 1981, p. 34). Os restos ósseos apresentaram indivíduo adulto de sexo feminino, em decúbito lateral esquerdo.

Identificação: Sepultura 3

Orientação: O-E

Medidas: 2,15 m x 1,00 m x 0,25 m

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepultura escavada na rocha de configuração retangular regular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Fecho de cinturão “tartéssico” em bronze do Tipo 3 (Cerdeño, 1981, p. 34). Os restos ósseos apresentaram indivíduo adulto jovem de sexo feminino, em decúbito lateral esquerdo.

Identificação: Sepultura 4

Orientação: O-E

Medidas: 1,60 m x 0,62 m x 0,42 m

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepultura escavada na rocha de configuração retangular-ovalada.

Ritual Funerário: Inumação.

Espólio: Vaso cerâmico; Fíbula de bronze do Tipo Alcores (Ponte, 2006, p. 130, fig. 23). Os restos ósseos apresentaram indivíduo não adulto, sem determinação do sexo, em decúbito lateral direito.

Identificação: Sepultura 5

Orientação: O-E

Medidas: 1,30 m x 0,60 m x 0,60 m

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepultura escavada na rocha de configuração retangular-ovalada. Corta o limite Este do Recinto 1.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Sem. Os restos ósseos apresentaram indivíduo adulto jovem de sexo masculino, em decúbito lateral esquerdo.

Identificação: Sepultura 6

Orientação: O-E

Medidas: 1,70 m x 0,86 m x 0,38 m

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepultura escavada na rocha de configuração retangular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Taça cerâmica; quatro contas. Os restos ósseos apresentaram indivíduo adulto de sexo feminino, em decúbito lateral esquerdo.

Identificação: Sepultura 7

Orientação: O-E

Medidas: 1,60 m x 0,85 m x 0,65 m

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepultura escavada na rocha de configuração retangular-ovalada.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Conta bicónica em bronze. Os restos ósseos apresentaram indivíduo adulto de sexo feminino, em decúbito lateral direito.

Identificação: Sepultura 8

Orientação: S-N

Medidas: 1,70 m x 0,85 m x 0,15 m

Tipologia e Materiais Construtivos: Sepultura escavada na rocha de configuração retangular irregular.

Ritual Funerário: Inumação

Espólio: Sem. Os restos ósseos apresentaram indivíduo não adulto sem determinação sexual, em decúbito lateral direito.

Dados Suplementares: As configurações das sepulturas, retangulares ou sub-retangulares, têm a particularidade de algumas possuírem certa antropomorfia. Algo que não se encontra presente nas necrópoles sidéricas na zona mais meridional do Baixo Alentejo. Em relação ao espólio, encontrou-se ainda, da Idade do Ferro: vaso *a Chardon*, de fabrico manual.

Cronologia: Idade do Bronze/ I Idade do Ferro (séc. VII-VI a.C.). Esta data advém dos materiais resultantes das escavações: fechos de cinturão, braceletes "acorazonadas", contas em pasta vítrea com olhos, entre outros elementos datantes que apontam para esta data.

Bibliografia: Baptista *et alii*, 2013; Figueiredo e Mataloto, *no prelo*.

Segundo Grau

Aljustrel

Topónimo: Corte Margaridinha

Localização: Beja; Aljustrel; Aljustrel

Coordenadas: 37.932874/-8.105791

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: A informação de possível necrópole que poderá ter sido destruída, encontra-se na Base de Dados Endovélico. Existe memória, dos trabalhadores da zona, do surgimento de urnas de barro, pequenas tigelas e copos. Além disto, recolheu-se par de brincos, anel e alfinete de bronze. Em 1990 efetuou-se uma prospeção no local, mas apenas se encontraram fundos e bordos de cerâmica.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: S.D

Almodôvar

Topónimo: Abóbada 4

Localização: Beja; Almodôvar; São Sebastião de Gomes Aires

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Assim como a Abóbada 3, entre outras, esta necrópole também foi identificada no decorrer das prospeções encetadas pelo Projecto Estela. Este local em específico, apresentava monumento tumular (Melro, 2009, p. 353).

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Melro, 2009, p. 353; Melro e Barros, 2012, p. 192; Barros, Melro e Gonçalves, 2013, p. 1160.

Topónimo: Atalaia 2

Localização: Beja; Almodôvar; Rosário

Coordenadas: 37.583377/ -8114543

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Sítio com estrutura circular, composta por muro de blocos de xisto aparelhados, em que possuíam cerca de 0,70 m de largura. Esse muro encontra-se atualmente derrubado, não se podendo medir o seu diâmetro interior. O diâmetro exterior tem menos de 7 metros.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Melro e Barros, 2012, p. 193.

Topónimo: Canafixal 2

Localização: Beja; Almodôvar; São Barnabé

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: Localiza-se em topo de cerro.

Descrição Geral: Informação recolhida da Base de Dados *Endovélico*. O sítio foi encontrado em prospeções. Apresenta estrutura circular abobadada por xistos aparelhados, em que o barro fazia o ligamento. Ainda no local, sobre a estrutura, existe moroiço construído, presumivelmente, com blocos de xisto provenientes da estrutura. Encontra-se em bom estado de conservação.

Dados Suplementares: O diâmetro interior é de cerca de 2,10 m.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: S.D

Topónimo: Cerro das Bonecas/Aguentinha

Localização: Beja; Almodôvar; Almodôvar

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: Situa-se em pequena elevação.

Descrição Geral: O sítio identificou-se através do aparecimento de três urnas numa estrada (Cortes, 1999). No local haveria também monumento, ou restos deste. Em 2008 efetuaram-se novas prospeções onde se verificou dois blocos de grauvaque fincados e um tombado que definiam pequena câmara de possível monumento funerário. Além de vários blocos de grauvaque, não se encontraram mais materiais na sua envolvente.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Cortes, 1999; Melro e Barros, 2012, p. 194.

Topónimo: Corte Azinheira 1

Localização: Beja; Almodôvar; Gomes Aires

Coordenadas: UTM: 5.70,8 41.47,8; C.M.P: 571

Implantação do Sítio: Topo de crista muito alta, em local de divisão do rio Mira.

Descrição Geral: Quando o local foi lavrado surgiram, estrutura do que pode ser necrópole da Idade do Ferro, e estela de xisto epigrafada (Vilhena, 2006, p. 52). Contudo, hoje apenas se observam xistos de cor azul e muita pedra solta na área.

Cronologia: Idade do Ferro.

Bibliografia: Beirão e Gomes, 1980, nº 206; Beirão, 1986; Ferreira e Inácio, 1995: nº 81 e 82; Vilhena, 2006, pp. 52, 53.

Topónimo: Corte Azinheira 2

Localização: Beja; Almodôvar; Gomes Aires

Coordenadas: UTM: 5.71,7 41.47,0; C.M.P: 571

Implantação do Sítio: Implanta-se em pequena elevação artificial numa plataforma.

Descrição Geral: Foi identificada em 1995 estrutura circular coberta por vegetação e sem materiais associados. Em 2008, encontrou-se outra estrutura, mas com morfologia irregular, associando-se a concentração de blocos de xisto e grauvaque. A dois metros a Sul, acha-se pequeno empedrado de configuração quadrangular, como na primeira estrutura, não se encontraram materiais.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Beirão e Gomes, 1980, p. 206; Ferreira e Inácio, 1995, n.º 82; Vilhena, 2006, est. 1; Melro e Barros, 2012, p. 194.

Topónimo: Ferragias da Macieira 1

Localização: Beja; Almodôvar

Coordenadas: UTM 5.73,7 41.45,1

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Possível necrópole identificada em prospeções para a Carta Arqueológica de Almodôvar (1995). Apresenta monumento circular com diâmetro de aproximadamente cinco a quatro metros. Dispersados pela área, surgem cerâmica pré-romana, mas escassa. Encontra-se ainda perto de dois monumentos megalíticos (antas), a 200 m a SE.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Ferreira e Inácio, 1995; Vilhena, 2006, est. I.

Topónimo: Medronhais 1

Localização: Beja; Almodôvar; Gomes Aires

Coordenadas: 37.439237/ -8.227093

Implantação do Sítio: Encontra-se em patamar amesetado, virado a Oeste.

Descrição Geral: O sítio foi encontrado no âmbito do Estudo de Impacte Ambiental da A2 (Albergaria, 2001, p. 96). Trata-se de um potencial monumento funerário de planta circular, construída por empedrado de lajes de xisto, e no centro, eventual sepulcro coberto por *tumulus* de pequenos quartzos leitosos e sedimentos.

Dados Suplementares: O seu diâmetro é de cerca de 6,80 m e altura conservada de 0,25 a 0,39 m, segundo Carolina Grilo (2001).

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Grilo, 2001; Albergaria, 2001; Melro e Barros, 2012, p. 194.

Topónimo: Monte da Parreira

Localização: Beja; Almodôvar;

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Necrópole que se situa nas imediações da Atafona. Acerca desta necrópole as informações são parcas, sabendo-se que foram recolhidas três urnas de incineração de um suposto conjunto de mais de vinte. Foram destruídas por trator, de onde ainda terá surgido espada de antenas do Tipo Alcácer (Beirão, 1986).

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Beirão, 1986; Melro e Barros, 2012, p. 193.

Topónimo: Monte Mealho

Localização: Beja; Almodôvar; Santa Cruz

Coordenadas: 37.397511/ -8.006075

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Fontes orais referem o local através da presença de "*pequenos alicerces rectangulares*" os quais foram destruídos aquando da abertura de uma estrada e o surgimento de urna funerária (Cortes, 1999). Do local resultou estela com inscrição da escrita do Sudoeste. Existem vestígios arqueológicos na zona, mas nenhum que aponte a existência real de uma possível necrópole.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Cortes, 1999; Melro e Barros, 2012, p. 194

Topónimo: Monte Novo do Meio

Localização: Beja; Almodôvar

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Menciona-se que perto de Corte Azinheira, em prospeções, se achou o que poderá ser monumento tumular de planta circular, que medirá cerca de 2/3 m. Observa-se ainda um lajeado de xistos e grauvaques no local que são travados em cutelo nas bordas. Não existe nenhum material arqueológico à superfície.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Melro e Barros, 2012, p. 195.

Topónimo: Monte Novo

Localização: Beja; Almodôvar; Senhora da Graça de Padrões

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: Situa-se no topo de plataforma alongada.

Descrição Geral: O sítio identificado em prospeções, apresenta uma grande área (10,50 x 8,50m) de dispersão de material romano ou tardo-romano. Junto à extremidade Noroeste desta área, no topo da plataforma, sobressai uma construção de blocos de xisto em forma circular, o que levou há hipótese de remontar a uma necrópole da I Idade do Ferro. Deste indício a Noroeste, a cerca de 28 metros achou-se outra estrutura circular. Foi ainda encontrado material do período medieval pela área mencionada.

Cronologia: Idade do Ferro?; Romano; Medieval

Bibliografia: EGF-SAGE, 1989; Maia e Maia, 1986, p. 27.

Topónimo: Tavilhão 1

Localização: Beja; Almodôvar; Santa Cruz

Coordenadas: 37.383143/ -8.001796

Implantação do Sítio: Situa-se em pequeno patamar.

Descrição Geral: No local foram identificadas duas estelas epigrafadas com escrita do Sudoeste. Em 2008, no decurso de prospeção, reconfirmou-se por fonte oral, que "Manolo" tinha retirado do local pedras e contas de colar para vender a museus (Beirão, 1986, p. 40). Havia informação de que existia uma sepultura delimitada com pedras, contudo, na prospeção supra mencionada, os prospetores não conseguiram encontrar esse marco delimitador que mencionara Cortes (1999). Existe no local outros materiais, contudo, de um período posterior, de ocupação romana a islâmica.

Cronologia: Idade do Ferro.

Bibliografia: Beirão, 1986, p. 40; Cortes, 1999; Melro e Barros, 2012, p. 194.

Beja

Topónimo: Salvada 11

Localização: Beja; Beja; Salvada

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: O sítio surge mencionado na Base de Dados Endovélico, em que noticia um conjunto de interfaces de feições indeterminadas, sepulturas e ainda um recinto funerário de configuração quadrangular e valado (à semelhança dos recinto funerários da região para estes períodos).

Cronologia: Idade do Bronze/ Idade do Ferro?

Bibliografia: S.D

Castro Verde

Topónimo: Monte do Touril/ Cerro Alto

Localização: Beja; Castro Verde; Santa Bárbara de Padrões

Coordenadas: 37.627961/ -7.93267; C.M.P: 557

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Recolheu-se lápide epigrafa da suposta necrópole. Beirão (1972) no seu relatório de prospeções nomeia-a "necrópole ibérica" e diz que também é conhecida por Ameixial. À semelhança do Monte Novo do Visconde, este sítio não surge inventariado na Carta Arqueológica de Castro Verde de 1995.

Cronologia: Idade do Ferro

Bibliografia: Beirão, 1972; Beirão e Gomes, 1980, p. 15, nº 94 e 95; Beirão, 1986, p. 130, est. 130.

Topónimo: Monte Novo do Visconde

Localização: Beja; Castro Verde; Casével

Coordenadas: 37.753528/ -8.195442; C.M.P: 547

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: O local é marcado como "necrópole" na Base de Dados Endovélico. Apresenta estela de grauvaque de cor cinzenta, epigrafada com caracteres do Sudoeste. Acresce ainda dizer que o sítio não está presente na Carta Arqueológica de Castro Verde (1995).

Cronologia: Idade do Ferro

Bibliografia: Beirão, 1986, p. 133; Martins, 1995.

Mértola

Topónimo: Monte dos Góias

Localização: Beja; Mértola; São Miguel do Pinheiro

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Suposta necrópole desaparecida, da qual se encontrou estela epigrafada da escrita do Sudoeste. Beirão (1972, p. 141) escreveu sobre a mesma "*Sepultura cavada na rocha, violada, numa rua da povoação*".

Cronologia: Idade do Ferro.

Bibliografia: Beirão, 1972, p. 141; Beirão, 1986, pp. 48, 53, 58; Melro e Barros, 2012, p. 193.

Odemira

Topónimo: Abóbora 1

Localização: Beja; Odemira; Luzianes-Gare

Coordenadas: 37°36'40,8" 8°27'30,4"; UTM: 5.47,8 41.62,9; C.M.P: 554

Implantação do Sítio: Necrópole de topo

Descrição Geral: Esta "necrópole", encontrada em prospeção apresentava lajes de xisto azul, com dimensões de até 0,80 x 0,60 x 0,10 m (Vilhena, 1998, p. 699). Foram encontrados também fragmentos de cerâmica de fabrico manual com pastas escuras, conta esférica em pasta vítrea e conta sub-esférica em pasta vítrea oculada com seis círculos concêntricos brancos. Vilhena (2006, estampa 1), refere ainda que foi violada.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Vilhena, 1998, p. 699; Vilhena, 2006, est. I.

Topónimo: Algoceira

Localização: Beja; Odemira; Odemira (São Salvador)

Coordenadas: Gauss: 150,5/ 70,9; C.M.P: 552

Implantação do Sítio: Num quintal, no centro do povoado da Algoceira.

Descrição Geral: A informação que existe sobre esta possível necrópole está inserida apenas na base de dados do Portal do Arqueólogo. Ao que parece, a necrópole surgiu aquando da construção da residência do proprietário do terreno, Sr. Hélder Pereira, e de um pomar. Não se sabe exatamente o número de sepulturas, mas eram construídas com lajes de xisto e apresentavam uma configuração retangular. Dentro destas, encontrou ossos e material cerâmico, infelizmente não conservados. Destaque ainda para o surgimento de medalhão dentro de uma das sepulturas, fazendo parte, seguramente, do espólio de inumação, o qual foi conservado pelo proprietário. Hoje, nada é observado no terreno superficial.

Dados Suplementares: Em relação ao medalhão, possui forma circular com diâmetro de 5 cm, constituído por liga metálica prateada com leve oxidação verde no seu reverso.

Criado a partir do método de cera perdida e com acabamento a punção. No anverso é perceptível figura, dentro de círculo elevado com diâmetro de 3 cm, em alto relevo que sugere influência egípcia. A figura apresenta-se em pose hirta, olhar frontal, braços cruzados sobre o peito e portando um diadema ao pescoço e coroa faraónica.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Vilhena, 1995; Costa, 1988.

Topónimo: Almogrove

Localização: Beja; Odemira; Odemira (São Salvador)

Coordenadas: 37.653081/ -8.79374; C.M.P: 552

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Foi encontrado um colar de cerca de 30 contas oculadas em vidro numa suposta necrópole da Idade do Ferro. O colar foi oferecido ao rei D. Carlos. A sua localização exata é desconhecida, sabendo-se apenas que será perto da povoação do Almogrove.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Beirão e Gomes, 1980, n.º 53; Beirão, 1986, p. 48; Beirão e Correia, 1988; Vilhena, 1995.

Topónimo: Calvinos

Localização: Beja; Odemira; Odemira (Santa Maria)

Coordenadas: 37.615508/ -8.534491

Implantação do Sítio: No esporão de uma elevação.

Descrição Geral: Possível necrópole, tratando-se de sepultura de tipo cista, onde haviam várias lajes de xisto em terreno agricultado. Vestígios também de uma construção quadrada (4x4 m) que estava inserida na vegetação. Perto desta encontrou-se laje de xisto azul com dois ofícios criados por brocagem.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Vilhena, 1999, p. 329.

Topónimo: Consultas 2

Localização: Beja; Odemira; Luzianes-Gare

Coordenadas: 37.562972/ -8.48056; C.M.P: 562

Implantação do Sítio: Encontra-se em vertente voltada a Sul.

Descrição Geral: Necrópole de cistas encontrada em prospeção (PNTA/98), de lajes de xisto azul. Consegue-se observar uma cista com aproximadamente um metro, e uma outra paralela que apesar de não ser igualmente visível, é dedutiva de ser cista. A Este desta última cista, aproximadamente a um metro, encontra-se estrutura com forma hexagonal. Em respeito ao espólio, foi encontrado fragmentos cerâmicos de fabrico manual de pasta escura e fragmento de mó de vaivém.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Vilhena, 1999, p. 681.

Topónimo: Moinho dos Ameixiais 3

Localização: Beja; Odemira

Coordenadas: UTM: 5.41,0 41.68,5; C.M.P: 553

Implantação do Sítio: Surge em encosta voltada a poente sobre patamar.

Descrição Geral: O sítio localiza-se perto de *habitat*, que outrora teve ocupação medieval. Apresentava cista escavada na rocha de configuração retangular com 1,5 x 0,60 m, e orientada a N no seu eixo maior. Era protegida por lajes de xisto azul. Parte da cista está parcialmente destruída devido à ação de lavra mecânica.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Vilhena, 1995, p. 423; Vilhena, 2006, est. I.

Topónimo: Montalto 1

Localização: Beja; Odemira; Santa Clara-a-Velha

Coordenadas: 37.540891/ -8.375455; C.M.P: 562

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Sítio encontrado em prospeção, número impreciso de cistas. O terreno estava irremediavelmente danificado pelas limpezas mecânicas que se operaram.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Vilhena, 1999, p. 335

Topónimo: Monte das Bouças 2

Localização: Beja; Odemira; Santa Maria

Coordenadas: Gauss: 161,9/ 75,1; C.M.P: 553

Implantação do Sítio: Em pequeno patamar de vertente, com cota aproximadamente de 20 m.

Descrição Geral: Sítio encontrado através de prospeção, apresentava uma sepultura de tipo cista, isolada. Foi escavada na rocha e posteriormente revestida por lajes de xisto azul, com orientação E-O. Existe notícia de mais sepulturas que houveram sido desmanteladas há cerca de cinquenta anos.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Vilhena, 2000, p. 755; Vilhena, 2006, est. I.

Topónimo: Totenique Grande 3

Localização: Beja; Odemira; Luzianes-Gare

Coordenadas: UTM: 5.45,2 41.59,9; C.M.P: 562

Implantação do Sítio: Encontra-se em portela, numa zona estreita de crista.

Descrição Geral: Em prospeção encontraram-se três sepulturas visíveis, construídas com lajes de xisto azul. Indícios ainda, de possíveis muretes de lajes horizontais (Vilhena, 1999, p. 693).

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Vilhena, 1999, p. 693; Vilhena, 2006, est. I.

Topónimo: Vale Colmeias 3

Localização: Beja; Odemira

Coordenadas: Gauss: 160,5/ 74,3; UTM: 5.37, 1 41.65,5; C.M.P: 553

Implantação do Sítio: Situa-se em esporão de altura.

Descrição Geral: O sítio, encontrado em prospeção, apresenta duas sepulturas de tipo cista, abertas na rocha base. Orientadas a NO-SE, distanciam-se 20 metros. Encontrou-se nas terras remexidas duma destas sepulturas, pequena taça, fragmentada e incompleta, perfil em S.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Vilhena, 2000, p. 763; Vilhena, 2006, est. I.

Ourique

Topónimo: Azinhal 2

Localização: Beja; Ourique; Ourique

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: Situa-se em topo.

Descrição Geral: Trata-se de eventual necrópole. No local assiste-se a aglomerados de lajes de xisto e quartzo. Encontram-se também "estruturas tumulares" em número impreciso, justapostas e de configuração ortogonal (Vilhena, 2006, est.I).

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Vilhena, 2006, est. I.

Topónimo: Bastos

Localização: Beja; Ourique; Santa Luzia

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: O sítio foi detetado por Beirão, e segundo este, foi realizada sondagem que apresentou restos de construções presumivelmente referentes a uma necrópole. Está também associado ao sítio estela epigrafa com escrita do Sudoeste.

Cronologia: Idade do Ferro.

Bibliografia: Beirão e Gomes, 1980, nº 101; Beirão, 1986; Correia, 1993, p. 365.

Topónimo: Marchicão

Localização: Beja; Ourique

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: Situa-se em patamar destacado.

Descrição Geral: Correia, no apêndice de sítios arqueológicos da Idade do Ferro (1993, p. 366), faz menção a Marchicão, não obstante inserir referência bibliográfica para Viana, e o seu trabalho com a necrópole que se sabe ser de cronologia pretérita. Contudo, nova menção a esta necrópole, e ao mesmo período na Base de Dados Endovélico, que refere mesmo uma necrópole "(...) *com câmaras funerárias rectangulares*" definidas por muros retos articulados na perpendicular". Refere ainda que a necrópole terá sido destruída pela plantação de eucaliptos.

Cronologia: Idade do Bronze? Idade do Ferro?

Bibliografia: Correia, 1993, p. 366.

Topónimo: Monte Alto/ Cerro da Anta

Localização: Beja; Ourique; Ourique

Coordenadas: Gauss: 193.5/ 82.1; C.M.P: 547; 37.704105/ -8.203962

Implantação do Sítio: Localiza-se no topo de um cabeço.

Descrição Geral: Este sítio apresenta um suposto túmulo de planta circular do tipo Atalaia, que poderá ser da I Fase de Correia (1993), e assim datar da I Idade do Ferro. As dimensões da câmara interior são de 3x3 m (Martins, 2008). Nas imediações, a sudoeste do cabeço, encontram-se o que poderão ser mais três monumento de planta circular. A diferença da primeira estrutura para estas últimas, é que conserva ainda parte da "mamoá", enquanto as "mamoas" destes últimos encontram-se destruídos.

Cronologia: Bronze Final? I Idade do Ferro?

Bibliografia: Martins, 2008.

Topónimo: Monte da Piedade/Horta da Saúde

Localização: Beja; Ourique; Garvão

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Este suposto sítio é conhecido através de informação oral. Supostamente, o local terá sido encontrado durante trabalhos de lavoura pelo aparecimento de sepultura constituída por caixa retangular de xisto e coberta por grandes lajes da mesma constituição pétreas. Em visitas ao local apenas se observa um moroiço constituído de lajes de xisto além de quartzitos (Ricou, 1998/99, p. 19).

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Ricou, 1998/99.

Topónimo: Panóias

Localização: Beja; Ourique; Panóias

Coordenadas: Gauss: 183.9/88.430; C.M.P: 546

Implantação do Sítio: Localiza-se em pequeno cabeço sobranceiro ao Rio Sado.

Descrição Geral: No local observam-se duas sepulturas de xisto grauváquico, encontrando-se abertas e esvaziadas, induzindo violação. Numa delas, os esteios laterais estavam desmontados e repousavam à cabeceira. Aproximadamente a 10 metros do local existe buraco no solo que induz possível sepultura que foi completamente desmantelada. Existe ainda na base de dados do antigo Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul, referência a necrópole denominada Panóias que pode indicar esta mesma necrópole.

Cronologia: Idade do Bronze? Idade do Ferro?

Bibliografia: Beirão, 1986, p. 47; Correia, 1993, p. 364.

Topónimo: Vale Garvão 1

Localização: Beja; Ourique

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D.

Descrição Geral: Efetuado um trabalho de realocização por Samuel Melro, verificou-se que a estrutura, anteriormente dada como pertencente ao período Neolítico/Calcolítico, tinha afinal contornos arquiteturais da dita I Idade do Ferro. A estrutura apresentava planta de configuração ovalar (1 m x 1,8 m), e *tumulus* parcialmente preservado. Na zona circundante não são visíveis vestígios de materiais arqueológicos.

Cronologia: I Idade do Ferro?

Bibliografia: Melro, 2007.

Topónimo: Zambujeiro

Localização: Beja; Ourique; Ourique

Coordenadas: 37.579209/ -8.233277

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: O sítio do Zambujeiro sofreu pequena sondagem que ofereceu urna globular de grandes dimensões (Beirão, 1972, p. 5), com paralelo na urna do tipo céltico que está depositada no Museu das Minas de Aljustrel. A urna encontrava-se fraturada pela lavra. Perto do local foram localizados dois núcleos habitacionais associados a cerâmica da I Idade do Ferro. Situa-se perto de outra suposta necrópole da Idade do Ferro, com toponímia semelhante, a necrópole do Zambujalinho.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Beirão, 1972, p. 5; Vilhena, 2006, p. 51.

Terceiro Grau

Aljustrel

Topónimo: Gavião

Localização: Beja; Aljustrel; Aljustrel

Coordenadas: 37.826558/ -8.08652

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Uma das necrópoles identificadas nos trabalhos de prospeção de Caetano de Mello Beirão. Foi encontrada tampa de sepultura com inscrição em caracteres da escrita do Sudoeste. Contudo, a sua proveniência exata não é certa. A cerca de 300 metros do sítio onde supostamente surgiu a tampa, há notícia, dada por trabalhadores locais, da descoberta de várias sepulturas. Noutros trabalhos de prospeção encontrou-se laje de grauvaque, mas não possuía inscrição. Provavelmente, a existir necrópole, esta já esteja destruída devido à laboração agrícola que se efetua na área.

Cronologia: Idade do Ferro

Bibliografia: Beirão, 1986

Almodôvar

Topónimo: Abóbada 3

Localização: Beja; Ourique; São Sebastião de Gomes Aires

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: Localiza-se próximo a linha de água e em ponto de acesso a grande várzea. Localiza-se perto da necrópole da Abóbada.

Descrição Geral: Suposta necrópole identificada nos trabalhos do âmbito do Projecto Estela (Melro e Barros, 2012). Este sítio, assim como outros identificados, apenas se

identificou devido a montículos artificiais com uma grande componente pétreo que se envolvia em sedimentos mais argilosos.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Cortes, 1999; Melro e Barros, 2012, p. 192, 194.

Topónimo: Ataboeira

Localização: Beja; Almodôvar

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: Localiza-se em vale.

Descrição Geral: Suposta necrópole identificada em prospeções (Melro e Barros, 2012).

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Melro e Barros, 2012, p. 193.

Topónimo: Azinhal

Localização: Beja; Almodôvar

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Suposta necrópole identificada em prospeções. Parece que o povoado de Abóboda 2 está em associação a esta necrópole.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Beirão, 1986; Melro e Barros, 2012, p. 192.

Topónimo: Canafixal 3

Localização: Beja; Almodôvar; São Barnabé

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: Localiza-se em topo de cabeço, perto do sítio Canafixal 2.

Descrição Geral: No topo referido, encontra-se elevação que parece ser artificial, e no seu centro surge buraco central que os prospetores interpretaram como possível derrube. Sobre o local aparecem blocos de xisto aparelhados. O diâmetro é cerca de 3,80 m.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Lemos, relatório, p. 3.

Topónimo: Cerro do Curralão

Localização: Beja; Almodôvar;

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: Situa-se em área aplanada

Descrição Geral: Possível necrópole localizada em trabalhos de prospeção, em que se encontrou estela epigrafa com escrita do Sudoeste. No local não se encontram estruturas nem materiais.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Melro e Barros, 2012, p. 194; Lemos, Relatório, p. 3.

Topónimo: Cerro da Amoladeira

Localização: Beja; Almodôvar

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: Situa-se na confluência da Ribeira de Oeiras, dos Curvatos e do Barranco do Vale.

Descrição Geral: Desta suposta necrópole pouco se sabe. Foi identificada pelo Projecto Estela (Melro e Barros, 2012), mas não existe outra informação publicada.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Melro e Barros, 2012, p. 193.

Topónimo: Corte do Freixo

Localização: Beja; Almodôvar; São Barnabé

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: Localiza-se em área plana, numa várzea que é contígua à Ribeira da Azilheira.

Descrição Geral: Nos anos sessenta há notícia da descoberta de duas estelas, cronologicamente inseridas na Idade do Ferro e Idade do Bronze. Posteriormente, nos anos 90, o local foi relocalizado com novo achamento de estela. No local não são observáveis vestígios de importância arqueológica, pois terão sido destruídos com o plantio florestal que se procedeu no local. Existe ainda um desacordo das informações em relação ao local. Carolina Grilo (2001), com informações recolhidas junto dos moradores, refere o sítio numa área muito agricultada na encosta SW do Monte do Corte do Freixo, já o achador da segunda estela refere um outro local. O morador do monte, refere ainda o local onde supostamente apareceram sepulturas como "pequenas caixas", fazendo vir à cabeça cistas.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Beirão e Gomes, 1980, p. 33; Grilo, 2001; Guerra, 2002, p. 228; Vilhena, 2008, p.379; Melro e Barros, 2012, p. 194.

Topónimo: Ferranhas 2

Localização: Beja; Almodôvar

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: Situa-se perto da necrópole da Abóbada.

Descrição Geral: Possível necrópole identificada no decorrer de prospeções do Projecto Estela (Melro e Barros, 2012). Sem mais informações.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Melro e Barros, 2012, p. 192.

Topónimo: Gavião

Localização: Beja; Almodôvar; São Barnabé

Coordenadas: 37.373274/ -8.115948

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Na Base de Dados Endovélico, a ficha deste sítio nomeia-o como necrópole, contudo, meramente refere que: "Durante os trabalhos de escavação na área contígua ao local, não foram detectadas quaisquer estruturas, nem espólio de carácter arqueológico"; vale o que vale. A potencial necrópole encontra-se destruída.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: S.D

Topónimo: Gilbagão

Localização: Beja; Almodôvar

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: Localiza-se próximo à necrópole da Abóbada.

Descrição Geral: Possível necrópole localizada através das prospeções do Projecto Estela (Melro e Barros). Sem informações adicionais.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Melro e Barros, 2012, p. 192.

Topónimo: Moinho de Gimbra

Localização: Beja; Almodôvar; Santa Cruz

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: O "sítio" surgiu em prospeções de 2005 de onde surgiram duas estelas epigrafadas. Não existem mais vestígios, mas a ficha referente a este sítio na Base de Dados Endovélico, marca-o como "necrópole".

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: S.D

Topónimo: Monte da Borboleta

Localização: Beja; Almodôvar

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: Localiza-se perto da necrópole da Abóbada.

Descrição Geral: Sítio identificado através de prospeções do Projecto Estela (Melro e Barros, 2012). Sem mais informação publicada.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Melro e Barros, 2012, p. 192.

Topónimo: Moroço da Mó 2

Localização: Beja; Almodôvar

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: Na confluência da Ribeira de Oeiras, dos Curvatos e do Barranco do vale.

Descrição Geral: No decurso de trabalhos de prospeção efetuadas pelo Projecto Estela (Melro e Barros, 2012), encontrou-se esta potencial necrópole junto de outras duas. O suposto povoamento do Moroço da Mó localiza-se perto.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Melro e Barros, 2012, p. 193.

Topónimo: Valagão 1

Localização: Beja; Almodôvar; Almodôvar

Coordenadas: 37.460397/ -8.055923

Implantação do Sítio: Situa-se em pequeno patamar elevado que está sobranceiro ao Barranco do Vale, que é demarcado por linha de água que no local se une à Ribeira de Curvatos, na Ribeira do Monte das Mestras.

Descrição Geral: O local conheceu-se em primeiro lugar por notícia da descoberta de possível necrópole, posta a descoberta por trabalhos agrícolas, que irremediavelmente a destruíram. Encontraram-se duas estelas epigrafadas e ainda, a cerca de quinze metros a Sul, urna cinerária. Em 2009 nova prospeção se efetuou no terreno com recurso a fonte oral, onde se obteve a informação do local preciso. No lugar apenas se verificou um curral contemporâneo sem materiais que se possam associar à ulterior notícia. Nota ainda para o sítio se situar próximo de Valagão 2 (apenas 80 m de distância), Valagões 3 e 4, e ainda Moroço da Mó.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Correia, 1993, p. 360; Cortes, 1999; Melro e Barros, 2012, p. 193.

Topónimo: Valagão 3

Localização: Beja; Almodôvar; Almodôvar

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Sítio encontrado através de prospeções do Projecto Estela (Melro, 2012, p. 193), de um conjunto de potenciais necrópoles.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Melro e Barros, 2012, p. 193.

Topónimo: Vale de Ourique

Localização: Beja; Almodôvar; Almodôvar

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: A entrada correspondente a este sítio no Endovélico apenas informa que o sítio foi prospeccionado por Caetano Beirão e Mário Varela Gomes. Do sítio resultou estela epigrafa, mas sem uma direta certeza da existência de necrópole.

Cronologia: Idade do Ferro

Bibliografia: Beirão e Gomes, 1980, nº 14.

Topónimo: Várzea dos Mendes

Localização: Beja; Almodôvar; Santa Cruz

Coordenadas: 37.350451/ -8.029577; C.M.P: 580

Implantação do Sítio: Localiza-se num meandro da margem direita da Ribeira do Vascanito, na entrada Este da várzea do Vale de Vermelhos.

Descrição Geral: Nos inventários do IPPC, originados das prospeções de Caetano de Mello Beirão, o sítio vem referenciado como necrópole e povoado. Na área encontram-se dispersos vários materiais de época romana, medieval e moderna. Supostamente, Manuel Gomez de Sosa, conhecido como *Manolo*, e referido em Beirão (1986, p. 40), terá encontrado um tesouro monetário romano. Existem alguns materiais na área mais elevada da encosta, datados da Idade do Ferro, todavia, a zona foi alvo de detetores de metais que terão debelado o sítio. Por consequência do acompanhamento das Linhas de eletricidade do Parque Eólico da Serra de Mú, dirigida por Marco Valente e Luís Moura, encontraram vaso com asa em ferradura que aponta para uma data entre os séculos VI e IV a.C., além de objeto metálico (Valente e Moura, 2006, p. 6).

Cronologia: Idade do Ferro; Época Romana, Medieval e Moderna.

Bibliografia: Valente e Moura, 2006, p. 6; Melro e Barros, 2012, p. 194.

Topónimo: Zambujeira

Localização: Beja; Almodôvar

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio:

Descrição Geral: Suposta necrópole identificada no decorrer das prospeções do Projecto Estela (Melro e Barros, 2012).

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Melro e Barros, 2012, p. 192.

Ferreira do Alentejo

Topónimo: Santa Margarida do Sado 3

Localização: Beja; Ferreira do Alentejo; Figueira dos Cavaleiros

Coordenadas: 38.114305/ -8.354815

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Na Base de Dados Endovélico encontra-se esta entrada sobre possível necrópole, contudo as informações apresentadas que sustentem, ao menos, a mais fácil lógica sobre o sítio ser, de facto, uma necrópole, são nulos. Apenas refere, "*Necrópole sem espólio associado, provavelmente alto medieval. Cortada pela necrópole foram identificados vestígios de ocupação, aparentemente pré-romana*". Provavelmente aqui encontra-se um grave erro que o Endovélico terá noutros locais, que poderá ter sido apenas gralha na informatização do sítio: por um lado, no texto, aponta uma cronologia alto medieval, por outro, na ficha de inventário, dá-nos cronologia da Idade do Ferro.

Cronologia: Idade do Ferro? Alta Idade Média?

Bibliografia: S.D

Mértola

Topónimo: Larnax de Mértola

Localização: Beja; Mértola

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: A Larnax de Mértola, primeiro mencionada por Vasconcellos (1913), e posteriormente publicada por M. Varela Gomes (1986), trata-se de caixa talhada em único bloco de grés, de grão fino e macio com cor beje. As paredes deixam antever a existência de possível tampa, pois estão rebaixadas para permitir o encaixe àquela. Existem alguns paralelos para as Larnakes, a começar em Portugal com as de Neves I, e em Espanha, por exemplo, na Alta Andaluzia. Estas peças possuem clara filiação oriental e, funcionalmente, a contextos funerários.

Cronologia: I Idade do Ferro

Bibliografia: Vasconcellos, 1913; Gomes, 1986; Silva e Gomes, 1992, p. 152.

Odemira

Topónimo: Alcanforado

Localização: Beja; Odemira; São Teotónio

Coordenadas: Gauss: 152,3/ 48,7; C.M.P: 577

Implantação do Sítio: Encontra-se no Monte do Alcanforado, que situa na margem Norte da Ribeira de Seixe.

Descrição Geral: O surgimento da estela do Alcanforado fez supor a existência de uma possível necrópole de onde esta seria proveniente. Não se conhecem mais artefactos ou estruturas além da estela já mencionada. Contudo, existe conhecimento de uma notícia vaga sobre o achamento de cinzas associadas à estela (Vilhena, 2008, p.378).

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Correa, 1988; Beirão e Correia, 1988; Vilhena, 1995; Vilhena, 2008, p. 378.

Topónimo: Chacim 2

Localização: Beja; Odemira; São Martinho das Amoreiras

Coordenadas: UTM 5.56,2 41.62,7; C.M.P: 554;

Implantação do Sítio: Situa-se em portela elevada.

Descrição Geral: Apenas existe a notícia de várias sepulturas do tipo cista, supostamente em número superior a seis. Em prospeções do PNTA/98 de Odemira, apenas se verificou no local lajes de xisto "estranho à geologia local", e devido à vegetação densa a visibilidade era reduzida.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Vilhena, 2006, est. I

Topónimo: Garrião

Localização: Beja; Odemira; Odemira (Santa Maria)

Coordenadas: UTM 5.40,4 41.65,4; C.M.P: 553

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Notícia de necrópole do tipo cista, sem número preciso de sepulturas, de configurações retangulares. Eventualmente destruída, no local encontram-se vestígios de lajes de xisto de grandes dimensões e cerâmica pré-romana.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Vilhena, 1999, p. 314; Vilhena, 2006, est. I.

Topónimo: Monte da Serra

Localização: Beja; Odemira

Coordenadas: UTM: 5.41,6 41.52,2; C.M.P: 561

Implantação do Sítio: Em esporão voltado a poente.

Descrição Geral: O local, encontrado em prospeção (PNTA, 98), situava-se perto de mamoa artificial, com aproximadamente 3 m de diâmetro e 0,80 m de altura. Encontrava-se grande laje de xisto azul, ainda fincada, e com orientação N-S.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Vilhena, 2006, est. I.

Ourique

Topónimo: Arzil 8

Localização: Beja, Ourique, Garvão

Coordenadas: Gauss: 179,9/82,2; C.M.P: 546

Implantação do Sítio: Situa-se em elevação de vertentes suaves, em área muito xistosa onde afloram "chapéus de ferro". Nas proximidades, situado num Monte com o mesmo nome, a cerca de 200 m, existe *habitat* que parece ter uma ligação à necrópole.

Descrição Geral: Esta necrópole foi identificada devido ao aparecimento de lápide com escrita do Sudoeste. Contudo, não foi alvo de qualquer intervenção arqueológica. Recolheu-se ainda, em trabalhos de prospeção no ano de 1996, asa de taça Cástulo (Ponte, 2012, p. 56).

Cronologia: Idade do Ferro.

Bibliografia: Beirão e Gomes, 1980, n.º 203; Beirão, 1986, p. 133; Correia, 1993, p. 365; Arruda, 2001, p. 250; Vilhena, 2008, p. 379; Ponte, 2012, *passim*.

Topónimo: Azinhal 1

Localização: Beja; Ourique; Ourique

Coordenadas: 37.576439/ -8.293837

Implantação do Sítio: Situa-se em cabeço eminente sobre a margem esquerda e sobranceiro ao rio Mira.

Descrição Geral: Identificou-se no local fragmento de lápide epigrafada com escrita do Sudoeste. Presume-se que venha de necrópole, como tantas outras, mas dados empíricos da sua existência, não existem.

Cronologia: Idade do Ferro.

Bibliografia: Beirão *et alii*, 1979, p. 19; Beirão e Gomes, 1980, n.º 138; Beirão, 1986, n.º 46; Correia, 1993, p. 366; Vilhena, 2006, p. 45

Topónimo: Cerro dos Enforcados

Localização: Beja; Ourique; Panóias

Coordenadas: Gauss: 185/ 89.6

Implantação do Sítio: Situa-se em cabeço de topo alongado e amesetado.

Descrição Geral: O sítio é mencionado por José Leite de Vasconcellos que refere a recolha de duas lápides epigrafadas com escrita do Sudoeste, pertencentes a uma necrópole. Beirão desloca-se ao local a fim de averiguar a suposta necrópole, contudo, da dita nada encontra (1972, p. 6). Encontrou apenas pedras de xisto, quartzos, tampa de xisto e resto de talhe em quartzo, que o levou a crer a existência de *habitat* e de período posterior.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Vasconcellos, 1929; Beirão, 1972, p. 6; Beirão e Gomes, 1984.

Topónimo: Monte da Corcha 1

Localização: Beja; Ourique; Garvão

Coordenadas: Gauss: 182.40 79.00; Lat: 37°40'35" Long: 08°20'00"; C.M.P: 554

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Suposta necrópole que estará destruída devido à lavra que se efetuou no suposto local onde estaria situada.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: S.D

Topónimo: Monte das Pereiras

Localização: Beja; Ourique

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Esta suposta necrópole, é somente mencionada pela presença de cerâmica de engobe vermelho na Base de Dados Endovélico, que atribui a identificação a Beirão (1986).

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Beirão, 1986.

Topónimo: Monte das Sapateiras

Localização: Beja; Ourique; Ourique

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: É referida por Manuel Maia, mencionado na Base de Dados do Endovélico, como necrópole da Idade do Ferro situada na estrada do Monte da Sapateira de Trás.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: S.D

Topónimo: Monte do Poço

Localização: Beja; Ourique; Ourique

Coordenadas: Gauss: 188,4/70,1; C.M.P: 555

Implantação do Sítio: Situa-se perto do *habitat* com o mesmo nome, assim como do *habitat* do Cerro do Ouro.

Descrição Geral: A necrópole foi detetada em trabalhos de prospeção, contudo, não foi efetuado qualquer tipo de intervenção, pelo que os dados são nulos. Desta forma, e apesar de ser apresentada na bibliografia como necrópole, é de questionar, se de facto se trata de uma necrópole. Pelo que se sabe, está destruída.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Beirão, 1986; Correia, 1993, p. 365; Arruda, 2001, p. 249; Vilhena, 2006, p. 45, est. I; Vilhena, 2008, p. 386.

Topónimo: Mouricos 2

Localização: Beja; Ourique

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: No local da suposta necrópole da Idade do Ferro, foi encontrado, à superfície, estela decorada que remonta à Idade do Bronze (Parreira, 1995). Também na base de dados do antigo Serviço Regional da Arqueologia da Zona Sul vem referenciada esta necrópole com cronologia da Idade do Ferro.

Dados Suplementares: A estela, em xisto grauváquico, tem ancoriforme esculpido na face anterior, tendo sido datada por Rui Parreira (1995) entre o Bronze Médio e Bronze II do Sudoeste.

Cronologia: Idade do Bronze? Idade do Ferro?

Bibliografia: Beirão e Gomes, 1980; Beirão, 1986; Parreira, 1995.

Topónimo: Mouricos 3

Localização: Beja; Ourique

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Existe a informação nas bases de dados do antigo Serviço Regional de Arqueologia do Sul, e que a Base de Dados Endovélico, remete, para a referência a necrópole da Idade do Ferro com o topónimo de Mouricos III.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: S.D

Topónimo: Nobres

Localização: Beja; Ourique; S. Salvador

Coordenadas: Gauss: 182,4/79,7; C.M.P: 554

Implantação do Sítio: Situa-se em esporão, sobranceiro a uma linha de água sazonal.

Descrição Geral: Da "necrópole" dos Nobres apenas se conhece lápide epigrafada com escrita do Sudoeste. Não existiu qualquer escavação arqueológica, e o sítio está num elevado estado de degradação devido aos trabalhos agrícolas aí laborados.

Cronologia: Idade do Ferro.

Bibliografia: Beirão e Gomes, 1980, nº 139; Beirão, 1986, p. 132; Correia, 1993, p. 365; Arruda, 2001, p. 250; Vilhena, 2006, p. 34; Vilhena, 2008, p. 388.

Topónimo: Sesmo das Cuncas

Localização: Beja; Ourique

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio:

Descrição Geral: Suposta necrópole da I Idade do Ferro que surge na Base de Dados Endovélico e na Base de Dados Filemaker do antigo Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul. Não existe mais documentação.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Beirão e Gomes, 1980; Beirão, 1986.

Topónimo: Zambujalinho

Localização: Beja; Ourique

Coordenadas: S.D

Implantação do Sítio: S.D

Descrição Geral: Apenas existe referência de uma necrópole da Idade do Ferro na Base de Dados Endovélico, que por sua vez faz referência a uma entrada na Base de dados Filemake do antigo Serviço Regional de Arqueologia da Zona do Sul. Vilhena (2006, p. 51) refere a sua proximidade com a outra necrópole da Idade do Ferro do Zambujeiro.

Cronologia: Idade do Ferro?

Bibliografia: Vilhena, 2006, p. 51.